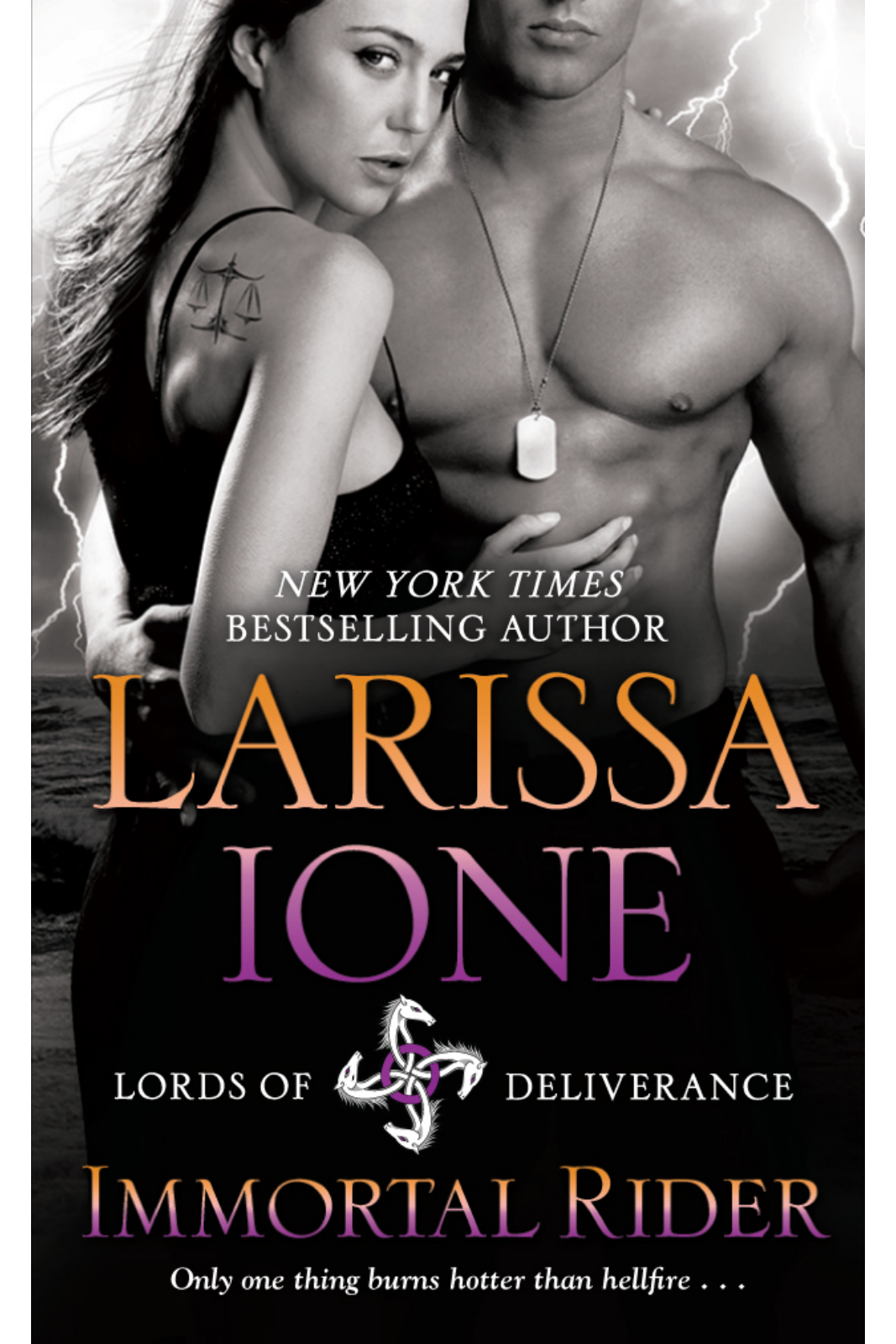




NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

LARISSA
IONE

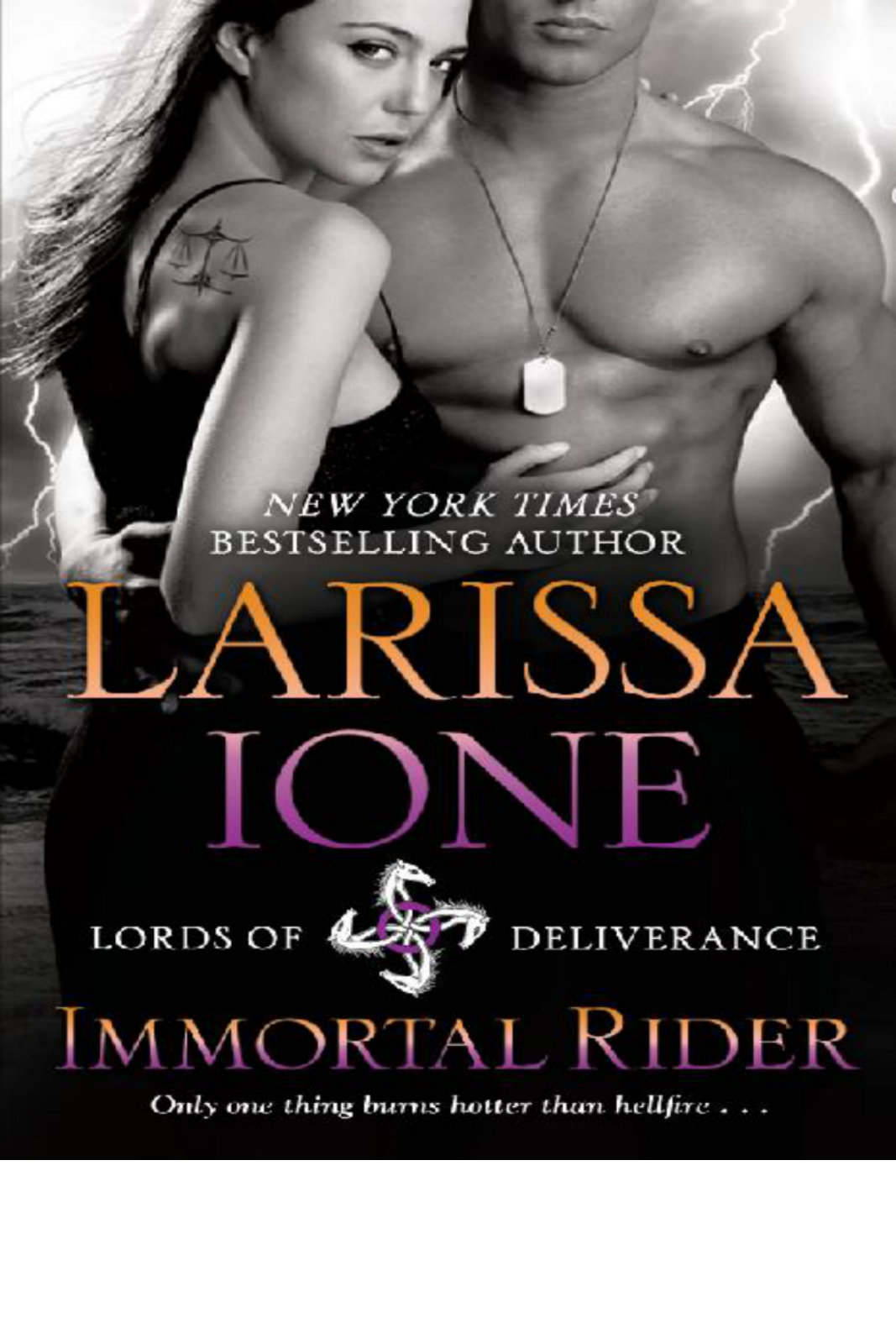
LORDS OF  DELIVERANCE

IMMORTAL RIDER

Only one thing burns hotter than hellfire . . .

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.com



NEW YORK TIMES
BESTSELLING AUTHOR

LARISSA
IONE

LORDS OF  DELIVERANCE

IMMORTAL RIDER

Only one thing burns hotter than hellfire . . .

Lords of Deliverance 02 - Larissa Ione

Immortal Rider



AFTER DARK

Sexy, poderosa e imortal, Limos está em rota de colisão com o destino. Ela foi marcada como a noiva de Satanás e seu noivado a quer só para ele. A única maneira dessa cavaleira poder ficar e manter todos em segurança é manter distância. Mas nem mesmo Limos pode se salvar dos segredos que está guardando. . . Ou resistir ao encanto sedutor de um ser humano muito corajoso.

Arik Wagner conhece o ditado "o amor dói" melhor do que a maioria, mas ele nunca pensou que roubar um beijo de Limos iria colocá-lo no inferno. Literalmente. É preciso todo o seu treinamento militar para sobreviver à tortura do demônio, mas uma vez que ele é colocado na parte de cima, Arik percebe que a agonia acabou de começar. Com o iminente Apocalipse e Satanás exigindo a sua noiva, Arik e Limos irão se render ao desejo latente entre eles? Ou será que ceder a essa paixão irá desencadear o inferno na terra?

Capítulo Um

Arik Wagner tinha que assumir, os Quatro Cavaleiros do Apocalipse fizeram um inferno de uma festa.

Bem, três deles fizeram, de qualquer maneira. O quarto, cujo nome era Reseph antes de seu selo quebrar e ele ficar conhecido como Peste, estava rebaixado desde sua derrota nas mãos de seus irmãos, Ares, Limos, e Thanatos, um mês antes. O idiota e seu exército de demônios não haviam reagrupado, e por enquanto, todo mundo estava dando um suspiro de alívio.

Por isso a celebração, que era parte devido a vitória e parte pela festa de noivado de Ares e sua noiva Cara. Todo mundo que sobreviveu à batalha tinha sido convidado para a mansão grega de Ares. Ares também tinha convidado o pessoal do submundo que ajudou Cara quando ela estava morrendo, então o lugar estava cheio de demônios.

Havia até mesmo um par de anjos vagando. Reaver, que Arik já havia decidido que era uma grande ferramenta, parou na fonte de chocolate para falar com uma anja chamada Gethel, que costumava ser a vigilante dos Cavaleiros antes de Reaver aceitar o trabalho. Os Cavaleiros também conheciam a Vigilante Harvester, mas ela não tinha sido convidada. Algo sobre ela ser uma cadela de classe mundial que poderia comer os convidados.

Thanatos, o quarto cavaleiro, esbarrou em Arik quando ele mergulhou para uma bola que alguém tinha atirado do outro lado da enorme sala.

— Cuidado, idiota — Arik murmurou.

— Qual o problema, humano? — Thanatos lhe deu um soco no ombro forte o suficiente para fazer Arik tropeçar para trás. — Ping-Pong é demais para a sua velocidade?

Arik encarou Kynan Morgan, um amigo antigo do exército que agora era um dos figurões encarregado da Aegis, uma antiga organização de demônios assassinos, um olhar do tipo "você-está-

pronto-pra-ir?" e Ky, que estava em profunda conversa com Ares, levantou o dedo. Ele e Arik tinham a intenção de ficar não mais que 10 minutos, já que Ky queria chegar em casa para sua esposa, Gem e seu novo bebê. Isso estava mais do que bom para Arik.

Se Arik passasse mais um minuto com esses sobrenaturais prepotentes, ele iria cortar a própria garganta. Além disso, se Limos, a cavaleira feminina, o pegasse olhando de soslaio para ela mais uma vez, ela iria provavelmente cortar sua garganta.

Ela podia parecer ser a definição de uma menina de irmandade, mas sob as saias, unhas polidas e as flores em seu cabelo, ela era tão perigosa quanto seus irmãos.

Ninguém parecia estar prestando qualquer atenção nele, então ele saiu da casa e foi para o ar fresco da noite de novembro. Ele sempre gostou da Grécia, tinha visitado um par de vezes em missões militares. A comida era boa, o clima perfeito, e as pessoas não eram idiotas com os americanos. Claro, os gregos tinham uma alta concentração de demônios que viviam entre eles, mas alguns dos países mais antigos os tinha. Demônios, tendo extremamente longa vida, se não fossem imortais, tinham uma tendência a ficar em lugares que conheciam bem.

Eles realmente não eram aventureiros. Covardes.

Ele parou em um banco de pedra com vista para o mar. Ele podia sentir os olhos do demônio Ramreel, guarda de Ares, sobre ele, mas ignorou e olhou para o céu. As estrelas estavam brilhantes, suas luzes brilhavam no céu escuro como breu. Ele tinha falado com Cara por alguns minutos aqui fora quando ela teve de cuidar de um cão do inferno, ele ficara impressionado com a facilidade com que ela, como um ser humano, tinha integrado para o mundo sobrenatural. Ah, ela tinha tido problemas no início, descrevendo alguns eventos realmente fofos. Ares tinha ferrado com suas memórias, Arik mataria alguém por isso, mas ela estava feliz agora, rainha de todos os cães do inferno e noiva de uma maldita lenda.

E por falar em lendas, ele cheirou Limos antes de ouvi-la, o aroma de coco derivava em direção a ele em uma brisa e fez o seu sangue bombear um pouco mais rápido. Coco nunca tinha chamado a

atenção dele antes, mas também, o cheiro nunca tinha sido ligado a uma mulher em brasa com o cabelo da cor do céu da meia-noite.

— O que você está fazendo? — Sua voz aveludada feminina era tão em desacordo com o guerreiro que sabia que ela era, e ele perguntou como ela seria na cama. Será que ela seguraria seu lado feminino, ou ela jogaria duro, dominante, deixando o lutador assumir?

— Só precisava de um pouco de ar fresco.

— Por quê?

Porque você estava me deixando louco. — Só precisava.

— Quer brigar?

Ele piscou. — O quê?

Ela deu a volta na frente dele. Seus joelhos se tocaram e seu vestido floral havaiano, um violeta intenso, que combinava com seus olhos, girava em torno de seus tornozelos bem torneados, batendo em suas botas. — Eu sinto a agitação em você. Quer por pra fora? Um pouco de combate?

Jesus. Ok, sim, ela pode sentir alguma tensão nele, mas não era porque queria tirar sangue. Ele queria ficar nu, e o estranho era, ele imaginou ficar assim com ela. Ela o fascinava com suas contradições, irritava-o com o seu corpo, e no início da noite, quando ele a tinha visto ajudando os servos de Ares na limpeza da cozinha, ele tinha a admirado. Ela estava agachada, suas mãos e joelhos no chão limpo e ela tinha feito isso com um maldito sorriso.

Claro, ele tinha sorrido também, porque a visão dela sobre suas mãos e joelhos? Instantânea ereção.

Agora, quando Limos ficou na frente dele, as coisas estavam endurecendo novamente com a idéia de que tudo o que ele teria que fazer seria despi-la, caminhar sobre seus quadris, e ele estaria ao nível dos olhos dela em um lugar mais privado. Será que ela o deixaria ficar em cima dela? O que ela gosta? Será que aquele cheiro de coco permearia tudo? Porque ele amava a porra do coco.

De alguma forma, ele teve bastante autocontrole para colocar as mãos na cintura dela e colocá-la de lado para que ele pudesse se levantar. — Eu não quero colocar nada para fora.*Exceto o meu pau.* Ela

provavelmente iria matá-lo se ela soubesse o que ele estava pensando.

Ele começou a ir para a casa, porque ele estava indo para arrastar Kynan de lá, mas, naturalmente, Limos não deixaria. Estes Cavaleiros pareciam ter um grande senso de direito.

— Pare! — Ela agarrou seu cotovelo e girou em torno dele. — Eu vou deixar você desferir o primeiro golpe — ela persuadiu com um abanar das sobancelhas de corvo.

Ele inclinou-se e olhou-a nos olhos. — Eu não bato em meninas.

Foi a coisa errada a dizer. Meio segundo depois, ele encontrou-se de costas no chão, com um pé pressionando em seu pescoço.

— Veja — ela disse brilhantemente, — é por isso que eu estava lhe oferecendo para dar o primeiro golpe. Pelo menos desta vez eu não quebrei suas costelas.

— Uau — ele murmurou. — Você castra todos os homens, ou eu sou especial?

Seus lábios sensuais se curvaram em um sorriso divertido. — Oh, você é especial, mas eu não tomaria isso como um elogio.

— Eu posso ver o seu vestido. Isso não era verdade, mas ele teve que sair do caminho assim que seus olhos ficaram selvagens e começaram a faiscar. Ele trouxe as mãos para agarrar seu tornozelo, sua intenção de levantá-lo para dar-lhe algum espaço para respirar, mas sua pele era tão suave que ele acabou demorando.

— O que você está fazendo? — Ela engasgou.

— Nada. Ele alisou o polegar para cima e para o lado de sua perna, no lugar sensível onde o tornozelo encontrava a panturrilha. Seus músculos eram firmes, sua pele sedosa, e o homem, queria deslizar as mãos para cima. Mas ele tinha-lhe onde ele queria que ela estivesse. Agora, para dar um passo a mais...

— Você — ele ronronou, — é uma CQGF.

— Uma o quê?

— Cavaleiro que eu gostaria de foder.

Com um puxão, ele tirou a perna de debaixo dela, e, ao mesmo tempo, ele torceu para que ela viesse em cima dele, quebrando sua queda. Ela parecia tão assustada, tão completamente descrente de que

ele a superou, que ficou imóvel em seu peito, a boca aberta, olhando para ele.

Deus, ela era linda. E que boca... feita para fazer um homem implorar por piedade. Então, ele a beijou. Nem mesmo percebeu que ele tinha feito isso até que seus lábios estavam nos dela. Ele não tinha pensado que ela poderia ficar mais chocada, mas suas sobrancelhas até agora teriam sido cômicas se ele não tivesse balançado a cabeça para colocá-los em um beijo mais sério. Essa era a coisa sobre ele, não há medias medidas. Ele pode não ter percebido que ele estava beijando, mas uma vez que ele fez? Ele estava levando tão longe quanto ela o deixasse ir.

Comandar e conquistar.

Por um momento, breve e doce, ela o beijou de volta. Seus lábios suavizaram e sua língua encontrou-se hesitante, como se ela não tivesse certeza do que estava fazendo.

E então, seu mundo virou de cabeça para baixo.

Limos recuou, e com o que ele tinha certeza de que era toda a sua força, ela bateu com o punho em seu rosto. Dor estabeleceu em seu rosto, ao longo de cada osso, através de todos os dentes. Ele tinha saboreado-a e agora ele estava saboreando seu próprio sangue.

— Que diabos? — Ele gritou... ou pelo menos, ele tentou gritar. Suas palavras não estavam muito maduras, graças a seus lábios e língua cortada e, provavelmente, a mandíbula fraturada. Ele ouviu algo como: — porra da campanha.

— Você me beijou! — Com olhos arregalados, ela se afastou tão rápido que ela perdeu seus pés. — Sabe o que você fez, seu idiota? Você vai pagar por me beijar.

Filha-de-uma—

À sua volta, o chão começou a rugir, e um segundo depois, gigantes braços espinhosos saíram para fora da terra. Mãos o agarraram, uma dúzia talvez. Agonia torceu por ele quando seus membros foram torcidos e puxados e sua pele estava rasgada.

Consciência tornou-se uma coisa fluida, algo que ele não conseguia alcançar. Sua visão ficou escura, mas seus ouvidos ainda trabalhavam e antes de desligar, ele ouviu a voz de Li em pânico, mas

o que ela disse não fazia sentido.

— Não diga o meu nome, Arik! Não importa o que eles façam a você, não fala meu nome!

Limos estava completamente congelada, com medo de uma forma que ela nunca esteve, nunca. E, dado que ela tinha cinco mil anos de idade, isso dizia algo.

Seus irmãos e convidados de Ares foram para fora da casa, armas em punho e então eles derraparam até parar.

— Jesus Cristo — Kynan gritou. — Arik!

— Limos, não. Thanatos puxou contra ele, impedindo-a de ir atrás dos gigantes que tinham agarrado Arik e foram arrastando-o para dentro da terra.

— Ele me beijou. Ela disse a mesma coisa uma e outra vez, sua voz um estridente grito, apavorado.

Sem dizer nada, Ares produziu uma pequena lâmina, e em um movimento suave, lançou. O instinto de Limos tentou detê-lo, mas a faca já estava no ar, em um curso para o coração Arik.

O apito de uma flecha cortou a noite e o punhal de Ares quebrou. Peste, seus olhos azul-gelo brilhando à luz da lua, estava perto do precipício, seu arco na mão, um sorriso de satisfação no rosto. — Você vai me agradecer depois, mana.

Thanatos se equilibrou e um borrão preto e peludo com listras passou por ambas. Antes que Hal, o cão do inferno protetor de Cara, chegasse a Peste, ele abriu um Harrowgate portátil e passou por ele.

Ele se foi, e quando Limos se voltou para Arik, ele tinha ido também. O único sinal de que ele tinha estado ali era uma mancha de sangue na areia.

— O que diabos aconteceu? — Kynan perguntou a Ares. — Por que você tentou matá-lo, filho da puta?

Limos não podia falar. Engraçado como momentos atrás ela estava gritando incoerentemente, mas agora ela não podia desenterrar uma única palavra. Ares, por sua vez, manteve a calma, apesar do fato de que Kynan havia o chamado de filho da puta e estragado sua camisa e rosnado em seu rosto.

— Ele beijou Limos — Ares disse, sua voz áspera como uma lixa. Talvez ele não estivesse tão calmo como ela pensava. — Ela não está permitida a dar seus afetos a um macho de qualquer forma.

Kynan soltou Ares para lançar seu olhar assassino em Limos. — Explique.

Ainda não havia palavras. Nenhuma. A noite, que ela sempre odiou, porque lembrava muito de Sheoul, fechada sobre ela. Como poderia Arik ter feito isso? Como ele ousou pensar que estava tudo bem beijá-la, um dos Quatro Cavaleiros do Apocalipse?

— Maldição — Kynan estalou. — Alguém me responda.

— Nós dissemos que Limos vai tornar-se esposa de Satanás — Thanatos disse. — Mas não até que quebre o selo, e seja capturada em Sheoul, ou até que ela faça alguma coisa para deixá-lo com ciúmes.

— Ok — Kynan disse, — então o grandalhão é ciumento. Por que ela ainda está aqui, mas Arik se foi?

— Porque não é assim tão simples. O Lorde das Trevas não pode tê-la até o macho que incitou o ciúme pronunciar seu nome, enquanto em agonia.

Kynan engoliu alto o suficiente para ela ouvir. — Então, ele ainda está vivo? Onde?

— Inferno — Limos respondeu asperamente. — Arik está no inferno.

Capítulo Dois



Um mês depois...

Arik não sabia há quanto tempo estava no inferno. O tempo é uma foda interminável e sem lubrificação quando você está no escuro e em uma agonia sem parada. E esses demônios bastardos não o deixavam morrer. Ele tentou, mas apenas continuavam o curando.

Pelo menos agora estava tranquilo, uns poucos momentos roubados em que ele podia dormir. O sono e os sonhos eram o seu único prazer... até mesmo os sonhos que eram sobre a mulher que o colocara neste buraco do inferno em primeiro lugar.

Limos.

Fechando os olhos, ele se acomodou contra a pedra fria, êxtase para sua machucada pele nua. Com um pouco de esforço, ignorou o ronco de seu estômago e o gotejamento incessante de água fora da cela que tinha a intenção de deixá-lo louco de desejo, já que os demônios racionavam sua água, e o pouco que ele conseguia era geralmente parada e repugnante de qualquer maneira.

Ele tentou pensar em sua irmã, Runa, e em seus sobrinhos. Tentou forçar seus pensamentos para o seu trabalho com a unidade paranormal do Exército dos EUA, a R-XR, bem como o seu envolvimento forçado com a organização civil de combate aos demônios, a Aegis. Tentou pensar sobre o seu plano de fuga... qualquer coisa que não Limos, mas sua mente continuava se desviando para a bela mulher de cabelos de ébano e olhos violeta. Ele não gostara dela quando a conheceu, principalmente porque ela chutara seu traseiro, quebrara suas costelas, e ameaçara esmagar seus órgãos até uma marmelada.

Marmelada... Deus, ele estava com fome.

Então, não, ele não era totalmente chegado à terceira Cavaleira

do Apocalipse.

Ainda não era. Por causa dela, ele fora arrastado para Sheoul, o reino demônio no fundo da terra, nu, e torturado até ficar a uma pategada de sua vida. Repetidamente. E o mais estranho era que todos os demônios que o mantinham cativo queriam era que ele dissesse o nome dela. O maldito *nome* dela.

Mas. Que. Inferno.

Até agora, ele não quebrara. Bem, ele fora *quebrado*, mas os demônios arrepiantes de espécies desconhecidas mantinham um demônio Seminus por perto para curá-lo, para que ele não morresse e eles pudessem continuar quebrando seus ossos e arrancando sua pele. Eles até tentaram privação de sono, fome, e entrar em sua cabeça para fazê-lo pensar que ele estava em algum lugar muito mais agradável para que pudessem enganá-lo a dizer o nome dela. Ele fora submetido a toda a tortura e violação conhecida pelo homem. E então mais algumas, por que os demônios eram criativos pra caralho.

Mas eles não diziam *por que* queriam que ele falasse o nome dela, e apesar de que seria tão fácil deixar escapar, finalmente se livrar do tormento, ele não podia. Qualquer coisa importante para os bastardos do mal não era bom para a humanidade. E Limos fora muito inflexível enquanto ele era arrastado até ali, sua pele rasgando como se estivesse sendo raspada sobre um ralador de queijo. *Não diga o meu nome, Arik! Não importa o que eles façam com você, não fale o meu nome!*

Certo. E se o nome dela causasse um terremoto mundial ou abrisse uma fissura na terra que libertasse todos os demônios do Sheoul? E a coisa era, Arik não tinha certeza de o quanto específico que precisava ser, por isso não chamara Limos por qualquer nome. Não Li, seu apelido, ou Fome, o nome que ela adotaria se e quando seu Selo quebrasse.

Apropriado que o nome dela seria Fome, porque ele estava *faminto*.

Seu estômago roncou, e ele jogou a mão sobre seu abdômen enquanto pensava sobre Limos, esperando como o inferno que o Selo dela estivesse seguro. Aparentemente, quebrar seu selo envolvia

encontrar alguma pequena tigela antiga gravada com um conjunto de escamas. Uma vez encontrada, um Cavaleiro teria que beber nela. Beber... ele daria sua bola direita por uma bebida...

Ele passou a mão para cima e para baixo de sua barriga afundada, sabendo que sua sede e fome eram a menor de suas preocupações, porque, cara, se o Selo dela quebrasse, os humanos realmente compreenderiam o significado de *inferno na terra*. Os Cavaleiros não eram maus, eles eram, de fato, metade anjo, metade demônio, e constantemente no limite. Mas se os seus Selos se quebrassem antes do cronograma da profecia bíblica, eles ficariam maus e liderariam o caminho para o Armagedom.

Arik já conseguira um gostinho de como seria: Antes que ele tivesse o próprio traseiro entregue a ele em batalha por seus irmãos e irmã, o primeiro cavaleiro do Apocalipse, Peste, causava morte e destruição em todo lugar que ia. Agora os captores de Arik indicavam que Peste se reagrupara, remontara suas forças, e estava de volta para tentar facilitar a quebra dos Selos de seus irmãos para que assim o fim dos dias pudesse finalmente começar.

Que imbecil.

Uma rocha machucou o traseiro de Arik, e ele se mexeu, só para ser cutucado por outra coisa... o osso de algum infeliz habitante anterior da cela, provavelmente. Ainda assim, ele não estava prestes a se deitar. Ratos infernais espinhosos tinham o hábito encantador de comer o seu rosto enquanto você está dormindo. Pelo menos se estivesse sentado podia jogá-los pela cela.

Muito obrigado por isto, Limos.

Como diabos um único beijo pode ter o colocado nessa bagunça? Não era como se ele tivesse se forçado sobre ela. Sim, ele a beijou, e por uma batida de coração vaporosa e demorada, ela o beijou de volta. E então ela virou o inferno.

Embora não tivesse certeza de por que ela surtou, ele sabia que Limos era responsável por cada gota de seu sangue derramado. Ela disse que ele ia pagar por beijá-la, e seus captores confirmaram, adorando lhe dizer como a falta de autocontrole de sua amante fora sua ruína, como o egoísmo dela era culpado e que por causa dela ele

estava sendo torturado.

Eles até mesmo lhe deram uma saída, falar em um gravador e implorar para que Limos fosse ajudá-lo, e quando ela viesse resgatar seu traseiro, eles a pegariam e o deixariam ir.

— *Sua vida humana sem valor pela dela. Ela vai tomar o seu lugar nas correntes. Você vai ter a satisfação de saber que ela receberá o que merece. Você deve querer vingança.*

Cara, aqueles demônios o haviam lido como um maldito manual de porte de arma. Ele queria vingança, mas não desse jeito. Ele não permitiria que uma mulher, mesmo uma como Limos, sofresse nas mãos destes fodidos.

Então, ele recusou a oferta que era, sem dúvida, uma mentira de qualquer maneira. Que levou a uma marretada em ambos os tornozelos. Quando ele se recusou novamente, a marreta se moveu para seus joelhos. Sua próxima recusa lhe rendeu uma bacia quebrada, mas, felizmente, ele desmaiou e não teve de recusar mais.

— *Você é um tolo* — seu torturador, aquele com o sotaque inglês enganosamente elegante, lhe disse mais tarde. — *Você vai morrer aqui embaixo, e vai ser culpa da Limos.*

Arik estava plenamente consciente do fato. Mas o conhecimento não o impediu de sonhar com ele e ela nus. Às vezes, eles estavam em uma praia, ambos cobertos de óleo de bronzear enquanto ele se movia contra ela. Às vezes, tudo o que ele fazia era beijar-lhe a mão enquanto olhava dentro de seus olhos exóticos. Outras vezes, ele a possuía contra a parede ou a tomava por trás enquanto ela se agarrava a uma palmeira. Seu sonho erótico favorito era aquele onde ela estava de costas na ressaca do oceano, e ele se ajoelhava entre suas pernas, lambendo seu calor úmido e sentindo o sabor da água salgada e a sua essência tropical de coquetel.

Ela sempre cheirava a coco e abacaxi.

Cara, ele estava morrendo de fome.

E o que isso queria dizer? Certo. *A vingança é um prato que se serve frio...*



Limos não estava de bom humor. Ela, de fato, vinha estado de mau humor por semanas.

Mas ela fingia estar feliz muito bem, e agora, estava trabalhando em direção a uma indicação ao Oscar.

O sol havaiano batia sobre ela enquanto balançava os quadris ao som da última do Maroon 5, seu olhar fixo em um homem alto e moreno empoleirado no bar portátil que ela criara para suas festas na praia. Seus olhos a perfuravam famintamente enquanto ele bebericava sua margarita, e quando ele casualmente ajustou a ereção em seus shorts pretos, ela soube que o ganhara.

Lenta e provocativamente, ela se moveu em direção a ele, colocando um balanço extra em cada passo. Seus pés descalços afundavam na areia quente, dando a suas pernas um exercício, e ela sabia que o homem estava apreciando cada flexionar de seus músculos tonificados. A fluida minissaia rosa choque chamou a atenção dele, e seu olhar escureceu quando uma brisa a levantou para revelar, de forma muito clara, que ela não usava calcinha. Sua barriga lisa, perfurada com um anel de ouro, se tornou o objeto seguinte da análise apreciativa dele, e ela viu como seus olhos subiam para a parte de cima do biquíni que estava cobrindo tanto quanto dois Band-aid.

Em seu ombro, o conjunto de balanças que fora tatuado ali quando ela tinha apenas algumas horas de vida começou a oscilar enquanto o lado direito, o lado do mal, e o lado esquerdo, o que media sua metade boa, guerreavam.

Quando estava a poucos metros de distância, ela sorriu, deu-lhe um olhar *pode-vir-garotão*, e subiu os degraus de sua casa de praia. De suas duas casas, essa era a pública que usava para as festas que eram frequentadas por humanos, moradores locais e celebridades que voavam apenas por suas grandes festanças. Mas esta reunião era pequena, contava com apenas cerca de uma dúzia de *ter'taceo*. Ela convidou os demônios intencionalmente, aqueles que poderiam facilmente se passar por humanos, a fim de atrair este macho em

particular. Ele era cauteloso, excessivamente paranoico, e se ela o tivesse convidado diretamente, ele não teria vindo.

Em vez disso, ela escolheu seus convidados com precisão cirúrgica, amigos dele, demônios com gostos particulares que praticamente garantiram que ele seria atraído pela promessa de diversão lúgubre e grotesca enquanto a noite se assentava.

Ele sabia exatamente quem ela era, mas de maneira nenhuma poderia saber o que ela queria dele. De jeito nenhum ele poderia saber que as informações de Thanatos o haviam apontado como um dos torturadores de Arik.

Ela deslizou para dentro da casa e subiu as escadas para o quarto, sorrindo quando ouviu a porta fechar suavemente atrás dela. No topo da escada, ela desamarrou o top e o jogou por cima do ombro, deixando um rastro sedutor para ele seguir.

Dentro do quarto, ela circulou uma cadeira de vime angulado para que pudesse observar a arrebentação e esperou que "Rhys" entrasse. Seu nome demônio era Xenycothylestiranzacish, ... pois é. Ela usava seu nome humano.

Ele encheu a soleira, ameaça sexual correndo até ela como uma onda mortal descontrolada. No mundo humano, ele era um comprador de corporações de algum tipo. No mundo dos demônios, ele era um mestre da tortura, um hobby que vazava para suas relações com as mulheres, e Limos imaginava quantas prostitutas desaparecidas poderiam ser atribuídas a ele.

— Qual é o seu jogo, Cavaleira? — Sua voz profunda e com sotaque inglês era a cereja em seu sundae sensual, e ela se lembrou de como, séculos atrás, tivera uma grande quedinha por ele. Mas ele sabia que ela estava prometida ao Lorde das Trevas, e ele não era estúpido o suficiente para chegar perto dela. Ela também não era tão estúpida assim, e ela nunca *tinha* sido.

Até Arik.

Maldito humano. Como ele ousara tentá-la assim? Como ele ousou beijá-la e fazê-la desejá-lo?

O beijo condenara a ambos.

Agora ela estava em uma corrida contra o tempo para resgatá-

lo antes que ele selasse o destino do qual estivera correndo por milhares de anos, o casamento.

Havia também aquele incômodo destino da quebra do Selo com que ela precisava lidar, mas agora, ela tinha que se concentrar no problema mais imediato, que era encontrar Arik.

— Não estou jogando — ela ronronou, correndo uma unha pintada de roxo laqueado sobre o encosto da cadeira. — Eu tenho certeza que você já ouviu falar que eu sucumbi à luxúria e cedi meu afeto a um humano.

A expressão de Rhys não entregou nada.— Eu ouvi.

— Bem, isso significa que até que ele diga meu nome durante os espasmos de agonia, eu posso desfrutar de mim mesma.

Deus, ela esperava que Arik pudesse continuar a suportar seja qual tortura os demônios que o mantinham o tivessem submetendo. Uma onda de admiração a esquentou de dentro para fora, porque não sabia se *ela* poderia sobreviver a um mês de tortura, e Arik era um frágil humano. Ela sempre sentiu força nele, fora uma das coisas que a atraía para ele, além de seu senso de humor, mas nunca teria imaginado a profundidade dessa força.

— E por desfrutar, você quer dizer... Rhys deixou a sentença morrer enquanto a rondava, seu peito nu, bem oleoso e brilhante, atraindo o olhar dela.

A maioria das fêmeas iria levantar suas saias agora. Limos tinha outros planos, e Bones, seu garanhão infernal que atualmente estava decorando seu antebraço direito como uma espécie de tatuagem de um glifo, se contorcia em antecipação.

— Eu quero dizer que uma vez que Arik rompa, eu vou ficar presa dormindo com o mesmo demônio até o fim dos tempos. Então a hora da brincar é agora ou nunca.

— De alguma forma — Rhys disse casualmente, — Eu não posso imaginar que o Lorde das Trevas gostaria que você chegasse a ele menos do que intacta.

Ela piscou inocentemente. — Intacta? É claro que chegarei até ele virgem. Uma brisa com aroma do oceano flutuou pelo quarto, acariciando sua pele, e ela se apertou, acariciando os dedos sobre o

mamilo. — Mas eu posso fazer todo o resto. Você não acha que ele o recompensaria muito bem, se eu chegasse até ele sabendo como usar minha boca?

Ela quase engasgou com esse pensamento, e não apenas porque a ideia de chupar o pau do demônio a horrorizava. Ela nunca quis fazer isso com qualquer homem. As mulheres que afirmaram gostar tinham que estar mentindo.

Rhys se aproximou. — Eu não estou tão certo sobre isso.

— Oh, por favor — ela o persuadiu. — É apenas um pouco de toque. Antes que ele pudesse protestar, ela o agarrou pelos ombros, o girou, e o plantou na cadeira. Em seguida, ela o montou de modo que estava em seu colo, de frente para ele, as mãos espalmadas sobre o peito liso. — Toque-me.

Por um longo e ofegante momento, ela pensou que ele ia jogá-la de bunda no chão. Suas mãos desceram nas coxas dela e apertaram com força o suficiente para que uma mulher humana gritasse de dor. Mas Limos não era humana, e ela não gritou.

— Se fizermos isso — ele disse em uma voz fria e letal, — você fará o que eu digo. Minhas regras. Entendido?

Ela fez seus olhos ficarem arregalados e assustados. — S-sim. Ela até mesmo bancou um sinal de tremor do lábio inferior para garantir. *Meryl Streep, você não tem nada contra mim.*

O sorriso de Rhys era pura maldade, algo que ela fora criada para apreciar durante os vinte e oito anos que passou em Sheoul, crescendo sob o domínio de uma mãe demônio perturbada e má. Se Limos ainda fosse aquela pessoa, estaria ofegante agora.

— Bom. Ele tomou a mão direita dela em sua palma e um dedo traçou as linhas negras que formaram a tatuagem de cavalo em seu antebraço. Ela podia sentir seu toque nas partes correspondentes do corpo dela, e odiou. Bones odiava também, nunca gostou de ser tocado por qualquer pessoa além dela, e ele voltou à vida em sua pele, estalando os dentes afiados violentamente. Rhys sacudiu a mão, mas não rápido o suficiente. Uma minúscula gota de sangue se formou na ponta de seu dedo. — Bastardo.

— Ele é um pouco temperamental. — Isso era um eufemismo.

De todas as montarias de seus irmãos, Bones era o mais... único.

O primeiro garanhão de Limos, um cavalo de batalha normal, como os de seus irmãos, foi morto, e seu noivo enviou Bones como um presente que ela não podia recusar. Agora ela estava presa com o garanhão infernal carnívoro, e, embora tivesse se apegado a ele, ela não o convocava a menos que fosse absolutamente necessário. Ele era muito difícil de controlar, e ele odiava a todos, incluindo, às vezes, Limos. Bem, ele amava a esposa de Ares, Cara, mas apenas porque ela salvou sua vida.

As mãos de Rhys deslizaram debaixo de sua saia, e tanto repulsa quanto antecipação a percorreram. Ela fantasiara as mãos de Arik fazendo a mesma coisa. Suas fantasias, como ela se satisfazia todas as noites em sua cama, *todas* envolviam Arik.

Elas também envolviam a ausência de seu cinto de castidade, que era por que os seus pensamentos eram pura fantasia.

Apenas uma pessoa poderia retirar a polida corrente de pérola que rodeava seus quadris e caía entre as pernas, conectada na parte da frente e de trás pelo laço no quadril. Na verdade, ela era linda, uma peça de joia de valor inestimável que a faria se sentir sensual se não fosse seu desagradável segredinho.

As mãos de Rhys viajaram para mais alto, e ela fingiu um gemido quando se arqueou para que seus seios tocassem o peito dele e ela pudesse secretamente escorregar sua mão direita ao redor da parte de trás da cadeira, para a adaga que prendeu ali.

— Você é uma vadiazinha ansiosa, não é? — ele murmurou.

— Eu tenho muito a aprender antes de tomar o meu lugar ao lado do meu marido. Ela mordeu o lóbulo de sua orelha, desejando que fosse Arik. — Talvez você tenha amigos que possam se juntar a nós?

— Quando eu terminar com você, talvez.

Suíno infernal nojento. — Depressa.

A mão dele desceu com força em sua bunda. — O que eu disse? Minhas regras.

Jesus, ele batia forte. O lado de seu traseiro ardeu como um filho da puta, e isso a fez perceber que de alguma forma, ele tinha

errado suas pérolas de castidade. — Sinto muito.

— Ainda não, mas você vai sentir.

Que babaca. Ela prendeu a respiração, lutando contra um arrepio ao toque dele. Ela preferiria que uma cobra se arrastasse até sua saia.

Ele massageava sua bunda, os dedos apertando profundamente em sua carne. Ela agarrou o punho da adaga. O som das respirações aceleradas dele enchia a sala enquanto ele deslizava as mãos ao redor, seus polegares mergulhando entre as coxas dela. Houve uma pausa, como se ele estivesse tentando decidir se realmente queria ir até lá.

Por favor, por favor, vá lá. Ela balançou os quadris, esperando que ele encarasse como um sinal de tesão desesperado, em vez de impaciência.

— Puta — ele sussurrou.

Otário, ela pensou.

Ele se moveu para envolvê-la intimamente e, finalmente, a sua proteção de castidade se ativou. Cada uma das pérolas se transformou em pequenas esporas afiadas como navalha, esfaqueando a pele e a carne mais sensível dele. Agonia torturante a rasgou, mas por algum milagre, ela não fez um som. Não precisou. Os gritos de Rhys os sufocariam de qualquer maneira.

Sangue jorrou dela, mas na maior parte, dele, quando três de seus dedos caíram, decepados, no chão. Ótimo. A espécie de demônio dele era uma daquelas malditamente duras de machucar, enfraquecendo somente se perdessem uma parte do corpo.

Em uma onda de dor, ela o puxou para o chão, onde colocou a ponta de sua adaga sob o olho dele. — Okay, idiota. Diga-me o que eu quero saber, ou perderá mais do que seus dedos.

— *Cadela*. Raiva enegrecia sua voz. — Sua vadia chupadora! —

Limos empurrou a lâmina em seu olho. Ela não tinha paciência quando suas partes privadas doíam tanto. As esporas ao redor de seus quadris e entre suas pernas haviam se transformado em pérolas novamente, mas mesmo tão rapidamente quanto ela se regenerava, os ferimentos não haviam se curado ainda.

O demônio gritou de novo, sangue e fluidos oculares

esguichando de seu soquete arruinado. Ela moveu a faca para o outro olho.

— Minhas regras — disse ela, zombando dele. — E as minhas regras começam com você não me chamando de vadia chupadora ou qualquer outra coisa nojenta e desrespeitosa. Ela apertou suas coxas, esmagando as costelas dele. Ela fez isso em Arik uma vez. Coitado. — Está me sentindo?

— Sim — ele suspirou.

— Ótimo. Porque, Olá, eu sou uma lenda. Eu mereço uma pouco de reverência. Agora, diga-me onde eles estão mantendo Arik.

— Eu não sei.

— Tsk, tsk. Ela apertou as pernas mais forte, apreciando o estalar de ossos se quebrando enquanto ele gritava de dor. — Eu sei que você é um dos torturadores dele. Então, vamos tentar de novo, e você vai responder, a menos que você realmente tenha em seu coração um desejo de obter um cão-guia. Onde ele está?

— Por mais que eu tema sua ira, temo seu noivo ainda mais. Se eu sequer sussurrar uma palavra, não vou chegar mais do que um passo além do portão da boca do Inferno, antes que eu seja rasgado em pedaços.

— Dê uma olhada nos seus dedos no meu piso. Eu já estou o rasgando em pedaços. Ela picou a pele abaixo do olho bom, e uma gota de sangue brotou. — Onde. Está. Arik?

O demônio riu, e um arrepio subiu pela espinha dela. — Se o humano soubesse como você está desesperada em encontrá-lo, ele poderia ter levado minha oferta a sério.

— E que oferta foi essa?

Ele zombou. — O verme humano se recusou a fazer uma troca. Você por ele. Mesmo depois que eu amaciei a parte inferior do corpo dele com uma marreta, ele não negociou.

Limos mal podia respirar através de sua raiva. E seu choque. Uma saída foi dada a Arik, e ele não a aceitara? Ele a protegera, alguém com quem ele não era relacionado? Quem faria isso? E por quê?

— Você não poderia ter me capturado, muito menos me

prendido.

— Nós montaríamos uma armadilha para que o Lorde das Trevas pudesse pegar você, porque, sim, você está certa. Nós não poderíamos prendê-la para a tortura. Mas o humano não sabia disso, e ele ainda assim não negociou. E é por isso que a raça humana vai perder no Apocalipse. Eles são sentimentais. Fracos. Patéticos.

— Fraco — ela cuspiu. — Ele não brincou de bola com você depois que você quebrou as pernas dele, e o chama de fraco? — Ela passou a lâmina através da bochecha dele, abrindo-a até seus dentes. — Onde ele está?

Rhys sibilou, pulverizando sangue. — Não importa, Cavaleira. Verdadeiramente.

— E por que isso? — Ela soltou.

— Porque se ele não rompeu até agora, ele não vai romper. A ordem foi proferida. Ele vai ser executado amanhã. Ele vai estar morto em vinte e quatro horas. Ele sorriu. — A honra será minha.

— *Resposta errada, idiota.* Limos bateu o punhal através de seu olho bom, deu uma girada, e lançou a lâmina direto para o cérebro. O demônio estremeceu, seu corpo dando espasmos descontrolados. — Isso foi pelo Arik.

Ela saltou para seus pés, sua mente trabalhando furiosamente.

Portão da Boca do Inferno. Sua respiração ficou presa quando a menção casual de Rhys perfurou sua névoa de fúria. Embora muito poucos humanos soubessem sobre elas, havia seis Bocas do Inferno na Terra, passagens pelas quais os seres humanos podiam entrar em Sheoul, geralmente arrastados por demônios. Arik poderia estar perto de um deles?

Deus, ela esperava que sim, porque agora, era tudo o que ela tinha para seguir em frente. E ela precisava se apressar, porque se Rhys estivesse certo, Arik tinha apenas algumas horas para viver.

Capítulo Três

Kynan Morgan malditamente amava ser imortal. Yeah, ele carregava um grande peso em seus ombros por causa disso, peso na forma do pingente de cristal ao redor de seu pescoço. Mas imortalidade valia a pena levar nesse pequeno pedaço do Céu, literalmente, *Céu*. Dada a escolha, ele tomaria a mesma decisão de ser encantado por anjos a fim de proteger o pingente.

Hoje, enquanto inspecionava a meia-dúzia de demônios feridos deitados no chão do pub subterrâneo em Las Vegas onde ele e seu novo companheiro Ancião Aegis, Decker, tinham batido até a submissão, ele estava mais agradecido do que nunca pelo feitiço. Os bastardos reptilianos cinza-esverdeados não tinham sido capazes de colocar um dedo nele, o que foi ótimo, vendo como seus dedos estavam cobertos por uma substância pegajosa ácida que os ligava a você como Supercola enquanto eles dissolviam sua carne.

Decker atualmente estava descascando-se fora de suas calças pretas do exército, que estavam anexadas a uma das mãos da criatura. Apenas a mão... já que Decker tinha amputado-a do braço do demônio com sua KA-BAR.

— Filho. Da puta. — Decker prendeu suas calças em suas botas de combate e fez algum tipo de dança louca enquanto tentava desvencilhar-se. — Que... *droga*, estes demônios são desagradáveis. — Ele jogou as calças para longe e fez um som de desgosto. O barman vampiro, uma das poucas pessoas que tinham permanecido no pub quando o combate começou, riu, mas se calou quando Decker lançou uma estaca de madeira nele.

— Estou feliz que você não seja um tipo de cara de bolas-livres. — Kynan estremeceu ante as boxers Dale Earnhardt Jr. de Decker. — Não que o que você está usando seja muito melhor.

Decker sacou sua espada Aegis da bainha em suas costas, e

decepoou uma das cabeças dos demônios. — *Alguns* de nós não são todos encantados até o ying-yang.

Ying-yang não soou bem com um sotaque do Texas, mas Ky manteve sua boca fechada enquanto Decker separava cabeças de demônio de pescoços, parando com sua lâmina pousada sobre o coração do último demônio sobrevivente. Quando a coisa estendeu a mão para a perna dele, Kynan usou sua balestra Aegis modificada a mão para pregar o demônio em cada palma, prendendo suas mãos no piso de madeira encharcado de sangue.

— Obrigado, companheiro — Decker disse.

Decker nunca tinha chamado Kynan de "companheiro" antes de Arik estar desaparecido, e o lembrete de por que eles estavam aqui picou no temperamento de Ky. Com um grunhido, ele se ajoelhou ao lado do demônio e segurou a ponta de sua stang de duas extremidades, em forma de S, na garganta da criatura.

— Onde o humano está sendo mantido? — ele perguntou.

O demônio revirou seus olhos de lagarto até encontrar o olhar fixo de Ky. — Como... eu... saberia?

— Porque você e seus amigos escamosos estavam fazendo apostas de quanto tempo ele vai levar para quebrar.

— Filhos da puta — o demônio sibilou. — Nós somos... como vocês os chamam... agentes de apostas? Ouvimos coisas.

— Vocês fazem mais do que *ouvir coisas*. — Kynan usou a ponta de sua lâmina para empalar um carrapato demônio do tamanho de uma maldita moeda que estava cavando debaixo de uma das escamas do homem lagarto. — Você também esteve assumindo forma humana e insinuando-se em operações de jogos de humanos.

A ruptura do Selo de Peste havia acabado com o delicado equilíbrio entre o bem e o mal que, por tanto tempo, manteve o pior dos demônios à distância. Agora escória como estes demônios, que uma vez tinha sido relegada para as profundezas do inferno, estava se soltando e encontrando o seu caminho para o reino humano, onde estava causando estragos, quer diretamente, matando e mutilando, ou passivamente, irradiando mal como uma bomba suja. Humanos cujas almas eram verdadeiramente boas eram apenas levemente

influenciados pelas bombas infernais, mas humanos maus e aqueles que estavam em cima do muro ficavam bêbados com violência e possuídos por maus pensamentos; caos estava começando a reinar nas ruas.

Estes demônios em particular tinham espalhado falhas dos jogos como um dos vírus de Peste. O crime organizado não só tinha triplicado, mas os riscos aumentaram. Nada estava fora da mesa nos fundos de estabelecimentos até mesmo respeitáveis. Dinheiro, drogas, crianças, órgãos humanos... tudo se tornando uma coisa como moeda.

O homem lagarto era impenitente. — Humanos são estupidamente cegos. Não podemos ser responsabilizados por suas fraquezas.

Ky rosnou. — Onde. Está. Arik?

O nariz do demônio, dois buracos negros em seu rosto, se contraiu. — Nós não sabemos onde ele está sendo guardado.

Kynan jogou de lado a stang e agarrou a garganta do demônio em suas próprias mãos. — Me escute, seu fodido verme Sleestak. Você derrama, ou eu vou transformá-lo em um par de botas e um cinto. E depois eu vou caçar cada um dos membros de sua família e fazer a mesma coisa. Entendeu?

Decker casualmente acendeu um fósforo e o tocou no fim de uma pequena cápsula, uma pequena arma R-XR desagradável que poderia ser lançada sobre um demônio, onde iria imediatamente queimar seu caminho para dentro da carne. A coisa causava agonia excruciante enquanto atravessava o corpo da vítima, sua casca em brasa cauterizando conforme viajava, impedindo um total sangramento até a morte.

Medo cintilou nos olhos amarelos do demônio. — Eu não sei — ele disse rapidamente. — É a verdade, assassino.

— Rumores, então. Eu sei que você ouviu rumores.

— Os... terrenos de tortura de Iblis estão na região Perdição de Sheoul — o Sleestak disse, usando um dos muitos nomes para o grande demônio mau que os Cristãos chamavam de Satanás. — Mas disseram que o humano foi entregue a especialistas.

A tortura de Arik tinha sido contratada? Filhos da puta. — E

estes especialistas estão mantendo o humano onde?

— Eles têm muitas câmaras. Todas localizadas perto das bocas do inferno.

— Em qual delas devemos nos focar?

O demônio não disse nada. Ky apertou sua garganta, e Decker agachou-se nos calcanhares, segurando a cápsula sobre a virilha do homem lagarto. — Qual. Delas?

— Erta Ale — disse com a voz rouca. — O rumor é... Erta Ale.

— Isso não é um vulcão Etíope? — Decker largou a cápsula no chão e esmagou-a com a bota.

Ky assentiu. — Eu vou pesquisar. Preciso que você volte para a sede R-XR em Washington D.C. Você tem de convencer o R-XR a se apressar com as armas que eles nos prometeram.

Os R-XR e Aegis vinham trabalhando em armas que poderiam fornecer doses de saliva de cão infernal para os Cavaleiros, especificamente, Peste. Mas Ky não hesitaria em usá-las em qualquer Cavaleiro que ficasse mau.

— O R-XR está fazendo seu melhor. — Defensiva rastejou na voz de Decker quando ele decepou a cabeça do homem lagarto com um pouco mais de força do que era necessário.

— O R-XR está fazendo *o que* eles fazem de melhor, que é serem excessivamente cautelosos. — Kynan sabia, porque tinha sido arrastado para a unidade secreta do Exército, o Regimento Ranger-X, quando era um médico do Exército que fora atacado por um demônio. O demônio tinha quase arrancado sua garganta, deixando-o cheio de cicatrizes e com uma voz que o fazia soar como se estivesse sempre mastigando cascalho.

A boca de Decker se apertou em uma linha sombria. — O R-XR está procedendo com cautela necessária, e você sabe disso. Alguém tem que equilibrar a tendência dos Aegis de agir primeiro e pensar depois.

Decker estava certo mas o temperamento de Kynan estava no limite, assim como o relacionamento entre os Aegis e o R-XR. Durante anos, eles tinham sido aliados, apoiando-se uns aos outros em operações e compartilhando informações, mas quando o Selo de Peste

quebrou, o relacionamento parou de funcionar. Os militares pregavam cautela e ainda estavam tentando encobrir a crescente ameaça, enquanto Os Aegis se *armaram* e eram da crença de que estava na hora de os humanos serem permitidos saber sobre a existência de demônios e do Apocalipse que se aproxima. A diferença de abordagens havia causado uma brecha entre as duas organizações, e como membro de ambas, Decker estava fazendo a ponte.

Kynan frequentemente se perguntava se Decker lamentou assinar como um Ancião, há três semanas. Foi um movimento inédito, trazer um forasteiro para o escalão superior dos Aegis, mas eles queriam levar o militar a bordo tão completamente quanto podiam.

— Eu sei disso. — Kynan levantou. — Mas eles precisam fazer mais para nos ajudar a encontrar Arik.

— Eu quero Arik encontrado tanto quanto você. — Decker limpou a lâmina na roupa de um demônio morto, seus movimentos bruscos, afiados com irritação. — Mas os militares não podem colocar todos os seus recursos nisso. Eles... nós... estamos ocupados tentando desviar as malditas pragas de Peste e derrubar os surtos demoníacos. Portanto, não me dê qualquer besteira sobre como estamos sentados e sem fazer nada.

Ky olhou Decker enquanto considerava levar este pequeno desentendimento para o próximo nível, mas dane-se. Suas equipes podiam ser rivais, mas eles jogavam no mesmo campo. Eles precisavam salvar seu sangue para batalhas contra demônios.

— Vamos — Ky disse, batendo com força no ombro de Deck. — Vamos levá-lo de volta à DC.

Depois disso, ele ia sair para ver um Cavaleiro sobre um vulcão, e Ky tinha uma sensação de que as coisas estavam prestes a ficarem quentes. Quentes como *Sheoul*.



— Quer um pouco de água?

Inferno yeah, Arik queria água. Que tipo de pergunta idiota era essa? Sua garganta estava crua e inchada demais para falar, então ele

meramente acenou para Tavin, um demônio Seminus loiro que os torturadores de Arik tinham contratado para curá-lo.

Tavin franziu a testa, e agarrou o ombro de Arik com sua mão direita, que era marcada todo o caminho até sua garganta com glifos tribais que todos os demônios Seminus possuíam. Aparentemente, eles eram uma história de paternidade, com o símbolo do topo sendo personalizado para cada indivíduo. O de Tavin parecia ser algum tipo de verme. Ele devia invejar todos os tipos de merda de Sems que tinham símbolos legais, como armas ou ampulhetas ou relâmpagos.

Era uma droga ser Tavin.

Era uma droga maior ser Arik, no entanto.

O demônio canalizou seu dom de cura para o corpo de Arik pela segunda vez nos últimos dez minutos. A primeira vez foi para curar os tornozelos quebrados de Arik, seu baço dilacerado, e a evisceração que tinha deixado seus intestinos pendurados para fora do seu umbigo.

Arik realmente fodidamente odiava demônios.

Ele tinha sido bastante sólido sobre esse ponto mesmo antes de ter sido torturado até a beira da insanidade, mas a palavra "ódio" não era mais forte o suficiente. O idioma Inglês precisava de uma nova palavra para descrever como ele se sentia sobre demônios agora.

Ainda assim, ele supunha que Tavin fosse ok para um demônio. Ele não era excessivamente amigável, mas dava a Arik mais água do que seus captores jamais deram, e sempre trazia um novo par de calças pretas, como Arik pedia para substituir as que os demônios destruíam durante as sessões de tortura. Tavin tinha até apresentado um argumento para os seus captores; a roupa protegia a pele de Arik de infecção que poderia matá-lo.

E, se Arik jogasse suas cartas corretamente, as calças iriam tirá-lo deste buraco infernal.

Calor queimou através do corpo de Arik, um subproduto da capacidade de cura Seminus, que permitia que os demônios reparassem lesões, afetassem a função do corpo, ou ajustassem a mente. Depois de alguns segundos, a energia de Tavin havia reparado o tecido danificado e colocado rapidamente a garganta de Arik em

ordem. Ele ainda estava dolorido, inferno, todo o seu corpo estava dolorido, mas pelo menos agora a dor era suportável.

— Obrigado. — Arik esfregou o pescoço, mapeando as novas cicatrizes. O demônio tinha feito um trabalho adequado, e até mesmo o dano mental, as memórias horríveis, pareciam ter desbotado. Como sempre, depois de Tav ter terminado com ele, Arik se sentiu completo novamente, não só fisicamente, mas mentalmente. — Você tem remendado minha mente, não tem?

A expressão de Tavin ficou completamente em branco. — Eu não tenho nenhuma ideia do que você está falando.

— Besteira. Eu deveria ser um caso perdido até agora. Porra, estou tão danificado após uma sessão de tortura que não sei sequer o meu próprio nome. Mas quando você termina comigo... sei lá. Você está fazendo algo. — Arik estreitou os olhos. — E não minta para mim. Eu fodidamente odeio mentirosos, e eu meio que acho que você está bem para um demônio. Não me decepcione.

Houve um batimento cardíaco de hesitação... dois... três... e então o patético gemido de alguma criatura próxima pareceu romper o bloqueio no silêncio de Tavin.

— Demônios Seminus têm apenas uma das três capacidades. — Seu tom enérgico deixou claro que a discussão estava acabada quando ele entregou a Arik um copo de barro contendo algumas colheres de sopa de líquido lamacento. Tinha gosto de mijo e mofo, o que provavelmente era, mas era molhado, e ele aprendera a tomar tudo o que pudesse ter.

Bem, não tudo. Às vezes, os demônios o tentavam com coisas como pedaços macios, úmidos do bolo; bifos grelhados, grossos, suculentos; e canecas geladas de cerveja. Mas ele aprendera a nunca, jamais tocar nas ofertas, sem importar o quanto sua boca se enchesse de água e seu estômago doesse. Fazendo isso, ele ganhava atizadores quentes em locais não feitos para lidar com barras de ferro fundido.

Os olhos verdes de Tav brilharam com pena, e ótimo, quão patético você estava quando um *demônio* tinha pena do seu pobre traseiro?

— Você sabe por que os demônios querem que eu diga o nome

do Cavaleiro, Tav?

— Não. — Amargura escorreu da voz normalmente plana de Tavin. — Eu sou apenas a ajuda contratada.

— Por que você aceitou o emprego?

Tavin pegou o copo de Arik e colocou-o em sua mochila de suprimentos médicos. — Nenhuma escolha.

— Há sempre uma escolha.

— Não quando você é um assassino preso a um contrato.

— Assassino, huh? — As rodas enferrujadas de Arik começaram a girar. — Não suponho que você conheça um casal de mestiços Sems chamados Sin e Lore? Eles são uma espécie de família grande. Eles eram assassinos não muito tempo atrás. — Lore agora era médico examinador chefe de Underworld General, e Sin tinha tomado uma posição no departamento de doenças infecciosas do hospital demônio, uma vez que o seu dom Seminus mutante havia lhe dado a capacidade única de causar doença. Aparentemente, havia esperança de que ela também poderia aprender a destruí-la.

Tavin enfiou a mão na maleta de médico por um tubo de pomada. — Eu costumava trabalhar com eles.

Uma pequena chama de esperança doentia acendeu. — Você pode enviar-lhes uma mensagem?

— Não até que os demônios que me contrataram já não precisem de mim.

A essa altura, Arik provavelmente estaria morto. — Vamos lá... o R-XR e Aegis irão compensá-lo muito bem se você fizer isto. — Ele não podia acreditar que estava tentando fazer um acordo com um demônio. Mas, então, não seria a primeira vez. Pelo menos neste caso, sua alma não estava sobre a mesa.

Apenas sua vida.

— Eu não posso arriscar.

— Se você é um assassino, você tem que ser todo sorrateiro e tal.

— Eu sou. Mas a resposta ainda é não. — Ele alisou uma fina película do gorduroso remédio sobre uma abrasão no peito de Arik. A capacidade de cura de Tavin sempre acabava antes que ele pudesse

chegar a todos os ferimentos menores. — Trair este contrato significa uma morte extremamente longa, dolorosa e possível tormento eterno.

— Mais ou menos como o que eu estou passando? — Arik resmungou.

— Praticamente.

Arik olhou fixamente. — Okay, então se você é um assassino, por que está me curando?

— Seus captores pagaram uma tonelada de merda de dinheiro pelos meus serviços, seja matando ou curando.

— Então você me mataria se eles te pedissem?

— Yep.

Legal. — Olha, se você transmitir uma mensagem... — Arik calou a boca ao som de passos se aproximando.

Tavin se afastou quando dois filhos da puta feios pra caramba pararam na porta da cela. Garras de quinze centímetros se enrolaram em torno das barras de aço. O pulso de Arik saltou. Ele nunca sabia se os demônios iam torturá-lo, alimentá-lo, ou meramente insultá-lo.

— Escória humana — o mais alto disse, as presas se projetando da sua mandíbula inferior gotejando saliva. — Nós vamos discutir a sua última refeição.

Bem, isto não podia ser bom. Arik rolou seu ombro em um encolher de ombros indiferente, mesmo que seu coração estivesse batendo violentamente.

— Última refeição? Que tal surf-and-turf⁽¹⁾, bife mal passado, fettuccine alfredo, e aqueles incríveis biscoitos de queijo e alho da Red Lobster? Eu poderia ter uma Harp, também? Frio, porém, não aquela porcaria em temperatura ambiente que eles gostam na Irlanda.

Dois conjuntos de olhos negros sem humor olharam de volta para ele. — Sua escolha é carne putrefata com larvas ou pele de peixe.

— Impressionante. — Arik bateu em seu queixo, parecendo considerar suas opções. — Hmm... nojento ou muito nojento. Decisão difícil. Eu vou com nojento.

O filho da puta feio pra caramba mais baixo clicou suas garras em agitação. — Qual é?

— Pele de peixe Yum. — Mas hey, se não estivesse podre, seria

na verdade a melhor coisa que ele tinha comido aqui em baixo, então as coisas não estavam de todo ruins. E soava como se eles realmente fossem matá-lo. Ele duvidava que seria uma morte rápida, mas não poderia ser pior do que qualquer coisa que eles já tinham feito com ele.

As feras falaram entre si em uma linguagem que Arik não entendia, até aproximadamente a décima palavra, quando a sua capacidade de tradução entrou em ação. Eles estavam discutindo o quanto dizer a ele sobre como ele iria morrer. Também estavam especulando sobre o que aconteceria com seu corpo depois. Eles seriam autorizados a comê-lo, ou seu corpo seria preservado e exibido em algum lugar? Talvez seu corpo fosse despejado fora de uma boca do inferno para seus colegas encontrarem.

Certo, okay, então Arik não gostava de nenhuma dessas opções.

Ele observou os dois demônios se afastarem fazendo barulho e se perguntou se orações poderiam alcançar o Céu daqui. — O que você acha, Tav? Minha morte vai ser rápida ou lenta?

— Lenta, definitivamente.

— Yeah, foi o que eu imaginei. — Talvez desta vez, Arik não tivesse se importado com uma pequena mentira branca. Ele passou a mão para cima e para baixo em seu peito, estremecendo com a sensação de sua caixa torácica. Ele tinha perdido tanto peso aqui embaixo. Tentara manter um pouco de músculos fazendo flexões e abdominais quando podia, mas arranjar energia não era fácil. — Pelo menos vai acabar logo, eu acho.

— Não pareça tão aliviado, humano. — Tavin o encarou, seus olhos sombrios. — Morte não é uma boa coisa.

— Passe um dia nos meus sapatos, você sabe, se os tivesse e você vai mudar de ideia.

O Sem ergueu a bolsa por cima do ombro. — Isso não é o que eu quero dizer. Para você, não é uma fuga.

Homem, demônios e sua tendência a circular um problema. — Atire logo, Tav. O que você está falando?

— Estou falando que quando um homem morre aqui em Sheoul, sua alma está presa. Você não pode sair, e os demônios mais

vis que existem serão capazes de torturá-lo por toda a eternidade. E confie em mim, o que eles fizeram para você até agora não é nada comparado com o que eles vão fazer a sua alma. Você acha que você está com dor agora? Apenas espere até você estar morto. A alma é muito mais sensível do que o corpo físico.

Mais sensível? Arik olhou para o canto, seu plano de fuga assumindo uma nota nova e desesperada de urgência. Toda vez que uma oportunidade havia surgido, ele cuidadosamente tirara os elásticos finos e pretos do cóis da calça e os guardava, espalhados, nas fendas que definiam a câmara escura. Ele não tinha por pouco tantos quanto esperara, mas teria de servir.

Ele esperou Tavin ir embora, e depois sentou-se no chão com seus doze pequenos tesouros e começou a trançá-los. Isto tinha que funcionar.

Ou ele estava pior do que morto.

Capítulo Quatro

Limos demorou uma hora para limpar a bagunça que Rhys rudemente deixou em seu chão, em seguida, chuveiro e trocar as roupas por calções rosa e uma blusa rendada amarela. Cada minuto daquela hora tinha sido ocupado por pensamentos do que Arik tinha feito por ela, e ela não podia decidir como se sentia sobre isso. Suas emoções correram o espectro esmagadoramente impressionado que ele iria protegê-la dessa forma, confusa sobre por que ele iria protegê-la dessa forma, absolutamente chateada que ele achava que tinha que protegê-la.

Em seguida, houve a raiva de que ela não estava perplexa com nada disso em primeiro lugar. Não era como ela fosse obcecada por ações de outra pessoa, mas aqui estava ela... obcecada.

Murmurando para si mesma, ela levantou o torturador de Arik em seus braços e levou um Harrowgate à residência de Thanatos na Groenlândia. A mudança de temperatura entre o Havaí e seu deserto congelado esquecido era marcante, e ela tremeu quando saiu do Harrowgate e pisou sobre o gelo duro acumulado perto da entrada.

E, para registrar, Rhys pesava uma tonelada.

Sem uma mão livre, ela chutou a porta de madeira e ferro, e, eventualmente, um dos servos do vampiro, Artur, abriu-a. Desde que era durante o dia, o vampiro de plantão era um da raça antiga, os primeiros vampiros, que nunca haviam sofrido uma alergia à luz solar. Eles eram raros, muito bonitos para a maioria. Como havia encontrado não apenas um, mas 10, para servi-lo, ela não tinha idéia. Ele poderia ficar realmente de boca fechada, às vezes.

Irritante.

Como se você não tivesse segredos.

Ah, sim, ela tinha muitos e muitos segredos, sendo ainda pior por saber que algo ruim eram suas mentiras. Quanto maior a mentira, maior o potencial que tinha de machucar ou até mesmo destruir, o mais poderoso. Solavancos de adrenalina, deliciosos quase eróticos

faziam ciclo através dela como uma droga.

Mas ela tinha desistido das drogas a centenas de anos, trocando a necessidade de mentir com imprudência casual que deu a ela uma alta similar, mas que era muito menos viciante.

— Senhorita Limos? — Artur olhou para ela dessa forma assustadora dele, e que ela não podia ter certeza, ela teria suspeitado que por muito tempo ele tinha sido um canibal antes de se tornar um vampiro. Thkeere era apenas, algo... não estava certo... sobre ele.

Ela empurrou o demônio morto nos braços do vampiro e caminhou dentro da grande sala, suas sandálias de tiras clicando no chão. Um fogo ardia na lareira, e Than estava sentado em uma das cadeiras confortáveis ao lado dele, o nariz enterrado em um livro. Como seu historiador voluntário, ele tinha uma biblioteca enorme, estava sempre lendo, quando ele não estava trabalhando em seu ginásio ou em cenas assombrosas de vítimas em massa.

Suas mais recentes obsessões eram buscar pistas que pudessem revelar o paradeiro de seus agimortus, procurando uma maneira de reparar o Selo de Reseph, e tentando encontrar seu pai. Ok, certo, não eram novas obsessões, mas agora eles eram suas únicas.

— O que está lendo?

Thanatos levantou a cabeça, as tranças loiras gêmeas em suas têmporas batendo contra seu rosto. Sal: Uma História do Mundo.

— Uau. Você sabe como agitar a literatura.

Than levantou uma sobrancelha perfurada. — Você sabe quantas guerras foram travadas sobre o sal?

Ela deu-lhe um olhar duh. — Nós estávamos lá, lembra? — Eles tinham lucrado com algumas dessas guerras, começaram suas fortunas do comércio do sal, na verdade.

— Yep. Os bons velhos tempos.

Sarcasmo pingava de suas palavras.

— Então, por que você está lendo sobre isso? —

— Porque eu me encontrei com Kynan há meia hora para discutir seu progresso na localização de seus agimortus, e ele mencionou que o Aegis tinha descoberto recentemente um estoque de textos dentro de um barril Aegis antigo de sal. Ocorreu-me que, antes

de sua subjugação pela Neethul, os Isfet estiveram fortemente envolvidos no comércio de sal.

Os Isfet foram os demônios que tinham feito, às escondidas, o copo que levava seus agimortus. Infelizmente, graças a gerações de nascimentos e óbitos, bem como a horrenda manutenção de registros, já não se sabia onde ele estava guardado.

— Então você acha que pode encontrar uma pista no livro?

Than deu de ombros. — Não vai machucar. Talvez o autor tropeçou em algumas informações durante sua pesquisa. Ele colocou de lado seu livro quando Artur entrou.

— O que vou fazer com o corpo, senhor?

— Quem é? — Então olhou para Limos. — Um dos torturadores de Arik?

— Sim. Ela discutiu o plano para pegar Rhys com Ares um par de dias atrás, e embora quisesse ajudar, ela sabia que o filho da puta era cauteloso o suficiente para saber que tinha cheiro de uma armadilha. — Eu preciso de você para descartar ele.

Seus pálidos olhos amarelos estreitaram quando sentou mais a frente em sua cadeira, seus jeans pretos rangendo contra a almofada de couro. — Você quer enviar uma mensagem para os captores de Arik.

— A leitura de um livro inteiramente sobre o sal não te faz mais burro. Than deu a ela um olhar fixo, em branco. — Sim — ela suspirou, — Eu quero enviar uma mensagem informando um show.

Thanatos provavelmente lamentou, mas ele adorava fazer coisas como esta. Causar problemas era o que ele fazia de melhor. Bem, Reseph tinha realmente se destacado, mas suas palhaçadas encrenqueiras tinham sido sempre bem-humoradas. Than apenas gostava de foder com os demônios.

— Seria mais inteligente esconder o corpo de modo que ninguém vai saber o que aconteceu com ele, e ninguém pode relacionar sua morte a você — Than disse, sendo todo sensível. Ele deve estar gastando muito tempo com Ares, cujo pensamento processava operado como planos de batalha. — Não há sentido chamar a atenção para si mesma, Li.

— Olááááá. Eu sou um Cavaleira do Apocalipse, e estou noiva do mais infame, mais poderoso demônio que existe. Eu não poderia chamar mais atenção para mim mesmo se eu usasse o vestido de carne da Lady Gaga em uma convenção do PETA.

— Mas você não precisa ficar cutucando um ninho de vespas. Thanatos gesticulou para Artur. — Leve o corpo para a câmara de gelo. Uma vez que o vampiro tinha ido embora, ele voltou sua atenção para Limos. — O que o demônio lhe disse antes de você o matar?

Ela estudou suas multi-coloridas unhas para esconder a sua preocupação. — Que Arik vai ser executado. *E que Arik havia se recusado a fazer um acordo que poderia ter liberado ele, mas teria me condenado.*

— Quando?

Droga, ela lascou a tinta laranja fora de seu dedo mindinho. — Em breve.

— Não há dúvida de que eles vão matá-lo em Sheoul ao invés de acima do solo. Maldição. Than queria Arik morto para que Li já não tivesse de se preocupar com Arik falando o nome dela, mas matá-lo em Sheoul não era a resposta.

Na verdade, seria pior para a sua alma ser torturado lá do que o seu corpo humano. Almas não desmaiam de dor. Ele iria quebrar dentro de dias, e ela estaria em lua de mel no Taj MaHell.

Embora ela não tivesse dúvida de que ele poderia definir registros para a realização de fora.

Mais uma vez a admiração caiu sobre ela, desta vez acompanhada por uma onda feroz de desejo que não era inteiramente sexual. Durante o mês passado ela tinha fantasiado sobre ele, como seria estar com ele na cama dele, mas também, como seria... apenas estar com ele. Para ter essa força de caráter que envolve em torno dela e fazendo-a sentir-se segura. Sim, ela era uma cavaleira imortal, tão poderosa que ela não precisava de proteção física de qualquer macho. Mas, como ela tinha visto com Ares e Cara, o poder nem sempre vinha de músculos.

Li mudou o foco de suas unhas para o cabelo, enrolando um fio ainda úmido em torno de seu dedo. — Eu consegui obter um pouco de

informação de Rhys. É possível que Arik esteja sendo armazenado perto de uma boca do inferno.

— Erta Ale — Than disse. — Kynan mencionou durante nosso bate-papo. Ele quer pesquisar a área em torno do vulcão, mas ele não será capaz de encontrar o local exato da entrada.

— Porque ele não tem bastante mal nele. Essa era a coisa sobre a boca do inferno, os seres humanos poderiam entrar sem assistência demoníaca, mas somente se eles fossem maus. — Acho que isso me deixa.

A voz de Than parecia vir do fundo do poço. — Eu sei que você não está pensando em farejar dentro da boca do inferno.

— Oh, eu farejarei.

Thanatos explodiu de sua cadeira, veias salientaram em seu pescoço, visível mesmo sob a gola da camiseta preta. — Droga, Li, se você for pega, você estará com os pés descalços e grávida do peão de Satanás antes que você possa gritar. Você não pode...

— Você acha que eu não sei os riscos? — Ela interrompeu. — Eu não escapei para ser pega de novo.

Na verdade, ela não tinha escapado de todo, mas isso era algo que ela nunca poderia dizer em voz alta. Havia apenas uma coisa que ela temia mais que o casamento com o próprio diabo; perder seus irmãos. Eles lhe ensinaram a amar, quando, por incontáveis anos, ela achava que o amor significa desfrutar o sofrimento dos outros.

— Então eu vou com você.

— Ok.

Than piscou. — Ok? —

— O que, você esperava que eu fosse discutir? Eu não sou uma completa idiota.

— Isso — ele disse, — você não é. Normalmente. Seu olhar se desviou por cima do ombro, e ela o seguiu, virando-se para ver Ares caminhando do outro lado da sala, sua expressão tensa, sombras escorrendo por todos os poros de seu corpo de quase dois metros de altura.

Ele estava vestido para batalha em sua armadura de couro, com a espada em seu quadril esquerdo. Arrastando atrás dele estava um

boi de um cão infernal. Limos odiava os animais, cujas mordidas poderiam incapacitá-la e seus irmãos, deixando-os paralisados e vulneráveis. Qualquer arma revestida em sua saliva poderia causar o mesmo dano. Limos sabia em primeira mão. Mas a esposa de Ares, com seu dom de falar com animais e curar, havia encantado as malditas coisas, e foi ligada a cada cão do inferno existente.

Graças ao título, ela agora era imortal, e todos os animais tinham um forte desejo de protegê-la e a Ares.

— Ei, mano — disse ela. — O que foi? Onde estão Cara e Rath?

—

Os olhos negros de Ares aqueceram em nome de sua mulher, momentaneamente substituindo o brilho gelado. — Ela está em casa, cuidando de um cão do inferno recém-nascido. Peste matou sua mãe. Rath está dormindo.

Rath era seu filho adotado. Literalmente... garoto. Ele era um Ramreel bebê, um demônio bode cujo pai também tinha sido assassinado por Peste.

— O que está acontecendo? — Thanatos estudou Ares como se tentando decidir se ele deveria vestir sua armadura também.

— Nosso irmão se recuperou do golpe que lhe demos — a voz de Ares, fria e dura, saiu com raiva. — Um enxame de gafanhotos está varrendo toda a Nova Zelândia, a pior praga que já vi.

Limos franziu a testa. — Uma praga poderia apontar para a mão de Peste, mas ainda é uma ocorrência natural.

— Não quando os gafanhotos estão comendo animais e pessoas também.

Eew. — Eu estava esperando que ele levasse mais tempo para se reagrupar. Havia uma série de razões para isso, mas acima de tudo havia o fato de que quando Peste não estava causando caos, Ares e Thanatos não lutavam. Ares queria Peste morto e Thanatos queria consertar seu selo.

Infelizmente, Peste estava na posse da única arma capaz de matá-lo, e ninguém tinha encontrado uma maneira de reparar seu selo. Inferno, eles nem sequer sabiam se era possível. Thanatos estava correndo em nada mais do que uma teoria e esperança.

— Eu também — Ares disse. — Mas a tensão na região da Balcânia está queimando de novo, e então têm batalhas no Oriente Médio. Acabei de voltar de uma desagradável. Ares, como o Cavaleiro, que serria Guerra quando seu selo quebrasse, era naturalmente atraído para batalhas, às vezes poderia ser mantido longe de casa por dias, semanas, até meses, durante o pior da luta. Felizmente, graças ao vínculo de Cara com os cães do inferno, seu selo estava seguro, a menos que tanto o selo de Limos quanto o de Thanatos quebrassem.

— Droga — Than suspirou. — Eu estava sentindo uma recuperação no número de mortes, mas nada que eu pudesse identificar.

— Isso porque as batalhas estão espalhadas agora, a maioria brigas, e as taxas de mortalidade estão bastante reduzidos. Peste pode estar trabalhando em sua próxima tentativa de um apocalipse em medidas graduais. Voar sob nosso radar por um tempo. Ele definitivamente está fazendo alguma coisa. Ares estendeu a mão e arranhou o cachorro infernal sob o queixo, e Limos não achou que ela fosse se acostumar a isso. — Vocês fizeram algum progresso na localização de Arik? —

Limos assentiu. — Nós estávamos a ponto de sair para Erta Ale para procurar. Quer se juntar a nós? Pode haver alguma luta.

— Então, inferno, sim. Eu estou lá.

Limos tocou seus dedos para a cicatriz em forma de crescente no lado esquerdo do pescoço, e encaixou sua armadura estilo samurai no lugar. Thanatos seguiu o exemplo, sua armadura de placa óssea bateu quando ele dobrou-se sobre seu corpo.

Hora de montar.



Nada.

Eles não tinham encontrado nada, além de pânico, lava escaldante, gases nocivos e pulmão-asfixiado pelas cinzas perto da boca do inferno de Erta Ale. Dentro da entrada, eles descobriram meia

dúzia de esqueletos de seres humanos e túneis que se desprenderam em mais túneis. Depois de um dia inteiro de pentear as cavernas, Ares e Thanatos tinham sido obrigados a outros planos de guerras de Peste, e Limos teve de mudar o plano do jogo.

Ela jogou um Harrowgate a sua casa, com a intenção de reunir uma equipe de seus funcionários para ajudá-la. Quando ela saiu para a areia havaiana quente de fora de sua casa, um outro portão brilhou, e o filho da puta, Peste, explodiu com ele em seu cavalo branco.

— Ei, mana. Em um ressoar de armadura de metal, ele desceu de Conquista e chamou o cavalo para ele. Conquista explodiu em uma nuvem de fumaça e deslizou sob seu mestre para residir em seu braço. — Eu tenho um trabalho para você.

Seus dedos flexionaram sobre a bacia em seu quadril, o desejo de correr com ele através de sua lâmina mais forte do que nunca. — Se você acha que eu vou fazer qualquer coisa para você, pode ir se foder.

Dor cintilou em seus olhos azul-gelo, assustando-a como o inferno. — Eu sei que tenho sido um bastardo, Li. Eu não posso evitar. Seus ombros caíram, e ele olhou para o chão, seu cabelo platinado escondendo seu rosto. — Meus sonhos... cara, meus sonhos, bagunçaram comigo. Eu me lembro como eu era. Eu... sinto falta disso.

Ela deu um passo involuntário para ele. — Reseph? —

— Eu preciso de ajuda. Com um movimento brusco descoordenado, ele agarrou sua cabeça como se lhe doesse, e sua voz falhou. — Cure-me... por favor. Ele inalou uma respiração estrangulada. — Liberte-me... de... minha armadura. Mata-me. Eu estou implorando.

— Nós vamos ajudar você, eu juro — disse ela, estendendo a mão para ele.

Sua mão estalou, agarrando-lhe o pulso com tanta força que sentiu a moagem de ossos. — Você é uma tola sentimental. Sua cabeça surgiu, um brilho ameaçador vermelho iluminando seus olhos. — Reseph está morto.

Ela sibilou, raiva e dor rasgando ao meio. Ela pegou sua espada

e estava balançando antes que Peste pudesse soltá-la. Sangue pulverizou quando a lâmina cortou seu pescoço. Ele cambaleou para trás, batendo com a palma da mão sobre a ferida aberta.

— Isso — ele disse, com uma voz estranhamente calma. — vai custar caro. Ele sacudiu a cabeça como se estivesse trabalhando uma torção, e a laceração sumiu, um inferno muito mais rápido do que a mesma ferida teria se curado antes de ele ter ido para o lado mal. Ele ganhou força quando seu selo quebrou, sua capacidade de desenhar sobre o poder de impulsionar Sheoul todas as suas habilidades, mas diabos, ela não tinha pensado que ele tinha conseguido se tornar elástico. — Como eu estava dizendo, eu tenho um trabalho para você.

— Eu não farei nada para você.

Ele continuou como se ela não tivesse falado. — Eu encontrei um cofre antigo, que já pertenceu à Aegis, e eu quero que você diga a eles sobre isso.

Todos os alarmes internos dela dispararam, batendo forte em seu crânio. — O que há neste cofre? —

— Inofensivas relíquias históricas.

— Nope. Desculpe. Eu não estou levando ao Aegi um monte de artefatos falsos.

Peste piscou inocentemente. Ele poderia ir longe com isso quando era Reseph. Agora... nem tanto.

— Falsos? — Ele deu de ombros. — Nah. Eles são reais. A maior parte deles. E o cofre realmente é um esconderijo Aegis. Ele abriu uma Harrowgate. — Venha comigo.

— O quão estúpida você acha que eu sou? Poderíamos sair para o quarto de Satanás, por tudo que eu sei. Estremeceu.

Ele revirou os olhos, como se sua desconfiança fosse completamente injustificada. — Lança o teu próprio portão e vincule-o ao meu, então.

— Eu tenho coisas para fazer.

Abruptamente, o comportamento de Peste assumiu um novo tom, e ele rosnou. — Se você não quer se arrepender de confiar em mim, você vai fazer isso.

— Chantagem, irmão? Uau, você realmente se rebaixou.

— Diz a garota que tem mentido para a família sobre alguma merda realmente importante.

Maldito. Com uma maldição, ela lançou seu próprio portão por cima dele. Eles entraram no portão agora único, mas ela poderia desistir se não se sentisse segura.

Eles passaram, Peste primeiro, e quando ela saiu em uma caverna iluminada por empoeiradas bolas de fogo místico, parecia que ele não estava mentindo. Pelo menos, não sobre tudo isso. Eles foram definitivamente em uma espécie de túnel feito pelo homem, e seu GPS integrado disse a ela que estavam em algum lugar no Egito.

Ela estremeceu. Ela nunca gostou do Egito, e a proximidade claustrofóbica das paredes apertadas em torno de seu peito como uma cobra.

— Onde estamos? —

— Uma cripta esquecida. Um cara antigamente importante está sepultado em uma câmara atrás de nós. Peste ajoelhou-se na base de uma caixa de pedra e embora a tampa provavelmente pesasse 500 toneladas, ele levantou-a como se fosse feita de papel. — Dê uma olhada.

Indo até a caixa, ela espiou para dentro, onde uma dúzia de peças de jóias antigas, moedas, figuras de barro se deitavam em cima de um monte de pó. Com muito cuidado, ela pegou uma das figuras. A interpretação de argila de uma mulher gorda estava rachada, o pedaço de pano amarrado em torno de suas pernas estava frágil.

— Bom trabalho com isso — ela murmurou. — Você perdeu a sua vocação como um falsificador. Qual é o seu propósito? —

— Isso não é da sua conta.

— Você é um idiota.

Uma sobranceira loira disparou. — Depois das coisas que você fez, você tem a ousadia de me chamar de idiota? —

— Basta chegar ao ponto — disse entre dentes. — O que você quer? —

— Traga um Aegi aqui. Diga a eles que você descobriu o cofre em sua busca para seus agimortus. Peste jogou algo em seus pés. Dogtags⁽²⁾, ela percebeu, quando ela se curvou para pegá-los. Dogtags

de Arik, coberto de sangue. — Você vai fazer isso, ou da próxima vez eu trago os olhos.

Ela agarrou a corrente de metal e etiquetas tão forte na palma da mão que machucou. Por alguma razão, este pequeno pedaço de Arik fez tudo tão real, tão palpável. Era como se ela pudesse sentir a sua dor nas manchas de sangue. Deus, se ela tivesse sido mais forte, se ela tivesse resistido a Arik e sua atração por ele, ela não iria estar nessa confusão, e ele não sentiria dor.

Vergonha passou através dela, mas ela não podia se dar ao luxo de dar a ele. Seja o que for, a agonia de Peste até era maior do que a de Arik, e ela não podia deixar transparecer que sentia nada por ele.

— Então eu espero que você esteja preparada para enfrentar Ares e Thanatos depois de eu dizer-lhes todos os seus enganos. Ele mostrou suas presas. — E sim, eu sei. Nossa mãe me contou tudo.

O coração de Limos disparou em sua garganta, mas ela ainda conseguiu ficar calma. — Dizer-lhes não irá beneficiar a sua causa. Ela acariciou as palavras gravadas nas dogtags, tirando conforto da sensação do nome Arik sob seu polegar. — Se alguma coisa vai feri-los. Qualquer sentimento restante que eles têm por você se transformará em ódio. Ela esperava. Ela foi condenada na certeza que eles a odiariam, de qualquer maneira.

— Eu estou disposto a correr esse risco. Então, o que é que vai ser, irmã? Dirá aos responsáveis sobre esta abóbada, ou eu irei para os nossos irmãos e lhes direi como você, e você sozinha, é responsável pela maldição que nos transformou em cavaleiros? —

Vai, filha. Vá para o reino humano e encontre seus irmãos. Deixe os rios do fluxo de sangue. Sua mãe, Lilith, tinha falado aquelas palavras quando Limos deixou Sheoul ... livremente. Não tinha havido nenhuma batalha, apesar do que Limos tinha reivindicado a seus irmãos. Limos não escapou — ela deixou com grande pompa e circunstância, e com toda a intenção de voltar a ocupar seu lugar ao lado de seu marido depois que ela realizasse sua tarefa.

Se Thanatos e Ares soubessem, eles mergulhariam Deliverance em seu coração logo depois que eles fizessem o mesmo a Peste. Talvez antes.

— Maldito seja — ela resmungou. — Eu vou fazer isso. Mas, em troca, você tirará Arik de Sheoul.

— Você não está em posição de barganhar. Peste sorriu. — E se o Aegis ainda suspeitar que isso pode ser uma mentira, eu vou matar Arik e dizer aos nossos irmãos o seu segredo.

Ela desejou poder estrangulá-lo. Ele estava certo, ela não tinha influência. — Você sabe o que essa mentira vai fazer para mim.

Peste lambeu os lábios, como se estivesse saboreando o melhor conhaque. — Essa é a melhor parte disso, mana. Com cada mentira que você diz, o seu vício a ele irá fortalecer e, a cada mentira, o mal vai crescer dentro de você, até que você queira ir para o seu marido.

— Ele não é meu marido.

— Ainda, Limos — disse ele. — Ainda.

Capítulo Cinco



Peste estava no humor mais irritado e de arrancar-cabeça- apenas-para-passar-o-tempo que já esteve quando chegou no subsolo da mansão na Nova Zelândia que ele comandava depois que seus gafanhotos haviam comido os habitantes.

O encontro com Limos não tinha ido bem. Sim, conseguiu que ela fizesse o que ele queria. Mas também fora vítima de fraqueza. O macho que fora antes de seu Selo se quebrar, Reseph, de alguma forma surgiu em sua cabeça idiota, implorando por ajuda. Peste atuou bem, agiu como se tivesse intencionalmente enganado Limos e a feito de boba.

Mas, na verdade... *ele lhe pediu para curá-lo ou matá-lo, porra!*

Rugindo de fúria, ele derramou sua armadura, espalmou o punhal amarrado a seu peito, e o mergulhou em sua própria barriga. Dor o queimou, intensa, ardente, e ele caiu de joelhos. Seus servos vieram correndo, mas ele os dispensou com um aceno. Isto era um lembrete. Um lembrete de que, se tivesse subido apenas mais trinta centímetros, afundado Deliverance em seu coração, estaria morto. *Morto*. Estava segurando a arma que poderia acabar com ele, e precisava mantê-la longe de seus irmãos.

Reseph não poderia enfraquecê-lo.

— O que você está fazendo, porra? —

Peste rangeu os dentes ao ouvir a voz da mulher. Harvester. Um dos dois Vigilantes dos Cavaleiros — um do mal, um do bem, ambos anjos. Harvester acontecia de ser da variedade de anjos caídos do mal.

— Eu estou brincando comigo mesmo — disparou ele. — O que você acha que estou fazendo? —

Ela piscou, toda inocência fingida. — Se precisava ser lembrado de como Deliverance pode te machucar, eu teria ficado feliz em oferecer uma mão.

Não havia dúvida de que ficaria. Ela o odiava tanto quanto ele a odiava. — Por que você está aqui? —

Harvester assistiu com divertimento enquanto ele puxou a lâmina para fora de seu intestino. A lesão selou imediatamente e, a dor lancinante se reduziu a um incômodo.

— Eu recebi uma missão curiosa, e me perguntei se tinha alguma coisa a ver com você.

— Não sei. Ele se moveu para uma panela de água fervendo que estava sobre um fogo e mergulhou Deliverance nela. *Armas limpas resultavam em mortes limpas*, Ares sempre dizia. Peste podia pensar que Ares era um otário de primeira, mas só um idiota ignoraria seus conselhos de batalha. — Qual é a missão? —

— Altamente secreta.

— Eu *sou* o que há de mais alto — ressaltou ele, enquanto caminhava de volta para ela.

— Isso vai acima até mesmo de sua cabeça.

Desde que Peste estava no topo da cadeia alimentar demoníaca, isto significava que as ordens de Harvester poderiam vir de apenas um par de outros demônios, ou Zachariel, o anjo do Apocalipse que lançaram a amaldição dos Cavaleiros nas cabeças deles em primeiro lugar.

— Estas ordem fazem parte da atribuição de um Vigilante? —

— Não. Ela o observou enquanto ele enfiava Deliverance na bainha. — Esta tarefa é toda sobre interesses Sheoulíc.

Ah, então as ordens dela só poderiam vir de alguém dentro do fechado círculo interno de Satanás, que incluiu Lilith, a mãe succubus de Peste. Interessante. Sorrindo sedutoramente, ele arrastou um dedo sobre a pele suave do ombro exposto dela. — Você não pode nem mesmo me dar uma dica?

Ela devolveu o sorriso, embora o dela fosse amargo. — Tem a ver com os pergaminhos forjado, mas isso é tudo que posso dizer.

Ela mordeu o lábio inferior, e, por mais que ele a odiasse, precisava admitir que a forma como a sua presa escapava de seus lábios era sexy. Ele adorava quando anjos caíam, perdiam seus tolos nomes angelicais e ganhavam presas e um gosto por sangue. Ele

passou seu olhar de cima a baixo do corpo curvilíneo de Harvester, porque, na verdade, quando chega a hora, foder alguém que você odeia pode ser ainda melhor do que foder alguém que você gosta.

Harvester escondeu a presa. Que decepção. — Mas eu acho que não vai machucar dizer que o meu trabalho vai ajudar a garantir que o seu plano seja... desimpedido.

Graças ao Lorde das Trevas que pelo menos uma coisa estava indo bem. Agora, se a Aegis caísse em seu ardil, ele poderia colocar a outra parte do seu plano em ação. Não seria fácil de roubar um dos vampiros de Thanatos e substituí-lo por um doppelganger, mas ele daria um jeito. Ele sempre dava. Como Reseph, charme conseguia o que ele queria. Como Peste, ameaças funcionavam ainda melhor.

— O *seu* plano, você quer dizer. Era difícil de digerir que fora Harvester a lhe dar a ideia para o "cofre Aegis" e agora ele precisava apenas torcer que funcionasse.

— Vamos manter isso entre você e eu — disse ela. — Eu não quero ser acusada de 'ajudar'.

— Sem dúvida que não. O último Vigilante que quebrara as regras sofreu por décadas antes de finalmente ser destruído.

Harvester fungou. — Limos suspeitou de alguma coisa?

— Eu duvido. Ela se concentrou nos artefatos. Agora ele precisava torcer que os Guardiões que ela levou para a câmara seriam espertos o suficiente para localizar a caixa escondida onde Peste plantara o verdadeiro tesouro que ele queria que a Aegis encontrasse, os pergaminhos a que Harvester se referira. Os artefatos eram chamarizes, colocadas de modo que Limos acreditasse que os pergaminhos não tinham nada a ver com Peste.

Harvester olhou ao redor do porão, que fora reformado em um playground demônio, seu olhar parando no Guardião da Aegis em correntes. — Onde você o conseguiu?

— Apanhado das ruas na Hungria. Ele estava caçando um demônio Croucher. Os gemidos do Guardião eram musicais. Sensuais. — Você sabia que estou recompensando qualquer um que me traga um Aegi, morto ou vivo, sim?

— É claro. O submundo inteiro sabe que você estabeleceu uma

recompensa por Guardiões. Que tipo de informação você está tentando extrair dos vivos?

— As localizações dos quartéis gerais de suas células, bem como a localização da sede principal da Aegis. Este aí cedeu a localização de sua célula perto de Budapeste, que está agora sob o cerco dos meus servos. Peste suspirou, praticamente capaz de ouvir os sons da batalha. — Mas ele não sabe onde os centros regionais ou sedes globais estão.

— O controle da missão está em Berlim — Harvester disse.

— Não diga. Peste rangeu os dentes. — Mas eu não sei onde, exatamente. E nenhum desses fodidos abre o bico.

— A localização exata provavelmente é escondida da maioria deles.

É claro que era. O figurão principal da Aegis não gostaria de arriscar que um Guardião de baixo escalão derramasse suas entranhas, literalmente, neste caso, para um inimigo que usaria a informação para encenar um ataque ao próprio centro nervoso deles. Um ataque não iria apenas mutilar a organização, mas corriam rumores de que a maior parte de suas armas, segredos, e artefatos estavam armazenados na sede, e isto, para qualquer demônio, seria inestimável além da compreensão.

Peste gesticulou para o Aegi espancado. — Quer ver o que pode tirar dele?

Ela espanou fiapos invisíveis de sua legging preta. — Eu tenho coisas para fazer.

— Não, realmente. Ele enfiou os dedos em seu ombro com tanta força que tinha que ter machucado, mas ela não deixou transparecer. — Eu adoraria ver você operar.

— Que parte de ‘Eu tenho coisas para fazer,’ você não entendeu?

Ele estreitou os olhos para ela. — Sabe, eu nunca vi você fazer nada além de passear e ver os outros colocarem a mão na massa. Talvez você seja... delicada?

Ela bufou. — Difícilmente. Eu fiz coisas que você não pode imaginar.

Ele duvidava disso. Sua imaginação era realmente incrível. — Então me mostre.

Ela o encarou, duro e demoradamente. Finalmente, ela deu de ombros, escolheu uma lâmina serrilhada da seleção de instrumentos de tortura pendurados na parede, e testou seu gume. Sangue brotou ao longo do corte em seu dedo polegar. Ela o lambeu, selando a ferida, e a visão, o cheiro, o deixou como madeira instantaneamente.

— À sua maneira — disse ela com indiferença, e caminhou até o Guardião, onde começou seu trabalho horrível.

Ele observou, sua excitação crescendo com cada um dos gritos do humano. Seus planos estavam se convergindo. Logo, a própria Aegis colocaria o Apocalipse em movimento, Limos voltaria a ser a cadela do mal que nasceu para ser, e Arik... ele iria morrer.

Mas não antes de Peste reivindicar sua alma.



Demônios fodidos.

Essas eram as duas palavras favoritas de Arik, e ele continuava as repetindo. Bem, elas sempre foram favoritas, mas ele meio que suspeitava que o tempo passado neste buraco de merda apagara seu vocabulário e o deixara apenas com *fodidos* e *demônios*.

Arik estava sentado imóvel enquanto Tav terminava de curá-lo, de novo. Era a segunda vez em doze horas, o que não era incomum, mas Arik esperava que tivesse um alívio da tortura desde que eles decidiram executá-lo.

Não muito.

Ele lançou um olhar para a porta, onde lançara seu barbante trançado superfino em torno de uma barra enegrecida entre a parede e a fechadura. Até agora, ia tudo bem. Ninguém notara. Demônios não eram as criaturas mais observadoras do planeta.

— Então, Tav, o que você tem planejado para mais tarde?

Tavin tirou as luvas cirúrgicas. — Ir ao Sex Clov.

Certo. Demônio Seminus. Precisava fazer sexo ou morreria. — Supimpa.

— E você?

Escapar. Arik encolheu os ombros. — Eu provavelmente vou comer o balde de pele e entranhas de peixe que seus amigos me trazem. Depois disso, tenho quase certeza que eu terei um compromisso com o carrasco. Por quê? Você quer marcar um encontro?

Tavin jogou as luvas dentro de sua mochila médica. — Você não é meu tipo. Sems só conseguem gozar com uma fêmea.

— Huh. Eu não sou um demônio Seminus, mas só consigo gozar com uma mulher também.

Tavin riu, algo que Arik nunca o vira fazer. — Eu gosto de você, humano. Ele ficou sério, seu sorriso se tornando triste. — Duvido que o verei de novo.

Arik deu tapinhas nas costas. — Sabe, eu aprecio humor negro muito mais do que um adeus tolo.

Tav colocou a mochila sobre o ombro e sinalizou para o guarda. — Eu espero que você encontre paz, humano. Ele baixou a voz um pouco. — E lembre-se que se você sempre seguir o caminho da direita, nunca terá que fazer uma curva para a esquerda.

— Ah... okay. Eu não tenho qualquer citação desconcertante de sabedoria para você, mas ei, eu criei a regra de nunca apostar em cavalos brancos. Seguir esse conselho nunca me fez perder qualquer dinheiro.

— Vou me lembrar disso.

A porta se abriu, e Arik estrategicamente colocou sua mão sobre a corda artesanal que envolvera ao redor da barra vertical que trancava a porta. — Vejo você por aí, demônio.

Tavin saiu, e quando a porta se fechou, Arik arrastou os fios da linha para baixo, agradecido pelo trecho elástico, já que formou uma barreira entre o mecanismo da fechadura na porta e o trinco do parafuso na barra. Agora, ele só precisava rezar para que o pequeno osso que ele moeu até virar em um cinzel seria forte o suficiente para mover a fechadura pelo lado de fora enquanto a corda colocava pressão para deslizar no interior. Os demônios bastardos estúpidos não sabiam que Arik aprendera as línguas deles e descobriu em suas

conversas que apenas ossos iriam abrir a fechadura.

Um ponto para o humano, otário.

Tav ofereceu um aceno respeitoso, e uma vez que ele e os guardas desapareceram, Arik foi trabalhar. Mancando, por causa de seus tornozelos e o joelho direito que doíam da tortura recente, surrupiou o osso que parecia com uma agulha e se moveu para a porta. Apertando a mão entre as barras, ele inseriu o fragmento ósseo na fechadura e rezou para que funcionasse.

Cuidadosamente, ele puxou a corda, sentiu o ceder da fechadura, e seu coração deu um salto. Enquanto puxava ao redor com o osso, ouvia cliques e prestava atenção por padrões no mecanismo. Ele aumentou a pressão sobre a corda, e, gradualmente, o metal começou a ceder, até que o mecanismo recuou. Ele gentilmente empurrou a porta com o ombro, e ela se abriu com um rangido, o barulho de rasgar os ouvidos, para Arik, de qualquer maneira, colocou seu pulso em velocidade máxima. Se um dos demônios bastardos ouvisse...

Ele deu um passo para fora da cela. A sensação de liberdade levantou seu coração, mas, ao mesmo tempo, ele teve que lutar contra a ânsia perturbadora de retornar à câmara. Adrenalina voou através dele, fazendo-o suar, fazendo sua pele apertar, e ele realmente olhou para o interior da cela com incerteza.

Sim, sua hesitação era fodida, e o lado lógico do seu cérebro que se lembrava de seu treinamento militar o lembrou que sua reação era comum em pessoas e animais que haviam sido mantidos em cativeiro. O horror da prisão poderia ser muito menos assustador do que o horror do lado de fora. O horror do desconhecido.

Mas Arik pensara que fosse mais forte do que isso.

Foda-se, ele *era* mais forte do que isso, e deu o primeiro passo pelo corredor escuro. Em torno dele, ouviu o gotejamento incessante que o deixara louco por semanas, mas até agora, sem passos ou vozes. Silenciosamente, ele caminhou de pés descalços pela caverna sinuosa, mas quando chegou a uma bifurcação no caminho, parou. Um caminho continuava para a escuridão, tornando-se mais nebuloso quanto mais seguia, e, enquanto o outro caminho era tão escuro

quanto o primeiro, parecia ter uma ligeira inclinação. Desde que Arik precisava subir para chegar ao reino humano, não era preciso pensar na escolha.

Ele começou no caminho, parando de vez em quando para ouvir os demônios. Havia o distinto ruído de ratos infernais espinhosos roçando enquanto eles corriam ao longo dos túneis, mas sem outros sons demoníacos. Até agora, ia tudo bem.

Até a próxima bifurcação.

Ambos os túneis eram escuros, atravessados por estalactites e estalagmites, e sério, que porra é essa? Como o caminho poderia ir de ser relativamente suave para uma maldita pista de obstáculos?

Ele ponderou a bifurcação, jogou três rodadas de Uni-Duni-Tê, e soltou um suspiro de frustração. Qual caminho...

Lembre-se que se você sempre seguir o caminho da direita, nunca terá que fazer uma curva para a esquerda.

Ele piscou. Tavin lhe dera uma pista? Aquele Sem sorrateiro. Não tendo qualquer opção melhor, Arik tomou o caminho da direita, com o cuidado de tecer seu caminho em torno das projeções de pedra. Quando ele chegou ao próximo conjunto de túneis, e três deles, desta vez, ele continuou a direita. A curvatura geral do túnel desviava para a esquerda, mas uma e outra vez, quando chegava às escolhas, seguiu para a direita. E estranhamente, não encontrou quaisquer demônios.

Ele caminhou pelo que pareceram horas, até que seus pés sangravam e seu intestino apertava de sede. Os túneis ficavam mais e mais quentes, alguns densos com vapor e fumaça, e outros tão vazios de oxigênio que mais de uma vez ele quase desmaiou.

Ele deixou um rastro de sangue atrás de si enquanto andava, e merda, isso era uma droga. Ruim. Ele tropeçou algumas vezes, cortou as mãos, os joelhos, e suas calças de hospital eram agora pouco mais que trapos rasgados. Ele fantasiava sobre comida e cerveja e frio, e, para sua irritação, Limos, enquanto seguiu em frente, com os olhos abertos, seus sentidos, que pareceram entorpecidos por tanto tempo, agora em alerta máximo.

Então, do nada, suas esperanças e fantasias caíram sobre ele como se tivesse levado um golpe de um míssil Tomahawk.

— Olá, Arik.

A voz profunda e ameaçadora congelou Arik até a sua própria medula. Peste o encontrara.

Capítulo Seis



Limos entrou no quarto de emergência no Underworld General, que estava mais agitado, merda. Uma enfermeira de cabelos dourados, Vladlena de acordo com o crachá, abrandou com um paciente sangrando.

—Eidolon está em cirurgia—Ela apontou na direção da mesa de triagem. — Shade está ali.

— Eu não estou aqui por...

Vladlena saiu sem ouvir, mas Shade a avistou. Grande. Shade companheira preocupada com seu irmão. E, naturalmente, já que a estava sendo uma grande dor na bunda recentemente. Ele estava acasalado com a irmã de Arik, e embora não parecesse haver qualquer amor perdido entre Arik e Shade, o demônio não estava feliz de ver sua situação de Arik foi culpa de Limos indiretamente, já que Arik a beijou, não o contrário, Shade tem feito a vida de limos um inferno.

Shade jogou a prancheta que estava segurando na recepção e saiu. —Você tem notícias?

— Nada de novo, — disse ela. — Estou aqui para atender Kynan.

— Acabei de desligar o telefone com ele. Ele está a caminho.

— Obrigada.

—Você pode me agradecer por encontrar Arik.— Ele se afastou antes que ela pudesse responder. Imbecil.

Ela mergulhou a mão no bolso e brincou com dogtags de Arik quando observou o fluxo incessante de pacientes que vêm através da ER⁽³⁾.

O que ele estava fazendo agora? Ele estava gritando em agonia? Estava encolhido? No escuro, com frio e medo? Estava pensando sobre ela e xingando o nome dela? O cheiro em um suor pegajoso cheirava a culpa. Podre, espesso, amargo, culpa.

Desesperada por uma distração parou Vladlena novamente.—É

sempre tão ocupado?

– Ultimamente, – ela suspirou. – É todo o tumulto do submundo. Aqueles que querem que o Apocalipse comece a luta, aqueles que não querem, e então os *warg* começaram a guerra de novo, e uma nova praga está afetando os metamorfos felinos, por isso estamos recebendo um fluxo deles.

Limos não tinha dúvidas de que era Peste por trás da praga dos metamorfos, sua forma de enviar uma mensagem. Ou seja, que uma vez que o Apocalipse comece, os metamorfos têm melhor lado com ele, ou ele levá-los todos para fora com um toque de um dedo.

Vladlena saiu quando Kynan entrou no portão, seus olhos azuis denim instantaneamente zerou em Limos. –O que é? – Disse ele por meio de saudação.

– É bom ver você também, – ela murmurou. – Vamos lá. Tenho algo para lhe mostrar. Algo que você pode achar útil. – A situação acariciou todo o seu centro de prazer e a deixou um pouco tonta.

Kynan amaldiçoou, mas entrou no Harrowgate com ela. Desde que ele foi encantado por anjos, tinha um pouco de medo, mas não a surpreendeu quando o portão se abriu ele hesitou.

–Se isso for uma armadilha

–Não é. – Mas sim, poderia entender sua preocupação. Ela o levou para um túmulo lacrado, abriu uma porta e entrou sem ele, ele ficaria preso até que seus amigos o encontrassem... O que poderia ser um longo, longo tempo. – Veja a caixa de pedra. É um cofre Aegis. Encontrei quando estava procurando meu agimortus.

Um tiro de adrenalina transmitido em suas veias, e por um momento, teve que respirar através do choque adorável. Fazia tanto tempo que disse uma mentira tão grande, tanto tempo desde que tinha conseguido uma emoção proibida com esta, que esqueceu o quão grande sentia.

O peso escalar em seu ombro fez uma ponta substancial a favor do mal, lembrando-a da gravidade do que acabou de fazer. Quanto mais escalas de ponta e quanto mais tempo eles permanecessem ponderando para o mal, as escolhas mais pobres que ela fez, não se importava com ninguém, mas a si mesma.

Pior, iria gostar sofrimento dos outros. Ia começar a fome por diversão, e tudo o que precisaria era um toque. Poderia colocar o dedo sobre um único homem, e não importa a quantidade de comida que ele comesse, lentamente morreria de fome, e todos que ele entrasse em contato sofreriam o mesmo destino. Todo o tempo teve que rir. Ela faria olharem Peste como um escoteiro.

Maldito seja irmão.

Kynan estava silencioso como um gato quando se arrastou até a caixa e se ajoelhou ao lado dela. Peste deixou aberto, a tampa torta pesada. Kynan avaliou o olhar viajou sobre o símbolo Aegis na tampa, e então, cuidadosamente, pegou uma das moedas dentro, usando o polegar para limpar o pó.

— O que é tudo isso? — Ela perguntou.

—Eu não sei. Algumas destas peças podem ser encantada, usado em certos rituais... Não tenho certeza. Nós precisamos estudá-las. — Ele olhou para ela. —Você é velha... Você viu algum dessas antes?

Velha? —Eu prefiro pensar em mim como mundana, e não velha. Nunca vi antes. — A mentira bateu mais prazer em seu corpo. Engraçado como isso poderia dar uma gratificação física, mas angústia mental. Uma pequena parte dela atualmente esperava que Kynan não se apaixonasse pelo presente mesmo com o elevado formigamento demitido ao longo de cada terminação nervosa. — Vocês encontram um monte dessas câmaras Aegis esquecidas?

Qualquer plano que Peste tinha poderia depender da credibilidade de seu argumento em cima de um tesouro perdido Aegis.

—De vez em quando, — disse ele. — Registros foram perdidos, por isso alguns desses lugares foram esquecidos. E em outros casos, uma pessoa, foi dada uma tarefa com pressa, um objeto que precisava ser escondido, e então, antes que os Guardiões pudesse revelar o local, eles morreram. Então, sim, há um número de câmaras que sabemos existir, mas não podemos localizar e esconderijos que nunca soube como tropeçar. E, com o Apocalipse vindo até nós, as descobertas estão aparecendo em números recordes.

—Porque as coisas uma vez escondidas querem ser encontradas quando o fim do mundo está próximo, — ela murmurou, citando um

profeta Aegis antigo que conheceu por volta do prenuncio do cristianismo.

— Exatamente. — durante a sentença Kynan traçou o seu dedo sobre um dos colares no fundo do cofre. — À medida que o final do mundo se aproxima, os segredos são revelados.

Segredos revelados. Limos não gostou do som disso. Fechou os olhos, tentando ignorar seu passado, sua culpa, em não fazer um bom trabalho. Tinha enganado muitos, desde o dia em que saiu do Sheoul até agora. E, tanto quanto queria avisar Kynan sobre os objetos que lhe mostrou, não podia. Muito estava em jogo. Os artefatos estavam nas mãos de Aegis agora, e o que eles fizessem com eles não era sua preocupação.

Um som de arranhar a fez abrir os olhos para ver Kynan retirar areia longe da base da caixa de pedra.

— O que você está fazendo?

Ele lambeu os lábios, com uma expressão de intensa concentração. — Às vezes estas caixas têm compartimentos ocultos.

Ela se agachou. — Posso ajudar?

— Eu não faria isso. Eles são geralmente armadilhas para alguém, se um Guardião tenta abri-los, tanto os conteúdos são destruídos, ou a pessoa que tenta abrir recebe uma surpresa desagradável.

Ele pressionou um símbolo esculpido com o dedo indicador. Houve um ruído, seguido por um sopro de areia que fez a ambos tossir. Kynan acenou com a mão para limpar a nuvem marrom, e quando as partículas caíram, uma gaveta foi revelada. Dentro havia três pergaminhos de aparência frágil.

— Legal, — ela respirou.

Ela se perguntou se Peste tinha conhecimento da gaveta. Talvez esta descoberta fosse compensar todo o mal que Peste estava fazendo com os artefatos.

Kynan pegou um. — Os selos estão intactos. — Seu sorriso, quando olhou para ela, era um que poderia deixar uma mulher bêbada se quisesse. — Obrigado, Limos. Entre os artefatos e os pergaminhos, este pode vir a ser um dos nossos melhores achados em um longo tempo.

Culpa azedou a boca. – É. Sem problemas. Está pronto para ir?

Kynan desfraldou a sua altura, que tinha bem mais de dois metros. – Sim. Apenas um minuto.

Ele cuidadosamente encheu seus bolsos com os tesouros. – Se você puder me levar para Berlim, eu ficaria grato.

– Local específico?

–Não. – Seu sorriso lhe disse que não queria dar a localização da sede da Aegis, a ela.

Ela abriu um portal. –Vamos.

–Espere. – Ele agarrou seu braço, e ela resistiu à vontade de jogá-lo do outro lado da câmara por tocá-la. Não que ela pudesse. Tentar ferir Kynan era inútil. –Você está fazendo algum progresso na localização de Arik?

– Não, – ela disse suavemente, – não tenho. Estou no meu caminho de volta para a boca do inferno, no entanto.

Seu celular tocou, e verificou esperando que fosse Than, mas o que viu fez seu sangue correr de tanto frio. – Ah... Deus.

– O que é isso?

A atualização piscando em seu aplicativo do submundo encheu a câmara com um brilho estranho. – A rede de jogos de azar. Está movimentado. – Dor esfaqueou o peito, e por um segundo teve a certeza que estava tendo um ataque cardíaco. – As probabilidades de Arik morrer amanhã despencou.

– Isso é uma boa notícia.

–Não,– ela sussurrou. – Não é.–Ela olhou para cima. – O boato é que ele escapou. As chances agora são de que ele esteja morto em uma hora.

– Ei, Peste. – O tom leve de Arik foi resultado de sua garganta seca.

– Você realmente acha que vai escapar?

Arik virou-se, esperando que o seu estremecimento pela pontada dolorosa no quadril parecesse um sorriso casual. –Não. Saí

para fazer algum exercício. Como você me encontrou, afinal?

Peste, seu grande corpo envolto em armadura manchada que escorria material oleoso nas articulações, coçou o queixo como se imerso em pensamentos. Como se o filho da puta tivesse mais do que uma célula cerebral. — Ratos infernais espinhosos são meus espiões. Mas, porque vale a pena, foi uma tentativa nobre. Impressionante, na verdade.

— Vivo para a sua admiração.

— Tenho certeza.

O estômago de Arik roncou, o som ampliado pela acústica do túnel, foi um pouco embaraçoso. — O que é que você quer de mim? Porque tenho que te dizer, há muito pouco que você pode fazer que não foi feito.

O Cavaleiro sorriu, expondo algumas presas. — Nós vamos nos aproximar, você e eu muito, muito perto.

Arik ingeriu. Tentou, de qualquer maneira. Sua garganta estava seca demais. Mas definitivamente não gostou do som da coisa *perto* de Peste. — Olha, tenho certeza que você pode fazer todas as senhoras demônios molharem suas calcinhas, mas não estou assim tão interessado.

— Porém você está interessado em um Cavaleiro, não é? Você está aqui porque você não pôde manter suas mãos longe da minha irmã. — Peste encolheu os ombros. — Eu não vou julgar. Ela tem essa qualidade de garota má inatingível acontecendo. Levou bolas para você beijá-la, mesmo com você sendo um ser humano patético e tudo.

Exausto demais para brincadeiras, Arik caiu contra a parede da caverna. — Basta fazer o que você veio fazer. Leve-me de volta para a cela. Mate-me. Qualquer coisa que seja. Estou cansado dos jogos.

Peste encarou o rosto de Arik, num piscar de olhos com os dedos ao redor de sua garganta. Arik nem sequer teve uma chance de lutar antes de ser levantado no ar e lançado na pedra com tanta força que seus dentes batiam.

— Eu adoraria te matar agora, mas tenho outros planos. — Peste lançou Arik contra a parede novamente, e o chiado de ossos quebrando ecoou como tiros fora das paredes de pedra.

Dor ateou fogo a cada terminação nervosa. Ele pendia, olhando com horror como o filho da puta o pegou afundando suas enormes presas em sua garganta. Arik esmurrado, arranhado, lutando tão duro quanto podia, mas nada que fez pareceu perturbar Peste.

Aos poucos, a perda de sangue minou sua força, até que sua luta era nada mais que contrações estáticas. Ficou tonto, tonto e finalmente, todas as dores desapareceram, deixando-o alegremente dormente.

Peste levantou a cabeça e, embora a visão de Arik estivesse escura, sentiu a aspereza da língua do cara deslizando sobre as perfurações. *Loucura*, pensou Arik só agora como essa coisa de vampiro era.

Peste o soltou, e ele caiu pesadamente no chão, aterrissando em uma pilha, amassado, imóvel. Arik ouviu o barulho de armas, e em seguida, algo foi contra sua boca, e o líquido quente fluiu sobre sua língua. No início, ficou grato, a umidade aliviou sua língua seca e garganta, e engoliu avidamente.

Até que percebeu que a umidade era sangue...

Inferno Santo estava bebendo sangue do cavaleiro. Seu corpo colidiu quando a dor correu por ele, e de repente estava se debatendo como um animal morrendo na beira da estrada, com os membros descontrolados, sua cabeça batendo no chão de pedra. Peste lutou com ele no chão com seu corpo enorme, blindado, obrigando Arik a continuar bebendo, mesmo que quisesse vomitar.

Manchas brancas flutuando na frente de seus olhos e as trevas o cercaram, sugando-o em um vórtice de esquecimento.

E então estava sozinho, deitado no chão. O estreito túnel não pareceu familiar, e o teto era tão baixo que um homem de tamanho médio teria que se abaixar para atravessá-lo. Misturado com o sufocante calor escaldante e uma brisa fresca. Bem, não é legal, exatamente. Mais como um empalamento de uma pequena brisa.

E espera... O que aconteceu? Como chegou ali? Por que não estava em sua cela?

Não importa. Precisava encontrar a fonte da brisa. Tentou ficar de pé, mas não funcionou. Nada abaixo da cintura funcionava.

Supôs que devia estar em pânico, mas mentalmente estava tão insensível como a parte inferior do corpo.

A brisa acenou para ele, e alcançando com profundidade a pouca energia que permaneceu em seu corpo quebrado, enfiou os o solo negro e arrastou-se para o ar fresco. Reclamou do calor, o vaporedos n e fumaça queimaram seus olhos, e suas unhas quebraram. Mas pequenas contrariedades sumiram à medida que luz apareceu a distância, dando esperança e força de vontade para continuar.

Arrastando-se, grunhia com cada centímetro de progresso, até que, finalmente, querido Deus, finalmente, encontrou-se no precipício entre o inferno e a terra.

E então percebeu, enquanto olhava para a goela escancarada de um enorme vulcão borbulhando, que nada havia mudado. Saiu de um inferno, mas este não era diferente. Este era o inferno na terra.

A boca do inferno do vulcão parecia o mesmo para Limos tanto quanto olhou mais cedo. Enegrecida, com vapor subindo em direção a ela, embora a maior parte fosse desviado pelo ar que saía de Sheoul.

Kynan veio com ela direto depois que fecharam a câmara no Egito. Tudo o que podia pensar era nas chances do jogo que viu. Os demônios que monopolizavam o submundo e, agora, a indústria de jogos de azar do mundo superior, eram assustadoramente precisos, e o fato de que eles tivessem dado a Arik alta probabilidade de morrer dentro de uma hora era além de ruim.

— Onde é a entrada? — Kynan disse, enquanto pegava o seu caminho através do um campo de pedra irregular.

Ela virou a cabeça para a bolha brilhante que espalhou um buraco no lado da montanha. — Bem ali. Vamos.

Ela caminhou em direção a ele, mas um gemido de dor deteve em sua trilha. Girando em volta, concentrou-se em uma fenda na terra a poucos metros da entrada do túnel. Era uma mão de um...? Sim. Andou sobre uma pedra afiada como cacos de vidro para onde a mão

transformou-se em um braço, e em seguida um torso e a cabeça tornou-se visível, e seu coração ficou louco.

Arik.

Querido... Deus. A boca tão seca que não podia engolir, caiu de joelhos ao lado dele. Tinha visto tanto em sua vida, mas a visão deste homem, que foi tão poderoso, tão saudável... Mas que agora estava magro, sua pele picada com bolhas do calor e cinzas enegrecida... O horror fez sua própria pele encolher. Em seu braço, Bones se contorceu ao sentir o cheiro de sangue Arik.

– Arik, – ela sussurrou. – Sou... eu, Limos.

Kynan veio por trás dela, e ele murmurou, – Cristo, – ecoou pela cratera. Ele caiu sobre os calcanhares e descansou dois dedos contra a garganta de Arik quando se inclinou para colocar o rosto perto da boca de Arik. – Ele está respirando. Pulso está irregular. Temos que fazer com que ele...

Kynan saltou para seus pés, surpreendido por um enxame de demônios que estava cobrindo a parte de fora da entrada da Boca do Inferno. Ele saltou e virou para ela. – Vá! Leve Arik!

Limos não discutiu. Ela abriu um Harrowgate e reuniu Arik em seus braços, surpresa com o seu peso. Ele estava magro, mas manteve algum músculo e de alguma forma manteve mais peso sobre ele do que esperava.

Uma flecha passou muito longe de sua cabeça enquanto entrava pelo portal. Um furo em um tronco de árvore fora de sua casa privada havaiana, por pouco não acertando seu jardineiro. Mantendo Arik contra ela, pisou na areia. Seu chef de cozinha, e um de seus três guardas, todos lobos metamorfos de um bando próximo vieram correndo.

–Preciso de ajuda leve-o para o meu quarto. – Ela assentiu com a cabeça para seu chef, Hekili. – Vá ao Underworld General e traga o médico chamado Eidolon aqui.Rápido.

Os outros a ajudaram com Arik e colocaram um edredom rosa com babado em cima dele. Trouxeram água quente e uma toalha, e, enquanto esperava por Eidolon, limpou Arik, fazendo movimentos lentos e suaves sobre a pele. De maneira que não raspou as bolhas ou

os cortes abertos inflamados e a parte íntima, seus dedos estavam gastos até o osso, e seu pescoço foi atacado por um par de presas enormes. Não havia um centímetro dele que não estivesse ferido.

—Oh, Arik, — ela murmurou. — Se você não tivesse me beijado. Se você não tivesse me feito querer você... — Um canto de sua boca inchada levantou em um fantasma de um sorriso, e empurrou de surpresa. — Você pode me ouvir?

Seus lábios rachados ergueram em um grande sorriso antes de se instalaram em uma linha quando a dor beliscou novamente. Num impulso, ela se inclinou e tocou sua boca dele de leve, esperando por uma resposta.

Nada. Mas então, o que esperava? Que de repente ele se sentasse, bom como novo? Que seu beijo iria acordá-lo de seu tormento?

Sempre amou os contos de fadas, como princesas sempre tem seus príncipes, mas isso não era fábula infantil, onde ele magicamente fica melhor por causa de seu toque. Esta era uma história de horror e era culpa dela que ele se machucou em primeiro lugar.

Suspirando, limpou o sangue de um corte profundo em sua mandíbula. Havia cortado recentemente, mas não ponderou porque, demônios carcereiros muitas vezes cortavam seus prisioneiros para manter sua pele exposta e sensível à tortura.

Deus, o que deve ter passado. — Eu... — Parou incapaz de dizer isso. *Sinto muito*. Crescendo, sempre foi proibida de dizer as palavras. Já sentiu pena sobre qualquer ação. *Desculpa* significa fraqueza. A única vez que pediu desculpas a um mensageiro que trouxe uma mensagem de seu noivo, sua mãe a puniu arrancando os olhos do macho antes de jogá-lo aos seus escravos para profanar.

Não... Desculpa não era uma palavra para jogar em torno levemente, e disse apenas uma vez desde então. No mês passado, quando o servo de Ares, Torrent, foi morto, a dor de seu irmão substituiu a educação dela, assim como Arik estava ameaçando fazer agora.

Eidolon, vestindo jaleco chegou encerrando suas rumações escuras, e não sabia que Shade estivesse com ele, parecendo todo

arrogante em seu uniforme preto de paramédico. Os irmãos, a semelhança era tão forte que se não fosse o cabelo preto curto de Eidolon e cabelo mais longo de Shade poderiam ser confundidos como gêmeos. Kynan veio atrás deles pingando sangue de demônio.

– Você deveria ter trazido Arik ao UG⁽⁴⁾– Eidolon disse, quando cruzou para a cama.

O desejo de dar uma desculpa dramática trivial, porque, francamente, poderia usar uma dose de euforia agora, mas cerrou os dentes e contou a simples verdade. – Não queria que ninguém soubesse que ele foi encontrado.

Eidolon pegou um par de tesouras de fora do saco vermelho de Sahde e colocou aos pés de Arik. – Quem é qualquer um?

–Os demônios de quem ele escapou. – Ela olhou para Kynan. – Estou supondo que você matou aqueles que nos atacaram?

–É. Uma vez que você se foi, eles tentaram voltar para dentro da boca do inferno, mas demônios sem cabeça não vão muito longe.

Shade ajudou Eidolon a cortar as calças para despir Arik, e Limos praticamente balançou com raiva ao vê-lo inchado, a carne machucada e ossos quebrados cutucando atrás da pele. Iria destruir os bastardos que tinham causado isso.

–Você não acha que alguém vai adivinhar que Arik está com você? –Shade perguntou.

–Ninguém sabe onde eu moro. E o Underworld General tem um tipo de... fama. E não confio em sua equipe.

Eidolon lançou um olhar sombrio antes de apalpar a testa de Arik, seu demônio brilhou quando ele canalizou sua capacidade para o humano. – Ele está em má forma. Muito ruim. – Franziu a testa. – Há uma grande quantidade de dano curado. Santo inferno, ele teve sua orelha perfurada, cada osso quebrado várias vezes, o crânio é uma massa de fraturas. Seus órgãos estão cobertos de cicatrizes.

–Então, alguém o curou?–Limos ia fazer com os captores de Arik toda a experiência que ele teve. Sem a cura. – O que ou quem poderia ter feito isso?

Shade pegou o IV⁽⁵⁾ suprimimento de sua bolsa. – Feitiços poderiam ter sido usados. E existem algumas espécies de demônios

que têm habilidades similares a nossa, embora não tão poderosos.

A cara de Eidolon tornou-se uma carranca, e então um grunhido. — Não posso reparar qualquer das lesões antigas, o que significa que foi um Sem que o curou. Arik vai ter que lidar com esse dano para o resto de sua vida. Posso consertar um monte de coisas, mas não o trabalho de outro Sem.

— O que você quer dizer? — Kynan moveu a seu lado.

Eidolon apalpou o abdômen de Arik. — É como ter alguém remendando um osso da perna quebrado, mas não saber o que está fazendo. O osso vai curar, mas vai curar errado, deixando a propensão dos membros torcidos. O curandeiro de Arik fez isso com praticamente tudo. Quem fez isso fez o suficiente para manter Arik vivo, mas ele não era preparado.

— Não há nada que você possa fazer, — ela perguntou, quando Shade pendia um saco de líquido claro a partir do canto de cama e em seguida, inseriu uma agulha na parte de trás da mão de Arik.

Eidolon balançou a cabeça. — Uma vez que algo foi curado por outro demônio Seminus... Não pode ser desfeito.

Limos amaldiçoado.— E sobre as lesões imediatas? A merda que ele com que está lidando com agora?

— Estes eu posso corrigir. — Eidolon acenou para Shade. — Preciso de sua ajuda, mano. Ele tem fraturas de coluna vertebral, uma medula espinhal cortada, queimaduras de terceiro grau, fratura compostas nas tíbias e lacerações múltiplas. Se você puder lidar com sua dor, vou começar a cura.

— Espere.—Em algum momento, ela pegou as dogtags de Arik do bolso e agora, as segurou como se sua vida dependesse do aperto firme dela.— Sua coluna está quebrada? Como, ele está paralisado?

— Por enquanto. Nós vamos corrigi-la.

O médico parecia tão confiante, e esperava como o inferno que ele pudesse fazer o que dizia. Shade agarrou o pulso de Arik, e o demônio brilhou como seu irmão. Ela caminhou apertando a corrente com as placas e desgastando o piso de madeira. Tentou não olhar, mas cada vez que Arik gemia, ela se encolhia, olhar doía com a visão de sua pele pálida como cera e dor beliscando sua expressão.

Por duas vezes ela se pegou dirigindo em direção a Arik como se pudesse ajudá-lo, mesmo que tudo o que pudesse fazer era segurar sua mão. Estaria ele confortado com seu toque, ou lhe causaria mais sofrimento?

E por que se importa? Claro, os padrões em seu ombro foram uniformemente equilibrados novamente, mas essa ainda era a primeira vez que se preocupava como alguém além de seus irmãos.

Frustrada com a direção de seus pensamentos, se concentrou em coisas fúteis, como planejar o seu esquema de cores para as unhas. Será que Arik gosta de laranja e limão?

Finalmente, Eidolon recuou e enxugou a testa de suor umedecido com as costas da mão.

—Ele vai precisar descansar e quando acordar certifique-se que receba comida e líquidos. — Eidolon puxou o lençol até o peito de Arik. — Chame-me se algo não estiver certo.

Shade retirou o tubo e cateter da veia de Arik e colocou a bolsa de soro vazio e suprimentos em sua mochila. — Vou deixar Runa saber que ele está aqui. Ela vai querer vê-lo.

— É claro. Vou contatá-lo quando ele acordar.

—Limos. — Kynan arremessou uma moeda em sua palma vazia. — Tenho um presente dos demônios que eu matei. Quem é Sartael?

Sartael? Bem, surpresa, surpresa. Segurou a fatia fina de metal para a luz e examinou o símbolo da caveira com asas que era marca de Sartael.

— Ele é um anjo caído que preside as coisas perdidas e escondidas. Existem também alguns boatos obscuros sobre ele ser nosso pai.

Kynan levantou uma sobrancelha. — Pensei que o seu pai fosse um anjo chamado Yenrieth.

—Sim, mas ele não foi visto desde que Lilith ficou grávida. Anjos geralmente começam com um novo nome quando caem, e muitos dizem que Yenrieth caiu como punição por engravidar um demônio. De acordo com alguns rumores, ele se tornou Sartael... Não foi visto desde então, após Lilith dar à luz.

—Então, por que um demônio estava carregando uma moeda

com a marca de Sartael?

— Aparentemente, — pensou, — ele está de volta. Esta moeda estaria imbuída com magia de localização. Isso levaria o portador a Arik.

— Arik ainda está em perigo de ser encontrado?

— Agora que ele não está mais em Sheoul está a salvo de Sartael. Fora de Sheoul os poderes de localizar demônios e artefatos demoníacos de Sartael são limitados. — Ela virou a moeda na palma da mão. — Arik estará seguro comigo.

Olhar afiado de Kynan pegou o dela. — Ares tentou matar Arik antes de ele ser levado para Sheoul. Como eu sei que ele vai ficar bem com você?

Limos tentou não se ofender, mas ainda retrucou. — Porque não teria chamado Eidolon se eu quisesse vê-lo morto.

— E o que dizer de seus irmãos?

— Eles não querem vê-lo morto, também. — Essa inverdade particular veio facilmente, provavelmente porque quisesse que fosse verdade. — Você tem a minha palavra Kynan.

Kynan deu um único aceno de cabeça e saiu com Shade e Eidolon. Quando a porta fechou, Arik gemeu. O som era uma lança em seu intestino. Ela nunca foi do tipo de oferecer conforto, não teve nenhum problema oferecendo sua opinião, mas o desejo de cuidar do outro nunca foi parte de sua personalidade.

Moveu-se para a cama, seus passos hesitantes, como se estivesse se aproximando de um urso ferido e não um homem inconsciente.

— Arik? — Sua voz era um coaxar de sapo.

Ele gemeu de novo, mais alto, sua mandíbula apertada como se a dor fosse insuportável. Talvez devesse buscar Eidolon, seu corpo ficou tenso e tremeu, e ele sacudiu a cabeça, os tendões em seu pescoço esforçando quando abriu a boca em um grito silencioso.

Pensamentos de buscar o médico demônio saíram pela janela, substituída por uma súbita necessidade de acabar com o sofrimento de Arik. Apressadamente, subiu na cama com ele e usou seu corpo para controlar a temperatura. Tão gentilmente quanto podia, descansou a cabeça em seu ombro e colocou a mão em seu peito. Seu coração batia

em sua palma e tamborilava em seu ouvido. Este foi o mais próximo que já tinha chegado a um homem intimamente, pelo menos, e o seu pulso deveria combinar com o dele assim?

Isso fez seu corpo arrepiar e sentir estranhamente... Bem... Quando ela nem sequer sabia que havia algo errado.

Outro gemido dragado de seu peito, o som de tanta agonia. Ele foi curado fisicamente, mas mentalmente... Não queria nem pensar sobre que tipo de dano havia sido feito. Ele empurrou seus músculos num espasmos tão violentamente que agitavam seus braços.

—Shhh. — Usando um leve toque, acariciou-o muito calmante, passando por seu cabelo, sobre sua mandíbula e para baixo em sua garganta. Ele se acalmou, mesmo sua respiração, a ascensão e queda de seu peito se tornando constante. — É isso. Durma.

Sua mão subiu, assustando-a quando seus dedos circularam seu pulso. Ela observou, sem fôlego, quando ele colocou a palma da mão contra os lábios no que ela jurou ser um beijo. Confusa com a sua ternura e sobrecarregada pelos sentimentos que agitaram dentro dela, ficou completamente imóvel. Ninguém nunca tinha sido tão... Nem sabia a palavra para isso, isso é estranho, alguém fazer isso para ela.

Tudo que sabia era que seu nome como Cavaleiro, Fome, era apropriado. Ela sempre estava morrendo de fome por algo que não podia nomear, porque não experimentou. Agora tinha.

Toque de um homem. Afeição de um homem.

Agora estava com mais fome do que nunca, e só podia ser uma coisa ruim.

Capítulo Sete

Calor. Suavidade. Conforto.

Arik gemeu de luxuria. Ele abriu os olhos, esperando ver a rigidez preta de sua cela, mas ao invés disso, um ventilador de palmeira girando em preguiçosos círculos em uma tenda branco pérola, e uma brisa do mar e sol quente fluindo através das janelas abertas.

Sonhando. Ele estava sonhando de novo. Cara, ele adorava sonhar. Por pouco tempo, ele podia encontrar paz e uma pequena medida de alívio da constante fome e dor.

Fechando seus olhos, ele rolou ... e bateu em um corpo quente. Um quente corpo feminino. Ele não precisava olhar para saber quem era. Seu cheiro tropical, como bronzeador e rum, encheu suas narinas.

Ele devia empurrar Limos para fora da cama e chutar sua bunda. Mas isso era um sonho, ela estava quente, e isso era o melhor que sentia desde que ele fora jogado na cela.

Em um piscar de olhos, ele a tinha escondido debaixo dele, sua boca na dela, e embalou seus quadris entre suas pernas. Ela soltou um grito de surpresa e indignação, mas ele a silenciou com a língua.

Ooh, e a mão... ele estava pelado. Geralmente nestes sonhos , ele tinha que se despir. Ou deixar Limos o despir.

Suas mão vão até seus ombros, quase tentativamente, que lhe pareceu estranho, ela era agressiva, uma exigente tigresa que tanto pega o que ela quer ou faz seu trabalho para o que *ele* quer.

Agora ela estava sendo uma tímida gatinha, que tinha que ser um jogo.

Sua mão deslizou ligeiramente para debaixo de suas costas, e sim, jogo. Limos não fez luz. Ela fez na sua cara, aranhou, mordeu, e chutou, com um lado de veneno na língua.

Língua... que foi deslizando contra a sua, de novo, timidamente, e droga, ela era boa nessa doce merda inocente. Estranhamente, era

um tesão, e ele arqueou, colocando seu pau duro firmemente contra seu calor e enquanto alisava uma mão sobre a cintura dela. Seu gemido misturado com o dela, e seu toque crescendo firme, a ação da sua língua agindo mais confiante. Ele jogou junto, a deixando aprender sua boca no seu próprio ritmo, mesmo pensando que seu corpo exigia que ele a tomasse do jeito que ele sempre fez nesses sonhos.

Limos lambeus seus lábios, acariciou seus dentes com a ponta da sua língua assim como seus dedos cavaram um pouco nos músculos nas costas dele. Ele queria dizer a ela para apertá-lo com mais força, para deixar suas unhas marcarem sua pele, mas isso era tão diferente do outro sonho sexual, tão real, e ainda assim tão tenro que ele apenas deixou acontecer.

— Oh, sim – ele sussurrou contra seus lábios, seus quadris rolando apesar de seu desejo de levar as coisas devagar.

Ele mudou de posição para que pudesse tirar a camisa enquanto salpicava sua pele com beijos. Ela tinha gosto de céu e de inferno, luz e escuridão, doce e apimentado. Ele lambeu e aninhou sua garganta enquanto ele deslizou a mão de sua barriga plana para o peito. De novo, este sonho era diferente dos outros em que seus seios não eram tão grandes quanto antes, eram ao invés punhados de carne firme que se encaixam as palmas das mãos como se fossem feitos para eles. Ele sacudiu o polegar sobre um ousado mamilo e acariciou a pele de seda por baixo com os dedos trêmulos. Ele sentia como fosse a primeira vez com ela, o que era tão estranho, porra.

Limos subiu as pernas até ficar de joelhos e pegou na sua cintura, e ela inclinou a pélvis para encontrar seus movimentos de balanço, a fricção entre eles se construiu mais rápido que ele esperava. Seu eixo estava tão rígido que se sentia frágil, suas bolas tão cheias de gozo que ele podia explodir, e quando as mãos de Limos caíram para sua bunda e puxou-o firmemente contra ela, ele sabia que era somente ter um toque sensual ou uma palavra suja, e estaria acabado.

Um grunhido rasgado da sua garganta, e Limos respondeu com um ronronar sexy dela própria, arrastando a boca para baixo do queixo, para seu pescoço, e deu a ele uma beliscada picante. Tão

bom... isso era tão malditamente bom. Pela primeira vez desde que montou nela, ele abriu os olhos, querendo ver seu maravilhoso corpo. A visão o deixou pra fora. Sua pele bronzeada estava impecável sobre os músculos que se flexiona em seus braços e estômago enquanto ela se contorcia. Seus seios inchados eram perfeitos e imploravam para ele provar.

Incapaz de resistir, ele fechou seus lábios sobre um, deliciando-se com seu suspiro gutural de prazer. Avidamente, ele chupou, desenhando sua carne quente em sua boca e amando-a com a língua. Ele jurou que sentiu gosto do sol e do vento na sua pele, e este era o sabor da liberdade, de dias preguiçosos e noites quentes de verão, de sexo na praia.

Suor brotou sobre sua pele e ele tentou se segurar, mas do jeito que ela estava ondulando embaixo dele, tão sexy, tão perfeita, o mandou para o limite. Em um surto rápido, ele avançou contra ela, pegando sua boca de novo ele ergueu seus quadris, deslizando dentro dela com uma insana necessidade que era tão estranho para ele como era crítico.

— Arik – ela sussurrou. – Não deveríamos ... não posso ... oh sim ... certo ... ai.

Ele não precisava dela para dizer que ele estava certo. Sua reação, o jeito que ela jogou a cabeça para trás, sua boca aberta, os suaves, sons da respiração que escapavam... sim, ele sabia que estava deixando ela louca.

O orgasmo fervido em suas bolas, pronto para explodir através do seu eixo. Ela o atingiu como uma locomotiva, batendo nele enquanto ela gritava em sua própria liberação. Ela era tão quente, tão molhada nele ...

Espere... ele não estava dentro dela. O pensamento perfurado através da névoa o fez estremecer com o último de seu clímax, quando sentiu o respingo de jatos quente na barriga e no peito dela.

Braços tremendo, ele levantou a cabeça e franziu o cenho para ela. Seus olhos violeta eram vidrados, as faces coradas, os lábios inchados. Ela era tudo que sonhara. Exceto, com clareza terrível, ele percebeu que isso não era um sonho.

Putá merda, isso era um pesadelo.

O coração de Limos ainda estava batendo, seu corpo formigando do primeiro clímax que ela já teve com um homem. Droga, o que ela estava perdendo. Ela podia apenas imaginar como seria com a verdade do sexo masculino dentro dela. Especialmente se este homem era um detectável humano com um corpo feito para dar prazer a uma mulher.

Deus, que lindo Arik tinha sido quando ele veio, seus traços robustos amaciados de tanto sol da manhã e da tarde através das janelas e pelo êxtase, seus músculos presos e definidos com pulsação, inchando as veias sob a pele brilhante. Jorros quentes de seu sêmen tinham espirrado em sua barriga, e que ela gostaria de saber o que sentia em seu núcleo, este realmente foi incrível. Ela deu um orgasmo a um homem, e embora ela seja um dos seres mais poderosos do planeta, o que ela fez por Arik deu a ela mais satisfação do que qualquer coisa na sua vida.

Ela estava intoxicada pelo que fez, seus lábios formigando por seus beijos, e ela pensou que isso era a melhor parte de fazer amor. O carinho que ela ansiava que ele tinha mostrado a ela antes, quando ele beijou sua palma, fluiu do beijo como uma corrente elétrica, energizando-a e enchendo sua barriga com vibrações.

Timidamente, ela alisou os dedos sobre sua mandíbula. Ela queria expressar seus arrependimentos para o que tinha acontecido com ele. Queria dizer-lhe quão incrível ele era para sobreviver a isso.

Tudo que saiu foi um — Arik—

Como se o seu nome fosse um gatilho, Arik explodiu em ação, lutando fora dela e fora da cama.— Cale a boca — Ele cambaleou para trás, bateu numa cômoda.

— Esta tudo bem, Arik. – Limos sentou-se, balançando as pernas para o lado do colchão. – Você está a salvo.

— Salvo? – ele perguntou incrédulo. – Salvo?Estou no inferno, seu estúpido demônio.

Tudo bem, então ela esperava que ele ficasse bravo com o que aconteceu, mas *estupido demônio*? Meio sem jeito, ela agarrou sua camisa. – Me escute.

— Quem é você?

Ela piscou. Ele não reconhecia ela? Ele tinha acabado de gozar sobre ela, e ele não sabia quem estava debaixo dele?

Humilhação queimava sua bochecha enquanto ela limpava o sêmen agora frio de sua barriga com um lençol e, em seguida, puxou a camisa sobre a cabeça. – Sou eu, Limos.

— Mentira. Saia da minha cabeça. – Seus olhos eram selvagens, ele estava ofegante, e através da forte fragancia de sexo, ela poderia cheirar sua raiva e confusão. – Saia, *agora*.

Ela modelou sua voz, tentando acalmar ele. – Ei, o que está acontecendo?

Ele olhou como se ela fosse a louca ali. – Você não pode me enganar. — Com um golpe de seu braço, ele bateu o vaso de flores frescas contra o quarto. O vidro estilhaçou contra a parede, e água e flores quebradas se espalharam por todo o piso de madeira. – Essa merda não é real. Eu sei que estou na minha cela, e você é realmente um demônio hediondo fingindo ser... ela.

— Fingindo ser eu? Limos?

— Você não pode me dizer o nome dela, para colocar uma tampa sobre esta charada maldita agora. – Ele olhou para baixo para ele mesmo. – Jesus, eu Jesus, eu nem sequer consegui roupas nesta viagem de ácido?

Merda. Ele realmente pensa que os demônios pegaram sua cabeça e estão o fazendo ver o que não é real.

— Arik, tente lembrar. – Ela aliviou seus pés, fazendo o seu melhor para não assustá-lo. Ele era como um animal selvagem, encurralado e ferido, perigosamente imprevisível. — Você foi preso por um mês. Eu não sei como você saiu da sua cela, mas eu te encontrei na Boca do Inferno de Erta Ale. Você estava inconsciente. Eu trouxe você aqui, para o Havai, e Eidolon e Shade não enganaram você.

— Cala a boca. – Ele agarrou sua cabeça com as duas mãos,

como se tentasse mantê-lo de rolar para fora de seus ombros. – Pelo amor de deus, cale a boca.

Limos respirou devagar, incerta de como lidar com isso. Claramente, sua presença estava agitando ele.

— Eu vou pegar algo para você vestir e comer, tudo bem? Porque você não se limpa? Fica confortável. Tem novas escovas de dente e pastas de dente e sabonetes no banheiro. – Ela gesticulou para a porta no pátio. – Você pode ir ao pátio, mas haverá guardas embaixo. Você não é um prisioneiro, mas até você ficar melhor, você não tem permissão para sair.

Ele olhou. – Como não ter permissão para sair *não* faz de mim um prisioneiro?

— Porque eu disse que não.

Oh, isso foi maduro. Maldição, Arik tinha um jeito de chamá-la e jogá-la fora de equilíbrio. Ela precisava se recompor. Rápido.

Seu coração acelerava como se ela estivesse correndo uma maratona, ela praticamente se atirou para fora do quarto e foi para o corredor da cozinha, onde ela mandou uma rápida mensagem para Thanatos para ele trazer algumas roupas. Então, ela sentou para fazer a única coisa que podia pensar para ajudar Arik: alimentá-lo. Ela colocou juntos um sanduíche com pilhas altas de peru fatiado, cortou uma fatia de torta de creme de banana, e pegou uma garrafa de água da geladeira.

O som de passos congelou-a no chão antes que ela tivesse tomado três passos para trás ao balcão.

Reseph.

Ela conhecia a cadência dos seus passos em qualquer lugar. Só que ele não era mais Reseph, e apesar de noventa e nove por cento do tempo que ela estava bem ciente desse fato, às vezes ela escorregava, sua mente levando-a de volta para memórias dele fazendo algo familiar, como bater pela casa em busca de festa, ou incomodando para ir ao cinema com ele.

— Oi, irmã— ele parou, e se estabeleceu na porta, seu grande, corpo armando bloqueando o caminho para o quarto de Arik. – Você não vai me agradecer por ter salvo seu patético bichinho humano?

— Ele *escapou*, seu mentiroso.

— Ele saiu da sua cela, Peste contrapôs, mas eu levei ele para a entrada da boca do inferno antes dos demônios pegarem ele. Reconheço que eu o deixei em piores condições do que quando eu o encontrei, mas sempre tem um compromisso, não é?

— Você,— ela rosnou. – Você é a razão dele estar tão maltratado.

Ele deu de ombros, uma das placas de metal cravada no ombro esculpiu um sulco profundo na tinta branca sobre o batente da porta. – Eu não fiz nada que os captores dele não fizeram. Ou deveriam ter feito a ele se você não tivesse pegado ele antes que o time de Sartael fizesse.

— Você é desprezível.

Peste agarrou o peito de forma dramática. – Você me feriu.

Oh, ela gostaria de ferir ele, tudo bem. – O que você quer? Eu fiz o que você me pediu, assim dê o fora da minha casa.

Seu irmão tocou o símbolo de arco e flecha gravado nas costas de sua luva. O toque certo poderia fazer surgir uma arma de verdade na sua mão, e Limos esperava que de repente ele não decidisse colocar uma flecha entre seus olhos.

— Eu vim para te dar um aviso — ele disse, travando um jogo de dedos.

Ela olhou. – Realmente.

— Sim,— O brilho divertido em seus olhos cresceu sinistro, e seus lábios descascados de presas longas como seu dedo mindinho. – Eu me alimentei do seu garoto. Ele é suave. Quando seu selo quebrar, você poderá ver por si mesma.

Fúria que ele tenha cravado aquelas presas em Arik era como gasolina queimando em suas veias. Seu irmão tinha cometido violência contra Arik, tinha machucado e usado ele, mas havia um elemento de inveja em sua raiva também. Peste tinha sido íntimo com Arik... admitia que a intimidade era doente e retorcida, mas era definitivamente uma proximidade forçada de alimentação, para a penetração, e ela não tinha dúvida que seu irmão tinha dito a verdade sobre o que fez.

Mesmo pensando que ela queria arremessar uma das facas do jogo de açougueiro na cabeça de Peste, ela não deu a seu irmão esta satisfação.

— Meu Selo está para quebrar — Ela disse calmamente.

— Irá. – Peste empurrou o batente da porta. – Esta é a única razão porque eu não matei o humano ainda. Eu quero que você seja aquela que vai fazer isso. Eu quero estar assistindo quando você beber ele até a morte.

—Porque você se importa se ele está morto?

— Porque — ele disse, sua voz era sombria como a coisa preta vazando das juntas da sua armadura — ele se alimentou de mim também. O que significa que quando ele morrer, sua alma é minha. E eu tenho planos para ela.

Horror apertou forte a garganta de Limos, espremendo tão violentamente que ela não conseguia respirar, e ela lutou contra o impulso de lançar-se sobre ele.

Quando ela pôde falar de novo, sua voz era um grosso rugido — Por quê? Por que você fez isso?

Mas antes que a pergunta saísse totalmente de sua boca, ela já sabia. Toda alma que Peste pega deixa ele mais forte, mas isso foi longe demais.

— Sim, Peste demorou. – Você sabe o porquê. Você sempre teve mais cérebro do que peitos. – Ele mostrou suas presas. – Seu marido irá me dar tudo que eu quero em troca da alma de Arik.

Sua calma evaporou. Ela pegou uma faca de açougueiro e arremessou com toda sua força.

Peste deu um gracioso passo para o lado, e a faca perfurou a parede, o cabo vibrando inofensivamente. Dando um sorriso sobre seu ombro, ele se virou, desaparecendo de sua vista.

Aquele idiota. Aquele maldito filho da puta!

Fechando seus olhos, ela plantou os punhos no balcão e ficou lá até que sua pressão arterial não desse perigo de estourar seus tímpanos. Mas como um baque desapareceu, ela de novo escutou o som de passos. Pelo menos desta vez, era Thanatos que entrava na cozinha, vestindo suas usuais calças pretas e um longo casaco preto

que ia desde a gola alta até a cintura. Ela apostava que ele tinha uma gola alta preta por baixo. Ao invés das suas botas góticas de cano alto favoritas, ele usava coturnos.

— Você se parece com o inferno. – Ele jogou um par de calças e uma camiseta na mesa. – E porque tem uma faca na parede?

— Peste estava logo ali, e a faca era para parte de trás do seu crânio.

Thanatos ficou tenso, seus olhos vermelhos escureceram para um âmbar dourado. Ao redor dele, sombras recolhidas. – O que ele queria

— Principalmente me insultar.

Deus, ela odiava isso, Odiava que seu irmão tivesse se tornado mal. Odiava que ele tivesse tanto poder sobre ela. Odiava que ele agora possuía Arik de um modo que ela nunca poderia. Não que ela quisesse possuir sua alma, mas ela definitivamente não queria que Peste tivesse. Arik era... o quê? Dela? Impossível, mesmo se ele não a odiasse...

Thanatos ainda estava lá, com se considerasse o que seu irmão tinha feito para provocá-la. Ela esperou que ele perguntasse, então ela foi surpreendida quando ele disse. – Como o humano está indo?

— Eu não tenho certeza. Ele não lembra de ter escapado.

— Você mexeu com as memórias dele?

Ela e seus irmão podiam apagar memórias dependendo da situação e do indivíduo, eles geralmente não podiam voltar mais do que algumas horas, mas frequentemente, isto era tudo que era preciso.

— Eu não fiz nada com sua mente. Ele pensa que ainda está em Sheoul. – Ela deu um respiro frustrado. – Estou um pouco preocupada — Um pouco? Ela estava louca.

— Sim, bem, lembra como você estava ferrada antes de fugir do Aegis?

Como ela poderia esquecer? Aqueles bastardos a paralisaram com saliva de um cão infernal e mantiveram ela em um calabouço enquanto eles picavam e incitavam, e entraram em uma pequena tortura por diversão. Reseph a tinha resgatado e ela passou dois dias inteiros tentando se orientar.

— Ele apenas precisa de algum tempo.

Thanatos mudou de posição. – Falando nisso ...

— Não diga isso — ela rosnou — Matá-lo para que ele não seja pego por demônios não é uma opção. Nosso irmão idiota fez um tipo de troca de sangue com ele , e agora se ele morrer, sua alma vai pertencer a Peste.

— Porra — então respirou — Isso não é legal.

— Você acha? — Ela carregou a comida e água em uma bandeja. – O que eu não entendo é por que ele está esperando. Porque não matar Arik agora?

— Não sei. Talvez amarrar uma alma seja como transformar um vampiro? Ele tem que ‘tomar’?

— Não sei sobre isso, mas eu tenho boas notícias. – Ela cavou a moeda de Sartael fora do bolso do seu short. – Olha quem está a tona. – Ela jogou a moeda em Than, que arrebatou facilmente no ar.

— Bem, bem – ele murmurou examinando a moeda. – O anjo das coisas escondidas veio brincar com o Apocalipse. – Ele olhou para cima. – Como você conseguiu isso?

—Eu matei um demônio que estava usando isso para localizar Arik. – ela disse, apreciando a onda de calor que formigava sobre sua pele. Ela poderia ter contado a Than a verdade, que Kynan tinha matado o demônio, mas seu irmão teria se perguntado por que ela estava com Ky primeiro de tudo. – Eu pensei que Sartael estava morto.

—Havia rumores que ao invés de morto, ele era preso por Satan. Alguns dizem que ele foi transformado em um rato do inferno e mantido como animal de estimação.

— Então porque soltá-lo agora?

— Talvez sua noiva estivesse desesperada para encontrar Arik depois que ele escapou?

— É possível, mas isso parece extremo para trazer Sartael de volta depois de tanto tempo só para procurar um humano. – Ela olhou para a faca na parede. – Peste — ela bateu. – Ele mencionou Sartael quando estava aqui. Eu aposto sua bola esquerda que Peste arranhou a libertação de Sartael então ele poderia ajudá-lo a encontrar meu agimortus.

Thanatos saltou a moeda na palma da mão. – Eu apreciaria que você não usasse minhas bolas como apostas, mas sim, isto faz sentido.

— Nós podemos usar a moeda para encontrar Sartael?

— Eu posso ter alguma coisa na minha biblioteca sobre isso. Reaver poderia saber algo também. Eu vou chamá-lo.

Ótimo. Já era tempo deles terem um plano concreto. Ela pegou a bandeja e as roupas, e permitiu a Than entrar no banheiro. Sempre protetor, ele caminhou em frente dela para abrir a porta e checar o quarto antes dela entrar. Arik estava sentado num canto, ainda nu, sua testa apoiada nos seus joelhos.

Ele olhou quando eles entraram, suas lindas avelãs fervendo.

— Ei – ela disse suavemente. – Eu trouxe algumas roupas. – Ela as deixou na cama. — E comida.

Ela avançou para frente, parando quando seus lábios descascados deram um grunhido silencioso. Atrás dela, Than era uma ameaça negra, que não ia fazer as coisas com Arik serem mais fáceis.

Vá, ela gesticulou, e quando seu irmão não se moveu, ela o cutucou com o cotovelo. Depois de atirar-lhe um olhar que transmitia o seu desagrado, Than caminhou para fora e bateu a porta fechada.

Muito devagar, ela colocou a bandeja no chão e se afastou de Arik. Indo pela fome gritante em sua expressão, ela esperava que ele fosse saltar sobre a comida. Em vez disso, ele encolheu-se ainda mais.

— Você pensa que eu sou idiota?— Sua voz era um raivoso estrondo. – Você pensa que eu irei tentar comer isto? Onde está o meu balde de olhos e tripas?

Olhos e tripas? A realização fez bôlis em sua garganta. Eles o alimentavam como essa merda nojenta, e provavelmente o tentava com comida de verdade, punindo se ele tentasse comer. Ela nunca quis cometer assassinato em massa mais do que agora.

— Sem olhos e tripas hoje. Tratamento especial.

— Foda-se . Eu quero o meu comum, E não me diga que você está sem larvas de carne podre, porque você parece ter uma abundância disso.

— Sabe o que. — ela disse levemente. – Você pode ter a coisa nojenta depois que comer isso. — Ela voltou para a porta, esperando

ele comer depois que ela tivesse ido, mas suspeitou que ele não fizesse isso.

Acabou, ela estava certa.

Ela secretamente observava através da porta de vidro que dava a partir do deck atrás do quarto, enquanto ele olhava para a comida com uma desesperada saudade em seus olhos. Finalmente, quando estava claro que Arik não iria tocar na comida, ela encontrou Hekili fazendo um inventario na dispensa.

— Eu preciso de algo... de aparência nojenta. — ela disse. — Algo que é comestível, saudável, mas que não parece com comida de verdade. — Ela parou, considerando toda a tortura na câmara. — e ponha num prato de papel ou numa forma de bolo barata.

—Eu posso conseguir uma coisa,— Sorrindo, Hekili limpou as mãos sobre a toalha sobre o ombro de sua jaqueta de chef. — Miúdos.

—Sim, isso serviria — Perfeito.

Capítulo Oito

Harvester odiava receber ordens de qualquer um, mas as instruções que tinha recebido recentemente não poderiam ser ignoradas. Ela não as entendia, mas ela sabia que se ela errasse, estaria em apuros. E se ela conseguisse, poderia estar em apuros ainda maiores.

O que ela estava prestes a fazer poderia colocar sua vida em perigo no momento em que saísse de Sheoul e entrasse no domínio humano, onde as forças do Céu poderia extingui-la como um cigarro. Esmagando-a completamente com uma bota do tamanho de uma galáxia.

Ela olhou em volta da sua residência, que, embora ricamente decorada em obras de arte de várias regiões de Sheoul, era tão frio e desagradável como a floresta escurecida ao redor da casa. Seu escravo lobisomem, Whine, era a única coisa que dava vida em sua casa, embora hoje ele estava arrastando a bunda. Ela tinha tomado um pouco a mais de sangue dele ontem à noite, e, embora ele nunca reclamasse de cansaço, ela viu no modo como se movia, mais lento e com muito menos graça do que o habitual.

Mas ela não podia dar ao luxo de se sentir mal, e ela certamente não poderia dar ao luxo de lhe mostrar qualquer compaixão. Neste lugar, a bondade morria.

— Pare de vadiagem — ela retrucou. — Eu preciso do quarto de hóspedes preparado imediatamente. Ela não esperou por Whine assentir. Ela flamejou diretamente para uma pessoa que poderia ajudá-la a cumprir sua missão, o Orphmage mais poderoso do submundo.

O Neethul, Gormesh, ocupava uma torre de cristal nas margens escarpadas do rio Acheron. A maioria dos guardas circulava pela torre, que estavam limpando o vidro agora, mas podendo mudar de cor e opacidade pelo capricho de Gormesh. Ele estava em seu laboratório, andando entre as fileiras de cabaia. Relutantes assuntos de teste, se a forma como eles foram amarrados em mesas e trancados em jaulas era

qualquer indicação.

Os guardas não mexeriam com ela, e ela passou pelas portas da frente sem nenhum problema. O momento em que as portas se fecharam, as paredes do palácio viraram fumaça, e em alguns momentos, o feiticeiro apareceu no topo da escadaria.

— Harvester— . Sua voz era tão enfumaçada como as paredes.
— Tem sido séculos.

Que não tinha sido longo o suficiente. Ela foi direto ao assunto.
— Eu preciso de algo que paralize um anjo.

Gormesh assobiou, longo e baixo. — Os anjos não são facilmente imobilizados. Você sabe disso.

— É claro que eu sei disso — ela rangeu para fora. Ela poderia ter deixado o Céu milhares de anos atrás, mas cada memória de seu tempo como um anjo puro era tão cortante como um dos bisturis do Orphmage.

— Por que não simplesmente prender seu anjo com um feitiço de contenção e cortar suas asas?

— Porque este anjo particular não será facilmente conduzido a uma armadilha, e eu não tenho tempo para criar algo elaborado. Ela iniciou as escadas, segurando o feiticeiro com seu olhar. — Minhas ordens estão vindo do topo, portanto, qualquer ajuda que você pode fornecer será mais... apreciada.

— O topo, você diz? — Seus ouvidos de elfo contrairam. — Venha comigo. Isso vai te custar, mas vamos pensar em alguma coisa.

Grande. O filho da puta não sairia barato para as coisas mais simples. Isso? Isso ia custar mais do que ela podia pagar.

Mas a recompensa seria espetacular. Reaver não saberia o que o atingiu.

**

Reaver sorriu para o monte de demônios mortos no chão a seus pés. De todas as suas funções, a sua favorita era matar demônios. Como um anjo guerreiro da ordem do poder dos anjos, era o que ele tinha sido criado para fazer, e ele era bom nisso. Claro, quando ele

tinha sido despojado de suas asas e expulso do Céu, ele trabalhou como médico no Hospital Geral do submundo, onde ele tinha curado demônios. Mas ele era seletivo sobre quem ele salvava, porque a verdade é que nem todos os demônios eram más, assim como nem todos os humanos eram bons.

Houve equilíbrio em todos os lugares, uma coisa yin-yang acontecendo desde o início dos tempos, e para a maior parte, ele havia trabalhado.

Até... o selo de Peste ser quebrado e, agora, o equilíbrio entre o bem e o mal estava mudando rapidamente e não em favor do bem. O mal foi transbordando de Sheoul e foi infectando os seres humanos em todos os lugares, inclusive aqui, nesta remota aldeia polinésia onde as pessoas se voltaram uns contra os outros, não sabendo que suas ações tinham sido influenciadas pelo demônio que Reaver tinha acabado de matar.

Gethel, o anjo que tinha sido um bom observador dos Cavaleiros antes que Reaver ter tomado a tarefa um pouco mais de um ano atrás, surgiu de dentro de uma das casas onde uma família tinha sido abatida.

— Todas as almas têm atravessado — disse ela, como ela deslizou em direção a ele. — Mas até agora muitos cruzaram para o lado errado.

Esse foi o problema com o tipo de mal que eles estavam lidando agora. Também muitos seres humanos que normalmente não caíam na escuridão foram permitindo o mal em seus corpos e mentes. Na batalha pelas almas, o céu sempre teve a vantagem, mesmo que estivesse começando a mudar.

Gethel olhou os demônios mortos, seu lábio curvando em desgosto. — Seu poder é impressionante, Reaver. Eu posso ver porque você foi escolhido como o meu substituto. Sorrindo, ela abriu as asas brancas alvejadas com ouro e realizou um pré-vôo, checando ela dobrou e as desdobrou novamente. — Dê a Limos o meu melhor. Eu sinto falta dela. E Reseph. — Seu sorriso tornou-se triste. — Ele era o único que eu achava que poderia manter alguma humanidade, mesmo depois que seu selo quebrasse.

— Eu também. Reaver levantou a mão de maneira pau-no-cu cerimoniosamente que seus companheiros anjos estavam acostumados.

— Passe bem, Gethel .

Ela decolou tão rápido que até mesmo Reaver teria perdido se tivesse piscado. Em torno dele, os demônios mortos se desintegraram, como eles sempre fizeram no reino humano, a menos que eles fossem metamorfos ou weres, ou uma espécie tal como demônios Seminus, que pareciam ser humanos. Basicamente, se eles não poderiam passar como humano, eles se decomporiam em questão de segundos.

Seu couro cabeludo arrepiou, uma fração de segundo de aviso antes de Harvester se materializar.

— Olá, besta sexy — disse ela, o sarcasmo em sua voz cravavam seus dentes na borda. Ela estava em pé diante dele, seu cabelo brilhante e asas pretas como sua alma.

— O que você quer? Tenho coisas para fazer. Ou seja, ele teve de responder à convocação que havia se tornado um puxão efervescente em seu interior nos últimos poucos minutos.

Thanatos o estava chamando, e Reaver perguntou o que estava acontecendo. Os Cavaleiros não o pressionavam com uma intimação, embora às vezes Reaver desejasse que o fizessem. Realmente os machucaria convocá-lo para, digamos, um churrasco? Ou para uma das partes da praia Limos? Anjos tinham que comer também.

— Eu apenas desejava contemplar sua formosura angelical. Harvester piscou os cílios, e Reaver bufou.

— Eu acho que é mais provável que você veio para me esmagar sob uma montanha novamente. Ele fez um gesto para o campo. Você tem uma montanha inteira ao alcance para trabalhar com ela

— Tsk, tsk. Você não confia em mim em tudo, não é?

— Eu provavelmente não confiava em você, quando ainda estávamos juntos no Céu. Provavelmente, porque ele não se lembrava. A sua memória, bem como todas as evidências de sua existência, tinham sido dizimadas por algum motivo, e ele não conseguia se lembrar de nada que havia acontecido antes do evento que causou sua queda um quarto de século atrás. Mesmo quando ele havia recebido suas asas de volta, a sua memória não tinha retornado, e nenhum anjo

que ele conhecia, caído ou não, conseguia se lembrar dele também.

Harvester encolheu os ombros, um rolar lento de um ombro nu curvilíneo. Nossa, ela estava vestida como uma stripper em um bustiê de couro preto e minissaia, nylons arrastão, e stiletos de seis polegadas. Reaver pode ser todo santo e bom agora, mas um dos perigos de estar na Terra, especialmente agora que o mal foi permeando tudo, era que os anjos sentiam tudo o que os humanos sentiam, incluindo a luxúria, e Reaver sempre teve uma queda por garotas impertinentes, escassamente vestidas.

Ele estreitou os olhos. Harvester era consciente de seu pequeno segredo sujo?

— Eu não fui sempre indigna de confiança — disse ela, parecendo um pouco picada apesar de sua atitude casual. — Eu gostava de servir. Brilhou em sua boca as pontas das presas. Mas eu gosto de dominar mais.

— Você está aqui para conversar, ou você está aqui sobre algo importante?

— É definitivamente importante.

— Sobre os Cavaleiros? — Essa seria a única razão para ela procurá-lo. Era a única coisa que tinham em comum.

— De uma maneira. Você sabe que o ser humano, Arik, escapou de Sheoul .

Não, ele não sabia disso. Deve ter sido sobre isso que Thanatos estava o convocando. — Eu tinha ouvido.

Ela se abaixou para pegar o que parecia ser um anel no chão, expondo um pedaço fino da roupa íntima preta que não cobria o suficiente, e Reaver mordeu o interior de sua bochecha quando ele desviou o olhar.

— Que bonito — Harvester murmurou, assim que ela se endireitou.

— Eu tenho certeza que é um tesouro inestimável. Agora, o que tem Arik?

— Ele está com Limos. Ela entregou a Reaver o anel de prata, e ele estava muito distraído com os seios do anjo caído, que tinha quase saltado do bustiê, enquanto ela estava curvada, para saber por que ela

lhe entregaria qualquer coisa. — Peste reivindicou sua alma.

Reaver respirou rápido e acentuado. — Ele o quê?

— Sim. Peste tem certeza que quando Arik morrer, sua alma será enviada diretamente para ele. Ele está desenvolvendo talentos mais rápido do que qualquer um de nós poderia ter previsto.

Porra, mas o Cavaleiro do mal estava crescendo poderoso. Antes do Selo de Reseph quebrar, apenas Thanatos tinha qualquer controle sobre as almas. Agora Peste poderia não apenas as absorver de humanos enquanto eles ainda estavam vivos, transformando-os em servos obedientes e acrescentando a sua própria força, mas ele era capaz de reivindicar as almas de uma forma que apenas um punhado de demônios mais poderosos podiam.

— Isso não é bom — Reaver murmurou.

— Não é bom para você — ela corrigiu. — É muito bom para a minha equipe. Sorrindo, ela passeou até ele e colocou a mão em seu peito. Sua voz foi baixa e rouca. — Você sabe o que mais é bom para a minha equipe? Você. Em minha custódia.

Um alarme tilintou dentro de sua cabeça, um sentido iminente de destruição descendo sobre ele como uma mortalha, mas antes que pudesse identificar a origem, seu corpo ficou rígido, tão sólido que ele poderia ter sido envolto em gelo.

Harvester o tinha prendido. De alguma forma, ela o imobilizou. Seu coração não podia até mesmo bater em pânico, mas ele sentiu o dedo em seu peito apertado, sentiu o corpo tombar então ele estava de costas, olhando para o céu da tarde cinzenta. Um minuto depois, sua visão embaçou, mas ele percebeu rostos acima dele. Vozes ao seu redor. Ele sentiu mãos de agarrá-lo grosseiramente, e então houve um clarão, e de repente, a dor enorme se espalhando através de seu peito lhe disse onde estava.

Sheoul.

Harvester havia lhe lançado no inferno. Esta era uma enorme violação do pacto de Observador. Claramente, Harvester não se importava.

— Leve-o para o quarto de hóspedes.

Ele queria lutar, gritar, qualquer coisa, mas ele não podia

mover um músculo. Ele só podia sentir. Sugando todos aqueles seus outros sentidos estavam entorpecidos, mas que uma permaneceu intacta.

Reaver foi maltratado enquanto ele foi levado, em seguida, ele foi jogado de face para baixo para o que ele assumiu ser uma mesa, e algemas em torno de seus pulsos e tornozelos.

Ele foi detido rápido, incapaz de se mover, apenas capaz de pensar.

— Agora, se lamente. Os olhos de Harvester brilharam com antecipação assim que seu assecla lobisomem veio para frente com uma lâmina serrilhada, um osso serrilhado velho.

Ele havia trabalhado com eles no Underworld Geral, e ele sabia condenadamente bem o que parecia.

E, como outros servos fechados nele, rasgaram sua camisa e cravaram em suas costas para esticar as asas, ele percebeu que ele logo saberia como eles se sentiram, também.

**

Peste não podia decidir se ele estava de bom humor, ou em um ruim. Isso acontecia muito recentemente. Normalmente ele só fodia e matava algo, que sempre foi uma supercarga de Prozac. Mas hoje tinha sido uma montanha russa de altos e baixos, terminando com o que tinha acontecido quando ele assistiu Harvester tomar Reaver da vila morta.

Ele tinha visto o anjo caído flertar com Reaver, mostrando seus seios e bunda, e Peste tinha tido... ciúmes.

Por que, Peste não tinha idéia. Ele odiava Harvester. Ele queria lhe causar sofrimento, tanto quanto podia, que era o porquê ele tinha amarrado a alma de Arik para ele, ele ia matar o ser humano e levar sua alma para o Senhor das Trevas, onde ele usaria Arik como moeda de troca. A moeda de troca para obter Harvester como sua companheira.

Sim, ele a odiava. Mas ela era uma das mais poderosas mulheres, ao lado de sua mãe, em toda a Sheoul. Tê-la ao seu lado

para governar após o Apocalipse, quando ele e seus irmãos estariam em guerra uns com os outros pelo domínio e controle da terra e das almas, seria vantajoso.

Também seria divertido, porque ele adoraria forçá-la em sua cama toda noite. Ele iria sair com seus gritos, suas lágrimas, seus pedidos de misericórdia.

Um arrepio de prazer passou por ele, imediatamente seguido por uma explosão de raiva crua. Seu plano tinha atingido um obstáculo. Um grande, que ele aprendeu quando ele visitou Limos, a intenção de matar Arik na frente dela. O momento em que ele pisou dentro de sua casa, ele encontrou um problema.

Ele não podia sentir a alma de Arik, o que significava que a alma do ser humano pertencia a outra pessoa.

Alguns desgraçado já tinha colocado uma reivindicação sobre ele, e agora Peste teria que descobrir o outro alguém antes de Arik estar morto.

Ele descobriu que assim como tudo o que estava vindo junto, um fio começou a se desenrolar.

Mas estava tudo bem. Ele daria um jeito. Ele sempre fazia. E agora que Lúcifer havia conduzido Sartael fora de uma prisão qualquer, ele esteve descobrindo que o *agimortus* de Limos estava apenas alguns dias de distância.

Peste escalou fora do fosso de pedra preenchida com sangue heelhound onde ele se banhou para alimentar sua armadura, deixando para trás os corpos mortos da família Amish que ele desfrutou até que eles tivessem morrido. Hora de começar a trabalhar. Ele finalmente aperfeiçoou a praga que ele vinha trabalhando há semanas, e a raça humana teria uma surpresa desagradável esperando por eles.

Capítulo Nove

Durante a última hora, no mínimo, Arik estivera voltado para a parede, olhando o sanduíche e a torta. Sua boca salivava, mas sua mente estava em um tumulto. Se ele comesse, sofreria de uma forma que nenhum homem jamais sofrera. Bem, nenhum homem exceto ele mesmo, porque já havia passado por isso. Um par de vezes.

Você é uma merda de aluno lento, garoto. A voz de seu pai martelava em sua cabeça, mas que porra era essa? Tinha acabado com o abusivo filho da puta no momento que este falecera no hospital, nada além de uma casca vazia, mental e fisicamente. Havia sido surreal olhar para as mãos que bateram em Arik, Runa, e sua mãe até que fossem reduzidos a uma polpa sangrenta e ver o quanto elas eram frágeis, a pele coberta com papel fino e machucada pelos cateteres IV e pelas coletas de sangue.

Nem uma só vez Arik havia sentido pena da morte prematura do seu velho, no entanto, agora que ele tinha conseguido em primeira mão uma boa olhada de Sheoul, ele quase lamentava ter amaldiçoado seu pai ao inferno. Quase, porque algumas pessoas mereciam estar lá. *Aqui.* Arik ainda estava no inferno, e precisava se lembrar disso.

Ele inalou, tomando a doçura perfumada da torta, porque os demônios não o espancariam por respirar. Ele sabia, os tinha testado uma e outra vez ficando o mais perto possível do alimento proibido e pegando profundas, longas respirações, como se assim ele talvez pudesse absorver algumas calorias.

Tanta. Maldita. Fome.

A porta abriu, e ele endureceu, esperou para que este sonho se desvanecesse e revelasse que estava de volta em sua cela.

Em vez disso, a demônio Limos entrou e colocou um prato e um frasco de plástico no chão. Tão faminto como estava, ele não conseguia desviar o olhar dela para a comida. Ele não tinha esquecido sua perfeita imagem, até os olhos cor-de-jóia, o cabelo preto de cetim,

as curvas bronzeadas que poderiam fazer um cara chorar.

Ele viria por todo aquele fabuloso corpo.

Os demônios deviam verdadeiramente ter começado a rir com isso, mas Arik só queria vomitar. Bastardos.

Ele esperou até que a mulher retirasse os outros alimentos e saísse do quarto para rastejar adiante. Olhou para o prato de papel manchado, incapaz de identificar a pilha de coisas sobre ele. Parecia ter sido raspado dos intestinos de algum animal. Provavelmente tinha.

Agachado, ele sentiu o odor. Não cheirava a comida podre. Na verdade, o cheiro era quase familiar. Inalou de novo, e piscou surpreso. Comida de cachorro? Eles estavam lhe dando comida de cachorro agora? Bem, diabos, era uma melhoria em relação aos não identificáveis órgãos podres e à semana de animais mortos. Ele olhou para o garfo de plástico em confusão. Eles nunca tinham lhe dado utensílios que poderiam potencialmente ser usados como armas.

Que tipo de jogo eles estavam fazendo agora?

Tanto faz. Estava morrendo de fome. Ele deu uma mordida, e gemeu no sabor. Era fantástico. A melhor coisa que tinha comido nas últimas semanas, e realmente tinha gosto de comida. Algum tipo de salsicha, talvez. Cara, as pessoas alimentavam bem os cães hoje em dia.

Ele inalou a comida, lambeu a placa, e depois engoliu a água. Já tinha bebido água direto da torneira do banheiro, então não estava com sede, mas o claro e gelado líquido tinha gosto de céu engarrafado.

Houve uma batida na porta, e ele se levantou, perguntando o que estava por vir. Normalmente depois de comer ele tinha que descansar um pouco antes da tortura começar, mas às vezes os demônios achavam que era divertido ver quanta dor era necessária para fazê-lo vomitar tudo.

O demônio fingindo ser Limos entrou na sala. — Eu trouxe mais roupas. Ela jogou uma mochila do exército dos Estados Unidos com seu nome sobre a cama.

— Onde você conseguiu isso?

— Kynan...

Sem pensar, ele estava em cima dela, batendo-a contra a porta, seus dedos em volta de sua garganta. — Como você sabe sobre Kynan?

Ela agarrou sua mão, sua força o suficiente para evitar a asfixia. — Arik, ouça — Ela tomou ar. Duramente. — Isso é real. Eu sei sobre Kynan porque ele nos ajudou. Quando o Selo de Ares corria o risco de quebrar. Você ajudou muito.

Por quanto tempo essa fodida confusão iria continuar? Ele a soltou e deu um passo atrás, sabendo que tinha ganhado uma grande, enorme surra por se atrever a tocar um de seus guardas. Deus, ele iria ficar louco esperando por isso. Era muito mais fácil lidar com a tortura do que com o suspense dela. Esses bastardos tinham uma nova tática, e ela estava funcionando.

Então... tudo bem. Ia entrar no jogo deles. Eles estavam obviamente trabalhando duro para convencê-lo de que essa merda era real, então ele lhes daria uma amostra de quem era quando não estava detido em uma masmorra imunda. Iria se encarregar dessa situação e os ensinaria bem rápido que era ele quem controlava o que estava em sua cabeça.

— Então. Ele chutou o prato de papel para o canto. — Eu realmente estou no Hawaí, e você realmente é quem diz ser. O Cavaleiro que me jogou no inferno.

Uma sobranceira negra se arqueou, ligeiramente. — Então acredita em mim?

— Estou disposto a te dar uma chance.

— Você pode dizer o meu nome agora.

O diabo que podia. — Isso não vai acontecer. Eu não vou arriscar. Então me diga por que, exatamente, meus sequestradores queriam que eu dissesse isso.

Ela arrastou a mão pelo cabelo, e ainda que não fosse a verdadeira, seus dedos flexionaram, querendo fazer o mesmo. — Eles te disseram o motivo de você ter sido levado para Sheoul?

Apenas cerca de um milhão de vezes. — Disseram que era por sua causa. Porque você perdeu o controle de alguma forma e foi egoísta.

Surpresa cintilou no olhar dela, e seus lábios se separaram com

um som indignado. — Dificilmente. Você foi para lá porque me beijou, e isso era proibido. Seu queixo subiu como se ela de repente lembrasse que deveria ter um complexo de superioridade.

— Um beijo? A porra de um *beijo* me fez ser torturado até o último traço de sanidade? Quem sabe você não poderia ter estabelecido as regras para andar com você? Sabe, antes que eu fizesse isso?

Ela fungou. — Você deveria ter sabido melhor.

Esse demônio tinha os trejeitos de Limos e a atitude memorizada. — Então por que eles querem... queriam... que eu falasse o seu nome?

— Porque eu estou noiva — ela disse com indiferença, enquanto estudava suas unhas. — Mas meu noivo não pode reivindicar-me a menos que eu esteja presa em Sheoul, meu Selo quebre, ou o homem a quem eu dou meus afetos pronuncie meu nome enquanto em agonia.

— Oh, *agora* você me diz que está noiva? — ele disse entre dentes.

Ela soltou um longo suspiro de sofrimento, como se suas perguntas fossem um incômodo. — Eu não achei que era importante. Visto que não tinha planejado fazer nada mais íntimo que chutar seu traseiro.

Vapor transformou seu corpo em uma panela de pressão. — Sua pequena mentirosa. Você me beijou de volta. Você queria.

— Eu não. Como se ela tivesse acabado de atirar acima com uma rápida bola, suas pupilas dilataram, engolindo o roxo, e depois foram para pontinhos antes de voltar ao normal.

— Não minta para mim porra. Eu beije mulheres suficientes durante minha vida para saber, então pare esta merda.

Um grunhido baixo retumbou bombeando em seu peito. — Quantas mulheres você já beijou?

— Por quê?

— *Quantas?*

Oh, agora isto era valioso; ela estava com ciúmes. Ela não tinha o direito de estar com um fodido ciúmes. Não quando ela estava noiva

de outro homem. O vapor percorreu suas veias, porque ainda que a parte lógica de ele acreditar no que estava dizendo nada disso era real, o seu corpo e suas emoções não estavam tão seguros.

— Você quer a verdade? Porque você não vai conseguir mentiras de mim. Portanto, muito cuidado com o que pedir.

Ela cruzou os braços sobre o peito e o encarou. Quando ficou claro que realmente não queria uma resposta, ele voltou ao assunto original.

— Então me deixe ver se entendi. Eu digo seu nome, e você caminha até o altar com o tal garoto apaixonado. É isso? Eu fui pendurado em ganchos e torrado na brasa apenas para você não ter que reservar uma igreja?

Ele certamente estava indo dizer o nome dela. Ele gritaria isso do telhado. Com uma trompa.

— Não é tão simples assim. Calma de novo, ela pegou uma mecha de cabelo e girou em torno de seu dedo, e Arik queria que ela parasse com a rotina de TDAH. — Quero dizer, sim, você me salvou de deitar-me com o garotão, mas é mais do que isso...

— Espere. Ele ergueu a mão. — Quem, exatamente, é o seu noivo?

— Hum... bem... este seria Satan.

Todo o centro de gravidade de Arik vacilou, e ele estendeu a mão para agarrar-se a cômoda. — *O Satan?* Como em expulso do Céu, o mal definitivo, o anjo caído? Lúcifer?

Ela revirou os olhos. — Na verdade, Satan e Lúcifer não são os mesmos. Um erro de tradução simples levou a esta crença... você ficaria surpreso em como frequentemente erros de tradução e interpretações tendenciosas ferram com a história e a religião. Pergunte-me sobre a Guerra das Rosas ou os Sete Pecados Capitais algum dia. De qualquer forma, Lúcifer é um anjo caído, mas ele é o braço direito de Satan.

— Obrigado pela lição de história — ele murmurou. Jesus.

Como diabos tinha se metido nessa confusão? *Você estava pensando com a cabeça errada, por isso.* Sim, bem, Decker estava sempre dizendo que o pau dele ainda o colocaria em problemas algum

dia.

Isso ia além de problemas e direto em território FUBAR. Sobretudo quando um pensamento horrível veio a ele.

— Mais cedo — resmungou. — Na cama... as coisas pioraram para mim?

Limos ficou vermelha. — Ah... sim... isso. Não. O dano está feito. Não importa o que eu nós fazemos agora.

— Não há nós.

E por que ele ainda fazia essa pergunta, se isso era apenas um grande cenário de realidade virtual de *Star Trek*?

Ele virou-se e colocou a mão no painel de vidro. A vista era linda, mas uma gaiola dourada ainda era uma gaiola. Estranho, porém, como a última vez que os demônios tinham tentado enganá-lo assim o mundo estivera distorcido, como um sonho. Sem detalhes. Tudo por aqui estava nítido e claro, preciso até na maneira como Limos cheirava a coco.

Claramente, um mago muito mais competente estava rodando este truque.

— Arik. A mão de Limos chegou por baixo em suas costas, e embora seu primeiro instinto fosse se afastar dela, ele não podia.

— Arik? — ela repetiu.

— O quê?

— Eu queria que nada disso tivesse acontecido. Houve um tremor subjacente na sua voz, e ele quase acreditou. Quase.

— Uau. Se isso era um pedido de desculpas, falhou. Você está realmente arrependida?

— Sim.

Por alguma razão, sua resposta o irritou. — Desculpe— era pra quando você se esquecia de tirar o lixo quando estava na sua vez. — Desculpe— era pra quando você comprava o tipo errado de vinho para o jantar. — Desculpe— *não* funcionava quando você perdia o seu temperamento e espancava sua esposa e filhos. — Desculpe— não era o suficiente quando você desperdiçava seu salário em bebida no lugar de comida para a sua família. E — desculpe— certo como o diabo não compensava quando você mandava alguém ao inferno para ter sua

pele arrancada.

Ele virou, capturando seu pulso enquanto a apoiava contra o vidro. — Você não tem que se desculpar. Se isso não for real, você está apenas fodendo comigo. Se for, suas desculpas não são boas o suficiente.

— O que eu posso fazer para provar isso a você?

— Para começar, você pode admitir que eu não forcei nenhum beijo em você. Você pode admitir que queria. Que *me* queria.

Seus olhos violeta aumentaram líquidos. E foi assim que ele soube que isso era besteira. A verdadeira Limos iria chutar o traseiro dele e lhe dizer para ir se foder. Mas esta o olhava como se ele tivesse acabado de cravar uma estaca em seu coração.

— Eu não posso — ela sussurrou. — Se eu fizer, tudo isso terá sido minha culpa.

— Notícias de última hora, Pequeno Pônei, é. Soltando-a, ele se afastou, e então percebeu que ainda não tinha para onde ir. Parou no meio da sala, mas não se virou. — Por que você apenas não me mata? Eu realmente sou tão importante para você?

— Sim. Sua voz era um torturado murmúrio. — Sim, você é.

O som seguinte foi o da porta fechando.

Capítulo Dez

Limos estava em pé no lado de fora da porta do quarto, com o coração batendo, seu corpo inteiro tremendo. Ela pensou que Arik estava fazendo progressos, mas agora estava claro que ele ainda não acreditava que estava livre de sua prisão, e ela não tinha ideia de como ajudá-lo. Ela até tentou convocar Reaver para ajudar mais cedo, e quando isso falhou, ela chamou Harvester. Nenhum anjo veio.

Fechando os olhos, ela deixou cair a cabeça contra a parede, lembrando-se de quão desorientada ela tinha estado depois que Reseph a resgatou do inferno do Aegis. Ele a levou para a ilha de Ares, e quando ela não podia ficar em pé, não podia falar ou nem mesmo entender onde ela estava, ele saiu para surfar e sentou-se, completamente vestido, nas ondas. O choque a tinha trazido ao redor, e todo o tempo, ele apenas a segurou. Reseph tinha sido sua âncora, o mesmo irmão que ela amava mais que tudo.

Talvez a âncora de Arik fosse sua irmã.

Ela fez uma chamada rápida, e em poucos minutos, a campainha tocou.

— Obrigada por ter vindo— . Limos conduziu Shade e Runa para dentro, mentalmente comparando Arik e sua irmã, mas a única semelhança que Limos podia ver eram suas formas musculares, o que não era uma surpresa. Kynan tinha dito que a mulher de cabelos caramelos era um lobisomem e Limos nunca tinha encontrado um warg que não parecia ganhar um concurso de musculação.

O braço de Shade veio protetoramente ao redor dos ombros de Runa, e embora Limos nunca precisasse da proteção de alguém, ela experimentou a estranha pontada de inveja que Runa tinha um companheiro que a mantinha segura.

— Como ele está? — as mãos de Runa apertaram juntas até que Shade gentilmente colocou nas suas.

— Fisicamente ele está bem — Limos os assegurou. — Mas tenho tido um tempo difícil tentando fazê-lo comer.

Shade fez uma careta. — Por que isso?

— Eu acho que os demônios o atormentavam com comida. Ela hesitou, porque isso não era o tipo de coisa que você queria saber que tinha sido feito a uma pessoa querida. — Estou assumindo que eles anunciavam a comida e então o castigavam quando ele tentava comer.

Horror brilhou nos impressionantes olhos champanhe de Runa. — Posso vê-lo agora?

Com um aceno, Limos os levou para o quarto, mas antes de abrir a porta, ela expressou suas preocupações. — Eu disse que fisicamente ele está bem. Mas mentalmente...ele está confuso. Ele ainda acredita que está em Sheoul. Ele acha que os demônios estão em sua casa controlando o que ele está vendo e falando. Espero que você consiga convencê-lo de que ele está livre.

Eles entraram, e Arik, que tinha estado em pé na porta do terraço e olhando para o mar, se virou. Ele tinha mudado para um par de calças militares pretas e uma camiseta preta que provavelmente estava um pouco mais larga do que costumava, mas ainda enfatizou seus ombros largos e braços musculosos. Uma máscara neutra deslizou sobre sua expressão, mas seus olhos acenderam com raiva quando viu sua irmã.

— Arik — Runa começou a ir em direção a ele, mas Shade agarrou seu braço e a puxou para trás.

— Não. Tensão saiu do grande demônio em ondas que queimaram a pele de Limos. — Eu não confio nele—

— Você nunca confiou nele— . Runa sacudiu o aperto de seu companheiro e foi em direção a seu irmão, que endureceu enquanto ela chegava mais perto. — Arik? Está tudo bem.

— Sim? Por que não me diz quem diabos é você? *Tudo bem?*

Seu passo hesitou, mas ela continuou a avançar. — Sou eu — ela disse suavemente. — Runa.

— Você não consegue dizer seu nome. Sua máscara de calma se quebrou em um milhão de pedaços, e em um instante, seu rosto se contorceu com fúria, e ele soltou um rosnar animal e assassino. — Você não é minha irmã.

Ele a atingiu, batendo com o punho na bochecha de Runa, e

então girou um pontapé em seu intestino. Ela voou através do quarto e caiu em uma pilha no chão.

E então a merda bateu no ventilador.

Enquanto Limos corria em direção a Runa, Shade se transformou em um lobisomem negro maciço, seu rugido se raiva se juntando com o de Arik enquanto se reuniam em uma tempestade de punhos, garras e dentes.

— Não! Limos entrou na briga, desesperada em separá-los antes de Shade matar Arik, e então houve outro borrão peludo, enquanto Runa, agora um lobisomem caramelo, levou Shade para o chão, sua boca ao redor de sua garganta. Que diabos? Lobisomens eram transformados pela lua, incapazes de mudar a vontade. Demônios Seminus maduros podem mudar de forma, mas o que em nome de Deus era Runa?

Era uma questão para mais tarde. Agora ela tinha que acalmar Arik, que estava submerso por Shade e Runa, suas intenções tão claras como um sinal de neon que brilhava MATAR.

Limos o pegou ao redor da cintura e o dominou sobre a cama. Um punho pegou ao lado de sua cabeça, e seu joelho se dirigiu tão violentamente em seu estômago que ela resmungou, mas ela conseguiu imobilizá-lo. Ele era forte, muito mais forte do que ela poderia imaginar, e quando ele resistiu, ela teve que colocar um esforço em cima dele e evitar ser lançada. Talvez a troca de sangue com Peste houvesse dado a ele uma injeção de Super-Homem.

Uma grande mão tatuada caiu sobre o ombro de Arik, e a dermoire de Shade iluminou com uma luz brilhante. Quase instantaneamente, Arik se acalmou, suas pálpebras caindo e sua expressão lenta. Em segundos, ele estava fora como uma luz.

— O que diabos aconteceu? — Shade estalou, enquanto recuava. Runa estava enxugando o sangue de sua boca com as costas de sua mão e segurando suas costelas com a outra.

— Eu disse a vocês — Limos disse. — Ele pensa que ainda está no inferno.

Shade se virou ao redor para sua companhia e a envolveu em seus braços. — Sinto muito, baby — ele murmurou. — Ele estava

machucando você....

— Eu sei— . Runa encontrou os olhos de Limos enquanto ela se empurrava de Arik. — Podemos ir lá fora?

Todos eles passaram pela porta, e assim que fechou, Limos caiu contra ela. — Merda— ela respirou, mais abalada do que gostaria de admitir. — Eu esperava que vendo você puxaria ele para realidade.

— Isso vai matá-lo — a voz de Runa estava quebrada, sua expressão muito rachada.

— Quando isso surgiu nele o que ele fez.... Runa lambeu o sangue de seus lábios. Shade a alcançou, mas ela empurrou sua mão. — Ele jurou que nunca iria me machucar. Ou qualquer mulher. Não depois do que nosso pai fez. Shade beijou o topo de sua cabeça e acariciou seus cabelos, mas ao invés de acalmá-la, pareceu ter o efeito oposto, e ela estremeceu. — Estou indo apenas...pegar um pouco de ar. Ela saiu como se a casa tivesse em chamas, deixando Limos com Shade.

— O que está acontecendo, demônio? — Limos cruzou seus braços sobre seu peito. — O que ela quis dizer sobre o pai deles?

— Ele era um monstro abusivo. A expressão no rosto de Shade era dura.

A mandíbula de Limos se apertou. — Arik e Runa?

— Sim. Eu não sei muito sobre o que aconteceu com Arik, mas Runa disse que ele tentou proteger ela e sua mãe. Assim, ou ele acabou como seu velho homem, que no caso vou matá-lo por bater em Runa... Shade bateu um punho frustrado contra a porta, como se enviando um aviso para Arik, — ...ou ele não vai gostar muito de si mesmo quando voltar, e vou deixá-lo viver.

— Você não vai tocá-lo. Meu irmão amarrou sua alma. Arik não pode ser permitido morrer. Ela não deixaria isso acontecer de qualquer maneira, e ela mataria Shade se ele tentasse, simples assim.

— Seu irmão é um idiota.

Ela endureceu. Sim, Peste era um idiota, mas era seu irmão, e este demônio não sabia o tipo de homem que ele tinha sido uma vez.

— Cuidado com a língua, Sem.

Shade olhou na direção de Runa que tinha ido antes de voltar

seu olhar para Limos. — Olha, eu tinha um irmão como esse uma vez. Ele viveu para nos atormentar, e nós tivemos que destruí-lo. Ele olhou especulativamente. — Você e seus irmão são próximos? Vocês vão precisar se unir mais fortemente do que nunca para parar Peste. Não hesite, e não deixe que os sentimentos entrem no seu caminho do que precisa ser feito. Nós cometemos esse erro, e muitas pessoas morreram por isso.

— Não vai ser fácil. Reseph era o mais digno de todos nós. Ele não foi sempre mal. Ela não sabia por que estava defendendo Peste, exceto que não importava o quanto ela o odiava agora, ela amou Reseph por milhares de anos, e ela simplesmente não podia deixar isso ir.

— Então, qual a sua culpa?

Ela piscou. — O quê?

Shade se aproximou. — Eu posso sentir a escuridão...culpa...no sexo feminino. Você, Cavaleiro, está se afogando nela.

Ela sentiu um tremor de inquietação que percorreu todo o seu caminho até a alma. — Você não sabe do que está falando.

— Eu sei que nunca encontrei nada tão intenso como o que você está emitindo. Eu sei que teria que ir até o inferno a fim de persuadi-la. Sua voz era um resmungo escuro e perturbador, e o que ele quis dizer com persuadi-la? — Mas graças a Deus, não é problema meu. Ele começou seguindo Runa. — Mantenha-nos atualizados.

A ordem de Shade deveria ter levantado sua fúria, mas o que ele disse sobre ela e Arik sacudi até sua medula. O que Shade sabia sobre sua culpa? Ele poderia ler mentes? Tudo bem, ela poderia seriamente entrar em pânico sobre isso, mas agora não era o momento. Ela tinha que se concentrar em Arik, porque sim, ela estava sendo esmagada sob o peso de sua culpa, mas agora, o humano era sua primeira preocupação.

Se ele percebesse o que ele tinha feito a Runa, como isso afetaria sua recuperação? Seus irmãos nunca haviam batido nela mesmo em raiva, mesmo que ela merecesse...mais do que eles sabiam. Mas ela só poderia imaginar como eles se puniriam se a machucassem.

E a ideia de que Arik tinha sido abusando quando criança...

Deus, ela sempre tinha sido dura sobre tais horrores, ou, mais precisamente, ela nunca se permitiu tornar-se sensibilizada por isso. Mas imaginando Arik machucado e sangrando sob os punhos de seu próprio pai ajustou um nervo em algum lugar profundo dentro dela.

Ela tinha sido criada como uma princesa, encorajada a ser mesquinha e cruel, enquanto ao mesmo tempo, nunca sabendo o que sentir ao ser espancada ou traída. Ela sempre pensou que ela havia sido tratada como realza porque sua mãe a amava e outros demônios a veneravam... Mas como seu tratamento tinha sido sobre ter certeza que ela nunca sentiria empatia, se ela nunca tinha experimentado a dor?

A mera ideia a fez mal, mas novamente, isso não era sobre ela. Ela nunca tinha sofrido, especialmente nas mãos de seu próprio pai. Inferno, ela nunca sequer conheceu seu pai.

Por um momento, ela se perguntou se o pai de Arik estava vivo, e então percebeu que Shade nunca teria permitido ao homem viver, e ainda outra agitação de ciúmes passou por ela ao que Runa tinha e Limos nunca teria.

Livrando-se da inútil autopiedade, ela entrou no quarto de Arik novamente. Ele ainda estava frio, deitado na cama como se estivesse dormindo por uma bebedeira selvagem. Agora, ele não parecia como se já tivesse saído do inferno que estava vivendo dentro de sua cabeça.

Ela sentou na cama ao lado dele e ofereceu o pouco de conforto que podia, alisando sua camisa e escovando o cabelo de sua testa. Ela tinha feito o mesmo por seus irmãos quando eles tinham sido feridos em batalha, esperando eles encontrarem a paz em seu toque. Claro, eles regeneravam rapidamente, mas se as lesões eram muito ruins, eles sofriam na miséria por horas, até mesmo dias enquanto esperavam.

Isso era uma droga. Ela se sentiu tão indefesa. Não importa o que ela fazia, as coisas continuavam a piorar para Arik. Embora... Espere, talvez ela pudesse ajudar. Se ele nunca se lembrasse de ferir Runa...

Sim. Sorrindo, porque ela finalmente poderia fazer algo por ele, ela abriu suas pálpebras e olhou fixamente em seus olhos vidrados. Com muito cuidado, ela alcançou a mente de Arik e cortou a memória

desagradável de atacar sua irmã. Ao contrário de Ares, ela não podia restaurar a falta de memória, mas ela não precisaria.

A visita de Runa era algo que ele estava melhor nunca se lembrando.

Capítulo Onze

Kynan sentou-se na sala de conferências na sede da Aegis em Berlim, com a cabeça girando. Sua mente ainda estava tentando envolver-se em torno da informação revelada em um dos três pergaminhos que ele trouxe para seus companheiros presbíteros com os outros tesouros que o cifre de Limos tinha fornecido.

Os artefatos pequenos tinham, até agora, não dado em nada, mas um de seus historiadores ainda estava pesquisando suas origens e ainda poderia descobrir algo útil. Da mesma forma, dois dos pergaminhos foram relatos de batalhas com demônios, interessante, mas, em última análise arqueológica não encontrou nada grande.

Mas o pergaminho... Jesus. Se o que ele disse era verdade, poderia alterar o curso da história humana.

— Então. Valeriu, um ancião que tinha um parentesco distante com Kynan pelo casamento, levantou os óculos e esfregou os olhos injetados de sangue. Eles estavam estudando o pergaminho sem parar, à procura de textos relacionados em suas bibliotecas, tentando botar para fora algumas das frases mais enigmáticas. — Nós achamos que esta poderia ser a chave para parar o Apocalipse. Mas não queremos arriscar a vida de um Aegi sobre um palpite?

Malik, que lutou contra os demônios por 30 anos em todo o Oriente Médio, antes de ser promovido para o Sigil, balançou a cabeça. — Eu não gosto disso. Nós temos pedido aos Guardiões para fazer coisas que sabíamos que poderia acabar em suas mortes, e eles entendem que o perigo vem com o território. Mas isso...

Lance, um canadense que perdeu seu senso de moda em algum lugar na década de 80, virou um café agitando a mesa. — A guarda seria uma voluntária. Ela sabe que não há garantia de sucesso.

Sim, e estava assumindo que desejava obter um voluntário para este plano secreto. O que eles estavam indo para revelar à Guardiã esperando fora da sala estava indo para batê-la na bunda.

Foda-se. Ky não gostou nada disso. A vida tinha sido muito menos complicada quando ele era apenas um soldado na linha de frente da Aegis. Ele havia sido encarregado de uma grande célula de Guardiões, mas, principalmente, lutou contra demônios. Matar ou ser morto. Merda simples.

Agora ele estava manipulando o destino e vidas, e nenhum dos que sentou bem com ele.

Valeriu recostou-se na cadeira e olhou para a pintura que descreve uma batalha entre anjos e demônios. — Nós temos que ter fé de que isso vai funcionar.

— Fé? — Decker, que normalmente era calmo, sentado em sua cadeira, duro como uma tábua, sua mão deslizando para trás e para frente. — A fé é para pessoas que querem acreditar em algo que eles não podem provar. Eu poderia ter fé de que eu sou invisível, mas que não torna isso verdadeiro. Ele balançou a cabeça. — Vocês estão me deixando nervoso. Você está lidando com a magia e a profecia, e nenhum de nós entende merda nenhuma.

— E você acha que os militares poderiam fazer melhor? — Malik perguntou.

— Eu não disse isso. O sotaque sulista de Decker cresceu mais pronunciado quando ele cresceu mais agitado. — Mas você não tem salvaguardas. Até você, nós termos, você não deve colocar um plano em movimento.

Decker tinha um ponto. A unidade paranormal dos militares era tratada da mesma forma que o Aegis fazia, mas porque era militar, o R —XR teve rigorosos procedimentos a seguir, uma cadeia de comando que não permitia o desvio, a desconfiança da magia e salvaguardas em cima de salvaguardas. O Aegis confiava no militar temido, mágico, e tinha uma tendência a agir de forma mais espontânea.

— Tudo o que eu estou dizendo — disse Decker, — é que talvez devêssemos nos concentrarmos em descobrir o que o Selo de Thanatos é, em vez deste plano.

— Ele não vai nos dizer. Lance balançou a cabeça. — Então, a menos que você possa traduzir sua profecia estranha, não temos muito a ir em frente.

Ky correu os dedos sobre a página na Daemonica, a bíblia do demônio, que delineou as quatro profecias para os cavaleiros, as quatro profecias que iriam transformá-los no mal. O Aegis agora entendia três das quatro. Thanatos era o curinga, e tudo que o Cavaleiro diria era que seu selo não estava em perigo de quebrar.

Veja! A inocência é maldição da morte, a fome da sua carga, uma lâmina de sua libertação. A Estrela da desgraça vem se o grito falhar.

O quê. O. Inferno.

— Nós não temos uma escolha — disse Val. — É agora ou nunca. Os seres humanos estão morrendo às centenas de milhares. O R —XR calculou que se Peste continuar do jeito que ele está, em um ano, metade da população mundial será morta. Nosso plano é uma Ave Maria incerta, com certeza, mas é tudo que temos

— Para registrar — disse Decker, — eu não o apoiarei.

Para registro, nem Kynan. Mas Reaver foi MIA e não está disponível para o conselho, e o Aegis ia avançar sobre isso, com ou sem a aprovação de Kynan. Ky poderia também estar lá para garantir que ninguém se machucasse.

Lance bufou. — Audiência engraçada, um cara militar ser tão sensível.

A luz azul nos olhos Decker ficou gelada e antes de seu temperamento sair do controle, Val pigarreou imperiosamente. — Traga Regan.

Kynan encheu a caneca de café, enquanto a única fêmea foi chamada para a reunião. Ela entrou, a trança escura pairava sobre seu ombro, terminando desgastada e ele sabia que ela tinha brincado com ela enquanto ela esperava do lado de fora da sala de conferências. Ela se sentou, seu modelo de boa aparência, de modo algum tirava de sua aura de guerreiro natural. Ela era uma lutadora por completo, literalmente, nascida no Aegis.

— Tudo bem — ela disse, em sua voz rouca. — O que é isso? —

Malik lançou—lhe um olhar sombrio. — Primeiro, você deve manter isso em segredo, até mesmo de outros presbíteros.

Regan franziu a testa. — Eu não entendo.

— O que estamos prestes a dizer a você não pode sair — disse

Val. — É claro que nós confiamos em todos os nossos anciãos, mas quanto menos pessoas conhecerem os nossos planos, menor a chance de ser descoberto. Uma vez que a primeira parte do plano for realizada, vamos deixar os outros anciãos saberem o que está acontecendo.

Lance apontou para o pergaminho com sua vara celeuma cor de café. — Este documento foi descoberto em um antigo cofre Aegis. Acreditamos que pode ser a chave para parar Peste.

— E o que eu tenho a ver com isto? — Regan perguntou.

Todos trocaram olhares. Justo quando Kynan pensou que ninguém ia falar, Malik entrou na conversa, sua voz tão grave como o olhar que ele estava lhe dando. — Kynan e Arik foram nossos intermediários para lidar com os Cavaleiros. Mas, obviamente, Arik já não pode funcionar nessa qualidade.

— Então vocês querem que eu jogue na cavalaria.

Val se engasgou com seu café e Kynan chegou perto de fazer o mesmo em sua própria língua. — Isso — Val chiou, — é incrivelmente preciso.

Regan bufou. — Falem logo, pessoas. O que vocês estão dizendo?

— Nós precisamos que você seja mais do que apenas um intermediário. Nós vamos providenciar para que você fique com um deles.

— Quem?

— Thanatos — Kynan disse.

Lance saltou antes de Ky pudesse suavizar o golpe que estava vindo. — E nós queremos que você o seduza.

Regan respirou duramente e sua pele normalmente bronze ficou pálida. — Vocês... o quê?

— É preciso levá-lo para a cama.

Ela empurrou para seus pés. — O que diabos é isso de pergaminho? Algum tipo de romance Aegis? Submundo erótico? Danem-se todos vocês.

— Eu disse que ela não faria isso — disse Lance. — Ela odeia os homens.

— Só porque eu tiro para baixo não significa que eu odeio os homens, seu idiota.

O rosto de Lance ficou vermelho. — Você desliga todos. Ele olhou ao redor da mesa. — Alguém de vocês já viu ela com um cara?

Não, Kynan não tinha, mas ele não dava a mínima para a vida amorosa ou a falta dela. — Acalmem-se.

— Eu só não entendo porque é tão importante eu subir na cama com... com... um cavaleiro. Ela praticamente estremeceu na última palavra.

— Porque — Val disse calmamente, — essa é a única maneira de você ficar grávida de seu filho.

Grávida. Seus colegas queriam que ela engravidasse de uma criança da Morte.

O primeiro instinto de Regan era começar a gritar. Ou talvez fugir da sala. Mas 25 anos no Aegis tinha lhe dado mais disciplina do que isso, e ela socou para baixo seus instintos raivosos da forma como ela tinha sido ensinada desde o dia em que ela veio para a organização de caça demônios como um bebê recém-nascido ainda coberto do sangue de sua mãe.

— Minha resposta é não, mas me diga por que você acha que precisa que Thanatos role no feno, e por que você acha que eu sou a única que deve dar a ele. Jesus. Dormir com um Cavaleiro do caralho?

Val recostou-se na cadeira de couro, um sinal de que uma palestra estava prestes a começar. — De acordo com o livro, depois que a Peste que matou mais de cinco milhões no antigo Império Romano e foi atribuída a Peste, um dos primeiros profetas Aegi, Marcus Longinus, reconheceu que se Peste era perigoso antes que seu selo quebrasse, ele seria um milhão de vezes pior depois.

Malik assentiu. — Nós sabemos que o foco do Aegis tem sido por muito tempo em Peste. Mas até agora, não sabíamos que quaisquer planos concretos tinham sido feitos no caso de selos dos Cavaleiros começassem a quebrar.

— Por que o foco está em Peste? — Regan perguntou, enfiando os dedos em seus bolsos das calças de brim para conter a sua tendência a falar com as mãos, o que fazia com que ela parecesse hesitante e estúpida.

— Porque o Daemonica nos disse que seu selo seria o primeiro a quebrar — Kynan disse. — A adaga, Deliverance, foi forjada para matar os Cavaleiros. Mas Peste tem o punhal, o que significa que nenhum dos outros pode usá-lo para matá-lo. É aí que o nosso amigo Marcus Longinus entra.

— Ele se isolou em uma caverna de meditação e escreveu suas visões — disse Val.

Lance bufou. — Claro, nós sabemos agora que as cavernas de meditação foram preenchidas com gases naturais que causaram alucinações, então Marcus podia estar cheio de merda.

Regan odiava concordar com Lance sobre qualquer coisa, mas foi exatamente o medo. Nos tempos antigos, tudo foi pensado para ser um ato de Deus ou dos deuses, dependendo do tempo e da religião. Então um cara pulou na caverna viu todos os tipos de lixo e achou que as visões foram enviadas por uma divindade.

— Ok, então que tipo de 'merda' Marcus sonhou?

Val empurrou os óculos no nariz. — Ele tinha uma visão de que a única esperança para o mundo, se a profecia Daemonica viesse a passar e todos os Cavaleiros setransformassem o mal, seria um filho secreto concebido pela união de um guerreiro Aegis e um Cavaleiro. Essa criança vai ser o salvador da humanidade.

— Ah ... não poderia qualquer um dos Cavaleiros fazer, então? E qualquer Guardião? Por que não consigo essa visão estúpida envolvendo Limos e Arik? — Ela sorriu para Lance. — Ou talvez você devesse equipar-se e fazer a escritura. Ou talvez você odeie as mulheres?

— Eu amo as mulheres, tanto quanto você provavelmente ama — ele disparou de volta, e ela revirou os olhos.

Ela não era lésbica. Ela era apenas... bem, ela não tinha chances com o sexo. Para ela, era um orgasmo de alguns segundos em que seu controle era cuidadosamente perdido... e quando você tinha

habilidades sobrenaturais como as dela, não iria querer perder o controle.

— Acreditamos que o cavaleiro em questão é Thanatos — disse Malik. — Nós temos um par de pistas. As palavras ‘Da morte virá Vida’ fora gravadas em punho por Deliverance e estão escritas aqui, no pergaminho.

— Então você acha que, literalmente, da morte —Thanatos — virá a vida... na forma de um bebê. Regan poderia realmente usar uma bebida forte agora. Você sabe, antes que ela se batesse e não pudesse beber mais. Jesus. — E o livro explica como um guardião do sexo feminino deve chegar perto o suficiente para seduzi-lo?

— Não — disse Val — mas Peste colocou um preço na cabeça aegi. Os Cavaleiros restantes estão mais dispostos do que nunca a nos ajudar, já que estamos na linha de frente com eles. Eles, obviamente, tem um monte de conhecimento, coisas que estamos em falta, especialmente as suas histórias desde que o Aegis rompeu com eles centenas de anos atrás. Vamos dizer-lhes que precisamos das lacunas preenchidas, e queremos enviar um historiador para trabalhar com eles.

— Como você pode ter certeza que não vai querer esse Aegi trabalhando com Ares ou Limos?

— Não é uma questão de querer — Kynan disse. — É uma questão de praticidade. Ares e Cara são ocupados sendo recém—casados e estando em treinamento de uma ilha cheia de cães infernais. Limos tem suas mãos cheias com Arik. Thanatos, por outro lado, é por si só, e ele tem a melhor biblioteca. Ele é realmente a única opção.

— Huh. Bem, boa sorte encontrando alguma otária que quer dormir com ele, porque essa não vai ser eu.

— Regan. Val olhou para suas mãos, que ele tinha dobrado em seu colo. — Nós não podemos forçá-la a fazer isso. Mas eu vou pedir para você pensar muito sobre isso. Você é um dos nossos maiores bens e não pedimos que você faça isso de ânimo leve. Pedimos, pois, com suas habilidades, você realmente é a única que pode fazê-lo.

A lembrança do que ela era deixou-a sóbria, muito rápido. Apenas os Anciãos sabia sobre seus dons psíquicos, e às vezes ela

suspeitava que Val sabia até mais do que ela sobre a extensão deles. Ele tinha sido o único a defender a sua vida quando ela tinha nascido de uma mãe que abandonou seu Guardião por causa do que seu pai era. Ele tinha sido o único que tinha jurado que ele seria o único para colocá-la para baixo, se seus poderes crescessem fora de controle.

Ele era o único que tinha matado seu pai.

Ela escolarizou sua expressão, recusando-se a deixar que ninguém aqui visse seu desconforto. Porque sim, a incomodou que todos, exceto Kynan estavam olhando para ela como se fosse uma bomba pronta para explodir. Assim como ela, que ia colocar suas habilidades em alguma caixa trancada em suas memórias, mas agora estavam lembrando exatamente o que ela poderia fazer. E o que ela tinha sido proibida de fazer sobre a pena de morte.

— Eu não entendo o que você está dizendo, Val.

— Uma das defesas de Thanatos é a armadura que aprisiona almas — Kynan disse. — Quando ele está chateado ou quando ele as libera, elas matam.

— Sua capacidade pode protegê-la delas — disse Val. — Você é a única Guardiã que poderíamos considerar colocar em seu caminho.

Ela cerrou os punhos. — Por 25 anos, você treinou-me para não usar a minha habilidade. O Aegis mata pessoas como eu. E agora você está me pedindo para adotá-la? — Ela cruzou os braços sobre o peito. — Esse pergaminho. Onde você o encontrou?

Kynan respondeu a ela. — Em um cofre Aegis de Limos me levou.

— Será que lhe ocorreu que poderia ser um truque? Falso? Primeiro romance do mundo paranormal?

A boca de Ky curvou em um canto quando ele passou para ela. — É por isso que precisamos de você para verificar sua autenticidade.

Merda. De suas duas habilidades, esta era a que ela estava autorizada a usar, mas ela não gostava, especialmente na frente de alguém. — Você sabe que eu não posso dizer como ele é antigo ou nada. Eu só posso dizer—lhe o que quem escreveu que estava sentindo.

— Nós sabemos.

Inalando em uma maldição, ela desenrolou essa coisa idiota que supostamente dizia que ela deveria foder Thanatos, e passou os dedos sobre a tinta. Imediatamente, seu corpo foi inundado com emoção e imagens. Imagens do inferno explodiu em seu cérebro, cenas horríveis de tortura e dor... e ela empurrou a mão.

Sim — ela resmungou. — Quem escreveu O Segredo Cavaleiro Bíblico sobre o Bebê Aegis foi sincero. Eles acreditam que a criança é importante. — E eles também foram indivíduos muito torturados. Ela limpou a garganta. — Como, exatamente, este bebê irá salvar toda a humanidade?

Quando todos desviaram seus olhares, o alarme tocou. Finalmente, Val olhou para cima. — Esse é o ponto. Nós não sabemos. Aparentemente, há um pergaminho gêmeo que vai explicar. Temos fé que no momento em que o bebê nascer, nós o teremos encontrado.

— Ah, isso é ótimo — ela demorou. — Talvez eu devesse pular de um penhasco e tenho fé que na hora que eu bater no fundo, eu vou ter ganhado asas?

— Então? — Lance solicitou, como se ela não tivesse falado. — Você vai montar um pônei selvagem?

Deus, ela o odiava. Ignorando o idiota, ela se virou para Kynan. — Como Thanatos parece? — Visões de um cara velho que parecia irmão gêmeo do Keeper Crypt surgiram em sua cabeça.

Kynan encolheu os ombros. — Se você não se importa com tatuagens e piercings, ele é atraente, eu acho.

— Você acha?

— Desculpe, acontece que eu gosto de mulheres, assim Thanatos não me atrai. Mas é provavelmente justo dizer que se eu fosse gay, eu o pegaria.

— Isso é tão útil — disse ela, secamente. — Então o que você vai fazer com essa criança? Quer dizer, o que acontece depois que ela nascer? Eu não sou exatamente o material maternal.

— Gem e eu cuidaremos dela — Kynan disse suavemente.

— E a sua mulher está bem com isso?

— Não é como se nós já não tivéssemos um filho que é parte demônio. E eu tenho uma família enorme cheia de demônios, anjos,

vampiros, lobisomens para ajudar e manter a criança segura. Nós vamos adorar como o nosso, eu prometo.

Merda. Ela não podia acreditar que estava realmente considerando isso. Mas o Aegis era sua família. Eles levantaram-na quando ninguém mais o faria ou poderia. Ela lhes devia e se era assim que ela poderia dar a sua contribuição para salvar o mundo, então ela não poderia dizer não. Além disso, ela não poderia sujeitar outra Guardiã feminina para este risco.

Agora, não Aegi fora do Sigil compreendeu a magnitude do que estava acontecendo no mundo, e muitos poucos sabiam da existência dos Quatro Cavaleiros. Trazer alguém de fora levaria tempo. O inferno, encontrar a mulher certa levaria tempo.

— Façam os arranjos. Ela nunca foi uma de fugir de nada, mas agora ela precisava de um pouco de ar fresco e um momento a sós, então ela abriu a porta. — E isso inclui planos para o meu funeral, porque se isso não funcionar, eu quero um realmente bom.

Capítulo Doze

Arik acordou grogue, a cabeça bagunçada, mas pela primeira vez desde sempre sua barriga não jogou tudo para fora ou comeu sua própria espinha de fome. Ele abriu os olhos, e percebeu que ainda estava na terra da fantasia induzida pelo demônio. Talvez ele não estivesse tão ruim aqui depois de tudo. Pelo menos ele tinha comida, chuveiro e uma cama macia.

E uma escova de dente. Quem teria pensado que um item tão simples poderia fazer uma pessoa feliz? Quando ele escovou os dentes, ele praticamente gemeu de valorização orgásmica com o gosto do creme dental de menta e o curso de cerdas macias. Sexo oral, isso é o que era.

Ok, não é bem assim. Limos apareceu em sua cabeça e todas aquelas fantasias de tê-la de braços abertos e arqueando contra sua boca superou o sexo de escova de dentes, com certeza.

Amaldiçoando-se por ser um idiota, cuspiu, enxaguou a boca e entrou no quarto, assim quando Limos, seu corpo bronzeado coberto em um maiô amarelo e uma refinada saia que pairava abaixo de seus quadris, bateu na porta do pátio de vidro do lado de fora da sala. Ele não a deixou entrar, mas a porta não estava trancada, então ela deslizou-a aberta.

— Ei, dorminhoco.

— Dorminhoco?

— Mais como "encomado" realmente. Você dormiu por 24 horas. Ela apontou um dedo para ele. — Vamos lá fora. Eu tenho um dia de terapia sensorial planejado. Eu estou indo para sobrecarregar você com normais sensações familiares para provar que tudo isso não é um truque e trazê-lo de volta à realidade.

Realidade. Ele não estava certo do que isso significava.

Ele apreciou Limos, mas com cautela, seguindo a corrente de ouro em volta do pescoço para baixo, o diamante enorme que descansava entre seus seios. Seu estômago, plano e musculoso deu

lugar a quadris estreitos e pernas longas de coxas com poderosas curvas, pernas e pés delicados. Os dedos dos pés estavam pintados de rosa e ela tinha anéis de ouro em seus dedos do meio. Ele gostaria de sugá-los para fora.

Foda-se idiota. Ele estava perdendo sua mente. Isso não era real e mesmo que fosse... o que? Merda, ele estaria tão feliz que não importaria o que ela tivesse feito ou que ele tivesse feito para que o transportassem para fora de Sheoul, então sim... ele chuparia os dedos dos pés.

A brisa morna em volta dele, tentava-o, mas quando ele não caminhou imediatamente para fora, Limos virou. Ela ficou ali, com as mãos na porta, seu cabelo chicoteando ao redor de seus ombros enquanto ela olhava para o oceano.

— Vamos, Arik. Sua voz era suave, bajuladora, e hey, o que doeria ir lá fora?

Por alguma razão, seu estômago vibrou. Pare de ser um covarde. Ele saiu, foi imediatamente encharcado de sol quente e aromas tropicais. Vinte metros abaixo, a areia se estendia ao longo de uma praia forrada com exuberante floresta, tanto quanto ele podia ver. Gaivotas sobrevoaram, pontilhando o céu azul e, em seguida, mergulhando nas ondas do mar.

— Veja — ela disse, enquanto ela lhe deu um sorriso deslumbrante. — É lindo aqui fora.

Ela era linda. — Eu acho.

Ela se virou para ele e levantou a mão para sua bochecha, e ele queria se afastar, mas não o fez. Na verdade, ele se inclinou no calor suave de sua palma.

— Sinta isso. Sinta como tudo é real. O sol, a brisa, o meu toque.

— Sentir nunca foi o problema.

Ela largou a mão dela. — Ok, vamos jogar um jogo. Vamos fingir que você trabalha para a Aegis e R-XR todo esse tempo, e você fez uma pausa e veio aqui para me ver.

— Você quer dizer, fingir que eu beijei você do lado de fora da

casa de Ares e eu não fui arrastado para Sheoul?

Algo brilhou em seus olhos, e se ele não soubesse, ele pensaria que era arrependimento. — Sim. Onde estaríamos agora?

Ele não sabia o que dizer. Ele passou horas e horas pensando em como ele iria se vingar dela, mas com toda a honestidade, ele também se perguntou o que teria acontecido se ela não tivesse assustado e ele não tivesse sido a estrela em seu próprio episódio de Survivor: Sheoul.

— Eu não sei — disse ele. — Se você não estivesse comprometida... você sabe, se você fosse disponível, você teria deixado o beijo ir em frente?

Seu queixo veio para cima, e ele sabia que ela estava indo dizer que eu não deveria deixar isso acontecer em primeiro lugar. Não, ela não ia voar de novo, e ele aproximou-se, tão perto que ela apoiou-se, esbarrando no corrimão. Era engraçado como ela era uma guerreira durona, mas quando confrontada com a atenção de um macho, tornava-se nada mais que uma fêmea que teve de lidar com seus mais sórdidos desejos.

— Não — disse ele. — Não negue novamente. Não há zonas cinzentas aqui. Apenas preto e branco. Você queria o beijo ou você não queria, e você nunca vai me convencer de que não o queria. E aqui está a coisa sobre aquele beijo. Se eu não tivesse sido arrastado para o inferno, eu não teria parado. Eu teria te despido e colocado sob mim em um piscar de olhos, e eu teria a minha boca em lugares que teria chocado você. Isso é tudo o que eu pensei quando eu estava naquele buraco do inferno e eu estava traçando na minha cabeça quanto tempo eu levaria para lambe até você gritar meu nome. Posso não saber se algo disso — ele fez um gesto com o braço — é real, mas que teria sido. Essa é a verdade.

Manchas vermelhas coloriram suas bochechas e ela teve esse maldito brilho superior em seu olhar de novo, como se ela estivesse tentando recuperar algum controle sobre ela, essa situação, e seus próprios sentimentos. — Eu deixei algumas coisas passarem, mas você não pode falar assim comigo. Eu sou uma...

— Calma aí, Trigger. Ele agarrou-a pelos braços, puxou-a

contra ele, e inclinou a boca sobre a dela. Principalmente, ele queria calá-la, mas ele também queria provar que ela estava errada, mostrar-lhe que, apesar de todos os seus protestos, ela queria o beijo fora da mansão de Ares. Ela pode ser uma lenda bíblica, e ele um mero humano, mas quando seus corpos se tocaram, eles eram marido e mulher, e nem teve qualquer vantagem tática. Seu corpo inteiro estava tenso, mas depois suas línguas se encontraram, e foi ao longo do jogo. Ele tinha ganhado. Ele fez o seu ponto.

— Não — ele disse, um pouco sem fôlego. — Você queria que eu sentisse. Eu senti. Mas eu ainda não estou convencido de que isso é real. Ele não pode estar certo, mas o pau dele estava, e ele casualmente ajustou sua ereção.

Limos afastou-se dele, e apesar de seus olhos estarem vidrados de luxúria, os lábios molhados de seu beijo, ela estava alerta, e o músculo em seu braço estava se contorcendo. — É real. Ela parecia tão sem fôlego quanto ele, para sua satisfação. — Venha comigo. Eu não terminei de provar ainda.

O aroma apetitoso de carne na brasa pairava no ar quando Limos levou Arik para a sala de jantar. Embora ele não tivesse argumentado, ele se moveu lentamente, cautelosamente, como um gato em território de cão.

Hekili tinha colocado dois pratos na mesa redonda, bem como duas geladas garrafas de cerveja de sua micro cervejaria havaiana favorita. Ela normalmente bebia bebidas de mulher, como Ares gostava de dizer, mas de vez em quando gostava de uma cerveja com seus hambúrgueres.

— Sente-se— . Limos apontou para o lugar que dava vista para a praia, e Arik sentou, seu corpo tão rígido que estava espantado que suas articulações funcionassem.

Limos estava do outro lado da mesa enquanto Arik estava sentado em sua cadeira, olhando fixamente para o hambúrguer, que foi regado com molho secreto Hekili da receita de churrasco e uma

grossa fatia de abacaxi. — Arik, por favor. Coma.

Ele só olhou.

Deus, tinha que trabalhar isso. A idéia tinha sido de Ares, sua experiência com o que foi agora chamado de stress pós-traumático era vasta. Ele poderia vir do que discutir com a moeda Sartael e Reaver não comparecia do que a da convocação, e Ares tinha tomado uma olhada no corpo de Arik em coma e acenou com a cabeça decisivamente.

— Estimule-o.

— Ah ... desculpe-me?

Ares revirou os olhos. — Não gosto disso. Sobrecarregá-lo com todos os sentidos. Chocar seu sistema fora do mundo 2-D dentro de sua cabeça.

Ares tinha prometido falar com Cara para ver se eles poderiam ter alguns cães do inferno aqui para ajudar a proteger a casa, e então desistiu depois, atraído por alguma catástrofe que Peste tinha causado. Suas próprias entranhas estavam tremendo com a necessidade de dirigir-se a um período de fome que se espalhava rapidamente na China, mas ela ia esperar até o último segundo possível. Então, aqui estava ela, tentando estimular Arik com um hambúrguer.

— Arik, escuta-me. Ela afundou-se no banco em frente a ele e tomou um gole de sua cerveja. — Eu sei que você está tendo um momento difícil com isso. Mas eu prometo que você não será punido se você comer. Toda a comida que estamos dando a você é real. Bem, algumas pessoas podem não considerar comida de verdade, mas realmente não ruim.

Ele ergueu o olhar, que havia escurecido. — Mentira.

— Eu estou te dizendo a verdade. Verdade. Pareceu-lhe que apesar de Peste tinha reiniciado seu desejo de mentir, ele não estava vindo de segunda natureza da maneira que costumava fazer, e ela estava achando mais fácil resistir. Voltar quando ela morava em Sheoul, e por uns bons milhares de anos depois de ter chegado ao reino humano, mentiras eram as únicas coisas que saíram de sua boca. Talvez essa recaída não fosse tão ruim.

Pelo menos, não seria ruim, desde que ninguém descobrisse

sobre as coisas que ela havia mentido.

O olhar de Arik caiu de volta para seu prato, sua voz assombrada. — Você me enganou.

Sim, ela tinha, e ela não se sentia mal sobre isso. — Você tinha que comer. E eu não estava indo dar-lhe... o que você disse... olhos e tripas?

Por um longo tempo, ele não fez nada. Então, lentamente, ele estendeu a mão para o hambúrguer. Suas mãos tremiam, e ele amaldiçoou, colocando-as de volta em seu colo. Mais cinco minutos se passaram, e ele tentou novamente. Assim que seu dedo tocou o pão, um pássaro piou, e ele recuou as mãos para se defender, como se esperasse um golpe.

O coração de Limos estava rachado. Que estranho que seus irmãos, que tinham começado como concurso, os bebês suaves, tinham crescido difíceis à medida que envelheceram, mas Limos era o oposto. Ela tinha sido criada por demônios que esperavam que ela vivesse e respirasse crueldade. Ela tinha sido mais difícil do que um diamante e incapaz de ternura ou amor, quando ela chegou no reino humano. Mas ela gradualmente aprendeu a sentir, e onde seus irmãos haviam erguido paredes, as delas tinham se quebrado.

Arik tinha o potencial para derrubar a última delas, e esse pensamento tanto aterrorizava, quanto emocionava. Ela não podia dar ao luxo de ser vulnerável a seus sentimentos, e ainda, pertencer em um relacionamento era tudo o que ela sempre quis.

É claro, a relação que ela queria a muito tempo, estava muito longe do que ela queria agora.

Quando ninguém saiu da toca para bater em Arik, ele pegou o hambúrguer. Sua garganta trabalhou duro, mesmo antes de ele levá-lo à boca. Ele deu uma mordida, mas seus olhos estavam selvagens. Mais uma vez, quando ninguém apareceu do nada para torturá-lo, ele relaxou um pouco e mastigou. Então, ele deu outra mordida. E outra. Ele engoliu o hambúrguer como um cão faminto, e quando acabou, ele drenou a cerveja.

Com muito cuidado, ele colocou a garrafa. — Isto é real, não é? — ele sussurrou.

— Sim — ela sussurrou de volta.

Ele abaixou a cabeça, e seu corpo inteiro começou a tremer tanto que a cadeira sacudiu no chão. — Como? Como é que eu saí?

— Você escapou. Ela queria ir com ele, para abraçá-lo apertado, mas ele estava em um lugar frágil agora, e ela não queria fazer nada que pudesse enviá-lo de volta para seu pesadelo mental. — Kynan e eu o encontramos na boca do inferno de Erta Ale.

Ele olhou para cima, e ela ficou aliviada ao ver que não havia nenhuma suspeita em sua expressão. — Como é que você soube onde procurar?

Ela sorriu. — Kynan interrogou alguns corretores e eu torturei um de seus torturadores.

— Bom. Um canto de sua boca inclinou-se e, uau, foi ótimo vê-lo sorrir.

Ela lhe deu uma piscadela maliciosa em troca, tornando-se consciente de um zumbido emocionante, uma sensação dentro dela que rivalizava com o que ela experimentava quando ela dizia uma mentira. Era isso o que as pessoas apaixonadas chamam de borboletas?

Não que ela estivesse apaixonada. Tanto quanto ela gostava de sonhar em ter um relacionamento normal e feliz, ele simplesmente não estava nas cartas para ela.

— Eram bons tempos ao redor. Ela fez um gesto para o prato vazio. — Quer mais?

Ele balançou a cabeça. — Eu não estou acostumado a comer muito. Eu estou muito cheio. Ele olhou para fora da janela, mas onde ele foi, ela não poderia seguir. — Quem mais sabe que estou aqui? — Sua cabeça girou para ela. — Minha irmã deve estar ficando louca.

— Não. Seus dedos apertaram a garrafa de cerveja suando. — Eidolon e Shaide vieram aqui para curá-lo, então sua irmã sabe que você está bem. Kynan também.

— Então Kynan realmente conseguiu essas roupas para mim?

— Sim.

Ele beliscou a ponte do nariz com o polegar e o indicador. —

Merda. Tudo está tão desordenado.

Ela estendeu a mão para ele. — Arik...

Ele saltou da cadeira. — Eu preciso de um minuto, ok? Dê-me um minuto sozinho. Ele decolou quase bêbado em direção ao quarto.

Não foi até que ela ouviu o estrondo que ela soube que algo estava terrivelmente errado.

Capítulo Treze

Peste elevou seu jogo, e seu tabuleiro de xadrez era feito de carne humana, suas peças trabalhadas dos ossos.

Thanatos e Ares foram compelidos pela violência e morte para o portal da Nova Zelândia, o mais novo parque do irmão. A praga de gafanhotos comedores de carne transformou boa parte do país em um terreno baldio, e quando as forças de defesa da Nova Zelândia foram tentar conter os insetos de grande porte, foram atacados por corvos demônios, demônios que até agora estavam confinados em Sheoul.

Quando Than e Ares arrastaram através de sangue e lutaram batalha após batalha, fizeram uma descoberta perturbadora. Peste tinha saturado a metade sul da Nova Zelândia, com muito sangue, mal e a destruição que foi capaz de reivindicá-la em nome de Sheoul. Era agora território demônio e uma grande vitória para Peste no jogo.

Than tinha que descobrir quando seria seu próximo passo.

Peste tinha desencadeado uma praga impensável, transformou os seres humanos em genuínos zumbis, merda. Thanatos gostava de *The Walking Dead* tanto quanto qualquer um, mas a coisa real não era nada como ficção. Esta praga era o senso de humor de Reseph transformada no ser torcido que agora era Peste, e sem dúvida, o filho da puta mal estava dando uma boa risada.

Thanatos amaldiçoou e bateu com o punho no saco de pancadas em sua academia, onde estava desesperadamente tentando trabalhar fora o alto nível de resíduo de coca de seu corpo quando esteve imerso no monte de morte. Precisava nivelar, precisava recuperar sua capacidade de se concentrar, porque depois de deixar a Austrália, tinha descoberto informações que podiam revelar-se uma quebra enorme na sua busca para reparar Selo de Reseph. Mas se ele não podia sair desse humor de matar, não seria capaz de acompanhar o que conduzia com a cabeça limpa.

Atrius, um dos vampiros daywalker, interrompeu-o com um

toque suave no batente da porta. – Mestre, você tem uma visita.

Puxou o último soco. – Você poderia ser mais específico?

– É um Aegi.

Kynan, então. – Deixe-o entrar.

– Ah... não é um ele. É uma ela.

Than virou. – Será que você verificou que ela é uma Guardiã? – Peste tinha enviado súcubos em uma base regular para tentá-lo, de fato, uma das referidas súcubos estava acorrentada nua no grande salão esperando seu interrogatório. Definitivamente não podia acreditar que seu irmão iria recorrer a essa tática novamente para tentar enganá-lo que um súcubos fosse um matador Aegis.

–É claro. Ela usa o símbolo Aegis em um anel, e me deu isso para apresentar a você. – Atrius estendeu um telefone celular.

Thanatos pegou, clicou na agenda de endereço e com certeza, o nome de Dean Winchester estava listado entre as centenas de outros nomes na agenda. Logo após Arik ter sido tomado, o Aegis e Cavaleiros criaram uma forma, um tipo de código, para garantir que nenhum Aegi falso nunca pudesse ganhar entrada em um reduto Cavaleiro ou enganá-los como fez quando entrou na casa de Ares e lhe entregou uma arma envenenada.

A coisa Dean Winchester foi ideia de Limos. Ela amava seus programas de TV sobrenaturais.

Than pegou uma toalha na barra da esteira. – Faça entrar.

Limpou o suor de sua testa e rosto, em seguida, drenou uma garrafa de água. Quanto a arremessou vazia na lixeira uma mulher entrou.

E... Caramba. A Guardiã era impressionante, ainda mais bonita com o que os outros podem considerar falhas. Cílios longos e grossos, enquadrados em olhos anódinos castanhos que eram um pouco distantes, e seu nariz um pouco torto tinha claramente sido quebrado pelo menos uma vez. Uma cicatriz bronze na pele enrugada em sua têmpora e novamente em seu queixo.

Mas seus ferimentos só a fizeram muito mais atraente para ele que apreciava uma mulher que sobreviveu ao combate.

Ela usava uma camiseta vermelha que moldava firmemente

sobre seios fartos e enfatizava a cintura fina. Uma bengala de doce bordada ficava acima do seio esquerdo, lembrando-o que para os humanos que celebram, era tempo de Natal. Calça jeans de cintura baixa abraçando os quadris largos e coxas finas, e em seus pés botas de couro que vieram até a metade da panturrilha e nenhuma dúvida que escondia um punhado de armas.

– O que está olhando?– ela perguntou em voz rouca esfumaçada, e ele tomou seu tempo arrastando seu olhar para cima.

– Verificando você, – ele demorou. – Dimensionalmente.

– Para?

–Um buraco no chão. – Ele andou em sua direção, mas ela não cedeu. Bem. – Foi estúpida para vir a mim sem aviso prévio, assassina.

– Tentei twittar você, mas parece que tipos Cavaleiros tem medo da rede social.

Engraçado. Um Guardião comediante veio lhe visitar. – O que você quer?

–O quê? Eles não ensinaram boas maneiras em seu dia? Eu não terei chá ou alguma coisa? Talvez você queira me acorrentar como a garota nua no outro quarto? – Ela lambeu os lábios, que ele só percebeu que eram carnudos, talvez muito carnudos, e sua imaginação erótica decolou. E uma vez que a imaginação era tudo que ele tinha quando se tratava de todas as coisas eróticas, poderia ficar fora algumas fantasias incríveis.

– Responda-me!– ele gritou, e ela nem saltou. Impressionante.

–Podemos conversar em outro lugar? Talvez depois de colocar algumas roupas?

Ele sorriu. – Será que meu peito nu está te provocando?

– Dificilmente. Mas suas tatuagens são uma distração.

Ele ouvia muito isso. Provavelmente porque muitas delas eram representações de morte e destruição, cenas tiradas diretamente de sua cabeça por um demônio tatuador. Seu talento lhe permitiu as camadas das tatuagens mais velhas não se misturassem as tintas das mais novas, criando um efeito 3-D, as pessoas achavam frequentemente desconcertantes.

Thanatos chamou Atrius, que apareceu imediatamente. – Leve-a

para o grande salão. Coloque a súcubos no meu quarto e dê chá a Guardiã.

— Eu estarei lá.

Atrius levou a fêmea, e apesar de que não deveria ter olhado... Ele fez. Observou a influência de sua bunda perfeita quando ela foi embora, e depois teve que esperar sua ereção diminuir e suas presas pararem de latejar para se juntar a ela. Ele realmente não dava um inferno de ratos se ela lhe desse um imenso tesão, mas manteve seus caninos em segredo desde o dia que caiu e exigiu sangue.

Considerou um banho, mas foda-se. Ela interrompeu o seu treino, então ela que se preocupasse com seu suor malcheiroso. Jogou-se em um moletom, no entanto.

Estava esperando por ele perto do fogo, com as mãos atrás das costas estudando o retrato sobre a lareira. — Você gosta de olhar para si mesmo, hein?

Essa voz. Porra, ele poderia ouvir a voz todos os dias. — Foi um presente, — disse ele, mas não deu mais detalhes.

Seus vampiros tinham encomendado a pintura a algumas centenas de anos atrás, e não queria insultá-los por não exibi-lo. Concedido, colocou inicialmente em um lugar muito menos perceptível, mas alguém o colocou aqui. Havia se tornado uma espécie de jogo agora, e cada par de anos, ele a movia e via quanto tempo levaria para perceberem, encontrá-la e devolvê-la.

Ela se virou para ele, assim quando Atrius chegou com um bule de chá e uma única xícara e colocou sobre a mesa de carvalho estreita contra o encosto do sofá. — Eu estava brincando sobre o chá, — disse ela, mas se serviu de qualquer maneira.

— Não quero que você ache que sou um anfitrião terrível. Agora, me diga por que você está aqui.

Como se ele não tivesse falado, ela soprou em toda a superfície de seu chá fumegante. — Hum. Cheira bem.

É claro que sim. Ele só compra o melhor. — Onde está Kynan?

—Não sei. — Ela olhou-o por cima da borda da xícara. — Não é o meu dia de vê-lo.

Humana irritante. — Por que ele não está aqui? Estamos lidando

com ele.

—Você tem de lidar com ele, porque é o único de nós que pode viajar através de Harrowgates. Ele que me trouxe aqui, na verdade. E posso apenas afirmar para registro que odeio ser nocauteada para viajar? Deu-me um baita dor de cabeça.

— Eu não vou perguntar de novo. Por que você está aqui?

Um sorriso lento curvou em sua boca sensual, e ela apontou para uma mala, perto da entrada. —Porque, — ela disse suavemente, — Eu estou me mudando.

Regan nunca ficou tão aterrorizada em sua vida como estava agora.

A descrença no rosto de Thanatos deslizou bruscamente para fúria, e agora havia sombras esvoaçando a seus pés. As sombras que tinham discutido na sede Aegis... Almas dos demônios, animais e seres humanos que havia matado. Sombras que ele poderia liberar para causar mais mortes.

Lá no fundo, sua capacidade proibida agitava.

—Você está o quê? — Sua voz era tão fria como a tempestade de neve que enfrentou para chegar aqui. Kynan a levou através do Harrowgate, mas teve que andar o resto do caminho em um dos vários carrinhos de neve de Thanatos mantidos perto do portal e na torre de vigilância, que seria seu veículo de fuga, se seu plano corresse como planejado.

Ou, mais importante, se não ocorresse.

Ela inalou, buscando acalmar seu exterior desde que chegou neste lugar. Tomou outro gole de chá, o que realmente foi maravilhoso. E normalmente não gostava da coisa.

— Estou me mudando para cá. Os Anciões discutiram e nós decidimos que um de nós deve andar com você em tempo integral. Eu tirei a palha curta.

Ele praticamente cuspiu, seu rosto ficou vermelho. — Você discutiu isso? Os Aegis discutiram isso sem falar conosco primeiro? —

Ele cuspiu uma dúzia maldições. — Vocês são sempre muito cheios de si mesmos. Isso não foi discutido com qualquer um de nós. Então saia.

— Olhe, — disse calmamente, embora por dentro estivesse tremendo, — isto não é sobre nós, cheio de nós mesmos. Trata-se de reparar o mau sangue entre o Aegis e os Cavaleiros. Então, só me mostre o meu quarto, e vou sair do seu caminho por um tempo. Dar-lhe algum tempo para se acostumar com a ideia. — Ela pensou que seus olhos iam saltar das órbitas. Mas os olhos eram impressionantes. Era amarelo pálido quando viu pela primeira vez, e agora, com raiva, eles aprofundaram a um ouro polido. Não estava preparada para eles, nem para o seu tamanho ou aparência. Ah, sabia sobre as almas que ele mantinha, e sobre suas tatuagens e piercings. Mas não esperava que as almas fossem tão estranhas, que as tatuagens fossem tão notáveis, ou que ele fosse tão bonito. Inferno, apesar do que Kynan tinha dito, achava que ele seria um cara magro, envolvido em um robe Grim Reaper.

Thanatos era além da sua possível imaginação, e mesmo que pudesse apavorá-la até a medula não ajudar, o admirava. Lembre-se de quando ele estiver matando você. É importante que o cara que vai te estrangular até a morte seja lindo de morrer.

Era uma idiota.

As sombras em torno dele rodaram mais rápido, formando ondas escuras, e sua habilidade poderia arrancar uma alma para fora de um corpo, contorcia dentro dele como uma coisa viva. Elas queriam ser usadas. Ele queria libertar as almas da armadura do jeito que "libertava" almas dos seres humanos e demônios.

— Por que isso é tão importante para o Aegis? — Than perguntou.

— Eu disse a você. — Ela segurou a xícara apertada. — Se quisermos combater o Apocalipse que está por vir, precisamos fazer mais do que trabalhar juntos. Precisamos aprender tudo o que puder sobre você e preencher os espaços em branco.

— Por que você? — Ele a olhou de cima a baixo, e as sombras ficaram mais loucas.

Ela estava tão feliz por contrariar o conselho de Val de se vestir provocativa e em vez disso se vestiu casual e cobriu-se, mas agora

tinha que ver se a decisão de jogar difícil daria certo, este era seu estado normal e fácil de fazer, seria mais eficaz do que com Thanatos do que uma gata sexy glamorosa.

– Eu disse a você. Peguei a palha curta.

–A palha curta. Sinto-me lisonjeado.—Seu sarcasmo ecoou pelas paredes de pedra e teto elevado, e a tatuagem que estava diferente do que antes, uma de um cavalo em seu antebraço direito, movia-se. Piscou, olhando com espanto quando o cavalo jogou sua cabeça. Será que Kynan não disse que seus cavalos viviam em seus corpos?

Fascinada, chegou mais perto do grande guerreiro. Sua frequência cardíaca disparou e seu estômago tornou-se vivo com as borboletas, mas não conseguiu parar de movimentar os pés ou o olhar fixo sobre o cavalo. Thanatos latiu algo em uma língua que não conhecia e as sombras que estavam circulando-o moveram-se em suas pernas, parecendo absorver em seu corpo.

–É notável,— ela murmurou, estendendo a mão para tocar sua pele, mas Thanatos vaiou e pulou para trás, assustando-a fazendo saltar de volta si mesma.

–Volte para seus colegas e lhes diga para enviar outra pessoa. — Sua voz era uma grossa desagradável. — Envie um macho.

Ela inchou como uma galinha irritada, como sua última mãe adotiva teria dito. —Escute Cavaleiro. Eu sei que você nasceu tempos atrás quando as mulheres eram vistas como pouco mais do que éguas de cria e escravas, mas estamos no século XXI, e nós podemos fazer qualquer coisa que um homem faz. Sou tão boa quanto qualquer homem Aegi, para obter mais de seu porco chauvinista.

–Eu tenho uma irmã que pode dar a qualquer homem uma por seu dinheiro, e não posso imaginá-la como uma escrava ou uma égua de cria, assim meu problema não é com sua competência. — Ele foi até ela, e o instinto lhe disse para recuar. Mas ignorou seu primeiro impulso e se manteve firme, mesmo quando ele chocou contra ela e estavam peito a peito e ela podia sentir seu aroma defumado. — Meu problema é que prefiro me cercar de homens.

–Bem, — ela disse firmemente, — você está sem sorte, porque não há Guardiões masculinos disponíveis no momento. Então você vai ter

que acostumar e lidar comigo.

Os olhos de Thanatos brilharam com uma luz forte que estava disposta a apostar que as pessoas viram antes que ele lhes arrancou a cabeça. – Você pode andar para fora da minha casa por si mesma, inteira e saudável, ou eu vou jogá-la para fora, muito menos saudável, em pedaços. Sua escolha.

Pense rápido... Pense rápido... Regan olhou por cima do ombro, na entrada para o que parecia uma enorme biblioteca. Perfeito. Odiava fazer isso, mas as coisas não pareciam agradáveis.

–Você está procurando o agimortus de Limos, certo? – Ela disse rapidamente. –E uma maneira de consertar o Selo de seu irmão. Posso ajudar. Tenho uma habilidade especial que pode ser útil.

Seus olhos se estreitaram. – Habilidade especial?

– Posso interpretar tinta na pele. Isso inclui pergaminho.

–Posso interpretar tinta em pergaminho também, –Than disse secamente. –É chamado de leitura.

Ela passou por ele, ignorando o tom de consciência que atravessou seu corpo quando tocado, e seguiu para a sua biblioteca, onde olhou para as pilhas de pergaminhos e zilhões de livros, alguns modernos, outros mais antigos. Rapidamente, porque Thanatos veio atrás dela como uma locomotiva, vapor praticamente saindo de suas orelhas, ela pegou um livro com uma capa que parecia ter sido feito a partir de... Oh, eca... Pele humana.

Qualquer que seja. Colocou-o sobre a mesa, abriu e colocou os dedos sobre a tinta... Sangue?... Em uma das páginas. A linguagem era desconhecida, mas as emoções que cauterizava a ponta dos dedos não eram.

Ciúme grosso como gelatina, rolou através dela. – O autor, – ela murmurou, – Está... Chateado. Ciumento. – Flashes de violência cintilaram como um filme granulado através de seu cérebro. – É uma mulher, eu acho. Ela quer matar... Assassinar e torturar outra fêmea. A outra fêmea é bonita, cabelo preto, olhos violeta. Quem escreveu isso estava pensando em um homem nu. Com asas. – Ela inalou uma respiração instável. –Anjo?

Os dedos de Thanatos circulou seu pulso e a puxou para longe

do livro. — Você pode fazer isso com os documentos relativos ao agimortus de minha irmã?

Regan assentiu, as visões em sua cabeça ainda vivas. — Quem eram essas pessoas?

— O autor era um súcubo nomeado Estha. A fêmea de olhos violetas é Lilith, minha mãe. O macho é ou Azagoth ou Sartael, antes de cair, e um dos dois rumores de é nosso pai.

— Azagoth? O Grim Reaper pode ser o seu pai?

Thanatos não disse mais nada, apenas ficou de pé a olhando especulativamente. — Você pode ser útil, mas vou até você. Nenhuma mulher fica aqui.

Ela estendeu a mão direita superior, e ela iria usá-lo. — Isso não vai funcionar. Preciso de acesso à sua biblioteca. Você precisa da minha ajuda, e O Aegis precisa de vocês. Não vou sair, fêmea ou não. — Sorrindo, passou fora da biblioteca e empurrou sua mochila. — Agora, por favor, mostre-me o meu quarto.

Com um grunhido, ele se afastou e, apesar de um vampiro aparecer um momento depois e levá-la nas profundezas geladas do castelo, não se sentia vitoriosa em tudo. Pelo contrário, estava chateada como o inferno.

O Cavaleiro que foi enviado para seduzir... Era gay.

Capítulo Quatorze

Arik perdeu. Estava fodido, a grande notícia era que já não estava em Sheoul, mas agora a questão importante era a cabeça. Pedacos de sua memória se foram, e o que estava lá parecia vago, sonho, e não podia memorizar o sonho. Cristo odiava isso, sempre se orgulhara de ter uma maldita boa memória, especialmente após o treino militar intensivo que o ajudou a lembrar de detalhes minutos após encontros com demônios. Agora perguntou o quanto de sua vida tinha perdido, e se alguma iria voltar.

Em seu estado assustado foi para o seu quarto, quarto de Limos, adivinhou, mas a claustrofobia estava em volta dele mais apertado do que um colete à prova de balas, e foi para a porta de vidro deslizante, apenas para descobrir que estava trancada. Do lado de fora.

Pânico começou, quebrou uma cadeira através do vidro, saltou sobre os trilhos, e acabou atingindo o homem que estava de guarda permanente.

Arik correu descalço, para a floresta atrás da casa. Não sabia o quão longe tinha ido quando ouviu Limos chamar por ele, mas não parou até que seus pulmões estavam queimando sem oxigênio, sua pele estava úmida de suor e o caminho foi bloqueado por uma cachoeira que dividia a selva ao meio.

Ofegante, inclinou-se e apoiou as mãos sobre os joelhos quando Limos veio por trás dele.

—Estou impressionada. — Sua voz era suave quando a sua mão desceu sobre o seu ombro, e agora que sabia que ela era real, com seu toque se sentiu melhor.

—Venho lutando com demônios desde que era criança, primeiro em minha própria casa, e depois para os militares. Não sou um desleixo total. — Deus, não podia acreditar apenas levantou a coisa de garoto, e se Limos possuía um único gene feminino ia atracar como um carrapato em um cão.

– Não acho que você é um desleixado. – Sua mão caiu quando ele se endireitou e se virou para ela. – Você conseguiu me derrubar uma vez, se eu lembro bem.

Um brilho de diversão em seus olhos brilhou, e bufou com a memória agarrando seu tornozelo e puxando os pés dela, para que ela pousasse em cima dele.

– Há alguns furos graves em minha memória, algumas dúvidas sobre o que foi real e o que não, mas me lembro disso. – Inalou uma respiração instável. – O que você me contou sobre seu noivo... Real? – Olhar de Limos deslizou fora. – Cavaleira?

Seus olhos se voltam para ele e estreitaram. – Diga meu nome.

– Responda à minha pergunta.

– Diz. Meu. Nome.

Frustração bateu, ele se inclinou para baixo, ficando bem no seu rosto, nariz com nariz. – Responda a pergunta de merda.

Claramente, eles estavam em um impasse, e ele não ia recuar. Nem duas dúzias de demônios feios e burros com ganchos de carne, marretas e facas o esfolassem não poderia fazê-lo dizer o nome de Limos, ela não tinha a menor chance.

Deve ter percebido isso, mas não querendo admitir a derrota, ela jogou o cabelo sobre o ombro e saiu para a beira da piscina cristalina na base da cachoeira, onde olhou para seus dedos. – Maldição. Quebrei uma unha.

– Jesus. – Ergueu as mãos em frustração. – Será que você consegue se concentrar em um assunto ou levar algo a sério?

– Eu levo minhas unhas muito a sério. – Ela bufou. – Quando você vive como que eu vivo, você aprende a apreciar as pequenas coisas. Falando nisso, tenho algo seu. Não sei quanto eles são importantes para você, mas os guardei comigo.

Ela estendeu os dogtags, a corrente de prata pendurada em seu punho fechado. Ele os pegou, outra pequena conexão com a realidade, e quando colocou a corrente em volta de seu pescoço, quase se sentiu inteiro novamente. Agora precisava de suas armas e anel do Exército, e estava bom para ir. Infelizmente, seus captores tinham tomado o anel, então não havia como ele voltar.

– Obrigado. – Sua voz era rouca humilhantermente.

Limos guardou as dogtags que poderia substituir por alguns dólares como se fossem um tesouro. E ela o tratou tão bem, pensou. Ela poderia ter o jogado no Underworld General ou o entregar para o R-XR ou ao Aegis, mas ao invés disso, cuidou dele até restabelecer sua saúde. Fez o que tinha que fazer a fim de levá-lo a comer. Empenhou todos os seus sentidos para trazê-lo de volta à realidade.

Arik não tinha dúvida de que se ela o tivesse deixado com os militares ou o Aegis estaria preso a uma cama, ligado a tubos IV, e os médicos estariam cutucando, cutucando e cavando em seu cérebro. Inferno, eles poderiam tê-lo feito pior.

– Você ainda não acredita que isso é real, não é? – Ela olhou para a água girando em torno de seus pés e borbulhantes em torno das pedras lisas.

Estendendo a mão, enganchou o dedo sob o queixo e ergueu o rosto para ele, precisando da sensação de tocar sua pele quente para fazer absolutamente, cem por cento certo de que ele estaria dizendo a verdade. – Acredito nisso. Nada naquele buraco era tão quente como você.

Ela engoliu em seco. – Então por que você não disse o meu nome?

– Não posso ter a chance que alguém vá ouvir. Você disse que tem que ser dito, enquanto eu estou na miséria, mas não vou arriscar.

– Por quê? Depois de tudo que você passou por causa de mim, por que você não quer dizer o meu nome e ver o que eu mereço? – Suas palavras eram amargas, sua voz dura, e ele se perguntou que tipo de vida ela teve para fazê-la pensar que ele faria algo assim.

– Não vou dizer que eu não penso sobre isso, – admitiu. – Quando estava em Sheoul, tudo que conseguia pensar era em vingança. Mas sei que você não quis dizer sobre o que aconteceu, por isso não, não posso fazer isso com você.

Ela chegou até a brincar com seu pingente Seal. – E por que quando você estava sonhando com a vingança você recusou os demônios quando lhe ofereceram um negócio... A minha tortura pela a sua?

Ah, droga, desejou que ela não soubesse nada sobre isso. Não precisava que ninguém soubesse o que ele suportou lá. Tortura, ele saiu, era profundamente pessoal, embora, horrível, experiência que preferia não compartilhar.

– Não poderia aceitar o acordo, porque não poderia ter vivido comigo mesmo. – Uma imagem, súbita sangrenta de Limos sendo brutalizadas nas mãos, garras, e ferramentas desses demônios brilhou em sua cabeça, e teve que conter um grunhido. – Sei o que esses filhos da puta eram capazes de fazer e eu nunca desejaria para você.

Sua garganta trabalhou em uma andorinha. – O que você deseja de mim?

– Eu, – ele disse com honestidade brutal. – Tolo que sou, eu me desejo em você. Seu gosto. Quando disse no quarto que a teria sob mim em um batimento cardíaco, eu quis dizer isso.

Ela piscou. Abriu a boca. – Mas... – Não lhe deu a chance de dizer qualquer coisa. Agarrou seus ombros e a puxou contra ele.

Ela soltou um pequeno suspiro, mas não recusou qualquer coisa quando tomou sua boca do jeito que fantasiou cada vez que ele fechava os olhos.

A água espirrou em torno deles, pequenas gotas de névoa cobrindo seus rostos quando suas línguas se encontraram. Os lábios de Limos eram suaves, seu corpo duro, suas unhas afiadas quando ela as cavou em seu bíceps. Mas, como antes, quando ela deslizou as mãos até os ombros, seu toque era hesitante, vacilante.

Ele não estava tão reservado.

Ele deixou cair às mãos para suas coxas e depois arrastou sob seu envoltório, mas ela agarrou os pulsos e ele parou.

– Por que, – ele murmurou contra sua boca. – Por que você está tão nervosa?

– Porque eu nunca fiz isso.

Ele virou a cabeça para trás. – Mentira.

– É verdade.

– Você está dizendo que você é virgem? Você tem cinco mil anos de idade e você nunca fez sexo?

– Como eu poderia? – Um pássaro passou voando, e ele não se

surpreendeu quando a atenção de Limos foi com ele. Esperou impacientemente para ela voltar para ele. — Estava noiva desde criança. Você experimentou o que aconteceu quando te beijei.

Deus, não tinha nem pensado nisso. É claro que ela não foi capaz de estar com alguém se o noivo levava ao extremo, um ciúme galáctico.

— Por que eu? — Perguntou morrendo de vontade de saber por que, depois de todo esse tempo, ela finalmente deu um beijo. — Por que me beijou naquela noite?

Seu corpo inteiro começou a tremer, e a abraçou mais apertado. Então, como se um interruptor tivesse sido ligado, ela parou de tremer. — Porque eu tinha bebido.

Momento de merda. Ele a observou a noite toda, e sim, a viu chupar alguma bebida de aparência desagradável e, mais tarde azul, um rosa lamacenta, mas não, não estava bêbada.

— Você está mentindo. — Espalmou a volta de seu pescoço e massageou, pedindo-lhe para ser verdadeira.

— Eu não estou.

— Isso é uma mentira também. Não há nada que odeie mais do que a mentira, Cavaleira. — Inclinando-se, beijou-lhe a garganta para suavizar as suas palavras, embora nada nunca fosse amolecer como se sentia sobre mentira. Caiu em muitas mentiras de seu pai, viu sua mãe e irmã profundamente feridas por essas mesmas mentiras.

— Diga-me por que você finalmente me beijou.

Um grito suave escapou dela, quase como se dizer a verdade doesse, e por um segundo terrível, teve medo que ela dissesse que o que fez foi capricho. Para satisfazer sua curiosidade. Que poderia ter sido qualquer um, e que era um idiota que rolou os dados ruins.

— Porque em todos esses séculos, você é o primeiro homem que eu queria.

Orgulho masculino soprou em sua resposta. — Isso é muito legal de ouvir, mas por que eu?

Seus lábios, inchados de seu beijo e orvalhada de névoa da cachoeira, se transformou em um sorriso deslumbrante. — Você se lembra da primeira vez que nos encontramos, em que lugar? E você

estava nos temendo?

—Temor é uma palavra forte,— murmurou e ela riu. Era bonita quando fazia isso.

—Você me divertiu. Muitas pessoas não fazem isso. E você teve suas costelas quebradas realmente, de verdade.

— Então você estava atraída por mim, porque tenho alta tolerância para a dor?

— Bem, isso é quente, mas também me fez rir e me dá borboletas, — acrescentou brilhante antes de ficar sóbria. — Também... Olhou-me como se eu fosse... Não sei...

— Sexy? — Ele ofereceu, e aquele sorriso o acertou novamente.

— Isso, mas mais. Como se eu fosse um enigma. Eu gostei. Os machos geralmente me olham como se fosse uma coisa boa. O que é engraçado, porque isso é a única coisa não sou, boa. — Ela suspirou. — E então, na festa de Ares, vi você me olhando. E vi você persuadir Rath a sair de trás do vaso de cimento onde estava se escondendo de todos os estranhos na casa. Foi doce.

Ele deu de ombros. — Ele era apenas um bebê e estava meio morto de medo. Pobre Cara estava ficando louca procurando por ele.

— Vê? É só... Não sei. Isso me fez querer estar perto de você.

— Então, você me pediu para brigar?

—É tudo o que podia fazer. Isso é o mais perto que poderia começar a qualquer homem. Mas então todo arrogante me chamou, e tão indignada como estava, fiquei lisonjeada e ligada, e então você me puxou para baixo encima de você e me beijou... E eu estou balbuciando. — Ela fez uma careta para ele. — Nunca balbucio.

Era, provavelmente, algum tipo de ofensa mortal pensar em uma Cavaleira tão bonita, mas era. Ela pode ser capaz de chutar a bunda para a lua e de volta, mas também era a mulher mais feminina que já conheceu. Tudo sobre ela apelou para o macho nele... O lado protetor que queria prendê-la em seus braços e ter certeza que nada a machucaria e o lado carnal que queria empurrá-la contra a pedra molhada atrás dela e fazê-la gritar seu nome. Mesmo que tudo o que eles fizeram fosse mais do que tinham feito em sua cama, ele ouviu ruídos doces de seus lábios.

– Gosto quando você balbucia, – disse ele. – É fofa.

– Fofa?

Sim, como esperado, uma ofensa mortal. Adorava quando ela tinha essa coisa de gato cuspindo-louca acontecendo. Ele não se incomodou com brincadeiras, porque francamente, seu sangue já começou a aquecer apenas em pensar sobre o cenário na pedra. Como reagiria se ele a agarrasse agora e... Foda-se. Ia descobrir por si mesmo.

Aproximando dela, ele a pegou pela cintura e a empurrou contra a superfície da rocha lisa e estacionou-se entre suas pernas.

– Arik, – suspirou, e isso foi incrivelmente difícil ao som sexual do seu nome vindo de sua boca perfeita.

– Shhh... – Ele apertou uma série de beijos no pescoço dela, saboreando a água fresca e do sol sobre a pele.

– Mas eu preciso...

Ele fechou a mão sobre o peito, e ela chupou ar. – Eu sei o que você precisa, disse ele contra sua garganta, e quando ela abriu a boca para falar de novo, ele mordeu, alguma necessidade, uma estranha condução para possuí-la e de tomar todo o seu corpo.

Ela se derreteu contra ele, e com a sua rendição, seu animal interior uivava na vitória. Suas mãos agarraram sua bunda e escavado quando ela se arqueou lhe permitindo acesso ilimitado a seus seios e colocando seu sexo contra o cume de seu pênis através do tecido de suas roupas. Eles estiveram nesta posição antes, em sua cama... Mas ele saiu fora dela. Isso era muito melhor. Muito mais real.

– Você gosta disso? – Ele esfregou sua ereção sobre dela, gemendo no atrito quente temperado pela brisa fresca ao redor deles.

– N-não, – ela respirou, revirando os quadris para aumentar a sensação.

Ele lambeu seu pescoço. – Mentirosa. Lembre-se do que eu disse sobre isso?

Seus dedos encontraram os laços do biquíni ao redor do pescoço, e em alguns toques de seus dedos ágeis, teve o nó desatado e o topo caiu, aterrissando no chão ao lado deles. Ele se inclinou para saborear seus mamilos rosados quando as mãos de Limos

escorregaram no cós da calça para agarrar sua bunda. Suas unhas marcaram sua pele, e ele queria que ela fizesse. Ou deslizasse as mãos moles em torno da frente.

Como se pudesse ler seus pensamentos, ela afundou as unhas em profundidade, e depois as arrastou ao redor de seus quadris. Um som baixo irrompeu de sua garganta quando seus polegares alisaram a pele sensível de sua pélvis em cada lado do seu eixo, e ele prendeu a respiração, esperando que ela o tocasse onde precisava tanto.

Quando suas mãos pararam de se mover, pensou que poderia morrer de antecipação. Por um momento, muito angustiante, ela não se moveu. Ok, ela estava com medo. Talvez ele estivesse se movendo muito rápido. Ele podia fazer lento, não importa o que seu corpo estava lhe dizendo.

– Estou assustando você, – ele sussurrou.

– Sou um Cavaleiro... – ela sussurrou de volta.

Ele deu um beijo prolongado na pele com cheiro de coco entre os seios. – Você é uma mulher. Uma mulher linda que tem experimentado tudo, exceto isso, e não tem certeza do que fazer. Não está acostumada a esse sentimento.

– Eu odeio isso. – Sua voz era baixa, prazeroso gemido. – Odeio como você me fala as coisas, como se me conhecesse melhor do que a você.

Ele sorriu. – Você ama isso e sabe disso. Mantém-se no seu pé. – Ele arrastou sua língua sob a onda de uma mama, e depois deu o mesmo tratamento a outra. Limos praticamente ronronou, mas sua mão ficou congelada mansamente. Ele repetiu a ação, desta vez parando para chupar um mamilo primeiro no fundo em sua boca, e depois o outro. Outro gemido, mas nenhum movimento.

Ele não tinha experiência com virgens, mas sabia como soltar uma mulher, e manteve a língua em ação, lambendo e sugando sua pele sensível, seus suspiros doces misturando-se com as chamadas dos pássaros da selva e do respingo calmante da água em torno deles. Ela não parecia perceber quando ele desabotoou a saia e a desceu a deixando com um biquíni amarelo.

Jesus, ela era requintada. Um soco um por dois, mortal e sexy

que fez seus instintos baterem com a necessidade de rasgar o fundo e levá-la. Mas ele tinha muito jeito com as mulheres e muito treinamento militar para deixar sua base de regra de desejos, e a puxou contra ele e se curvou para colocar a boca em seu ouvido.

– Sonhei com isso, – ele rosnou. – Sonhei com todas as coisas que faço com você. Mas em nenhuma das minhas fantasias era uma virgem. – Ele beliscou seu lóbulo da orelha, e ela suspirou docemente. – Teria matado qualquer pessoa que fizesse a minha irmã lamentar sua primeira vez, então sim... É chamada a tiros aqui.

De repente, ela arrancou de seus braços e correu para longe dele, apoiando-se em um banco de grama, ofegante e olhando para ele como se tivesse brotado chifres. –Eu não posso.

Confuso como o inferno, ele apróximou lentamente, porque a cada passo que dava, ela respirava mais e parecia que ela ia fugir. – Não vou fazer qualquer coisa que não queira fazer.

Ela colocou os braços ao redor de si mesma, cobrindo os seios. – Não é isso. Eu quero. Você não sabe o quanto eu quero.

– E então? – Amaldiçoou quando a resposta surgiu em sua cabeça. – Seu noivo.

Ele nunca foi de recuar, mas isso era diferente. Não era a caça furtiva, quando o homem em questão era o mais maligno desprezível que jamais existiu. Depois mais uma vez, era sobre a melhor razão para não roubar o que já existiu.

–Mais ou menos.–Ela engoliu audivelmente, seus músculos da garganta trabalhando duro enquanto suas mãos foram para o seu biquíni. Quase mecanicamente, empurrou a fundos para baixo e saiu deles.

Putá merda. A visão tomou sua respiração. Sua pele bronzeada era perfeita, sem marcas. Seus quadris eram pequenos, levemente ondulados e o lugar entre as coxas musculosas estava nua.

E em torno de seus quadris havia uma peça incrível de joias, um ouro delicado e corrente de pérolas que se encaixam como tanga amarrada. Como ele adoraria executar sua língua sobre cada pérola, seguindo a corrente para a pérola que importava. Depois que ele a fizer vir com a boca, ele mudaria a corrente de lado e entraria em

sua... Deus podia sentir aquelas joias lisas, pequenas acariciando seu eixo quando ele bombeasse para dentro dela.

—Você é linda, — ele conseguiu perceber que ele se aproximou.

—Não toque, — disse ela, deu um passo para trás e bateu em uma árvore. — Este... Enganchou seus polegares sob a corrente em cada quadril, é um cinto de castidade. Só meu marido pode removê-lo.

Ele franziu a testa. — Como é um cinto de castidade?

—Se qualquer homem a toca com a pele nua, ele se transforma em algo parecido com arame farpado. Ele corta os dedos, dedos... Pênis.

Bem, se isso não apenas o murchou, fez suas bolas rastejar dentro de seu corpo. — E você?

—Dói.— Ela deu de ombros como se não fosse grande coisa, mas dada a forma como a coisa foi colocada... Sim, não admira que ela não quisesse que os homens chegassem perto.

Ele estendeu a mão para ela, o cuidado de manter a parte inferior do corpo longe da pequena lindamente enganosa de joias, mas ela atacou, empurrando-o para longe.

— Não! Você não entendeu? Você não pode me tocar.

—Droga, Cavaleira, não fui jogado dentro Sheoul por nada. Nós vamos encontrar uma maneira de contornar isso.

Seus olhos quase saltaram para fora de sua cabeça. — Você está dizendo que eu devo? Você quer que eu trabalhe fora de toda a sua tortura?

—O quê? Não. Jesus, você é cínica. Estou dizendo que sou um filho da puta teimoso, e não vou deixar que aqueles de pele descamadas, navalha de corte, asnos estupradores bastardos ganhem. Queria você e eu quero você agora. Você salvou a minha vida e cuidou de minha saúde. Não posso estar mais com raiva.

— Não, — ela respondeu asperamente. — Não me faça melhor do que eu sou.

O que diabos isso significa? Estava prestes a perguntar, quando lampejos gêmeos iluminaram a área. Instintivamente, ele girou na frente de Limos quando dois homens enormes armados saltaram dos Harrowgates convocados. Ares e Thanatos olharam para Limos e

avaliaram a situação em menos tempo que levava uma bala de M-16 acertar um alvo a 30 metros.

Em todo o tempo que Arik esteve na câmara de tortura suspeitava que fosse morrer.

Desta vez, sabia que estava morto.

Capítulo Quinze

Ares e Thanatos se moveram antes que Limos pudesse piscar. Em um só golpe coordenado, Thanatos agarrou Arik enquanto Ares a bloqueou. Ela não conseguia ver além dos ombros largos de Ares, mas ouviu rosnados, grunhidos, e depois um splash.

— Maldição! — Passando os dedos sobre sua garganta, ela se blindou, cobrindo sua nudez, e bateu Ares para fora do caminho. Ele a agarrou, mas ela deu uma joelhada com força suficiente na virilha para que ele soltasse seu aperto. Ela usou a fração de segundo de vantagem para correr para Thanatos, que segurava um Arik lutando, chapinhando debaixo da água.

— Pare com isso! — ela gritou. — Você está matando ele.

Os olhos de Than arderam com morte dourada. — Sim.

Merda. Uma vez que Than entrava no modo matança, ele era quase imparável. Não havia tempo para raciocinar com ele, então ela o atacou, agarrando-o pela cintura e desequilibrando-o. Foi o suficiente para Arik colocar sua cabeça acima da água para uma respiração profunda, sufocada, mas depois Thanatos estava de volta à sua tarefa, empurrando Limos como se ela não fosse mais do que uma mosca irritante.

Ares veio para ela, e ela terminou de ser legal. Em um instante, ela tirou sua espada e girou-a em um amplo arco. Sua pontaria foi perfeita, e a reverberação do impacto de metal encontrando a carne e o osso no pescoço de Than sacudiu seus braços. Sangue borrifou, revestindo a espada, tornando a água em torno deles vermelha. Thanatos ganiu, liberando Arik para bater com as mãos sobre a ferida jorrando.

Ela ignorou suas maldições e os gritos de Ares de — O que diabos, Limos? — e rebocou Arik da água. Ele surgiu, ofegando por ar, alívio e fúria alternando em sua expressão.

— Seus idiotas! — ela retrucou, e então se viu contendo Arik de tentar tirar um pedaço de Than enquanto seu irmão lutava para não

sangrar até a morte. Oh, seu ataque não mataria Than mesmo se ele sangrasse até a morte, mas levaria um bom dia para ele se regenerar. — Arik não pode morrer. Vocês sabem disso!

Ares rosnou, sua mão pousada sobre sua espada, o seu olhar furioso fixo em Arik. — O que ele estava fazendo com você?

— Nada que eu não quisesse. — A mão de Ares caiu para o punho, e Limos, que nunca entrou em pânico... entrou em pânico.

— Than não te contou? — Ela se virou para Than, que ainda parecia assassino. — Você *sabe* que não podemos matá-lo, seu tolo.

— Por que não? — Ares perguntou.

— Yeah — Arik disse com voz rouca. — Por que não? Não que eu esteja reclamando.

Than sossegou quando a lógica finalmente lutou para transformar sua névoa de morte em conformidade. — Peste o sujou.

Bem, essa foi uma piada estúpida. Thanatos nunca teve um dom para diplomacia ou tato.

— O quê? — Arik escalou para a costa, onde se sentou, com os braços sobre os joelhos levantados. — O que você quer dizer, Peste me *sujou*?

Limos preparou-se para a sua reação. — Ele bebeu seu sangue — ela disse. — E fez você beber o dele.

— Eu não me lembro de nada disso. Como você sabe?

— Ele me disse. Depois que eu te encontrei.

— Okay, isso é nojento e eu quero vomitar, talvez logo depois de cortar a fodida cabeça dele, mas o que isso tem a ver com não me matar?

Thanatos descascou a mão de sua garganta, que tinha parcialmente se curado e estava escorrendo agora em vez de esguichando. — Peste vinculou sua alma a ele.

Arik se levantou com um salto. — Ele *o quê*?

— Quando você morrer — Limos explicou — sua alma vai pertencer a ele. — Esperançosamente, seria um longo tempo antes que isso acontecesse. Ela só desejava que pudesse descobrir por que Peste estava adiando. Reseph nunca tinha sido o tipo paciente, e se tornar mal só o fizera um tipo ainda maior de cara de gratificação

instantânea.

— Filho da... — Ele parou para fixá-la com um olhar duro. — Por que você não me contou isso antes?

— Quando eu deveria ter te contado? — Ela bufou, seu temperamento, de repente cáustico, o resultado, ela tinha certeza, de uma mistura amarga de frustração sexual, idiotice de seus irmãos superprotetores, e o tom desconfiado de Arik. — Talvez quando você já estava me odiando por você ser jogado em Sheoul? Ou que tal quando você não acreditava que qualquer coisa que eu dissesse era real? Ou enquanto você estava comendo algo decente pela primeira vez? — Ela estalou os dedos. — Oh, eu sei, te contar que meu irmão maligno é dono de sua alma teria sido a conversa sexy impressionante enquanto você estava tentando entrar no meu biquíni.

Houve outro grunhido baixo, ameaçador de Than, que ela ignorou.

Ela reuniu seu biquíni e saía. — Foi para o seu próprio bem.

Ela podia sentir a raiva de Arik praticamente formando bolhas em sua pele, mas desapareceu rapidamente, e ele ofereceu-lhe um respeitoso aceno de desculpas ou, talvez, o reconhecimento de que o que ela dissera fazia sentido. Em sua experiência, poucos homens eram tão rápidos para admitir erros, mas ele definitivamente não parecia o tipo que era governado por raiva irracional ou defensiva. Ela lançou-lhe um pequeno sorriso de agradecimento antes de girar para Thanatos.

— Por que você está aqui?

— Porque Reaver ainda não apareceu. Eu tentei convocá-lo e Harvester várias vezes. E agora Os Aegis estão jogando algum tipo de jogo com a gente. — As mãos de Thanatos se cerraram em seus lados. — Quero saber se nossos Vigilantes sabem algo sobre isso.

— Que tipo de jogo?

— Eles enviaram uma Anciã para morar comigo.

Fale sobre um hóspede indesejado. — Você está brincando.

Than jogou água sobre sua garganta e então sacudiu as gotículas de seu cabelo como um grande gato. — Eu pareço estar brincando? Porque você sabe que brincalhão eu sou.

Uma mortalha caiu sobre eles por um segundo, porque Reseph fora um enorme amante de brincadeiras, e suas vidas tinham se tornado decididamente menos divertidas desde que ele se tornou um insano merda de ghashbat.

Ela limpou a garganta para quebrar a tensão. — Quem eles enviaram?

Ares jogou o dedo sobre a cicatriz em forma de crescente em seu pescoço, e sua armadura derreteu. — Sempre parece tão errado usar armadura em uma ilha tropical — ele resmungou. — Eles enviaram uma fêmea chamada Regan.

— Regan? — Arik bufou. — Boa sorte com ela. Por que você apenas não diz não?

— Porque é uma boa ideia — Ares disse. — Nós estivemos fora de contato com Os Aegis por um longo tempo. Esta é a nossa chance de nos atualizarmos com que eles aprenderam ao longo dos séculos. E ela pode ser capaz de nos ajudar a encontrar o *agimortus* de Limos com seu dom.

— Isso é uma boa notícia. — Arik disse, enxugando as gotas de água de sua testa. — Sabemos que é um copo pequeno, mas não temos a sua história. Talvez você possa lançar alguma luz sobre isso?

— Os Aegis e o R-XR sabem o que é necessário saber — Than disse.

Arik rolou os olhos. — Seus burros arrogantes. Seu rancor obsoleto contra Os Aegis está cegando vocês.

— Humano — Than latiu — você não fale conosco assim.

Os olhos de Arik ficaram com pálpebras pesadas, seu corpo relaxou e Limos ficou tensa. Reseph costumava fazer a mesma coisa, e era então que ele era o mais mortífero.

— Vai se foder, Cavaleiro.

Limos saltou entre Arik e Thanatos, adiando o inevitável. — Encerrem o assunto, vocês dois. Arik está certo. — Ela olhou de relance para Ares, buscando seu apoio, e ele não decepcionou. Quando se tratava de estratégia, ele geralmente não deixava a emoção nublar seus pensamentos.

— Concordo — ele disse. — Eu estava relutante a princípio,

mas está na hora de colocarmos um pouco de confiança nos Aegis novamente. Podemos ter feito incursões temporárias em nossa luta contra Peste, mas estivemos enganando a nós mesmos se pensamos que podemos derrotá-lo sem a total cooperação dos humanos.

As almas de Than giravam a seus pés enquanto suas emoções ferviam, e antes que elas saíssem de controle, Limos tomou sua mão nas dela. — Irmão, pare. Você sabe que temos que fazer isto.

Era estranho o modo como Thanatos sempre fora o mais quieto deles, e ainda assim, ele verdadeiramente era o mais volátil. As emoções de Reseph tinham sido óbvias, as de Ares eram um pouco mais sobcontrole, e de Limos em algum lugar no meio. Mas Than... ele era uma nascente subterrânea de emoção que só um idiota iria explorar.

— Nós já estivemos trabalhando com eles — Than disse.

— Sim — Ares concordou — mas temos sido muito cautelosos. A esta altura, temos pouco a perder compartilhando todas as informações que temos.

Houve um silêncio tenso quando Thanatos encontrou os olhares de cada um. — Façam o que vocês acham que é melhor — ele finalmente disse, mas atirou a Ares e Limos olhares que diziam claramente, *Mas minha privacidade é minha.*

Não era como se os segredos de Thanatos fossem importantes para Os Aegis a longo prazo de qualquer maneira. Seu *agimortus* não precisava ser encontrado ou guardado. Thanatos poderia protegê-lo por conta própria.

Agora que a coisa de compartilhar tinha sido resolvida, ela se voltou para Arik. — Então, de volta ao meu *agimortus*. Diz a lenda que é aproximadamente do tamanho de um copo para saquê, feito de marfim ou osso, e gravado com um conjunto de escalas. Foi feito por uma raça de demônios escravizados, os Isfets, que o usavam como unidade de medida. Um Isfet usou o copo para garantir sua liberdade e uma vida no reino humano, mas o custo era a vida de sua irmã. Ele teve que beber o sangue dela do copo, o que lhe concedeu a imortalidade e a forma humana. Quando seu clã o encontrou, levaram-no de volta para Sheoul e esconderam o copo para que ele

não pudesse mais mantê-lo com ele... portanto, perdendo sua imortalidade. Com o tempo, os demônios morreram e o copo foi esquecido. Há centenas de teorias sobre onde o copo está escondido, mas temos verificado todas elas.

Ela fez uma pausa, esperando Arik fazer mais perguntas, mas ele estava imóvel, nem mesmo olhando para ela. — Arik?

O olhar de Arik estava fixo na floresta. — Há algo lá fora.

— Eu não vejo nada. — Ares podia não ver nada, mas se armou mesmo assim.

— Eu também não. — A postura de Arik ampliou, seus ombros ficando retos, e um calafrio subiu pela coluna de Limos com a postura pronto-para-a-batalha. Quando ele fez um gesto de proteção para ela ficar atrás dele, ela de fato obedeceu. Como se não pudesse cuidar de si mesma. Curiosamente, ela teve uma sensação calorosa com a ideia de que ele estava tentando protegê-la. — Eu sinto.

— O que você sente? — ela perguntou.

— O mal — Arik sussurrou. — Eu sinto... o mal.

Fogo infernal pulsou através das veias de Arik, um aviso escaldante, gritante que o mal estava dentro da distância de ataque. A sensação externa o perfurou, e ele moveu-se para frente com uma necessidade quase desesperada de destruir o que quer que estivesse ameaçando-o e Limos.

Thanatos e Ares estavam por conta própria. O que era um pensamento idiota, desde que Limos era plenamente capaz de cuidar de si mesma também.

Atrás dele, ele ouviu o barulho inconfundível de armadura se encaixando no lugar, seguido pelo silvo de aço sendo removido de invólucros de couro.

Oh, bom, e aqui Arik estava sem nenhuma arma.

Os arbustos farfalharam, e justo quando Arik abriu a boca para soltar um aviso, demônios de quatro pernas, do tamanho de mastiffs irromperam da folhagem. *Kh*nives.

Limos gritou algo sobre os espiões de Peste e enterrou sua lâmina no peitos de um dos *kh*nives.

Arik rodou para fora do caminho do primeiro, dentes estalando

roçando no seu braço. Rolando, ele pegou um galho de árvore grosso e pregou o segundo *khnive* na garganta, enviando a criatura parecida com um gambá, sem pele, batendo em um tronco de árvore.

— Humano! — Ares atirou uma adaga, e Arik a pegou, girando a tempo de esmagar a lâmina no cérebro de uma besta com um golpe ascendente sob sua mandíbula.

Ondas de mal o esbofeteavam como um vendaval, cada vez mais poderoso conforme dúzias de demônios vinham para eles. As coisas tinham garras longas, afiadas e dentes de navalha entre mandíbulas poderosas, mas onde suas habilidades mortais se encontravam era em seus números. Em poucos segundos, Arik e os Cavaleiros estavam sobrecarregados.

Ao redor deles, sangue gotejava das folhas, escorria pelos troncos de árvores, e transformava a piscina cristalina em vermelho. Than libertava suas almas, e os guinchos terríveis das sombras atacando juntaram-se ao coro de gritos e grunhidos dos demônios morrendo.

Três demônios saltaram simultaneamente, mas quando Arik cortou um, outro o atingiu pelo lado, derrubando a lâmina de sua mão e batendo-o no chão. Limos gritou, trazendo sua espada para baixo em um arco que arrancou a cabeça da coisa. Os outros dois vieram para a garganta de Arik. Rosnando, porque foda-se se ele saísse de Sheoul para morrer nos dentes e garras de demônios considerados até mesmo por outros demônios uma praga vagabunda, ele agarrou um em torno da garganta e apertou.

A coisa endureceu e caiu morta.

Arik piscou em choque, mas quem diabos se importava com porque a coisa morreu tão facilmente? Ele foi para o outro, com o mesmo resultado. Outro veio para ele, e desta vez ele não se incomodou com agarrar sua garganta. Ele socou o filho da puta na cara, e ele caiu. Vez após vez, ele eliminou os demônios, passando por eles como um cortador de grama.

Eventualmente, ele estava de pé até a cintura em demônios, olhando fixamente a carnificina ao redor dele, e os Cavaleiros estavam olhando fixamente para ele. Pelo menos a sensação esquisita de estar

sendo observado pelo mal tinha ido embora.

— O que diabos foi isso, humano? — Ares perguntou.

— Eu não tenho ideia. — Ele levantou a cabeça, seus recém descobertos sentidos aranha formigando novamente, mas desta vez sem a intensidade. — Lá.

Thanatos moveu-se como uma cobra, mais rápido do que Arik poderia acompanhar enquanto desaparecia no mato. Houve um guincho, um baque, e ele emergiu, carregando um rato pela cauda. — Isto?

— Yeah. Era isso. — Arik esfregou a mão sobre o rosto, confuso como a merda. — Que diabos?

Limos estremeceu. — Porcaria. A troca de sangue. Como vampiros.

— Ah. — Ares assentiu. — Faz sentido.

— Pra você — Arik resmungou. — Vocês querem me incluir em sua conversa enigmática?

Limos embainhou sua espada. — *Khnyes* são demônios convocados. Espiões. Um monte de demônios pode convocar um ou dois, mas apenas um punhado de seres poderia ter convocado tantos *khnyes* assim, e Peste é um deles. Mesmo como Reseph ele poderia comandar portadores de doença e usá-los para reunir inteligência ou espalhar doenças... ou poderia destruí-los à vontade. A troca de sangue te deu as habilidades dele. Até que ponto... — Ela deu de ombros. — O tempo dirá.

— Ainda não estou seguindo. Você mencionou vampiros.

— Vampiros frequentemente transmitem suas habilidades especiais para aqueles que eles transformam — Thanatos explicou. — Mas desde que você tecnicamente não se transformou, suspeito que há algo único sobre você. O que você não está nos dizendo? Você tem um demônio pendurado em sua árvore genealógica?

Tão tentador quanto era dizer a Thanatos para ir se foder, Arik queria saber o que estava acontecendo também. — Sem demônios em meu DNA, mas eu fui mordido por um alguns anos atrás. — Ele imaginou que deixaria de fora a parte sobre como o demônio que o mordeu havia sido enviado pelo demônio com quem ele tinha feito um

mau negócio de volta quando ele era um adolescente, desesperado para acabar com o reinado de terror de seu pai. — A infecção da mordida quase me matou, mas Shade salvou minha vida. Houve um... efeito colateral. — Ele olhou de relance para Limos, que o observava curiosamente. — Eu posso aprender línguas de demônio depois de ouvir apenas algumas palavras

— Você Aegi é cheio de surpresas — Ares murmurou.

Arik descobrira que essa declaração era verdadeira o suficiente. — Então por que Peste enviou seus espiões para atacar? Quero dizer, se ele me quer morto, ele mesmo não pode fazer isso? Se ele viesse com alguns de seus asseclas, eu poderia ser torrado agora.

— Você está certo. — Limos franziu o cenho. — Isso não faz sentido.

— Talvez fosse seu noivo encantador? — Arik perguntou, mas ela balançou a cabeça.

— Isso não faz sentido tampouco. Duvido que ele saiba que Peste possui sua alma. Satanás quer você arrastado para Sheoul para morrer, assim ele poderia ter a sua alma. Ele a perderia se você morresse aqui.

— Assim, o que você está dizendo então, é que há um novo jogador na cidade.

Ares cutucou um dos corpos de *khnive* com o pé. — Um novo jogador que quer você morto.

Thanatos assobiou. — Que droga ser você, humano.

Cara, havia dias em que você simplesmente não deveria sair da cama.

Capítulo Dezesseis

Arik tinha esquecido que o hospital tinha uma creche comandada por Runa e alguns parentes dele, Serena e Idess. Isso era um pouco estranho. Um hospital comandado por demônios, com um berçário comandado por um lobisomem, um vampiro e um ex-anjo. Havia um livro ou um programa de TV lá, em algum lugar.

Arik se apoiou em um pé do banco e se inclinou para trás, deixando que o sol atingisse sua pele nua.

— Aposto que o hospital esteve bem ocupado.

— Tudo esteve ocupado. Isso é mau, cara — Kynan passou a mão pelo cabelo. — O Aegis passou dos limites, e nós perdemos quase dez por cento de nossos Guardiões em assassinatos e batalhas com demônios. Nós até perdemos um Ancião. Decker assumiu seu lugar.

Arik arregalou os olhos.

— Vocês colocaram Decker como Ancião? Ele nem é um Aegi.

— Agora ele é.

Arik esfregou a nuca, surpreso com essa nova virada dos eventos.

— Uau. O Aegis tem um processo seletivo bem intenso, não?

— Ha—ha — Kynan balançou a cabeça. — Tivemos alguns candidatos inscritos, mas decidimos escolher alguém do R-XR.

— Por quê? Você já tinha a gente, bem, como consultas.

— É, mas como Ancião, podemos dividir mais informações sensíveis com ele, e quando ele tiver jurado manter as coisas em segredo, ele deve fazê-lo.

— Você quer dizer manter as coisas em segredo do R-XR — Arik odiava toda essa besteira de segredo. Como é que eles iam resolver o quebra-cabeça de salvar o mundo quando os jogadores não compartilhavam as peças?

Ky deu de ombros.

— Então... agora que você voltou... — ele perdeu o foco. —

Você *voltou*, né?

Arik olhou para a gaivota planando acima deles e pensou em como responder. Isso era algo que ele não sabia como responder. Sua mente ainda estava bagunçada, Peste fez obras com sua alma, ele podia alertar espiões como um perdigueiro, várias pessoas estavam tentando matá-lo, e então havia o... o que quer que fosse... que estava acontecendo com Limos.

— Olha — Kynan disse, interrompendo as reflexões de Arik —, se precisar de um tempo, férias... terapia... é compreensível. Caramba, é necessário. Mas a situação do mundo não vai melhorar nada. O Apocalipse deu uma pausa, mas está batendo à nossa porta outra vez. Precisamos de você, cara.

— Confie em mim, Eu quero acabar com alguns demônios. Mas não tenho certeza de que ir embora agora seja uma boa ideia.

— O quê, quer ficar aqui?

Um maldito idiota que ele era, sim, ele queria ficar. Porque, nada como autotortura para completar a vida de alguém.

— Minha alma está em perigo. Se eu morrer, eu me torno a alma-vadia de Peste. Longa história, mas se ele decidir que me quer morto, provavelmente estou mais seguro aqui. Nossa melhor defesa contra um Cavaleiro malvado é outro Cavaleiro.

— *Caraaaaaaaaaaamba* — Kynan esfregou o rosto. — Eu podia tomar uma dose dupla de uísque agora mesmo.

— Tenho certeza de que Flicka guarda bebidas destiladas atrás do bar.

— Flicka?

— Não quero dizer o nome dela.

— Então você a chama com nomes de cavalo? — Ky levantou uma sobrancelha escura. — Mal posso esperar para ver como ela reage a Mr. Ed.

A porta dupla de madeira que dava da sala de estar para o deque se abriu, e Arik se levantou enquanto Runa saía, com Shade ao seu lado.

— Mana! — Enquanto Arik se movia na direção dela, Shade colocou seu grande corpo no caminho, a ameaça quase vazando por

seus poros. O que era essa merda?

Runa, parecendo despreocupada pela reação do parceiro, deu a volta nele e se jogou nos braços de Arik.

— Graças a Deus — ela sussurrou. — Graças a Deus você está bem.

— É — sua garganta fechou um pouco. — É, estou bem.

Ela se afastou para que ele pudesse ver seu rosto.

— Você sabe que sou eu né?

— Ah, sim — Mas que diabos?

— Você está louco? — Shade perguntou. — Porque se você causar que nem você fez da última vez, e eu te *estripo*. Runa não vai me impedir desta vez.

— Shade! — Runa o repreendeu. — Ele está bem.

— Muito superprotetor? — Arik olhou fixamente. — E de que merda você tá falando?

— Ei, todo mundo, por que não damos um tempo para Arik descansar? — Limos, agora usando um vestido leve azul brilhante, saiu apressada, com um sorriso tão falso e fraco que era obvio que ela estava tentando evitar que Shade e Runa perguntassem algo para Arik.

— Nada feito, Secretariant. Não preciso de descanso nenhum — ele se virou para Shade, sabendo que o demônio seria direto com ele. As pessoas que não dão a mínima para você são sempre as mais honestas. — Me responda.

— Arik, isso não é necessário — Limos pegou o braço de Arik para levar ele para longe, mas ele não se moveu, e Shade não pareceu disposto a ouvi-la também.

— Deixe-me refrescar sua memória — sombras se contorceram nos olhos escuros de Shade, e ele cutucou Arik no peito com um dedo. — Nós estávamos aqui ontem. Você espancou Runa. Quebrou a maxila dela, quebrou o nariz dela e fraturou três costelas.

O chão se moveu sob os pés de Arik.

— Isso não é possível. Eu não iria...

— Está tudo bem, Arik — Runa disse. — Você estava fora de si. Não sabia o que era real.

— Não mesmo — ele balançou a cabeça, como se ele pudesse

libertar as lembranças. — Eu consigo me lembrar da combinação do meu armário no acampamento, então eu me lembraria de por minhas mãos em minha própria irmã — só dizer essas palavras fez o estômago dele embrulhar.

— Há muitas coisas que você não consegue lembrar — Limos andou na direção dele, e algo dentro dele se arrepiou antecipando o toque dela. Ela tinha um efeito curador nele, como foi evidenciado pelo jeito com que ela o tirou da infernal existência dentro de sua cabeça.

Mas nesse momento, ele não queria ser curado. Ele queria lembrar.

Ele se virou, batendo com as mãos no deque. Runa se juntou a ele, seu cabelo cor de caramelo balançando ao vento.

— Arik, tudo está bem. Eu me transformei e curei a maior parte, e Eidolon curou o resto. Nenhum estrago foi causado.

Era legal da parte dela tentar consolá-lo, mas ele sabia bem. Ela tinha sofrido muito quando criança, e ser espancada trouxe de volta lembranças de seu passado enterrado. E espere... enterrado... quando ele esteve na festa de noivado de Cara e Ares, Cara tinha dito a ele como Ares tinha usado suas habilidades especiais com ela quando eles se encontraram pela primeira vez.

— *Ele apagou minhas memórias para eu não pirar* — ela tinha dito. — *O que, claro, eu fiz no momento em que as destranquei.*

— Filha da puta — ele se virou para Limos. — Você apagou as minhas memórias, não apagou?

— Não. — ela disse tão facilmente, tão convincente que ele queria acreditar nela, mas algo estava errado. Um brilho nos olhos dela, ou um beliscão do músculo, ou talvez fosse o mesmo senso suspeito de mal-estar que ele sentia sempre que seu pai dizia algo que Arik queria desesperadamente acreditar.

Estarei lá no jogo, prometo. Este Natal, nós vamos mesmo ter presentes. Eu juro que vou parar de beber.

É, as merdas de Arik estavam no máximo.

— Você quer tentar de novo, Cavaleiro? — *Por favor, por favor, conte a verdade.* Se ela negasse novamente, ele aceitaria. Ele

acreditaria, assim como tinha acreditado no pai todos esses anos. Mas quando ela ficou lá, seu coração afundou. — Você fez, não fez? O que mais falta na minha cabeça?

A boca dela se abriu. Fechou. Filho da puta. De tudo que tinha sido feito para ele no último mês, essa era o que parecia a maior violação.

Ele se virou para Kynan.

— Eu estava errado. Não quero ficar aqui. Vamos.

Fazia três dias que Arik tinha ido embora. A casa estava vazia, o que era estranho, porque Limos nunca pensou em sua casa vazia. Mas então, talvez fosse por isso que ela tinha outra, uma casa de campo no outro lado da ilha, onde sempre havia uma festa rolando.

Ela não gostava de vazio.

Ela também não gostava de Sheoul, com sua atmosfera claustrofóbica, vibrações sinistras, e luz nebulosa, mas onde ela estava, montada em Bones em um caminho na região de Horun, no meio de Ares e Than enquanto eles seguiam em busca de Sartael.

Thanatos tinha conseguido tirar algumas informações de Orelia, sua artista de tatuagens de demônio, e se suas informações fossem confiáveis, o braço direito do Senhor das Trevas estava levando Sartael pelo nariz e o usando como cão de caça. Com o fim dos dias chegando, Satan e Lúcifer estavam correndo para encontrar antigos objetos de magia e poder que pudessem ser usados na batalha final. Aparentemente, eles só tinham procurado uma adaga mística que dizem ter pertencido a Carlos Magno, e agora eles estavam em busca da Lança do Destino.

Limos e seus irmãos estavam aqui para detê-los, e convencer Sartael a ajudá-los a encontrar o *agimortus*.

Todos eles estavam no limite enquanto iam de uma cidade do submundo para a próxima, e não ajudava que o cão do inferno que os acompanhava, Gore, ficasse beliscando os calcanhares do Bones. Bones não estava nada feliz, e foi preciso cada gota de concentração que ela tinha para evitar que ele atacasse o canino.

— Odeio esse lugar — ela murmurou. Thanatos franziu as sobrancelhas para ela.

— Então você não deveria ter vindo — ele disse, e Ares concordou.

Ela não discutiu, pois eles estavam certos. Mas com Arik longe, ela tinha caído de volta em seu modo autodestrutivo.

Mas isso não era verdade, era? Só depois de Arik ter ido embora que ela percebeu que estar com ele a deixava em um estado parecido. Parecido, mas melhor, porque era uma sensação pura e boa que não a fazia se odiar.

Preciso trazer Arik de volta. Seus irmãos se viraram para encará-la. Oops, ela tinha dito alto.

— Quê? Não confio no Aegis nem no R-XR para cuidar dele.

Sempre o guerreiro, Ares voltou seu olhar afiado para a paisagem enquanto ele falava.

— Você contatou Kynan?

— Ele não vai me dizer onde Arik está — ela deu um tapinha no pescoço negro de Bones, sem se surpreender quando ele grunhiu de irritação. — E já que ele é encantado, não posso torturá-lo para saber.

— Provavelmente não é uma boa ideia torturar as pessoas com quem devemos estar trabalhando — Ares disse secamente.

— É uma boa ideia — ela protestou. — Desde que eu não seja pega.

— Estou bem acabando com uns Guardiões — Thanatos gritou.

Era bem difícil dizer quando Than estava sendo sério, mas neste caso, ele estava um pouco entusiasmado demais sobre a ideia de ensanguentar um Guardião, e ela se perguntou se o Guardião residente dele era o motivo dessa atitude.

— Tenho que fazer uma coisa — ela espantou Gore quando ele subiu em Bones outra vez. — Muitas pessoas querem Arik morto, inclusive o idiota que enviou os *khnives*.

— Estou curioso com os *khnives* também — a voz profunda e ressonante atrás deles fez suas montarias girarem e o cão rosnar.

— Lúcifer — ela sibilou, e antes que o nome do demônio estivesse completamente fora de sua boca, Ares tinha aberto um

Harrowgate e Than tinha jogado uma adaga. A lâmina acertou o anjo alto e de cabelos pretos no ombro, mas ele só riu, seus olhos completamente vermelhos brilhando como raio laser.

— Seu marido está te procurando, Limos. É hora de você ir para ele.

Gore se abaixou, de barriga no chão, os lábios afastados dos dentes afiados e as orelhas retas contra o crânio, mas sabiamente, ele não se moveu. Lúcifer poderia acabar com ele com nada mais que um estalar de dedos.

— Ela não vai a lugar algum — Ares colocou Batalha ao lado de Bones preparando-se para correr para dentro do Harrowgate.

— Onde está Sartael? — Ela perguntou.

— Engraçado você perguntar. Ele acabou de completar uma tarefa para mim — Lúcifer estalou os dedos, e um homem alado caiu do céu, pousando agachado perto dele.

O homem se levantou, com seus dois metros e dez de altura, suas asas vermelho-sangue se levantando acima de sua cabeça careca.

— O quê? — Ele rosnou, e Limos teve a distinta impressão de que ele não estava feliz em negociar com Lúcifer.

— Conheça os Cavaleiros — Lúcifer disse, com a voz sedosa e lodosa. — Preste atenção extra na fêmea, já que sua próxima tarefa será localizar o *agimortus* dela.

Limos tentou esconder o fato de que seu coração tinha parado.

— É, boa sorte com isso, Sarty. Você não pode encontrar algo que não esteve escondido ou perdido, e eu já encontrei.

Oh, aquela mentira foi boa. O jorro orgásmico foi suave, ela não conseguia muito se livrar de idiotas na mentira. Era simplesmente muito incrível ferrar com Lúcifer em geral.

— Você está enferrujada, Limos. O Príncipe da Mentira vai querer que sua Princesa da Mentira tenha habilidades que façam valer o título. — Lúcifer sorriu, seu lábios enegrecidos se rachando. — Falando nisso, tenho uma oferta para você. Vá até o Senhor das Trevas, e eu chamarei meus servos.

Bones escavou o chão com a pata, querendo um pedaço do demônio, e Limos estava lá com ele.

— A: Você poderia usar algum protetor labial. B: Quais servos?

— Os servos que estão esperando pelo meu sinal para me trazer Arik, agora que Sartael o encontrou.

Ela sorriu.

— Agora quem está mentindo? O poder de Sartael no reino humano é limitado em encontrar demônios e artefatos demoníacos.

— Garota tola — Lúcifer falou lentamente. — A alma de Arik pertence a um demônio. Portanto, ele é um artefato demoníaco — O *merdômetro* de Limos foi até o máximo, e estourou com as próximas palavras de Lúcifer. — E eu vou entregá-lo diretamente para seu marido — Os passos desossados de Lúcifer o trouxeram mais perto ainda, e ela forçou Bones a afundar seus cascos no chão para evitar que Ares os atravessasse pelo portal. — Você deveria ter sido dele muito tempo atrás, Limos. Você foi muito vaga com os termos do seu contrato, e ele não está... satisfeito.

O coração dela ricocheteou dentro do peito como se quisesse sair. Se seus irmãos soubessem o quão vaga era, eles mesmo a jogariam para Lúcifer.

— E sua mãe... — Lúcifer fez uma expressão triste. — Ela está tão decepcionada com você. Ela te criou para ser mais responsável.

Thanatos relaxou Styx para mais perto de Bones.

— Tão irresponsável da parte da Li não querer entrar em um casamento arranjado com o ser mais cruel que já existiu.

— Limos é a inveja de todas as fêmeas do submundo. Ela sabia o que ele era quando ela concordou ser sua companheira — Lúcifer assinalou.

Isso era verdade. Oh, Deus, era pura verdade. Ela tinha sido prometida a ele enquanto criança, mas tinha de boa vontade estado diante dele para brindar suas intenções mais tarde, como uma criança que estava completamente ciente do que estava fazendo.

Mas ela tinha mudado de ideia, e isso tudo estava desmoronando nela agora, e ela se perguntou quando ela seria esmagada pelo peso dos destroços.

— Ela não concordou — A voz de Ares pingava desdém. — Isso foi forçado quando ela era uma criança, contra a vontade.

Oh, droga. Ela ficou tão tensa que Bones grunhiu sob a pressão de suas coxas nas costelas dele. A cabeça de Lúcifer girou lenta e assustadoramente. O sorriso sinistro em seu rosto era algo saído de um filme de terror.

— Foi isso que ela te contou? — Jogando a cabeça para trás, Lúcifer gargalhou.

De repente, com uma explosão cega de pânico, ela conjurou um Harrowgate do lado de Lúcifer, usando-o como arma. O portal o cortou como uma grande lâmina, cortando seu braço esquerdo, separando o ombro do torso.

O som que ele fez, um de dor, fúria e ódio, atingiu os ouvidos dela com tanta força que estourou seus tímpanos. Dor explodiu nos ouvidos dela, e um coro de gritos dizia que era uma tortura em seus irmãos e no cão também. O chão rugiu, e Lúcifer se transformou em um monstro do tamanho de um dinossauro, uma coisa preta e escamosa com grotescos membros disformes e dentes e genitais exagerados. Ele passou as garras no cão, abrindo feridas pelo comprimento do corpo de Gore.

Antes que ela pudesse reagir, Ares e Batalha a empurraram pelo portal.

Limos e Bones surgiram no pátio de Ares. E eles não estavam sozinhos. Bones girou enquanto Sartael saía do Harrowgate. Ele foi na direção dela, e apesar de Bones ter prendido ele pelo tornozelo com os dentes, o anjo caído conseguiu derrubá-la da sela. Eles caíram no chão e rolaram, trocando socos e duelando com as armas.

A mão dele envolveu o pescoço dela, e bateu sua cabeça com força em uma pedra. Bones gritou de fúria, e seus cascos preencheram sua visão. Sons de rachadura, molhados, se juntaram com o grito de dor de Sartael enquanto os pés de Bones atravessavam suas costas e saíam em seu peito, prendendo-o na areia.

Limos lutou para sair debaixo dele, grata de que os cascos do cavalo do inferno não a tinham acertado. Enquanto seus tímpanos melhoravam, ela se agachou ao lado do anjo caído.

— Me seguir foi estupidez, Sarty — ela deu um tapinha na cabeça careca dele. — Pois agora que eu tenho você, vou fazer você

me contar onde Arik está, e então você vai me ajudar a encontrar meu *agimortus*.

Ele riu... bem, meio tosse, já que sua boca estava cheia de sangue.

— Eu vou te levar para seu marido. E vou tirar sua roupa humana do corpo dele enquanto ele vê o Senhor das Trevas te comendo até você partir em dois.

— Você é nojento — ela olhou para Bones. — O faça sentir um pouco de dor.

Bones mostrou os dentes afiados e deu uma mordida no ombro do anjo. A carne se rasgou com um barulho curioso de corte. Sartael gritou de agonia.

— Agora, seu pedaço de merda — ela ronronou. — Concorde em me ajudar, ou da próxima vez Bones vai preferir algo mais macio. Ele ama Ostras da Montanha⁽⁶⁾. Acho que vamos chamar Ostras de Anjo, né?

— Eu vou te ver fritar. — ele falou. — Vou contar aos seus irmãos como você ficou perante o Senhor das Trevas e implorou para ele te tomar como noiva. Como você prometeu levar seus irmãos a ele como presente de casamento. Como você permaneceu parada, suas coxas respingando luxúria, enquanto o cinto de castidade era colocado em sua cintura.

A garganta dela ficou tão seca quanto a areia sob seus pés.

— Você não estava lá. Você não sabe. — exceto que seus detalhes eram certos.

— Eu era o rato acorrentado ao pulso de Lúcifer durante a cerimônia. Passei quase cinco mil anos como um roedor, punição por eu ter deixado outro anjo comer sua mãe antes que eu pudesse. *Eu* deveria ser seu pai, sua vaca. Eu deveria ser o pai da *princesa*. — ele sorriu com uma careta. — Agora serei o parceiro de cama da princesa quando o marido terminar com ela.

Cara gritou, e Limos levantou a cabeça para vê-la correndo na direção deles. No mesmo instante, flashes de luz penetraram as sombras da noite enquanto dois Harrowgates se abriam a alguns metros dela. O passado de Limos estava se fechando nela, chocando-a,

atingindo-a como um avião numa queda mortal em espiral.

Gritando, ela desceu a espada na garganta de Sartael, cortando ele e suas verdades feias, para sempre.

Than pisou em um portal, arrastando Gore com ele. O cão mal podia ficar de pé, estava perdendo sangue como uma cachoeira. Ares saiu por seu próprio portal, conduzindo um Batalha mancando.

Cara correu direto para os animais, e até mesmo enquanto eles caíam no chão, ela colocou uma mão em cada um. De todos os cantos, dúzias de cães apareceram, silenciosos como sombras, e caíram sobre o anjo morto. Rapidamente, antes de Bones começar uma luta, Limos o chamou, e ele se dissolveu em fumaça antes de surgir em volta do braço dela.

O dom de cura de Cara atingiu os animais, e em minutos, suas feridas estavam curadas.

— Que merda aconteceu aqui? — Than rosnou para Limos. — E por que você matou Sartael? Ele era nossa melhor aposta para encontrar seu *agimortus*!

— Eu sei — isso, pelo menos, não foi uma mentira. — Ele ameaçou Arik. Eu pirei. — Outra verdade.

— Você pirou? — As palavras de Thanatos gotejavam ceticismo. — Você nunca pira. Não assim.

Ares ajudou Batalha a se levantar enquanto Cara curava a ferida.

— E por que Lúcifer acha que você participou de seu noivado ciente?

— Porque ele é um idiota — Ainda outra verdade. Antes que seus irmãos pudessem questioná-la mais ainda, ela mudou de assunto. — Precisamos encontrar Arik. Agora. Lúcifer não mentiria sobre saber onde ele está.

Ares deu um torrão de açúcar a Batalha.

— É, bem, *nós* não sabemos onde ele está.

— Aposto que Runa sabe. — ela disse, criando um portal. — E eu vou me certificar de que ela saiba exatamente o que está acontecendo com o irmão dela.

Porque se havia uma coisa de que Limos sabia era quão longe

um irmão iria para proteger o outro.

Ou trair o outro.

Capítulo Dezessete

Em retrospectiva, Arik percebeu que devia ter feito Kynan levá-lo para seu apartamento. Em vez disso, ele pedira a Ky para levá-lo ao quartel general do R-XR, o que foi um grande erro. Eles imediatamente o levaram para um médico para um exame completo e cada tipo de teste conhecido nas ciências humanas e demoníacas. Então ele foi isolado para um interrogatório e outra bateria de testes, desta vez para verificar sua saúde mental.

Ele devia saber que seria mantido prisioneiro, ele tinha ajudado a criar os procedimentos de operação padrão para qualquer membro militar que fosse capturado e preso por demônios.

As perguntas não acabavam, repetitivas e, algumas vezes, ridículas. *Você tem certeza de que não abriu mão de nenhuma informação sensível?* Sim. *Algum demônio te possuiu?* Não. *Você foi fecundado?* Jesus, ele esperava que não. *Você cresceu ligado a algum demônio?* Não.

Já que Limos não contava, que se dane ela.

Quando os interrogadores passaram por seu tempo no Sheoul e começaram em seu tempo com Limos, Arik começou a ficar muito mais seletivo com o que respondia a eles. De jeito nenhum ele ia compartilhar a forma como ele estava em constante estado de desejo por ela, ou o quanto ele teve medo de comer comida que ele só tinha comido quando pensou que ela estava trazendo comida de cachorro. Ou como ele se recusou dizer o nome dela.

Ou como ela tinha ferrado com a lembrança dele.

Ele também deixou de lado a parte em que Peste bebeu dele como um milk-shake, forçando Arik a beber dele em troca, e deu a ele o curioso efeito colateral de conseguir sentir espiões e mata-los com um toque.

O R-XR o teria cortado em uma mesa de dissecar por isso.

O lado positivo de todo esse questionamento e testes era que tinha o feito esquecer o que tinha feito com Runa. As palavras de

Shade continuavam batendo em sua cabeça, um baque brutal merecido do lado de dentro de seu crânio. Ele jurara proteger Runa. Ele jurara nunca se tornar o monstro que seus pais tinham sido. E o que ele fez? Se tornou o monstro que atormentava os sonhos dela até Shade afastá-los. Agora Arik se perguntava se ele tinha revertido todo o progresso de Shade.

Não interessava se ele tinha atacado Runa enquanto ele estava fora de si. O pai deles algumas vezes dava suas surras mais brutais enquanto estava fora de si, bêbado. Não era uma desculpa, e Arik não ia ficar se desculpando também.

Cara, ele precisava de férias, mas aquela linha de raciocínio em particular sempre o levava a uma praia tropical suspeitosamente como Havai, completa com uma certa Cavaleira de cabelos negros. Não que ele fosse viajar logo; ele foi liberado das instalações médicas do R-XR e colocado em um dos dormitórios de Forte McNair, e apesar de ele ter liberdade de ir e vir pelas instalações, ele ainda não estava inocentado para deixar a base.

E isso era um saco. Ele era um soldado, e a raça humana estava em guerra. Ele precisava fazer alguma coisa. Precisava lutar por sua equipe, e seus movimentos estiveram em sincronia de um jeito que ele não tinha experimentado com ninguém além de Decker.

Ele se pegou esfregando o peito, como se tentasse suavizar uma dor no coração, e que merda? Será que o demônio Alcatraz o transformara em um filhotinho apaixonado? Irritante.

Uma batida na porta de seu dormitório o tirou de suas patéticas reflexões, e Ky e Decker entraram antes mesmo que ele tivesse a chance de mandá-los entrar. Ele os perdoou porque ele precisava mesmo esquecer Runa e Limos. E porque eles trouxeram cerveja.

Decker tirou uma garrafa do engradado com seis e entregou a Arik.

— Você pode tirar um caipira do país... — Arik disse.

— ... mas não pode tirar a cerveja do caipira — Kynan terminou, e Decker mostrou o dedo para eles.

— A meu ver — Decker falou devagar —, ou você pode beber água quente da torneira, ou uma Budweiser bem gelada. — ele

segurou o pacote de cerveja, com uma a menos, e balançou-o na frente de Kynan.

— É, é. Me dê a maldita cerveja. Mas não pense que eu vou começar espontaneamente a assistir NASCAR ou algo do tipo.

— Estou te falando, você ia amar as corridas de pista rápida — Decker murmurou, entregando uma cerveja.

— Só se os pilotos forem demônios — Kynan disse.

Decker deu de ombros.

— Há especulações sobre os irmãos Busch. Eles não têm certeza. E Jimmy Johnson. Ele ganha muitas para ser natural.

Virando os olhos, Kynan se sentou em uma das cadeiras, e Arik se sentou na outra. Como os velhos tempos, Decker se jogou na cama e se esparramou como se morasse lá. A amizade deles era tranquila... claro, houve momentos de tensão, mas todos os relacionamentos não tinham? Nem passou pela cabeça de Arik que ele precisaria de mais como relacionamentos, não quando ele tinha bons amigos e uma comunidade militar em volta.

Então, sim, tudo parecia a mesma coisa. Natural. E mesmo assim... havia uma sensação de que faltava alguma coisa.

Você sente falta de Limos, idiota.

Caralho, ele estava ferrado.

— Então — Decker disse. — Você está bem para quem esteve no inferno por um mês.

Arik virou metade da sua cerveja.

— Não recomento como um lugar para passar as férias.

— Você está bem? — Kynan perguntou, sua voz baixa, bem séria.

Arik estava cansado dessa pergunta. Houve muita morte e tristeza e *você está bem*.

— Melhor impossível.

— Runa quer te ver. Disse que você não retorna as ligações dela.

— Estive ocupado — *Ocupado evitando ela*.

Ky pegou a dica e não insistiu. Decker também não, deu um gole na cerveja e mudou as direções, graças a seu coração caipira.

— Então... o que te possuiu para beijar um Cavaleiro e conseguir uma carona no grande trem negro?

Cara, às vezes Decker precisava de tradutor.

— Grande trem negro?

Kynan bateu em Decker com a tampa da garrafa.

— É de uma das músicas da terra de Decker que ele me força a ouvir. Algo sobre um trem para o inferno.

— É, bem, não tem trem. Somente grandes e espinhosos braços

— Arik encerrou essa lembrança e virou o resto da cerveja.

— Bem? — Decker entregou outra gelada a ele. — Por que você fez isso? Eu não achei que você virava para esse lado.

— Eu beijei a Cavaleira, seu idiota. Eu não sou gay.

— Duhh. Eu sei que você não é gay — Decker se apoiou no cotovelo. — Eu estava falando de sobrenaturais. Não achava que você andava desse lado do trilho.

Kynan bufou.

— Metáforas sobre trens à parte, se você visse Limos, você também iria nela, Deck.

Arik suspirou.

— Os dois cabeças ocas estão aqui por um motivo?

— Você tem algo melhor para fazer? — Kynan perguntou.

— Não, mas vocês não vieram aqui só para me trazer cerveja e ocupar espaço. Então ou vocês estão aqui para calcular minha aptidão mental ou para me acelerar no Aegis ou no R-XR. Qual das duas?

— As duas — Decker admitiu, entrando no modo profissional. Ele aparecia como um grande e lento caipira às vezes, mas Arik não estava completamente convencido de que era uma atitude normal. O cara era afiado como uma lâmina às vezes.

Arik disse de sua cadeira.

— O que aconteceu?

Kynan colocou seus pés com botas sobre a mesa.

— Quando você estava com Limos, ela te deu alguma informação sobre o *agimortus* dela?

Arik os colocou a par sobre os demônios Isfet, que eram novos para Kynan.

— Droga — ele suspirou. — A gente só tinha que prosseguir com as linhas de *Daemonica*. Um Cavaleiro, deverá beber do Copo das Decepções e das Mentiras, irá libertar Fome para devastar a terra. Ela te passou algo sobre Thanatos?

— Eles foram reticentes sobre ele — Arik murmurou. — O mundo está ferrado. A não ser que suas mentes brilhantes tenham tido algum tipo de plano enquanto eu estava na Disney — Kynan e Decker trocaram olhares, e Arik teve um mau pressentimento no fundo do estômago. — Que foi? O que vocês não estão me dizendo?

— Limos te falou alguma informação sobre Thanatos e seu... ah... — Kynan parou como se procurasse pela palavra certa, o que era estranho, porque o cara raramente divagava.

Decker virou os olhos.

— O que você sabe sobre a vida sexual dele?

Arik congelou com a cerveja a um centímetro de seus lábios.

— Vida sexual?

— É. Você sabe, o que ele curte? Homens? Bizarrices? Coisas perigosas? Ou ele é igual a você, todo careta? — Decker disse a última parte da fala com um sorriso provocador.

Como se ele pudesse falar alguma coisa. O cara que tinha saído com a mesma garota doce, missionária, desde o colegial até o último ano, quando ele não aguentava mais mentir para ela sobre seu trabalho, e terminou com ela. Chegou ao ponto de ter que escolher continuar mentindo ou deixar o R-XR. Decker escolheu sua carreira, e Arik não o culpava. Agora não era hora para baixar as armas, com certeza.

— Pareço com o confidente dele? Como é que eu vou saber do que ele curte? E por que você está perguntando? — Arik olhou para os dois homens, que se contorciam como dois garotos da escola que foram pegos com a mão dentro da calça.

— Porque mandamos Regan seduzi-lo.

Arik engasgou com a cerveja.

— Regan? — Ele bufou. — Ela tem as mesmas artimanhas femininas de um cacto raivoso.

Decker congelou.

— Não acho que cactos podem contrair raiva.

Kynan disparou para Decker um olhar de — você está me zoando— antes de se virar para Arik.

— Escuta, isso tem que ficar entre a gente. Não sairá desta sala. Só alguns Anciãos sabem — Ainda confuso, Arik suspirou.

— Tudo bem, eu falo. Thanatos disse que você a enviou, mas ele acha que é porque o Aegis quer preencher as lacunas históricas ou algo assim. Por que vocês a mandaram dormir com o cara?

— Porque precisamos que ela engravide — Kynan disse. Arik piscou. Muito.

— Eu... acho que não ouvi direito.

— Você ouviu sim — Decker disse, sua voz ficando triste como a do Bizonho. — Uma droga, porque acho que ela poderia ter sido legal comigo.

Kynan secou a cerveja, e então explicou a situação, que correspondia à profecia, blá, blá, criança imortal salvando o mundo, blá, blá, da Morte vem à vida, blá, blá, e um monte de zumbido na orelha de Arik porque a maior parte do que Kynan dizia não processava.

Regan a rainha do gelo estava se sacrificando para transar com um Cavaleiro, enquanto Arik não conseguia transar com quem ele queria.

Ele estava prestes a pedir a Decker para passar uma cerveja quando o celular de Kynan tocou, e na mesma hora, se apressou. Do lado de fora, buzinas tocavam estridentes.

Decker afastou a cortina da janela.

— Estamos sendo atacados. Caralho. Como é que os demônios chegaram na base? Ela é protegida.

— Filho da ... — O som de armas de fogo se juntou a gritos e berros, mas os soldados não tinham como saber que as balas eram inúteis contra a maioria dos demônios.

Os oficiais de patente mais alta da base sabiam dos demônios, mas na maioria, os soldados *não estavam* cientes da existência de criaturas do submundo. Tudo o que os soldados estavam fazendo era irritando os demônios com suas balas pequenas.

Arik abriu as portas enquanto a horda de demônios infestava na direção dos dormitórios.

— Estamos muito ferrados — Decker murmurou, enquanto ele pegava um bastão dentro da jaqueta. Kynan fez o mesmo, estendendo um para Arik.

— Vocês estão prontos? — Ky disse.

Arik testou a ponta dourada de sua lâmina curva, tirando sangue do polegar.

— Vamos mandar esses otários de volta para o inferno, que é o lugar deles.

Limos, Ares e Thanatos se trancaram dentro do inferno na terra. Literalmente.

Milhares de demônios infestaram a base militar de Arik, passando pelos soldados como se eles fossem feitos de papel. Tiros e gritos enchiam o ar, e o cheiro carregado de sangue e tripas encheram as narinas de Limos. Guiando Bones com os joelhos, ela cortava os demônios enquanto procurava por Arik, ao mesmo tempo em que a grande espada de Ares cortava os corpos em dois. A enorme foice de Thanatos arrancava as cabeças dos ombros.

Bones, que via a batalha como um restaurante — coma o que puder — mordida a cabeça de algumas criaturas menores e espinhosas e as engolia, como um cavalo normal comendo uma maçã.

— Ali! — Thanatos apontou para um prédio grande e quadrado onde Kynan, Arik e um homem loiro acabavam com bastões e adagas com quem os atacava. A luta era sangrenta, suja, e Arik, com sua roupa preta de batalha, era a morte sobre pernas. Seus movimentos eram propositais, econômicos, e com alguns giros, cortes e chutes, ele derrubara seis grandes demônios como se fossem espantalhos. O cara sabia *lutar*.

Tão. Gostoso.

Então a maré mudou. Uma dupla de anjos caídos surgiu na briga vindo de lugar nenhum e se juntaram a Arik, um derrubando-o

ao chão enquanto o outro o acertava com algum tipo de poder que o deixou convulsionando, com sangue saindo do nariz.

Limos tinha aguentado bastante dos malditos anjos caídos. Ela não tinha feito Sartael sofrer o bastante, mas ela compensaria agora.

Com um rugido, Limos chutou Bones numa corrida veloz. Eles derrubaram demônios e humanos, e ela nem ligou. Ninguém machucava seu macho.

Seu macho. Não adiantava negar mais. Ela tinha visto que Arik era dela desde o primeiro beijo. Ele estava certo, e tinha a chamado para isso; ela queria esse beijo. Ela o queria. E Limos sempre tinha acreditado no que ela queria que fosse dela.

Bones colidiu com um dos anjos caídos, esmagando-o sob seus cascos enquanto rasgava suas asas com os dentes. Limos girava as espadas enquanto ela se inclinava nas costas do cavalo e fazia o anjo restante sangrar com dúzias de feridas antes que ele soubesse o que o tinha atingido.

Tiros passavam perto, e Bones gritou, ficando de pé nas patas traseiras e sangrando em um buraco do tamanho de uma bola de beisebol na lateral. Ele se curou quase instantaneamente, mas ela soube que doeu muito. Uma bala afundou em sua armadura, e caramba, os estúpidos humanos são sabiam diferenciar amigos de inimigos. Arik se levantou, seus olhos piscando de fúria. A princípio, Limos achou que a raiva era direcionada a ela, mas quando ele correu para o soldado cuja M-16 estava apontada para ela... bem, ela se derreteu um pouquinho.

Outro grupo de anjos caídos interrompeu sua mole apreciação de Arik a defendendo, um deles atacando tanto Kynan ao lado do prédio que quando ele se encolheu no chão, seu braço estava torto em um ângulo anormal, a ponta do osso quebrado saindo da pele.

— Arik! — Ela gritou. — Temos que ir!

Ele se virou, seus punhos emaranhados na camisa do soldado.

— Eu não vou embora.

Ela correu até ele, seguida por Bones, que atacava os demônios que tentavam a atingir. — Os demônios estão aqui por sua causa. Se nós formos, eles vão. É a única chance dos humanos.

Arik hesitou por um segundo antes de xingar e soltar o soldado aturdido.

— Vamos fazer isso.

Limos abriu um portal, pegou a mão de Arik e a rédea de Bones, e disparou para o portal. Seus pés atingiram a areia morna e branca da ilha grega de Ares, a cem metros de onde ela tinha matado Sartael. Ela não queria se lembrar do incidente, e rezou para que Ares e Thanatos esquecessem.

— Filhos da puta — Arik soltou. — Como é que os demônios chegaram na base? É protegida.

— Não por baixo — ela disse. — E não para o tipo de poder que Lúcifer domina. Uma vez que os demônios subiram, eles desativaram as proteções, que foi como nós e os anjos caídos entramos.

— Lúcifer? — Ela concordou.

— Ele me disse que ele havia encontrado você e ia te pegar. Esses demônios tinham que ser dele, e acredite, seu povo nunca ficou contra algo como ele antes. E o fato de ele poder estender seu poder pela realidade humana significa que a barreira entre as realidades foi comprometida. Não vai demorar até que caia e cada demônio do Sheoul escape.

— Achei que os Selos deviam ser rompidos para que isso acontecesse.

Ela pegou um pedaço de carne de alce nos alforjes de Bones e o alimentou.

— Quanto mais forte Peste fica e mais terra humana ele reivindica pelo nome do Sheoul, mais fraca a barreira fica.

— Fantástico — Arik cuidadosamente enfiou o bastão no bolso da calça. — E por que estamos aqui?

— Cara enviou cães do inferno para a minha ilha para descobrir qualquer coisa que pudesse potencialmente ser uma ameaça ou um espião tentando descobrir onde você está. Preciso checar com ela para ter certeza de que está limpo antes de te levar de volta para lá — ela suspirou. — Só espero que os cães do inferno não comam nenhum humano.

Arik deu a ela um olhar que dizia — idiota — sem palavras.

— É. Isso seria o bônus.

Ela esticou o braço.

— Bones, aqui — o cavalo, com suas patas ainda mexendo na carne, se dissolveu em fumaça e se ajustou em sua pele sem protestar.

— E agora? — Arik perguntou, enquanto limpava um rastro de sangue na têmpora. — Vai me levar de volta para sua casa e mentir um pouco mais para mim?

Ela começou a andar na direção da porta.

— Tenho certeza que você é bem verdadeiro, Arik.

— Eu nunca roubei as lembranças de alguém e menti sobre isso — Arik andava do lado dela, suas botas de combate fazendo marcas pesadas no pavimento.

— Oh, certo. Santinho. Quer dizer que você nunca mentiu? Você conta para todo mundo que você conhece quem você é e para quem trabalha?

— Isso é diferente. Meu trabalho é supersecreto.

— E o que você conta para as mulheres quando você as encontra? Você tem que mentir para elas sobre seu trabalho? Sobre quem você é? Você as come com todas essas mentiras entre vocês? — Quando ele enrijeceu, ela bufou. — Foi o que pensei — e o pior, ela estava muito ciumenta com isso.

— Há uma grande diferença entre mentir para magoar alguém ou omitir informações para proteger alguém.

— Continue se convencendo disso, Pinóquio.

Arik limpou o sangue do nariz.

— E como é que você me achou, afinal?

— Runa me contou quando eu expliquei que você estava em perigo. Ela também disse que você não retornou as ligações dela.

— Fofoqueira. — ele murmurou.

Cara, parecendo que tinha acabado de tomar banho, com cabelo molhado e vestindo seu usual pijama de flanela, os encontrou na porta.

— Os cães liberaram sua ilha. Houve outro... contratempo, mas além disso, vocês podem ir. Seis cães estarão fora de sua casa o tempo

todo — ela mordeu o lábio. — Se eles quiserem entrar, eu não vou discutir. Talvez seja melhor você cobrir seu colchão com um lençol. Pêlo de cachorro.

Ótimo. Simplesmente ótimo. Limos nunca teve nem um cão de estimação, agora ela tinha um bando de cães do inferno para cuidar.

Um Harrowgate se abriu, e Ares saiu, sua armadura gotejando sangue. Arik correu até ele.

— Como está a base? Os soldados? Ky e Decker?

— Kynan está a caminho do hospital. Decker está ajudando a separar os feridos. Houveram várias baixas. O suficiente para que Than aparecesse.

— Droga — Arik suspirou. — Preciso ajudar...

— Você não pode — a voz de Ares era intensa porém uniforme, um sinal de respeito de um guerreiro para outro. — Você só vai levar os demônios de volta para eles.

— Então quando eu posso voltar?

— Você não entendeu, Arik? — Limos perguntou suavemente. — Lúcifer está atrás de você. Meu irmão é dono de sua alma. Você sempre será responsabilidade de sua própria raça. Você pertence a nós agora.

A última vez em que Reaver tinha tido a experiência de perder as asas tinha sido quando ele tinha caído. A remoção não tinha sido dolorosa, fisicamente. Havia dois níveis de punição para os anjos, e um anjo chutado do Paraíso para a realidade terrestre sente suas asas secarem e desintegrarem na descida. Esses anjos, os Não—Caídos, podem conquistar seu caminho de volta ao Paraíso, como Reaver tinha feito.

Era diferente no segundo nível de punição. Um anjo que é lançado do Paraíso direto para o Sheoul tem suas asas arrancadas pelos outros anjos. O idiota azarado será então arrastado até a Boca do Inferno ou Harrowgate e jogado lá dentro, onde, como Harvester, será chamado de Verdadeiro Caído, e talvez cresçam novas asas – coisas de

couro como asas de morcego, e com garras.

As asas de um anjo eram a principal fonte de seu poder, que era o motivo de um Não Caído que existiu no estado em que Reaver esteve por décadas não poder extrair poder nem do Céu nem do Inferno. E agora que as asas de Reaver tinham sido cortadas com uma serra incrivelmente cega, ele se sentia tão impotente quanto ele era quando andava na terra, seguindo a bela regra do bem e do mal.

Ele se sentou no frio gelado vestindo somente calças, sangue ainda escorrendo pelas suas costas nos lugares onde ficavam as asas, seus pés presos em correntes com aros embutidos na pedra. Ele tinha descoberto que a corrente que o prendia havia sido construída com os ossos de suas próprias asas. Algum tipo de magia negra havia sido usado para amaciá-las e moldá-las, e quando elas estavam presas em sua perna, elas afundaram em sua carne e se fundiram com seus tornozelos. Seu próprio corpo estava o fazendo prisioneiro, e colocar muita tensão na corrente causou uma agonia tão intensa que ele desmaiou de dor.

Ingênuo. Louco e doente, mas ingênuo.

Ele olhou quando Harvester apareceu no corredor, um robe preto fino sobre seu corpo liso. Em sua mão havia uma garrafa de algo que ele acreditava que era vinho tinto.

— Ótimo. Você está acordado.

— Ótimo — Reaver imitou. — Você ainda é uma vadia.

Ela andou pelo cômodo.

— Acho que alguém acordou do lado errado da corrente.

Fechando os olhos, ele se inclinou na parede, e doeu muito, mas ele não ia dar a Harvester a satisfação de saber disso.

— Por que você está fazendo isso?

— Porque eu sempre quis um anjo de estimação.

Ele bufou.

— Quem te ajudou, Harvester? — Ele abriu os olhos. — Obviamente, você teve ajuda, pois você não conseguiria me pegar sozinha.

— Te pegar? — Ela bateu a mão no queixo pensativamente. — Agora, isso é algo que eu tenho que considerar. Aposto que você é

ótimo na cama.

Ele lutou contra uma onda de asco.

— Eu sou. Mas você nunca vai saber.

— Oh, eu posso saber se eu quiser. Eu vejo o jeito que você me olha. Você sabe como você fica facilmente distraído? Tudo que tive que fazer foi mostrar um pouquinho da bunda, e você já ficou todo doido.

— Eu estava enojado, e desviei o olhar.

— Você estava excitado, e foi por isso que desviou o olhar, e era exatamente com isso que eu estava contando. Isso me permitiu ativar o feitiço que usei para te incapacitar. Estava no anel que te dei — ela suspirou dramaticamente. — Machos são tão fáceis. Não importa se é demônio, humano ou anjo. Só mostrar um petisco para vocês, e vocês piram. E você? Você acha que não notei o jeito que você olha as fêmeas que se vestem como estrelas pornô? Você acha que eu não perguntei por aí sobre o tipo de fêmeas que você comeu quando você era caído?

Ele fechou os punhos, desejando que o pescoço dela estivesse entre eles.

— Ciúmes?

Ela deu risada.

— Dificilmente. Aparentemente, você se afastou das humanas, mas nenhuma transmorfa, licantrópa, anjo caído ou *succubus* está segura se ela estiver usando uma saia curta e meias na altura da coxa — Com um movimento fluido e sensual, ela abriu as pernas, fazendo seu robe se abrir e revelar muito das coxas. — E aparentemente, você é um real fã de um belo boquete.

Ele balançou os ombros casualmente, que não foi a coisa mais esperta que ele tinha feito, porque isso fez sua ferida na asa raspar na parede.

— Que cara não é?

— Acho que isso é verdade — ela se abaixou para se empoleirar nas pernas dele, e involuntariamente, o olhar dele caiu. Instantaneamente, ele subiu o olhar novamente para se concentrar em seu rosto, mas era tarde demais, ele tinha ganhado uma visão de uma

profunda rachadura e um vislumbre atormentador de lugar feminino escuro entre suas coxas. — Nem pense em me dominar, senão eu puxo as correntes tão forte que seus fêmures vão sair por sua pele.

— Você *vai* pagar por isso — ele rosnou.

Sorrindo afetadamente, ela passou a língua em volta do gargalho da garrafa, o ato sem dúvida calculado para fazê-lo imaginar a língua girando em volta de algo muito mais pessoal.

— Você sabe como caí? — Ela enfiou a língua na garrafa e fez uma demonstração tirando a língua do gargalo. — Enquanto era uma Autoridade, eu era uma negociante da justiça para os humanos — ela se esticou, usando uma longa unha para cortar a pele abaixo da clavícula dele. — Por séculos eu só matava assassinos e aqueles com o mal no coração. A cada morte, a emoção de fazer isso aumentava. Mas um dia, eu acidentalmente matei um humano. A emoção se tornou um poder eletrificante. Eu queria mais. Então eu comecei a matar por pura diversão — Se inclinando para frente, ela lambeu a gota de sangue que saiu do pequeno corte no peito dele. — E quando descobri que arrastar humanos para o Sheoul para mata-los me permitia desfrutar dos gritos de suas almas várias e várias vezes... — Ela grunhiu de prazer. — Oh, o ímpeto é melhor que um orgasmo.

— Por que está me dizendo isso? O que você quer comigo?

— Estou te dizendo isso porque preciso que saiba o quão longe eu vou para conseguir o poder que eu quero. E é por isso que você está aqui — ela inclinou a cabeça, pensativa. — Bem, parte do motivo. Tenho ordens para te deixar ocupado. E também preciso pegar um pouco de força emprestada com você. — ela pôs a garrafa nos lábios dele. — Beba.

Fechando os dentes, ele balançou a cabeça.

— Não é veneno. É vinho.

Ele balançou a cabeça novamente.

— Não seja tão teimoso — ela chamou Whine, e o grande macho estava lá em um instante. — Abra a boca dele.

Whine torceu a cabeça de Reaver para o lado e puxou com força o queixo dele para baixo enquanto segurava a testa para trás. Rosnando, Reaver bateu a palma da mão no peito de Harvester

enquanto ele balançava a cabeça para trás, acertando o grande warg na boca. Harvester voou para trás e o sangue derramou no chão, mas Reaver não teve a chance de aproveitar sua vitória, pois o punho carnudo de Whine o acertou no queixo tão forte que Reaver ouviu o osso quebrando e sentiu seu maxilar deslocar.

Harvester xingou... e fez bem sua ameaça anterior. Com um grunhido maldoso, ela puxou as correntes, e seus ossos pareceram se separar da carne. A agonia o deixou cego e arrancou o ar de seus pulmões. Alguma coisa bateu em sua boca, e um fluido quente e espesso fluiu em sua língua. Sangue?

— Aí, está funcionando — Harvester era um borrão na frente dele. — Vinho da medula de Neethul. Você vai adorar.

Um alerta apertou seu peito, tão restrigente e doloroso quanto as correntes que o seguravam. Ele tinha experimentado vinho de medula uma vez, enquanto era um anjo caído, e depois do primeiro gole, ele mergulhou no vício. Durante meses ele se afogou na bebida, até eventualmente, algum demônio o encontrar enfiado num celeiro abandonado e contatar o Hospital pedindo ajuda. Shade e sua irmã, Skulk, o trataram e o levaram para o hospital, onde Eidolon o deixou limpo.

Se não fosse pelo demônio bom samaritano e a equipe no Hospital, ele poderia ter acabado em algum lugar ruim. Não Caídos incapacitados eram algumas vezes arrastados para o Sheoul contra a vontade, completando sua queda e se tornando irreversivelmente maus.

— Whine — Harvester disse, e sua voz era confusa, ou era ele? — Drene ele. Entregue o sangue para o Orfanato.

Oh, droga. Seu sangue... o que iriam fazer com seu sangue? O assunto deixou de ser um problema assim que uma familiar queimação trabalhava em sua barriga e se espalhava como fogo maldito. Ele se arqueou, uma onda de prazer torcendo seu corpo e aliviando a dor. O calor passou por ele em ondas de erotismo, e por trás do zíper de sua calça, seu pau pulsava e seus testículos latejavam.

Uma incrível série de espasmos disparou na base de sua espinha, e então ondas de líquido quente vieram pelo comprimento de

seu pênis e estourou pela cabeça enquanto um orgasmo completo o dominava cada vez mais, uma eterna onda de prazer que ele sabia que o deixaria perdido e fraco como um recém—nascido quando acabasse.

Em algum lugar no fundo de sua mente ele sabia que estava com problemas. Mas no momento, ele simplesmente não podia se importar.

Capítulo Dezoito

Thanatos era um Cavaleiro estúpido-mal-humorado. Ele tinha pedido a Regan para sentir um documento irregular para ele, mas ele não explicou o porquê, e quando tudo o que pôde dizer-lhe era que os whoerumver que rabiscaram a escrita nisso acreditavam que estavam traduzindo uma mensagem do Senhor das Trevas, ele assentiu e empurrou-a para fora da biblioteca. Desde então a evitava, a menos que precisasse de seu auxílio ou que ela pedisse ajuda para traduzir algo de sua coleção. Tornava difícil para uma garota seduzir um cara.

Ela havia, ao menos, determinado que ele não era gay, se o constante fluxo de fêmeas podia indicar alguma coisa. Elas vinham em todas as horas, em vários estados de vestidos, mas as vampiras sempre voltavam distantes. Ela supôs que aquilo poderia significar que Thanatos não gostava de mulheres, mas se esse fosse o caso, ela teria pensado que as fêmeas teriam conseguido tal notícia há muito tempo. E se esse fosse realmente o caso, onde estavam os homens?

Não havia nenhum. Então basicamente, ela tinha certeza de que ele não era gay. Era apenas um idiota que não gostava de ninguém.

Teve o seu trabalho cortado por ele, com certeza.

Ela não tinha certeza de onde ele passara o tempo, mas não estava em seu palácio de gelo. Suas vampiras foram bem atendidas, de alimentos a toalhas, o que a tinha feito sentir-se desconfortável em primeiro lugar. Ela fora criada para matar os sanguessugas, não os manter esperando em suas mãos e pés. No entanto, a coisa mais estranha era que alguns deles podiam caminhar na luz do dia. E quando ela perguntou-lhes, eles ficaram em silêncio sobre o assunto. Interessante.

Ela passava a maior parte de seu tempo trabalhando no incrível ginásio de Thanatos ou andando por sua biblioteca, que rivalizava com algumas das bibliotecas Aegis na grande sede regional. Claro, seu objetivo principal era o de dormir com o Cavaleiro, mas ela também

faria uso da biblioteca e seu conhecimento... os quais eram ambos extensos.

Também ofereceu algumas dicas sobre os documentos que ele já tinha analisado. Até agora, a ajuda dela não havia fornecido quaisquer descobertas revolucionárias, mas tinha sido capaz de ajudá-lo a determinar quais documentos foram falsificados.

O que ela achou mais curioso foi em como, enquanto ele estava tão obcecado em encontrar uma maneira de restaurar o Selo de Reseph e em localizar o *agimortus* de Limos, ele parecia estar igualmente focado em encontrar seu pai. A diferença estava em que quando ele tirava o tema do anjo que o gerou, ele tendia a proteger suas palavras, como se sua busca pessoal fosse de alguma forma errada ou egoísta.

Ou como se ele estivesse se protegendo do desapontamento.

Sua busca agitou algo solto dentro dela, porque tanto quanto odiava admiti-lo, ela tinha um ponto sensível, cru, quando se tratava de pais. Talvez fosse estúpido da parte dela, mas passou um tempo a mais revisando o material que era relacionado com a história dele, esperando ajudá-lo.

É claro, ajudar não era uma dificuldade quando isso significava que passava horas na biblioteca, que estava empilhava do chão ao teto com livros que ela nunca pensara existir.

Livros de culinária de demônio. Ficção que ia desde livros infantis a romances e histórias de terror... todos escritos por demônios. E, só para constar, os livros de demônio eróticos a piraram completamente. Também encontrou livros sobre os Quatro Cavaleiros escritos por humanos, demônios, e até um anjo. Muitas das obras eram de ficção, Thanatos parecia recolher tudo o que tivesse algo a ver com os Cavaleiros, de jogos, programas de TV e filmes, a livros, não um, mas vários, que não eram de ficção. Lotes de "relatos em primeira mão" e especulação.

O que a fez corar até as raízes, no entanto, foi um livro escrito por uma succubus que alegava ter tido relações íntimas com todos os irmãos.

O livro podia ser interpretado como o cruzamento entre um

romance de fantasia urbana e uma carta do *Forum Penthouse*, e Regan se viu enrolada em cima da enorme cadeira de couro junto à lareira da biblioteca de Thanatos, virando as páginas o mais rápido que podia. Deus, ela não precisava de fogo, não com a forma como seu sangue estava correndo derretido em suas veias.

A succubus, cujo nome era Pilani, afirmou conhecer alguns detalhes verdadeiramente íntimos sobre os três irmãos, tinha primeiro gastado algum tempo com Ares após conhecê-lo em um pub do submundo chamado Quatro Cavaleiros. Ela descreveu seu poder, sua áspera e furiosa forma de fazer amor, e Regan se contorceu. Ela só fizera sexo uma vez, e não era nada parecido com o que Pilani descrevia ter tido com Ares. Muito rápido, duro, cheio de armas.

Regan definitivamente não tinha tido muitos orgasmos ou ficado esgotada depois. Não, tinha havido um orgasmo, durante o qual tinha sentido seu poder mexer, como se quisesse arrancar a alma de seu namorado fora do seu corpo. Regan tinha terminado com ele naquela mesma noite e não arriscara sexo outra vez.

Pilani tinha então se mudado para Reseph, quem ela afirmava ser brincalhão e gentil quando o clima pedia, incansável, aventureiro, e arriscado em outros momentos. E, aparentemente, ele realmente gostava de... O queixo de Regan caiu, e ela virou a página, ignorando o relato sobre Reseph com vontade de tentar *qualquer coisa*.

Boca seca e praticamente ofegante, Regan capotou frente às experiências de Pilani com Thanatos.

Eu me aproximei de onde ele estava sentado no canto escuro do Quatro Cavaleiros, seus olhos brilhando enquanto me observava. Eu havia tido seus irmãos, várias vezes. Na verdade, Reseph assistiu com diversão de seu próprio canto, onde ele estava incentivando uma fêmea Trillah a senti-lo mesmo quando outras mulheres se reuniram ao seu redor para participar do que certamente se transformaria em uma de suas notórias orgias.

Eu mesma me ofereceria a ele, claro, se Thanatos me mandasse embora. Eu nunca encontrei ninguém que admitisse ter fodido com o guerreiro tatuado, embora já tenha visto algumas fêmeas irem pro quarto e desaparecerem com ele.

— Morte — *Eu ronronei, e ele grunhiu como sempre fazia quando*

alguém o chamava pelo nome. Os Cavaleiros eram sensíveis sobre isso, por alguma razão... todos exceto Limos, quem não se importava de ser chamada Fome.

— Vá embora.

Ele levou sua cerveja aos lábios. Lábios que eu queria conhecer intimamente. Eu queria ser a primeira de todas as groupies, o Megiddo que me monta, para marcar um ponto triplo. Inferno, se eu conseguir Thanatos, talvez eu até tente um pouco de garota-sobre-garota com Limos e garanto meu lugar no folclore do Cavaleiros.

Naturalmente, eu o ignorei e me sentei ao seu lado, certificando-me de que minha saia subia até mostrar indícios tentadores de tudo. Ele percebeu, e a frente de suas calças inchou. Mudando, eu levantei a minha perna por cima dele e espalmei seu pênis.

— Deixe-me chupá-lo — eu murmurei, e seus olhos escureceram. Eu o tinha. Eu sabia. E quando ele me arrastou e levou para o quarto dos fundos, onde eu já tinha estado com ambos, Ares e Reseph, eu vim a primeira vez antes mesmo dele me trazer para baixo. A segunda vez foi quando ele...

— Está se divertindo?

Ao estrondo da profunda voz de Thanatos, Regan gritou e deixou o livro cair. Suas bochechas queimaram e sua garganta parecia como se ela estivesse respirando fumaça.

— Eu... eu... era de pesquisa. Oh, Deus, estava balbuciando como uma adolescente pega ao rabiscar o nome de sua paixão secreta em seu caderno. Ou como uma mulher adulta pega lendo literatura erótica.

Literatura erótica sobre o muito homem de pé no quarto, inclinando-se casualmente no batente da porta, com um tornozelo cruzado sobre o outro, e um sorriso divertido na boca.

E, uau, ela tinha pensado que ele era bonito antes, mas aquele sorriso o colocava em primeiríssimo lugar, longe de qualquer comparação.

— Pesquisa, heim? — Ele se aproximou com seu olhar nunca a deixando, mesmo quando ele se inclinou para pegar o livro de onde havia caído no chão. — Minha biblioteca está cheia de livros que

provavelmente seriam muito mais úteis.

— Mas não tão interessantes — ela disse, tentando soar leve e alegre, mas falhando miseravelmente. Ela parecia sem fôlego e desesperada. Excitada.

Ele abriu o livro no que parecia ser o local exato onde ela havia parado. Uma pálida sobranceira se levantou enquanto lia, e depois outra, e então... aquilo era um toque rosa em suas bochechas? Sim, sim aquilo era.

Bom. Talvez ele estivesse tão envergonhado quanto ela.

— Seus dedos encontraram a minha pérola inchada, molhada com o meu mel — leu, e bem, então talvez ele não estivesse envergonhado. — Ele empurrava dentro de mim, e eu gemia enquanto meu corpo explodia com prazer.

Regan limpou sua garganta. — Eu vejo que você sabe ler. Impressionante. Podemos parar agora?

— Você não quer saber o que acontece a seguir?

— Eu suponho que ela ganhou algum tipo de honra por ter batido todos os três de vocês e agora tem um selo comemorativo de vagabunda na parte baixa das suas costas ou na base de sua cauda ou o que for.

Thanatos olhou para ela por um momento, então jogou a cabeça para trás e riu, e querido Senhor, ela tinha acabado de revisar a definição de derreter-minha-calcinha.

— Ela não tem um selo de vagabunda — ele disse, quando parou de rir, mas o sorriso permanecia. — Pelo menos, eu não acho que tenha. Não a vi em séculos. Ela deu à luz a doze pequenos hellspawns e foi por seu próprio caminho. Ele fechou o livro. — E não, nenhum dos demonlings é nosso.

— Demonlings?

— É como Reseph os chama. O sorriso caiu de seus lábios, substituído pela familiar carranca. — Utilizava para chamá-los. Estou supondo que agora ele chama de jantar.

Foi surpreendente ver sua reação à transformação do seu irmão, até agora ela tinha visto pouco de Thanatos senão raiva. Bem, tinha havido o pequeno desvio para um pouco de diversão, mas isto se tinha

sido tão rápido que ela se perguntava se havia só imaginado. Exceto que sua temperatura corporal elevada e seu coração acelerado eram evidências muito claras de que ele a afetava em outros modos que não raiva.

— Você era próximo dele? — ela perguntou.

— Ele é meu irmão. Ele tirou o casaco e enrolou as mangas de sua camisa preta.

— Isso não é uma resposta.

Seu olhar brilhava como canários diamantes no sol. — Nós dividimos um útero. Nós compartilhamos batalhas, dores, perdas, e bebidas. *Ele é meu irmão.*

Então... aquilo era um sim para a pergunta dela. A intensidade saindo dele a chocou. Não que ela esperasse menos do Cavaleiro que seria a Morte, mas ela não tinha sido preparada para a profundidade de seus sentimentos por seus irmãos. De alguma forma aquilo tinha humanizado seus olhos... e ao mesmo tempo, a envergonhado. Ela nunca amara ninguém. Não daquele jeito.

Ela esfregou os braços, embora tivesse tudo menos frio. — Então mesmo agora, depois que ele se tornou...

— O que ele se tornou é seu próprio pesadelo — a interrompeu. — Nós vamos encontrar uma maneira de mudá-lo de volta.

— Você tem que ter alguma ideia de como. Sim, ela estava falando, já que o Aegis ainda não tinha ideia de como uma criança da Morte poderia salvar o mundo. Seu estômago se agitou um pouco com esse pensamento, porque ela tinha se concentrado tanto em como ir para a cama com Thanatos que não tinha pensado muito sobre as consequências.

— Eu tenho uma ideia. Eu finalmente fiz uma descoberta. Ele pegou um livro grosso de uma prateleira superior e o abriu em sua mesa. Conforme virava as páginas, ela percebia que era um álbum, cheio de notas, fotos e recortes de jornais, ainda que, pelo que ela podia dizer, a maior parte tinha a ver com Peste. — Acredito que este é um indício. Ele tirou o pergaminho que estava inspecionando outro dia. — Eu já traduzi o texto, e diz basicamente que a doença é curada pela morte.

— Bem... sim. A morte é um tipo de cura pra tudo.

Ele balançou a cabeça. — Alguns dias atrás, eu encontrei isso em um templo de demônios dedicado ao culto de Peste. Estava em um altar que não existia da última vez que verifiquei, e foi todo envolvido cuidadosamente com metal e réplicas de madeira da Deliverance e uma foice... meu símbolo.

— Peste tem um templo dedicado a ele?

— Todos nós temos. Ele disse isso como uma pessoa normal diria que é claro que tinha leite na geladeira. Como, quem não? Ele traçou um dedo sobre uma foto colada na próxima página. — Debaixo das réplicas estava esta escrita esculpida no altar de pedra. É um aviso de que a Deliverance, se empunhada por mim no momento certo, devolverá à Peste sua fraqueza, o que nos termos dos demônios significa que ele voltará a ser Reseph.

— Então é isso? Você o apunhala e ele fica melhor?

Ele fez uma pausa, seu olhar focado no pergaminho. — Nós forjamos a Deliverance de modo que ao apunhalá-lo no coração isto irá matá-lo. Ou qualquer um de nós. Mas se esta nova informação for certa, um golpe perfeitamente cronometrado da lâmina vai torná-lo Reseph novamente. Nós só precisamos descobrir quando o "momento certo" é. Ele bateu na escrita com o dedo indicador. — Pelo menos a primeira parte do mistério está resolvida. Em seu braço, a tatuagem de cavalo chutou. Ele olhou para baixo e passou o dedo sobre o ombro, e as linhas pareceram se acalmar. Tão estranho.

Mas ele tinha acabado de lhe dar a abertura que ela precisava para pôr as mãos nele.

— Posso tocar?

Sua cabeça virou bruscamente. — O que?

— O cavalo. Eu posso tocar?

— Por que?

Porque na literatura erótica dos Cavaleiros está dizendo que você sente tudo o que o cavalo sente em partes correspondentes do seu corpo. Ah, sim, ela poderia usar isso para excitá-lo, fazer com que desejasse mais do seu toque.

— É fascinante. disse com sinceridade. Ela podia ter segundas

intenções, mas também estava curiosa como o inferno. — Suas outras tatuagens são metalizadas e cheias de cor. Esta... é como uma tatuagem de henna. Apenas linhas, mas ele se move.

— Porque ele está vivo — ele disse. — Certamente você está ciente de que os nossos cavalos fazem parte de nós.

— Sim, e isso é o que há de tão interessante. Ela se aproximou. — Posso?

Ele olhou para ela como se ela tivesse perguntado se poderia cortar-lhe a cabeça, mas finalmente, deu um curto, rápido aceno de cabeça e estendeu seu braço. Era estranho como as outras tatuagens foram feitas em camadas uma em cima da outra, o que deveria ter causado uma tremenda bagunça, mas que no entanto de alguma forma as tornavam distintas, multidimensionais. Mas o cavalo foi colocado em sua pele sem nenhuma outra tatuagem em cima ou em baixo.

Ela pegou a mão de Thanatos, palmas para cima, nas suas, e todo o corpo dele ficou tenso. O dela fez o mesmo quando os ossos cobertos em seu pulso assumiram vida própria, e em sua cabeça ela teve a história, de como tinham chegado lá, e oh, wow... este Cavaleiro estava guardando uma séria dor.

Ela viu a demônio fêmea responsável por colocar as tatuagens em sua pele. Regan não tinha certeza de como funcionava, mas essa demônio pegava memórias e sentimentos da cabeça dos seus clientes e os colocava em seus corpos. Mas por quê? Estes ossos tatuados disseram—lhe tanto... as mortes que ele causou em um dia. Demônios... uma guerra entre demônios. Ele lutou ao lado dos humanos, tinha levado à morte demônios suficientes para ter um buraco cheio de seus ossos.

Seu estômago revirou, e rapidamente, ela desligou seu indesejado dom.

— Você está bem, Aegi? Está ficando verde.

— Sim. Ela limpou a garganta. — Apenas sobrecarregada. Você sabe, estando aqui com uma lenda. Oh, engano, ela soou como uma adolescente fanática babando sobre Justin Bieber. Mas hey, bajulação leva você a qualquer lugar, certo?

Ele soltou um grunhido indecifrável, e ela voltou para o que

estava fazendo, que era tentar seduzir o cara. Ou, pelo menos, estava indo usar a bajulação como um modo de seduzi-lo.

Hesitante, tocou com a ponta do seu dedo o longo pescoço do cavalo. Mesmo que não tivesse desligado seu dom, ela não saberia dizer se os fracos estremecimentos de confusão, a irritação, e a raiva interna, vinham do cavalo ou de Thanatos.

Ela traçou as linhas, trabalhando seu caminho pelas orelhas do animal, sua mandíbula, nariz, e depois a frente de sua garganta. Quando ela lentamente deslizou o dedo ao longo de seu peito, Thanatos inalou duramente, e seu pulso acelerou, martelando em seu polegar. Ele gostava disso, então ela se demorou acariciando. No silêncio quebrado apenas pelo crepitar do fogo, ela alisou a ponta do dedo ao longo da barriga do animal e depois para cima, sobre a sua volta e para baixo na curva do seu traseiro.

Mais uma vez o acariciou, sentindo a textura na pele de Thanatos, as fortes, pulsantes veias que disparavam pelo desenho do animal. E sob seu polegar, o pulso acelerava ainda mais.

— O que você está fazendo?

Ela piscou para ele inocentemente. — Traçando as linhas. É extraordinário. O cavalo pode sentir isso?

Um músculo na sua mandíbula saltou. — Sim.

— Então ele está ciente de que eu o estou tocando? —

Outro salto do músculo. — Sim.

— Será que ele gostou?

— Sim.

Escondendo um sorriso, correu o polegar sobre sua barriga novamente, e Thanatos assobiou baixinho. — Se o seu cavalo... Styx, certo? Se ele estivesse aqui, ele iria me deixar acariciá-lo? —

— Ele é malhumorado.

— Como o seu mestre?

— Engraçadinha. Ele viu os dedos dela jogarem, sua garganta flexionando com seus goles frequentes. — Ele parece gostar... disso. Assim, ele provavelmente irá te deixar tocá-lo pessoalmente.

E quanto ao seu mestre? Ela não disse nada, mas decidiu ir por outro caminho e ver até onde ele a deixaria ir. Fingindo estar

maravilhada com suas outras marcas, o que não era difícil, já que estava, ela deslizou sua mão até a imagem de um arco e flecha que estava meio escondido sob sua manga.

— E o que é isso?

— Essa é a arma que eu usei para matar o homem que me criou — ele disse, sua voz plana, sem tom, e isto deixou a quente sala fria. Ele puxou o braço de seu aperto.

— Chega. Está tarde.

Ela olhou para o relógio, e com certeza, eram duas da manhã.
— Você se importa se eu pegar um desses livros para ler na cama?

— Posso fazer uma sugestão? — ele perguntou.

Ela encolheu os ombros. — Claro.

Um perverso e torto sorriso ergueu seus lábios quando ele estendeu a mão para a literatura erótica dos Cavaleiros. — Este. Caso você necessite manter-se aquecida.

Caso você necessite manter-se aquecida? Que tipo de merda era essa? Than era um idiota. Ele não precisava ficar jogando com fogo, e Regan era um maldito inferno.

O que ele precisava era conseguir o inferno longe dela. Virou-se, mas ela o deteve com não mais do que uma palavra.

— Espere.

Ele olhou para a porta, porque o diabo que ele estava indo olhar para ela. — O que?

— Como vai acabar? — Sua voz era suave como um sussurro, assim como seu toque. — A história, quero dizer.

— Eu disse a você. Ela tem um monte de crianças, e...

— Não. Sua parte. Depois que você acabou com ela. Quando você voltou para dentro da taverna, e Reseph estava com todas aquelas fêmeas. Vocês compartilharam histórias?

— Você quer dizer, beijar e contar? É isso que quer saber? —

— Mais ou menos.

Ele não tinha ideia do que deu nele, mas em um instante, ele estava na frente dela, uma mão segurando a parte de trás de sua cabeça, a outra em sua cintura enquanto a puxava para ele. Em seguida, seus lábios estavam nos dela, e sua cabeça estava girando,

seu sangue trovejando em seus ouvidos, e a boca dela se abria ansiosa por ele. Suas línguas se encontraram em um quente, úmido emaranhado, e sua ereção era uma latejante vara de necessidade contra sua barriga macia.

Ele se afastou, apreciando a forma como os olhos dela estavam vidrados. — Eu beijar e contar? Acho que você vai ter que descobrir por si mesma.

Desta vez ele saiu de lá, e agora, pretendia ficar longe. Se cinco mil anos o tinham ensinado alguma coisa, era que podia se provocar até o ponto da insanidade e ainda se afastar sem ficar com o pau molhado.

Houve uma época em que ele tinha se levado até a borda, havia se afogado em fêmeas só para ver até onde poderia ir sem mergulhar fundo dentro delas. Mas ele era jovem e burro então. Gostava de beijar, trabalhar as fêmeas acima, e para os primeiros cem anos, ele tinha jogado jogos que tinham sido... cruéis. Tinha usado seu status como Cavaleiro e levado as fêmeas para casa, e então as beijava e provocava, e nunca permitia-lhes o prazer final. Tinha sido uma forma de torturar a ambos. As fêmeas eram sempre demônios, e de certa forma, ele pensava que as estava torturando por sua parte na maldição.

Os machos ele apenas matava sem rodeios.

Caminhou para seu quarto, que tinha mantido frio como o ar exterior. Ele se despiu, desfrutando da rajada de temperatura gelada. Sua pele se encolheu, mas naturalmente, seu pênis não se importava se ele mergulhava em nitrogênio líquido. Ele queria alívio.

Ele queria Regan. Bastardo estúpido.

Caiu em cima da cama, assobiando nas capas de gelo contra a sua pele febril. Esparramado, olhou para as vigas elevadas acima.

Até Limos estava se resolvendo. O macho humano a tinha jogado fora de equilíbrio. Essa tinha que ser a razão dela de repente estar uma pilha de nervos. Podia ser impulsiva e volúvel, sim, mas toda pânico e medo? Nunca. Mas ela estivera aterrorizada durante o confronto com Lúcifer, e ele tinha visto o mesmo terror nos olhos dela depois que ela destruiu Sartael. Era medo por Arik? Ela tinha se

apaixonado por ele? Deus, ele esperava que não. Essa seria uma relação condenada, com certeza. O homem queria suas—Thanatos podia ver em seus olhos, e um homem assim não se contentava com pouco—carícias.

Então novamente, foi com isto que Than teve que se contentar. Seus lábios formigavam com a memória do beijo de Regan, e ele espalmou seu pênis e o trabalhou, seu quadril se apressando ao toque, perfurando dentro do anel de seu punho. Não aguentaria por muito tempo de qualquer modo.

Não queria se imaginar com Regan, mas ela estava em sua mente de todas as formas, nua, sobre suas mãos e joelhos enquanto ele bombeava dentro dela por trás. Seu apertado, molhado calor o agarrando, e ele gemeu. Apertou seu eixo, criando a sensação, e então abaixou sua mão para seu saco, imaginando como seria a sensação de bater contra a sua carne inchada.

Lentamente, ele deslizou a mão para trás, agora imaginando que ele a teria virado e estaria trabalhando dentro dela do jeito que um homem e uma mulher fazem, cara a cara, bocas fundidas, mãos dadas. Ele sabia que não deveria pensar assim, porque havia algumas fantasias que eram muito perigosas para serem sequer consideradas. Quando ele sonhou ter sua fêmea, a depressão escureceu seu humor e ideias perigosas surgiram em sua cabeça.

Às vezes, em alguns momentos, ele pensava que devia simplesmente foder uma mulher e acabar logo com isso. Seu Selo quebraria eventualmente, então por que adiar o inevitável? Ele queria sexo, maldição. Mas aí estava o problema; se ele quebrasse seu Selo e trouxesse abaixo toda a humanidade, ele não iria foder alguma mulher aleatória. Ele queria alguém para amar. O que criava o seguinte problema: como ele poderia fazer amor com uma mulher com quem ele se preocupava, sabendo que assim que acabasse, ele se transformaria no mal e ela provavelmente seria a primeira a morrer pelas suas mãos?

Sim, era um círculo desagradável, um de que ele nunca sairia.

Violentemente, ele empurrou seus pensamentos em outra direção, virou a Regan imaginária de novo, e se chocou dentro dela

enquanto a prendia contra a parede. Ela estava gemendo de prazer conforme ele martelava nela, e sim, isto era melhor. Mantenha impessoal.

Seu pênis empurrou contra a palma de sua mão, o lembrando que isso era tão impessoal quanto podia. Sozinho na cama, apenas com a mão como seu encontro. Fantástico.

Ele rosnou, bombeando o punho da base até o topo, fazendo uma pausa para facilitar a queda do pré-sêmen em torno da cabeça lisa. A sensibilidade multiplicando, e fingiu que seu polegar era a língua de Regan.

Assim que fez isso. Seu clímax trouxe seus quadris para fora da cama e arrancou de sua garganta um gemido estrangulado. Jatões quentes de líquido foram lançados em seu estômago e peito conforme suas bolas apertavam.

A diferença estava em que a cama vazia era, para ela, apenas algo temporário. Eventualmente ela voltaria para sua vida humana, para seu trabalho humano, para sua casa humana. E se ela quisesse, ela encontraria um macho humano para preencher sua cama.

E enchê-la.

Thanatos rosnou, girou, e colocou o punho através da parede.

Capítulo Dezenove

Você será para sempre uma deficiência para sua própria raça. Você pertence a nós agora.

Arik não tinha se importado em argumentar com Limos ou Ares. Ela tinha fechado ele de volta a sua casa, deixando-o tomar um banho, e ficar entorpecido debaixo do jato quente, sua mente traçando um desenho em branco com todas as razões de que eles estavam errados.

Tudo que ele queria era lutar pelo que é certo. Ele começou defendendo sua irmã e sua mãe. Ele se juntou ao exército para lutar pelo seu país. Eventualmente, quando R-XR o havia recrutado, ele lutou por toda a raça humana. A idéia de que ele era agora uma deficiência, uma ameaça mesmo, o deixou atordoado. A situação não era aceitável, e de alguma forma, ele tinha que consertar isso

Ele se jogou num jeans e uma camiseta branca que estava na mochila que ainda estava no quarto de Limos, e então num bizarro movimento, Hekili o tinha chamado para a cozinha, empurrou uma cerveja e uma toalha nas mãos de Arik e fez um gesto em direção a água. Como Arik começou a descer para a praia, Hekili o parou.

— Ela está em um dos seus... humores. Ajude-a antes que ela machuque a si mesma.— Arik não tinha ideia sobre o que o warg estava falando, ele não teve chance de perguntar porque Hekili saiu como se sua cozinha estivesse pegando fogo.

Ele encontrou Limos 50 metros de distancia, agindo como se ela não se importasse com o mundo.

Ela estava, de verdade, dançando na praia como uma lunática. Uma sexy, maravilhosa lunática num quente biquini rosa. Com uma flor branca no cabelo. Ninguém que olhe para ela poderá saber que a mulher ultra feminina fazendo a hula poderia arrasar como o novo modelo do Exterminador.

Que diabos Hekili estava falando? A unica maneira de ela

machucar a si mesma poderia ser se ela deslocasse o quadril dançando desse jeito.

Arik colocou a toalha e afundou na areia, para trás de uma palmeira, seus dedos agarrando a cerveja gelada tão apertado que ele percebeu que estava perto de estilhaçar. Como ela poderia dançar sem derrubar sua margarita?

Quando ela o viu, ela se acalmou, seus olhos tão-maravilhosos-para-serem-reais perfuraram ele. Em um lento, movimento deliberado, ela trouxe seu copo de margarita à boca. Sua língua saiu e lambeu a borda, lambendo uma linha de sal antes de ela fechar seus lábios sobre o vidro e beber. Na mão de Arik a garrafa de cerveja tremeu.

Limos caminhou na sua direção, seus quadris balançando, seus músculos torneados flexionando. Ela era bonita, tão foddidamente bonita. Ele descobrir que ela estava pronta para voltar para a casa. Ele deu boas-vindas ao ar-condicionado para refrescar sua pele repente superaquecida.

— Eu acho que estou indo para uma festa na minha outra casa. —ela disse, parando na frente dele.

—O Apocalipse está batendo a porta, e você quer dar uma maldita festa? — Não importa que ela nunca tenha encontrado seu agimortus. Ela passa a vida bebendo, dançando e pintando as unhas.

— Eu gosto de me manter ocupada.

— Sim, bem, aqui está uma ideia. Ao invés de agir como uma borboleta da irmandade, você poderia se manter ocupada procurando seu agimortus.

Ela tomou um gole de bebida e começou a balançar a um ritmo silencioso. — Eu perdi minha chance. Matei o bastardo que poderia ter sido capaz de encontrá-lo. Então... tanto faz.

Isso. Era. Bizarro. — Você perdeu sua chance, e isso chama pelo que... uma celebração?

Ela deu de ombros, seu ombro bronzeado brilhando nos salpicos de sol que entrava por dentre as palmeiras. — Uma celebração não. Uma distração.

Uma brisa quente agitou seu cabelo, e ele resistiu ao desejo de tira-lo do seu rosto — Agora não é hora para perder o foco, Cavaleiro.

— Cavaleiro. — Ela disse a palavra como se fosse algo amargo que ela estava provando na sua língua. — Sim, sou isto. Isto, e noiva de Satã. — Seus lábios se transformaram em um sorriso travesso. — E eu estou sentindo a necessidade deslizar em Sheoul para ameaçá-lo. Que ele ouse me pegar.

— O quê? — Arik se perguntou o que ela faria se ele a agarrasse e apertasse alguns sentidos dela. — Diga que você não está falando sério.

— Oh, Eu falo sério. — Ela girou em um círculo gracioso, cabeça para trás, cabelo voando, como se ela estivesse numa pista de dança. — Ele irá me pegar, você sabe. Não importa o que, ele vai me pegar.

Algo em silêncio primordial transformou o cérebro em mingau e sua visão em vermelho, e ele a agarrou pelos braços. — Eu não vou deixar isso acontecer.

Supresa na sua expressão se tornou triste — Você não pode pará-lo. E você não pode me impedir de me encontrar com meu destino. Está vindo. Eu vi uma prévia disso hoje.

— Do que você está falando?

Ela estendeu a mão e traçou o contorno de seu **dogtag** sob sua camiseta. — As barreiras entre o mundo dos demônios e o mundo humano são tão estreitas agora. É só uma questão de tempo antes que eu não precise ir para Sheoul para que Satã me agarre. Ele vai ser capaz de fazê-lo aqui. A invasão na sua base foi só o começo. — ela se aproximou, e o seu coração bateu mais forte. — Então há Sartael. — ela olhou para ele, e Deus, ele nunca viu algo tão triste na sua vida como o olhar dela. — Ele era a melhor esperança que eu já tive de encontrar meu agimortus em centenas de anos. E eu o matei.

— Tenho certeza que você fez o que tinha que fazer.

Sua súbita explosão de riso o assustou. — Sim. — ela disse — Eu fiz. — Jogando a cabeça para trás, ela bebeu o resto do seu drink e arremessou a taça na areia. — Assim como eu fiz o que eu tinha que fazer quando eu apaguei sua memória.

Ele endureceu, a raiva crua do que ela fez voltou a ele com muito mais força do que se ela tivesse dado um tapa nele. E ele sabia

por experiência que ela podia bater forte.

— Qual o problema, Arik? — Ela se apertou com ele com negro, aumento inesperado. — Você ainda está com raiva de mim? Tudo bem. Eu mereço isso. Eu mereço cada gota de ódio que você tem de sobra. É minha culpa que você tenha ido para Sheoul. Eu queria que você me beijasse, e não fui forte o suficiente para parar. — Ela arrastou a mão no peito e parou com os dedos em sua cintura. — Oh, eu sou poderosa o suficiente para abater uma legião de anjos caídos, mas eu não tive em mim para te afastar. E a coisa da memória? Eu pensei que eu estava te ajudando, mas você sabe, talvez eu fiz porque era o que eu queria fazer. Porque eu não sou forte o suficiente para possuir até machucar meus irmãos. Então eu achei que você não iria ser. Mas você é, não é?

O coração de Arik batia contra sua caixa torácica, e seus pensamentos eram um nó bagunçado. Ele não tinha ideia qual era a coisa entre os irmãos dela, e o comportamento de Limos estava confundindo ele pra caramba. Pior, ele sentiu que havia um monte de dor por trás de suas ações que ele não poderia fazer nada a respeito. Como ele ia consertar uma coisa que ele não entendia?

— Olhe, não é muito o fato que você bagunçou minhas memórias e isto me chateou como foi o fato que você não me disse, e então você mentiu sobre.

— Mentiras. — ela murmurou, enquanto ela arrastava a ponta do dedo ao longo de sua cintura, deixando mergulhar abaixo como se testasse as águas. — Toda a minha existência foi construída nelas. Elas são atraídas para mim.

Apertando seu ombros, ele lhe deu uma pequena sacudida. — Cavaleiro! — ele latiu, tentando que ela saísse do que quer que fosse esse clima misterioso. — Diga-me que estou errado.

— Eu não acho que tenha tempo de dizer para você o que está errado. — Deixando uma mão no seu pulso, ela trouxe o outro para seu pescoço e baixou a cabeça que seus lábios estavam tão perto dos dele que ele quase podia sentir o sabor do sal e do limão neles. — Há coisas que eu quero antes que me peguem, Arik — ela sussurrou. — Eu sei que você me odeia, mas por favor... me dê isso.

Ela o beijou, Forte. Sua língua encontrou a dele com uma agressão que ele não previa. Antes disso, ela era tímida, aceitando suas ações, mas o que quer que esteja dirigindo ela agora também estava começando a afetá-lo. Porque ela estava errada sobre ele odiá-la. Muito, muito errada. Oh, ele queria odiar, mas nesse ponto, ele precisava estar com ela mais do que ele precisava para manter sua raiva.

Agitando seu cabelo sedoso, ele a puxou contra ele, e quando seus quadris encontraram os dela, ele gemia no íntimo contato. Ele havia ficado nu com mulheres, pele na pele, mas nada tinha mexido nele como isto.

E então, em um movimento surpreendente, Limos ficou de joelhos na toalha, arranhando seu zíper quase desesperadamente, como se abrir suas calças fosse a chave para salvar o mundo ou alguma merda.

— L — Cortando a si mesmo antes que seu nome saísse dos seus lábios, ele agarrou as mãos. Um selvagem, som animal surgiu da sua garganta como se ela esmagasse e mergulhou de volta para sua tarefa, desta vez conseguindo desabotoar todos os botões em um puxão só.

Ele estava duro, e seu pênis saltou livre, mas antes que ela pudesse ir além, ele abordou ela, pegando ela do chão, meio com, meio sem a toalha.

— Deixe-me! — ela gritou, mais uma vez chegando abaixo dele, mas ele a agarrou pelos pulsos e os prendeu na sua barriga.

— Pare. — Ele usou seu peso para controlar ela, embora soubesse que se ela quisesse, ela poderia jogá-lo como um touro de rodeio de dois mil quilos. — Querida, pare. Você não quer isso.

— Eu quero. — Ela rosnou para ele, e por um longo momento, trancaram olhares e simplesmente se concentrou em respirar. Na distância, um trovão rolou, como se os céus estivessem ecoando seu humor.

Gradualmente, ele se aliviou e afrouxou sua aderência, esperando que a luta tivesse saído dela. Mas quando ela puxou seus pulsos livres e enrolou seus braços ao redor do seu pescoço e fechou

suas pernas em torno da sua cintura, ele sabia que ela tinha meramente mudado de táticas. Sexo selvagem: riscado. Sexo suave: no portão de início.

Arik: fudeu.

Limos olhou para Arik, incapaz de acreditar que ele estava tentando para-la. Depois de toda a dor que ela o fez passar, ela estava se oferecendo para fazer ele se sentir bem. Se oferecendo para deixá-lo usá-la para ter de volta um pouco do que ela tinha feito para ele.

Se oferecendo para que ele pudesse puni-la.

Ele não entendia que ela estava à beira de perder tudo? Isso não seria muito antes de seus segredos serem descobertos e seus irmãos a atirarem para o seu noivo eles mesmos. Ou seu noivo poderia vir atrás dela, mas de qualquer forma, é só uma questão de tempo. Ela tinha que dar a Arik tudo que ela podia agora, antes que fosse muito tarde. E se ela fosse ferida no processo, que assim fosse. Isso era o que ela merecia.

— Arik, porfavor.

Ele recuou, ela deixou ele se desembaraçar dela.— Por quê? — Ele subiu em seus joelhos e gentilmente pegou a mão dela para puxá-la para cima. —Diga-me o porquê.

O estímulo para mentir era tão grande que fez ela tremer, mas ele merecia mais que isto. Tudo bem, então...honestamente. O próprio pensamento de tal sinceridade profunda deu uma câimbra no seu estômago e as escalas em seu ombro oscilaram descontroladamente. — Eu devo a você.

Seus lábios formaram uma sombria, dura linha. — E você pensa que me dar um orgasmo é como você vai me pagar sua dívida?

— Porque não?

— Você sabe o que? Foda-se. — Ele empurrou para seus pés.— Você não precisa trabalhar a sua culpa no meu pênis.

Ela pulou e agarrou seu antebraço. — Então me bata.

— Desculpe-me?

Frustração e luxúria não gasta viraram venenos subitos em suas veias e na sua língua. — Me Bata.— ela cuspiu.— Faça em mim o que os demônios fizeram a você. Leve a sua vingança contra mim.Agora.

— Ele olhou para ela como se a tivessem brotado chifres, o que convinha. Toda a vilania demoniaca nela foi surgindo como o peso dos séculos de mentiras e dor se abateu sobre ela e as escalas tatuadas mergulhado em favor do mal.— Você é surdo? Quebre meus ossos Arik. *Faça-me sangrar.*— Ela o empurrou com força suficiente para fazê-lo tropeçar para trás. — Ou é somente na sua irmã que você gosta de bater?

Foi um golpe baixo que bateu as escalas em tal desequilíbrio profundo que ela sentiu como se pode tombar a partir da quantidade de malevolência crescendo como um câncer em sua parte malvada. Algum lugar dentro, sua parte anjo estava chorando de angustia.

— Pare.— Arik empalideceu, sua pele sua pele assumindo um brilho de cera. — Qual o seu problema?

— Isso é o que mereço. — Era o que ela ansiava.Precisava escorrer por ela, uma necessidade de ir a loucura com diversão e dor. — Droga, Arik, você é tão teimoso. — Ela abriu um Harrowgate,mas antes que pudesse caminhar para dentro dele, ele agarrou-lhe o braço.

— Aonde você está indo?

Sua mão na sua pele era como um bálsamo, suavizando suas partes feridas, e alguma da raiva oleosa facilitou por dentro. Suas escamas mesmo se mexeu um pouco. — Sheoul. Eu...preciso.

— Você precisa.— Ele sugou um aspero respiro. — Jesus. Você está se punindo. Isso é o porque de tudo,não é?

Sim, era. Quando ela estava com medo, estressada, ou quando pessoas sofriam de fome, ela queria se machucar com imprudência e riscos. Ela se tornou completamente esupida e autodestrutiva, mas ela não gostava que Arik houvesse determinado isso. Ela odiava o modo que ele via através dela.

— Isto é parte da minha maldição. — ela disse sem rodeios.

— Se tornando autodestrutiva? Perdendo foco? Sendo uma burra total?

Sua mão ainda estava no seu braço, o polegar esfregando círculos a sua pele. Ela devia odiar o quão fácil ele via através dela e a chamou para fora daquela merda, mas ela amava o jeito que ele poderia trazê-la abaixo com seu toque,sua voz, sua mera presença.

— Sim.—ela assentiu. Deus, ela se desprezava às vezes. Ela desprezava o meio demônio nela que bateu num poço de maldade tão fundo que nunca iria secar. — Você está certo. Eu sou uma burra. Eu não quis dizer o que eu disse sobre a sua irmã — Suas escamas estabilizaram, e ela engoliu uma respiração como se ela estivesse se afogando.

— E quando você disse que me deve?

Ela fechou os olhos e afugentou o desejo de mentir, mas não porque sua natureza estava exigindo uma mentira, mas porque a verdade significava expor uma parte dela que era usada para não se exibir.

— Eu devo a você, mas esta não é a única razão para...para...te ter nu.— Suas bochechas esquentaram, e ela se perguntou o quanto ela estava corarada.

—Então qual é a outra razão?

— Lembra quando eu perguntei quantas mulheres você já beijou? — Ela abriu os olhos. — Me responda agora.

— Por quê?

— Porque eu quero saber.

Ele estreitou seu olhar sobre ela. – Não, você não quer.

— Vê.— ela disse calmamente. — Você não quer me dizer porque não quer me magoar, certo? — Quando ele não respondeu, ela assentiu. — Mas se eu realmente, realmente quisesse saber, você iria me dizer a verdade.

Músculos de sua mandíbula se contrairam, e finalmente ele expressou. – Sim.— Relâmpago riscou o céu, e pareceu uma eternidade para o trovão que o seguiu.

— Você é uma boa pessoa Arik. Ser honesto vem facilmente para você. Proteger aqueles ao seu redor também. Eu gosto disso. Eu gostei disso quando as Khnives atacaram, seu primeiro instinto foi de me empurrar pra trás. Você me fez sentir...vulnerável.

Uma sombrancelha negra se ergueu. — Não se sentir vulnerável é uma coisa ruim?

Ela deu de ombros. — Arik eu deveria dizer que sim. Mas eu gosto como *você* me faz sentir desse modo. — Sua mão tremendo um

pouco enquanto ela pressionava a palma contra seu peito, necessitando sentir a vida pulsando em seu batimento cardíaco. — Você me faz sentir como uma mulher. Como se eu não fosse uma grande, péssima guerreira que tem que se manter forte todo o tempo. Eu gosto como a sua força me deixa relaxar e então eu posso ser a pessoa que eu quero ao invés daquela que esperam que eu seja. Isto provavelmente não faz sentido...

Em um rápido movimento, ele agarrou seus bíceps, ligado a parte de trás de seus joelhos com uma varredura de sua perna e a levou até a toalha. Ela deitou em cima dele, não hesitou nem por um segundo. Ela o beijou forte, e ele conheceu sua agressividade língua a língua, mordida a mordida, lambida a lambida.

Ela se ergueu para engatinhar mais plenamente em cima dele. As mãos dele acariciaram as costas, seu cabelo, seus braços, sabiamente manteve seus dedos longe da parte de baixo. Seu biquini cobria seu cinto de castidade, mas ninguém em seu perfeito juízo iria arriscar e Arik definitivamente não era burro.

— Eu quero te tocar.— ela murmurou contra seus lábios.

Sua língua fez uma varredura sensual no lábio inferior. — Tem certeza?

Em resposta, ela arrastou a mão pelos seus abdominais definidos para onde suas calças estavam abertas e seu pênis projetava pra cima. Ele gemeu e arqueou em seu toque quando ela fechou os dedos em torno da espessura do seu eixo. As texturas a fascinavam... pele sedosa sobre a carne de aço, sulcos e saliências que davam caminho para a cabeça aveludada. E quando seus quadris começaram a rolar em seu aperto, sua própria pélvis balançou, esfregando seu centro contra sua coxa.

Com um gemido, ele segurou a mão dela e parou. — Você poderia se tocar? Com seu cinto de castidade, você tem permissão?

O calor inundou suas bochechas.— Uh-hum.

Seus lábios se curvaram num sorriso indecente. — Eu quero ver isso então.

Ela se afastou do seu peito. — Você quer... assistir? — Deus, ela não pensava que podia fazer isso.

— Eu não posso tocar, então... sim. — Ele baixou o olhar para ela parte inferior do biquíni. — Tire.

— Mas...

— Faça. — Ele sentou-se e tirou a sua própria camiseta. —
Agora, Amazona.

Sua voz, um ressonante, rude comando, a fez tremer de apreciação. Ela nunca recebeu ordens bem, mas algo sobre a cobrança direta e erótica de Arik a fez querer obedecer. Como ele tirou as calças, ela se ajoelhou próximo a ele e ele chegou atrás dela para desfazer o top.

Os olhos de Arik ardiam por trás das pálpebras pesadas. Ele se deitou na toalha, apoiando um braço atrás da cabeça enquanto a outra mão espalmou seu pênis. Quando ela removeu o top, sua mão começou a bombear, lento ao longo do comprimento do eixo castanho escuro. Ela nunca pensou que um homem se tocando poderia ser tão sexy, mas ela poderia assistir isto o dia inteiro.

Seu corpo, magnífico para começar, endurecido, toda a aglomeração de músculos, os tendões de seu pescoço destacando duramente quando ele jogou a cabeça para trás, olhos semicerrados e focados nela. Prazer estava gravado no seu rosto, sua boca abriu ligeiramente, e embaixo, seu punho bombeava mais rápido.

Calor construído nas veias de Limos, e umidade floresceu entre suas coxas. Ela lambeu seus lábios, se viu à deriva. Ela poderia substituir sua mão com a dela. Então beijou o caminho até o peito, seu estômago... oh, droga, ela realmente estava pensando que gostaria de colocar a boca...lá?

Sim, sim ela estava.

A cabeça cor de ameixa brilhava, sua cor aprofundando, e o desejo para correr sua língua sobre a ponta intensificou. Como se ele ouvisse esse pensamento, seu corpo inteiro ondulou, seus quadris surgindo, trazendo a cabeça como o movimento tinha sido similar quando ele estava em cima dela, balançando, montando-a com força.

— As partes baixas.— ele disse grosseiramente. Ela hesitou, seus dedos no cós. — Agora.

Ela enganchou seus polegares para dentro do tecido e empurrou

para baixo, observando o modo que seus golpes aumentaram a velocidade. De novo, ela parou, apenas antes do tecido limpar seu centro. —Eu gostaria que você pudesse fazer isso.

Seu olhar, que havia sido bloqueado no biquíni, virou-se para o dela. — Eu também. Eu quero tocar você, provar você, demais.

Oh, ela queria isto também, e ela se sentiu completamente molhada com a idéia dele fazer essas coisas. Rapidamente, porque era uma perda de tempo fantasiar, ela empurrou a parte de baixo do biquíni e se arrastou para Arik, decidida a colocar a boca sobre ele. Mas mesmo quando ela roçou os lábios através da tampa inchada, enganchou sua coxa com o braço e arrastou-a para ele.

—O que você está fazendo?

Ele balançou as sobrancelhas.— Meia nove.

— Espere, o quê? —Ela cravou os joelhos na areia, recusando-se a ceder. — Você não pode.

O sorriso dele era mal. — Não, mas você pode se tocar, e eu posso assistir.

Ele puxou duro e, em um piscar de olhos, ela estava ajoelhada sobre ele, montando sua cabeça.

— Caralhoo!— ele respirou. Sua voz era rouca, ligeiramente estrangulada. O poder que ela tinha sobre ele era notável e completamente inesperado. — Você é tão linda.— Ela poderia ter derretido ali, se ele não tivesse tomado uma de suas mãos e a levado entre suas pernas para que seus dedos estivessem no seu núcleo. — Faça você gozar.

Ela tinha certeza que seu rosto estava da cor de uma maçã, mas ela fez o que ele pediu, deslizou seus dedos entre suas dobras e acariciou. As pérolas lisas esfregaram ao lado de sua mão, e se ela fechasse os olhos, ela podia fingir que Arik a estava tocando. Lambendo ela. E quando ele soprou a respiração quente sobre ela, ela sentiu o primeiro despertar de um climax.

Inundada com necessidade desesperada,ela se abaixou em um cotovelo e pegou seu eixo em sua boca. Seu corpo arqueado sob ela, e um desesperado, gemido baixo retumbou no peito. — Eu não...não vou...finalizar.

Ela mergulhou um dedo dentro dela e arrastou-a até o pequeno grupo de nervos que estava gritando para ser liberado. — Eu também.

Chupando ele profundamente, ela rodou sua língua ao redor do tipo do seu pênis enquanto ela rodava o dedo sobre o seu clitoris no mesmo ritmo, e em não mais do que doze batimentos cardíacos, ela estava no limite, seus quadris bombeando, sua respiração furiosa e ofegante ao redor de seu eixo.

— Agora. — ele gemeu. — Agora.

Sim, agora. O orgasmo explodiu através dela, uma escaldante, branca—quente greve de relâmpagos que se intensificou ao sentir sua respiração em seu núcleo. Na boca dela, o seu eixo inchou, e o fluido quente jorrou em sua língua e sua garganta. Ele era salgado e picante, e, de repente, o ato que arrecadou para toda a sua vida tornou-se algo que ela queria fazer de novo e de novo.

Mas somente com Arik.

Seu corpo estremeceu, o balanço da pélvis diminuiu com seu clímax e ela se acalmou. Ela continuou a acariciar-se até que sua pele se tornou muito sensível, e instintivamente, ela leu a sensibilidade de Arik em seus suspiros e contrações musculares. Gentilmente, ela lambeu o seu eixo para limpá-lo, e então, enquanto ele deitava para se recuperar, Limos mexeu para colocar seu biquini para as pérolas de castidade não entrarem em contato com a pele.

Quando ela terminou, ela se deitou ao lado dele, descansando sua cabeça no seu ombro.

— Outra primeira vez.— ela murmurou

— O que, um meia—nove modificado? Pois eu tenho que dizer que foi a primeira vez pra mim também.

— Não. Isto. Aconchegar-se a alguém. Os únicos homens que eu abracei foram meus irmãos e Reaver.

Sua mão acariciou seu cabelo. — Eu não posso imaginar. — ele disse calmamente — Nós humanos, ficamos solitários muito rápido...inferno, eu conheço muita gente que é tão necessitada que não pode ficar uns poucos meses, ou mesmo semanas, sem um homem ou mulher para ficar.

— E você?

— Eu sempre fui muito ocupado para me preocupar com isso.

— Você não pode me dizer que nunca teve um relacionamento.

Ele deu de ombros. — Eu transei muito no ensino médio, mas isso era mais sobre fugir da merda da minha casa. Juntei-me ao exército no dia que fiz dezoito, e eu namorei um pouco, mas nada sério. E quando eu me juntei ao R-XR, isto terminou qualquer chance de um relacionamento sério a não ser que eu quisesse namorar com quem eu trabalhava.

— Quanto tempo você esteve no R-XR?

— Dez anos. Eu tinha vinte, ao deixar o Japão. Meu parceiro e eu fomos atraídos para este bar subterrâneo por duas garotas muito quentes. Acabou que elas eram Vampirãs. Eu consegui seguir com minha vida, meu parceiro foi morto, e quando eu acordei no hospital militar estava tagalerando sobre vampiros, eu tinha certeza de que eu ia acabar em uma sala de borracha. Mas eu fui sedado, e na próxima vez que eu acordei estava na unidade da R-XR em DC.

— Então em todo tempo que você esteve no R-XR você esteve...solteiro?

— Sim. Não poderia dizer a qualquer um o que eu fazia, entende?

— Você não espera que eu acredite que você foi celibatário todo esse tempo.

Seu riso estrondoso ecoou agradavelmente através dela.— Não, mas acredite em mim, não é nada que eu queira falar sobre. Uma noite apenas aqui e ali. — Limos teve a intensa urgência de encontrar cada uma das suas parceiras e transformá-las em comida de cão infernal. — E você? Eu sei que você não poderia ficar com qualquer um, e você disse que eu fui o primeiro com quem você quis ficar, mas você nunca ficou um pouco tentada?

— Não.—*Mentira*

Ela tinha sido tentada pelo próprio Lorde Sombrio. Embora o noivado verbal houvesse ocorrido quando ela era apenas um bebê, quando a hora de negociar o contrato escrito chegou, ela caminhou para sua câmara, real como qualquer rainha, seus olhos postos no desembarque do rei e de todos os demônios. A luxúria a pegou de

assalto no momento em que ela colocou os olhos nele, e o medo só aumentou seu desejo. Uma mística aura o rodeava, e qualquer um que entrasse se tornava bêbado com seu poder inimaginável e sua sensualidade supercarregada, e Limos provou que não era diferente.

Fêmeas e Machos igualmente sucumbiram incapazes de resistir ao seu chamado mais do que a lua poderia resistir a atração gravitacional da Terra. Em seu estado emocional elevado, ela estava com inveja das fêmeas nuas se envolvendo em orgias em torno dele, tinha sido homicida como elas o tocavam. Ela ainda tinha que ficar e assistir Lilith entregar-se a ele.

Mas Limos tinha ido intocada. Ainda não tinha sido suas mãos que prendem o cinto de castidade em sua cintura. Na hora, ela ficou furiosa. Agora ela estava muito, muito agradecida.

O problema era, tinha levado muito tempo para chegar ao ponto *contente*. Por centenas de anos depois que ela e seus irmãos foram almaldiçoados como Cavaleiros, ela conspirou para iniciar o Apocalipse e levar seus irmãos para seu marido como seu presente de casamento. Ela foi um demônio em todo sentido da palavra, vivendo de acordo com sua educação, mentindo para todo mundo que conhecia, incluindo seus irmãos. Ela planejou, traçou, esfaqueou-os nas costas em cada vez.

E eles a abraçaram.

Eles não sabiam que cada palavra que saía da sua boca era mentira, isto por séculos, ela estava por trás de todas as coisas horríveis que aconteciam com eles, das mortes dos seus servos, a ataques por demônios.

Mas eventualmente, eles usavam ela com sua afeição e seu constante suporte e proteção. E então um dia ela encontrou Thanatos ao lado do corpo de um escravo que tinha morrido salvando sua mulher da luxúria de seu mestre.

— *Você está triste por este humano?* — ela perguntou, a pergunta quase como uma provocação.

— *Não.* — a voz de Thanatos era vazia. — *Estou triste que nós nunca vamos saber o que é amar como ele fez, ou ter alguém que nos ama assim.*

— *Nós temos um ao outro. — Outra provocação. Ela era uma vadia. E ela gostava disso.*

— *Eu sou grato além da medida — Seu olhar amarelo levantado, e queimou através dela. — Mas não é o mesmo. Quem irá morrer por você quando a hora chegar, Limos?*

Alguma coisa naquela conversa ficou com ela, e mais tarde, ela tinha ido de volta a cena, insegura do porque. Ela agarrou a esposa do dono do escravo e ameaçou a mulher para ver o que ele faria se tivesse a opção de salvar a sua vida ou a dele. Ele escolheu a dela. Ele podia ter outra mulher.

Naquele momento, ela percebeu que o casamento que ela tinha escolhido iria oferecer os mesmos resultados. Ela seria a rainha do submundo... e uma égua de cria que podia ser substituída.

Foda-se isto. Ela matou o homem e obteve uma nova visão sobre a vida.

A mão quente de Arik massageou os músculos do seu pescoço, que tinha crescido apertado nas memórias que ela desprezara. Seus outros dedos acariciavam seu braço direito, traçando as linhas que formavam o Bones.

— Ele pode sentir isto?

— Mmm—hmm. — Agora Arik estava acariciando a perna da besta, e sua coxa vibrou em resposta. — Ele gosta. Eu acho que você pode ser uma das poucas pessoas que ele não vai tentar comer.

— Bom. Pois pode ser um saco. — Bones pisou o pé, deixando Arik saber que ele já tinha tido o suficiente, e Arik pegou a dica, deixando sua mão sobre ela. — Você cresceu em Sheoul, certo? Criada por Lilith?

Urg. Não era um assunto que ela gostaria de discutir. — Sim

— Eu estou supondo que não foi agradável?

— Foi horrível. — ela murmurou, e o gracejo espalhou através dela com um calor familiar. — Mas eu escapei e aqui estou.— Agora, vamos falar de você porque isso é muito mais interessante.

E porque se ele estava falando, ela não teria que se preocupar em mentir.

Capítulo Vinte

Arik não queria falar de si mesmo. Limos era muito mais interessante, mas quando ela esfregou a palma no peito dele em círculos lentos, ele caiu em um tipo de transe calmante e esqueceu porque ele não queria conversar.

Limos limpou a garganta.

— Posso perguntar uma coisa?

Se aquilo não fosse um prelúdio para uma pergunta que fosse difícil de responder, ele não sabia o que era.

— Você pode perguntar, mas eu não posso garantir que eu vou responder ou que você irá gostar do que eu disser.

Ela concordou, e limpou a garganta outra vez.

— Runa disse que você não gostaria de si mesmo se soubesse o que tinha feito com ela, e Shade disse que seu pai era abusivo, que você costumava proteger ela e sua mãe.

— E? — Ele sabia que estava na defensiva, mas esse era um dos muitos assuntos de que ele não gostava de falar.

— E... me conte.

Ele olhou para ela de canto de olho.

— Isso não é uma pergunta.

— Você está parecendo Ares. — ela grunhiu. — Tudo bem, vamos tentar isso. Onde estão seus pais?

— Mortos.

— Você os matou? — Ela perguntou com uma inocência, como se matar os pais fosse uma coisa normal de se fazer. Tão diferentes os mundos em que eles tinham crescido.

— Suicídio e câncer os levaram.

Limos continuou os movimentos circulares com a palma da mão no peito dele. A sensação era incrivelmente íntima.

— Como você protegia sua mãe e sua irmã? Quero dizer, você era uma criança, não era?

Sério, ele não queria conversar sobre isso. Mas Limos agia como uma mestre em interrogatórios, exceto pelo fato de que ela fazia ele responder por prazer em vez de dor. Enquanto os dedos dela traçavam um leve caminho de um mamilo para o outro, ele rachava um ovo de casca fina.

— Eu desviava a atenção. — ele disse, de modo grosseiro. — Quando meu pai estava batendo em uma delas, eu o irritava tanto que ele se voltava contra mim. — Oh, mas isso não era tudo. Quando ele ficou adolescente, ele aprendeu a barganhar. *Eu trago bebida para você, se você parar de bater na minha mãe. Arranjo erva para você se você parar de encher Runa. Eu busco aquela prostituta da Terceira Divisão se você parar de fazer minha mãe gritar à noite.*

De vez em quando, ele aprendia a arte das ameaças também. *Se você fizer a minha mãe e Runa sangrarem outra vez, eu chamo a polícia.* E finalmente, depois de três dias sem comida em casa porque seu pai tinha gastado todo o dinheiro com bebida, Arik tinha chegado ao fundo do poço também. *Vá ao AA se limpar agora mesmo ou eu juro que vou fazer você sentir tudo o que fez com a gente.*

Isso levou a uma briga que terminou em Arik com o braço quebrado e seu pai sem alguns dentes. E nada mudou. Não até Arik ir até o "cara estranho" na escola, aquele cara que sempre usava preto, desenhava caveiras e pentagramas nas capas do caderno, e dizia que adorava o diabo.

Runa sempre tinha achado que tinha sido sua mãe quem dera a seu pai o ultimato que o deixou sóbrio e o tornou um pai exemplo, mas não, foi Arik e o cara estranho, que conjurou um demônio e fez um pacto que Arik se arrependeu com cada fibra de seu corpo.

— Como você saiu dessa situação? — Limos perguntou.

Por um longo momento, ele ficou lá, escutando os sons da tempestade e o cão do inferno uivando lá fora. Quem teria pensado que o som misterioso de um cão infernal seria confortante? Mas esse era o mundo no qual ele estava agora, um que havia mudado radicalmente nos últimos anos, e mais ainda nos últimos dias. Principalmente para ele.

— Essa é uma das perguntas que você não vai responder, não

é? — Limos suspirou. Limos, que tinha se tornado a maior parte de seu novo mundo. E caramba, desde que seu irmão tinha reivindicado a alma, ele achou que não magoaria contar a ela que não era a primeira vez que isso acontecia.

— Como eu saí dessa situação? Vendi minha alma a um demônio que prometeu deixar meu pai sóbrio e certo.

O olhar de Limos subiu, seu cabelo preto caindo na frente e cobrindo seus seios, o que era uma pena.

— *Você fez o quê?*

— É, foi burrice. Mas eu estava desesperado. Convencido de que da próxima vez que meu pai ficasse violento, ele mataria Runa ou minha mãe. — ele levantou a mão para brincar com uma mecha do cabelo sedoso dela. — Funcionou. Ele ficou sóbrio e parou de espancar e trair minha mãe, mas aí ele teve câncer de pulmão e nossa mãe cometeu suicídio, então eu acho que vendi minha alma para nada.

— Quanto tempo? — Limos falou.

— Quanto tempo o quê? Até ele morrer?

— Quanto tempo até o demônio cobrar?

— Ele já tentou. Lembra quando eu disse que fui mordido por um demônio? Aquele era seu cartão de visita. Eu devia morrer, mas Shade me salvou.

— Que tipo de demônio? — Ela apertou sua perna tão forte que ele sabia que ficaria com marcas pela manhã. — Para qual espécie você vendeu a alma?

— Apóstolo da Morte. Por quê?

Limos ficou de pé, assustando ele.

— Vista-se. — ela pegou o biquíni na areia. — Rápido. Temos que encontrar esse demônio. — ele vestiu a calça.

— Ele falhou em me matar. O contrato está quebrado.

— Não. — ela disse, a voz cheia de impaciência. — Não está. Apóstolos da Morte nunca permitem brechas nas cláusulas. — ela praguejou em diferentes línguas demoníacas. — Gah. É por isso que Peste não te matou. Eu me perguntei o motivo, mas agora isso faz sentido.

— Não para mim. — ele vestiu a camisa e a ajudou a amarrar o

biquíni nas costas enquanto ela levantava o cabelo. — Tatuagem interessante. — ele congelou com o conjunto de balanças, que ele jurava que estavam com pesos diferentes da última vez que viu.

— Não temos tempo para tatuagens. — ela disse, girando em volta dele. — Meu irmão amarrou sua alma, mas outra pessoa a reivindicou. Para conseguí-la para si mesmo, ele tem que comprá-la de outro demônio. Ou, mais provável, matar o cara. Temos que encontrar esse demônio primeiro.

— Como?

Ela brincou com o piercing no umbigo enquanto falava, as palavras saíam como se uma barragem tivesse se rompido.

— Eu vi Gethel fazer rituais para conseguir almas antes. Precisamos de um anjo. E um pouco de sangue de todos que participaram da evocação do demônio que tomou sua alma.

Arik balançou a cabeça.

— Isso é impossível. O cara que fez isso morreu na prisão uns anos atrás. Mas isso é uma boa notícia, não é? Parece que Peste também não consegue encontrar o demônio.

Os palavrões criativos de Limos beliscaram os ouvidos dele.

— Não. Peste será capaz de sentir o dono da alma que ele está tentando reivindicar. Estamos ferrados.

— De várias formas, eu acho. — ele gesticulou praia abaixo na direção de Thanatos caminhando na direção deles. Com sorte, eles estavam vestidos, mas o cara não era idiota, e se ele tivesse um único instinto de irmão, ele... é... os olhos do Cavaleiro se estreitaram enquanto ele se aproximava, e Arik se preparou para a Batalha Mortal: Parte Dois.

Felizmente, apesar de Than dar a Arik um olhar que dizia D-E-P-O-I-S, ele não foi um grande irmão.

— Humano. — a voz de Thanatos era tão sombria quanto sua expressão. — Você disse que pode aprender qualquer linguagem demoníaca.

— Sim. Por quê?

Thanatos mostrou um pedaço de pergaminho.

— Você consegue ler?

— O que é isso? — Limos perguntou, enquanto Arik pegava a página e estudava a escritura estranha.

— Mandei Regan examinar tudo que encontrei sobre seu *agimortus*. Ela disse que esse pedaço de escrita Isfet parecia bravo, mas eu não sei o que diz. Eu esperava que seu garoto pudesse traduzir.

Arik balançou a cabeça.

— Desculpe. Eu não consigo ler língua demoníaca. Só falar.

— Droga. — Than bufou. Ele olhou para a toalha bagunçada e a areia remexida, e aquelas malditas sombras começaram a girar em volta de seus pés.

Nada bom. Com a concentração do Cavaleiro fora do *agimortus*, ele estava focando em Arik e Limos. Pense rápido...

— Por que você não pede a um Isfet? Ou eles não existem mais?

— Eles existem. — Limos disse — Mas ninguém conhece a língua deles além deles. É por isso que a maior parte do que achamos que sabemos sobre o meu *agimortus* é lenda e não fato.

Arik bateu com o pergaminho na palma da mão de Limos.

— Então vamos encontrar um Isfet, para que você tenha um intérprete.

A alma de Arik podia ser ainda a corda de um cabo de guerra, e Limos podia ser ainda casada com o Sr. 666, mas se eles pudessem proteger seu *agimortus*, seria uma grande vitória para os mocinhos. E desde que Thanatos pudesse evitar que seu Selo fosse rompido, tornar o Selo de Limos seguro significaria que todos poderiam desconcentrar dela para deter Peste.

Essa poderia ser a pausa tão necessitada que o RX-R e o Aegis estavam procurando. Arik sorriu.

Peste podia odiar isso.

Limos e Arik esperaram por Ares e Thanatos no templo de Limos, que era o único templo construído para os Cavaleiros que não ficava dentro de Sheoul. O templo de Limos existia dentro de uma

bolha de sorte, onde os reinos demoníaco e humano se encontravam, e onde humanos e demônios podiam andar, mas sem ir para o reino um do outro. A bolha ficava no fundo de uma antiga caverna Inca que Limos duvidava ter visto um humano em centenas de anos.

Pela aparência do templo, não tinha visto demônios também.

Ela olhou em volta para a poeira e os altares de pedra desmoronando.

— Isso é um insulto.

Arik se ajoelhou ao lado de um esqueleto desbotado pelo tempo acorrentado na parede.

— Por que todos esses esqueletos estão aqui?

— Eles foram sacrifícios a mim.

As botas dela estalavam no chão conforme ela andava para um dos altares, onde várias pedras coloridas haviam sido postas em forma de balança. Debaixo da armadura, sua balança, a tatuagem, continuava equilibrada, o que era um alívio. Tendia a pender para o mal quando ela estava em uma das bolhas ou no Sheoul.

Fazendo uma careta, Arik parou.

— Legal.

Ela o observou andar pelo templo, estudando as paredes de mármore, cada centímetro marcado com símbolos ou escrituras. Quando ele parou na frente de uma gravura dela e seus irmãos parados diante de humanos e demônios ajoelhados, ele passou o dedo sobre a imagem, e ela jurou ter sentido o toque dele em sua pele.

— Você e seus irmãos são próximos, mas o que pode acontecer se todos os Selos forem rompidos?

— Acho que, depois que o Apocalipse acabar e o mal ganhar, devemos estar em guerra um contra o outro. — a ideia a deixou enojada.

— Não me imagino em guerra contra Runa. — ele disse, tirando a mão da gravura. — ela sorriu.

— Temos isso em comum.

O amor por seus irmãos fizera os dois irem a extremos. Ela manteve segredos perigosos dos irmãos, e Arik vendera a alma por sua irmã. Limos ainda estava cambaleante com essa revelação, mas de

uma forma pequena, era realmente uma boa notícia. Significava que Peste não possuía a alma de Arik, ainda. Assim que eles terminarem aqui, ela ia arrancar de Arik cada gota de informação que ela conseguisse sobre o demônio. Eles tinham que encontrá-lo antes de Peste.

Arik foi até uma parede coberta de grandes blocos de inscrições.

— O que tudo isso quer dizer? Parece que são algumas línguas diferentes.

Ela concordou.

— Um pouco em latim, mas a maior parte em Sheoulic. — ela passou o dedo sobre uma inscrição preta na parede cinza. — Essa é a lenda de nossa origem. — ela apontou para outra seção. — Aquilo é um programa do casamento de sorte.

Uma raiva sombria e curiosa passou por seu corpo, mas ela instintivamente sabia que não era para ela.

— O que diz?

— Um monte de merda do meu contrato, principalmente. — presumindo que ele conhecesse Sheoulic, ela leu as palavras em voz alta. — A filha de Lilith não mais casará pelo sangue de um anjo, e as pérolas de virtude serão então quebradas por seu marido.

A expressão dele ficou pensativa e nervosa, e ela jurava que tinha o ouvido grunhir. Inexplicavelmente, ela estava um pouco... excitada... pela reação dele aos planos de casamento. Ele cruzou os dedos nos dela e a puxou para mais perto, e ela soltou um suspiro feliz quando Ares e Than entraram, com um Isfet alto e verde andando entre eles.

Ares ficou na porta enquanto Than conduzia o Isfet para dentro.

— Não acho que ele saiba porque está aqui. Não pudemos nos comunicar de verdade.

— Como você o fez vir com você? — Arik perguntou.

Than deu de ombros.

— Nós o sequestramos.

Sequestrar era algo que Reseph teria feito, e ela não conseguiu evitar um sorriso.

— Você *vai* devolvê-lo sem que os Neethul saibam disso, certo?
— Os Neethul mantinham os Isfet como escravos, e eles eram peritos na arte da cruel punição. Sem dúvida que o Isfet seria culpado pelo seu próprio sequestro.

— Claro. — Ares disse.

Than sorriu.

— E se algum Neethul descobrir, nós vamos nos assegurar de que ele não poderá repetir isso para mais ninguém. — agora *isso* era cem por cento Thanatos. Ele olhou para Arik. — Sua jogada, humano.

Arik, que tinha vestido sua roupa de batalha preta e estava carregado de armas que Kynan tinha trazido para a casa de Limos antes de irem embora, voltou sua atenção para o Isfet.

— Saudações. — ele disse, em Sheoulic perfeito. — Gostaríamos de perguntar algumas coisas.

O Isfet, que Limos presumiu que fosse macho, apesar de não saber o porquê, piscou seus grandes e redondos olhos.

— Esse demônio você pergunta?

Certo. Ela tinha esquecido como seu Sheoulic estava ruim.

Arik afundou em um dos bancos, e ela teve a impressão de que ele não estava tentando parecer inofensivo. Apesar de que com o escudo no peito e o cinto de armas, ela não achava que estivesse funcionando. Só adicionava uma camada de sensualidade nele.

— Pode falar comigo na sua língua?

O Isfet concordou, seus dedos longos e magros se curvando no cajado.

— Eu saber?

— Pelo amor. — Arik passou a mão no rosto enquanto olhava para Limos. — Não é a toa que você teve dificuldades para conversar com eles.

A pele do demônio mudou de cor como um camaleão, ficando prata brilhante, e ele disse algo na língua Isfet. Arik congelou, mas fez um gesto para o demônio continuar. Após alguns minutos, Arik soltou um suspiro longo.

— Essa linguagem é maluca. Eu nunca tive que escutar tanto para poder aprender. Logo quando eu pensei que pudesse ter... espere.

— Arik falou algumas palavras que Limos não entendeu. O Isfet se sacudiu, sua boca pequena se abrindo. Arik falou novamente, e com um balançar de braços, o Isfet falou milhões de palavras por minuto.

Arik se virou para Limos.

— Você esteve procurando por câmaras de... gelo?

— Sim. — ela se aproximou dele. — Alguns dos rumores que seguimos falavam de cavernas de gelo, tanto no Sheoul quanto no reino humano.

Arik pegou a mão dela outra vez e a puxou para perto dele.

— E um vidro fervente?

Limos suspirou.

— Achamos que pudesse ser lava, então procuramos em câmaras vulcânicas também.

— E torres. — Arik devaneou. — Eles falam de torres.

Arik se virou para o Isfet, e eles começaram outra conversa.

— Tudo bem. — ele disse. — O local não se perdeu para uma lenda. Perdeu-se para a tradução. Você sabe que eles mal entendem ou falam Sheoulic... eles só conhecem algumas palavras, o suficiente para vender o produto.

— Por que eles não podem aprender Sheoulic? — Than perguntou.

Arik se virou para falar com todos.

— É como falar com cães. Eles entendem nossa linguagem corporal, e conseguem entender algumas palavras, conseguem entender nosso tom de voz. Mas não conseguem entender nossas conversas, e não podem ser ensinados. É coisa de espécie.

— Você quer dizer que os Isfet são como cães.

— Sim. Eles não são como outros demônios. Droga, eles podem até não ser demônios.

Limos olhou para o Isfet.

— O que mais seriam?

— Não tenho ideia. — Arik deu de ombros, fazendo sua camisa se esticar em seus ombros largos. Nham. — Aliens, talvez?

— Aliens. — A voz de Thanatos era plana, descrente.

— Seu ceticismo é engraçado, vindo de um dos Quatro malditos

Cavaleiros do Apocalipse.

Ela achou que Arik tinha razão, mas mesmo assim, em todo o tempo dela, ela nunca tinha visto um único alien. Ela achava que não, pelo menos.

— Tudo bem, então o que quer que eles sejam, você entende eles agora, né?

— Mais ou menos. Ele disse que o copo está em uma câmara de... não sei a palavra certa.

O Isfet deslizou até o altar e bateu em uma das pedras.

— Um cristal. — Arik suspirou. — É isso. Faz sentido. Está em uma câmara de cristais.

— Não é gelo?

— Não. É como foi traduzido para o Sheoulic, então é como entendemos. E foi inundada com água quente.

— Vidro fervente. — ela murmurou. — E as torres?

Ele falou com o Isfet, e depois voltou para Limos.

— Não torres. Colunas. Grandes colunas de cristal dentro de uma grande caverna. E ele disse que já que eu conheço a língua deles, eu conhecerei os sinais lá dentro. Infelizmente, ele não sabe onde a caverna fica.

— Google. — todos se viraram para Ares, que deu de ombros. — Cara gosta de dizer que você pode pesquisar tudo no Google. Não vai doer.

— Então pesquisamos cavernas de cristal no Google? — Arik sorriu. — Então vamos ao Google.

Capítulo Vinte e um

Eles encontraram a caverna em meia hora.

A busca no Google por cavernas de cristais mostrou um bazião de resultados, mas depois de refinar as buscas, uma se destacou, uma caverna de cristal gigante descoberta no México... uma vez preenchida com água escaldante. Mineiros tinham bombeado a água para fora, mas respiradouros vulcânicos mantinham a caverna tão quente que poderia matar humanos desprotegidos dentro de minutos.

De acordo com um dos artigos da Internet, cientistas teorizavam que ao longo dos milhões de anos que levaram para os cristais se formarem, os níveis de água no interior da caverna tinham variado de cheios para vazios. O *agimortus* de Limos poderia facilmente ter sido colocado no interior durante um dos períodos de águas baixas.

Arik chamara Kynan para auxiliar na busca, mas Kynan estivera lidando com um ataque a uma fortaleza Aegis fora de Frankfurt que deixara vinte Guardiões mortos, então ele tinha enviado seu companheiro vampiro-demônio em seu lugar. O demônio, Wraith, era alguma espécie de caçador de tesouros especialista, e Kynan jurou que seria tão útil quanto ele tinha sido um par de meses atrás na grande batalha que tiveram com Peste.

Era melhor Kynan estar certo, porque Limos nunca encontrara um demônio Seminus mais irritante em sua vida.

Atualmente, Wraith estava saindo da instalação de mineração e passeando em direção a Limos, seus irmãos, e Arik. Ele chegara antes que eles, então entrara para verificar as coisas e pegar para Arik um — traje de gelo — laranja, que aparentemente impedia o ar frio de soprar no interior por meio de um aparelho de ar-condicionado em miniatura. Ele o entregou para Arik.

— Aqui, cara. Você precisa brincar de astronauta. Oh, e eu

cuidei dos humanos que estavam dentro.

— Cuidou? — Arik perguntou.

— Não dê um nó em suas calças⁽⁷⁾ — Wraith disse, enfiando as mãos nos bolsos de sua calça jeans. — Eles ainda estão vivos. Apenas... cansados.

Limos ajudou Arik a entrar no traje volumoso. — De quê?

Wraith sacudiu sua língua sobre uma presa. — Anemia.

Thanatos riu. — Gosto mais deste cara a cada vez que o vejo.

— Bom — Limos disse, enquanto ajudava a ligar o respirador e o sistema de fornecimento de ar que estavam nas costas de Arik como uma grande caixa. — Ele pode ser *seu* companheiro de caverna.

Wraith e Thanatos gracejaram todo o caminho para a entrada, seguidos por Ares, e Limos e Arik estavam na retaguarda. Pouco antes de entrarem pelas maciças portas de aço, Arik a parou.

— Hey. — Ele colocou sua máscara debaixo de um braço e cobriu o rosto dela com a mão. — Eu não sei o que vamos encontrar lá, mas quero que você saiba que vou cobrir você.

Mergulhando a cabeça, ele a beijou. Seus lábios quentes eram tão aveludados, e nunca falhava em surpreendê-la que um macho tão poderoso e de corpo duro quanto ele era possuísse tal suavidade e fosse capaz de tal ternura. Ela amava a contradição, amava como isso a fazia sentir ainda mais.

— Aham.

O som de um pigarro interrompeu o beijo, e Limos se virou para ver Ares segurando a porta aberta e dando a Arik o olhar do mal. Felizmente, Than e Wraith já haviam entrado. Wraith provavelmente teria começado a tirar sarro deles, e Than poderia ter tentado afogar Arik de novo. Pouco importava que não houvesse água ao redor. Ela tinha visto Than afogar um homem em seu próprio sangue antes.

Bochechas ardendo com calor, ela deu a Arik um sorriso tímido e entrou na instalação, onde ficou claro que Wraith definitivamente *cuidara* dos humanos que deveriam estar monitorando o equipamento científico. Todos eles jaziam inconscientes na antecâmara branca, tipo um túnel. O calor já era opressivo, e quando Ares abriu a pesada porta

que dava para a caverna de cristal, a temperatura passou de deserto seco para sauna.

Arik vestiu a máscara de proteção facial do traje, enquanto o resto deles colocava os capacetes com luzes anexadas pendurados na parede antecâmara. Antecipação viajou através de Limos conforme eles se blindavam e entravam na caverna que se assemelhava a uma grande, oca bola de neve.

Os cristais gigantes formavam torres verticais e horizontais de centenas de pés de comprimento e algumas tão largas quanto ruas de duas faixas da cidade. Na parte inferior, cristais afiados como navalhas levantavam-se como uma cama de pregos. Um deslize, e seria uma almofada de alfinetes.

Ela permaneceu perto de Arik conforme ele diminuía ao longo do cristal que se formava uma ponte entre vários pontos de agregados de cristais. Esticando-se, ele correu os dedos enluvados sobre um cristal bruto. — Eu vou ser condenado. Símbolos.

Ares estava atrás deles, seus olhos procurando cada canto e fissura. — O que eles dizem?

— Eles são mais como orientações. — Arik apontou para baixo. — Por ali.

Thanatos saltou do cristal para outro que se projetava do lado da caverna, e Wraith se juntou a ele, descendo muito mais levemente. Mas, então, o demônio não estava usando uma armadura óssea desajeitada.

— Alturas. — Arik espiou ao longo da borda. — Figuras.

— Qual é o problema, humano? — Than olhou para cima, um sorrisinho sarcástico em seu rosto. Seu irmão realmente tinha o mais estranho senso de humor às vezes. — Mortal demais para saltar aqui em baixo?

— Nah. — Arik chamou. — É só que suas bundas gordas estão ocupando a borda inteira.

Thanatos riu e saltou para o próximo cristal mais baixo, e antes de Limos poder detê-lo, Arik lançou-se, descendo próximo de Wraith e quase derrubando o demônio. Wraith deu um tapinha na cabeça dele e pulou para uma saliência perto de Than.

Limos apenas tentou não ter um ataque cardíaco. Arik era destemido. Ou talvez insano.

Ela meio que gostava disso. — Bem? Você vê outro símbolo?

— Ainda não. — Arik correu as mãos sobre os cristais, e o resto deles se juntou a ele na busca.

Ela estava começando a perder a esperança quando Wraith chamou. — Yo, Pessoas Cavalo. Encontrei um símbolo. — Ele estava agachado próximo a dois enormes cristais que formavam um X, espiando o centímetro de espaço entre eles.

— Como diabos você encontrou isso? — Arik disse, enquanto ia até o demônio. — Está escondido.

Wraith deu de ombros. — Eu sou bom em encontrar merda.

— Droga. — Arik respirou. — Fico feliz que Ky mandou você. Nunca teríamos encontrado isso.

Wraith empurrou-se levemente de pé. — O quê? Você não está feliz que eu estou aqui pela minha companhia brilhante?

Isso era algo que Reseph teria dito, e Limos se viu sorrindo com a lembrança. Cara, ela sentia falta de seu irmão.

Arik abaixou-se para as mãos e os joelhos para espiar entre os cristais. Depois de um momento, esticou-se de barriga e estendeu a mão, o braço desaparecendo sob o cristal em que estava deitado. De repente, Arik ficou de pé, uma minúscula xícara branca pendurada em uma correia de couro na mão. — Consegui!

Limos malditamente perto guinchou de alegria. Seus irmãos berraram, Wraith murmurou algo sobre estar com fome, e ela estava prestes a pular até Arik...

Quando todo o inferno se soltou. Em um minuto, Limos estava celebrando encontrar seu *agimortus*, e no próximo, Peste estava agachado em uma borda acima deles, um rosnado silencioso retirando seus lábios e fazendo suas presas cintilarem

— Como ele nos encontrou? — Arik mergulhou em uma das lacunas nos cristais, mas Peste estava ao lado dele em um flash.

Enquanto Arik derrapava pela superfície lisa, ele arremessou o *agimortus* até Ares. O ato lhe custou, e antes que Arik pudesse escapar, Peste agarrou-o pela garganta.

— Deixe-o ir! — Limos correu em direção a eles enquanto Arik dava socos e chutes, mas quando seu irmão apertou sua garganta mais forte, as lutas de Arik enfraqueceram.

— Fique aí, maninha. — Peste disse, e todo mundo congelou. — Eu vou trocá-lo pela xícara.

Se ele tivesse pedido qualquer outra coisa, ela concordaria, mas a xícara estava tão fora dos limites. *Enrole.* — Como você nos encontrou?

— Ah. Isso. Você sabia que seu garoto vendeu sua alma a um Apóstolo da Morte?

Arik bateu sua bota na canela de Peste. — Ela sabe, sua bunda de cavalo.

Peste arrancou a máscara do traje de Arik, e Arik ofegou ante o calor repentino e ar espesso. — Eu o encontrei, o matei, e a sua alma é minha por omissão. Agora eu posso sentir você onde quer que você esteja.

— Deixe-o ir, Reseph. — ela disse calmamente.

— Não pense que você pode apelar para Reseph. — Peste rosnou. — Ele se foi. Acostume-se com isso. — Ele apertou a garganta de Arik de novo, e o rosto de Arik ficou carmesim. — Dê-me a maldita xícara.

Ela não podia. Mas ela não podia deixar Arik morrer também. Cada osso em seu corpo gritava para o que estava correndo por sua mente, mas ela reprimiu os ruídos e avançou.

— Leve-me ao invés. — As paredes de cristal se fecharam, sufocando-a da maneira que os confins de Sheoul iriam fazer para sempre depois disto. — Você pode me levar para o meu marido e obter qualquer que seja a recompensa que você esteve procurando.

Arik, Than, e Ares todos gritaram — Não — simultaneamente, mas ela os ignorou. Este era seu pior pesadelo, bem, o segundo pior, o primeiro sendo ter seu Selo quebrado, mas para salvar Arik, ela o faria.

Os olhos de Peste brilharam com mal gelado. — Acho que fizemos um acordo.

Than saltou para ela, mas ela girou para fora de seu caminho.

— Não. — ela sussurrou. — Eu tenho que fazer isto. — Ela se moveu em direção a Peste com pés de chumbo. — Também quero a alma de Arik devolvida a ele, de modo que quando ele morrer, você não se aposse.

— Combinado.

— Não, baby. — Arik disse com a voz rouca. — Não faça isto.

— Se eu não fizer, ele vai matá-lo, e você vai passar a eternidade sendo torturado. Não posso deixar isso acontecer. — Ela manteve os olhos enraizados em Peste enquanto andava para dentro do alcance dos braços. — Liberte-o.

Peste empurrou Arik para fora da borda, e só os reflexos felinos de Wraith o salvaram de cair para sua morte sobre os cacos de cristal abaixo.

— *Bastardo!* — Limos bateu com seu punho na mandíbula de seu irmão.

A cabeça de Peste estalou para trás, e ela golpeou novamente, desta vez passando os dedos sobre a cicatriz-armadura dele. Imediatamente, sua armadura derreteu, deixando-o em calças de camuflagem desgastadas. Se sobressaindo do bolso da perna estava Deliverance, em toda a sua brilhante glória de cabeça-de-cavalo.

Quando Peste levantou a mão para se blindar de novo, uma das facas de Arik empalou seu pulso em um lance bem executado. Sangue espirrou no rosto de Limos, cegando-a em um olho enquanto ela batia seu ombro no intestino de Peste e apreendia Deliverance. A adaga sentia fria na sua mão. Pesada.

Sem pensar, ela mergulhou a lâmina no coração de seu irmão.

A caverna ficou em silêncio. Horror e incredulidade piscaram nos olhos de Peste. Suas mãos tremiam quando ele segurou a mão de Limos, que ainda estava enrolada no punho da adaga. Sangue fluía sobre os dedos dela e jorrava da boca dela, onde pingava do queixo.

Passos martelando ressoaram conforme seus irmãos, Wraith, e Arik se apressavam em sua direção.

— Oh, porra. — A voz de Than estava embargada. — Li, o que você fez?

Nenhuma palavra se formaria. Peste caiu de joelhos sobre a

ponte de cristal, e ela foi com ele. No momento em que seus joelhos atingiram a rocha, dor escaldante atingiu também. *Não... não... isto não estava acontecendo!* Thanatos deveria restaurar seu Selo, e oh, Deus, o que ela *tinha* feito?

— Limos. — Peste gorgolejou através do sangue, e então ele era Reseph novamente. Limos sabia disso, podia ver isso na maneira como o gelo de seus olhos derreteu para lágrimas. — Eu senti... sua falta.

Sua garganta se contraiu tão violentamente que ela mal conseguia respirar. — Perdoe-me.

O corpo inteiro dele estremeceu. — E—eu sinto... muito.

— Não. — ela disse com a voz rouca. — Não sinta. Nada disto foi culpa sua.

Sua cabeça caiu para frente, e seu cabelo derramou em seu rosto. — Você não... entende. — ele sussurrou. — Eu sinto muito... por... por... decepcionar você. — Seu aperto aumentou no dela com tanta força que ela engasgou. — Você deve estar tão decepcionada que Deliverance não me matou.

Sua cabeça se levantou, seus olhos ardendo vermelhos, e ele puxou a adaga de seu peito como se não fosse nada além de uma lasca.

Santa mãe de...

Outra das facas de Arik atingiu a mão de Peste. Deliverance caiu de seu aperto, a lâmina girando. Limos arrebatou a adaga do ar e pôs-se de pé, quase derrubando seus irmãos. Peste moveu-se em um borrão, blindando-se. Dentro de um batimento cardíaco, ele tinha uma espada na mão e estava balançando-a para sua cabeça. Than a empurrou para fora do caminho, e ela ouviu o distinto som de metal triturando em osso. Thanatos tropeçou e atingiu o cristal, a lâmina de Peste alojada em seu crânio.

Ares atacou Peste com uma vingança, e repentinamente, a caverna ganhou vida com rosnados, conforme uma horda de demônios parecia rastejar através dos cristais abaixo. Wraith saltou para a briga enquanto Arik produzia outra faca de arremesso de sua bota e eliminava uma das feras escamosas que subia deslizando por um cristal.

— Vá! — Ares jogou—lhe a xícara. — Saia daqui!

Ela queria ficar e lutar, mas Arik ainda estava em perigo, e ela tinha que proteger seu *agimortus*. Amaldiçoando em frustração, ela lançou um portal. O portal brilhou como uma cortina cintilante, esperando... e ela nem sequer percebeu que estava hesitando até Arik levá-la, forçando os dois através do portal para pousar na areia do lado de fora de sua casa.

Sim, eles tinham Deliverance e seu *agimortus*, mas de alguma forma, nada do que acontecera naquela câmara parecia como uma vitória.

Capítulo Vinte e dois

O coração de Arik martelava tão forte e tão rápido que suas costelas doíam. Ou talvez a costela doesse devido ao soco assassino de Peste. Ou do cabo da Deliverance cravado em seu peito.

Cuidadosamente relaxou sobre Limos e começou a ajudá-la a se levantar, mas quando olhou em seus olhos de luar e viu o horror reunido, ele se sentou ao lado dela.

As mãos ensanguentadas dela agarraram a Deliverance e a apertaram deixando os nós de seus dedos brancos, e seu rosto pálido estava manchado de lágrimas.

— Eu tentei matar Reseph. Sua fina voz era apenas audível sobre a quebra das ondas na praia.

— Hey. Ele arrancou o punhal de suas mãos e cravou-o na areia. — Você fez o que tinha que fazer.

— Você não entende. Eu o queria morto, Arik. Seus olhos estavam selvagens, suas narinas dilatadas enquanto ela se aferrava à sua gola em algum tipo de desespero enlouquecido. — *Eu quero o meu irmão morto.*

Arik acariciou suas mãos, usando seu toque e voz para acalmá-la. — Isso é porque ele não é o seu irmão. Não mais, e você sabe disso.

Limos olhou para a adaga que ele cravara na areia. — Você está fazendo de novo.

— Fazendo o que?

— Chamando-me para fora do buraco ainda que *eu* não saiba.

— Você sabe. Ele a puxou contra si e embalou sua cabeça contra seu peito. — Você apenas mente para si mesma.

— Claro que sim — ela disse calmamente. — Já que eu faço isso com todo mundo, então por que não comigo mesma? — Ela fechou seus olhos e tomou uma profunda, trêmula respiração, e então se agitou com alarme quando um portal abriu a um metro de distância.

Ares saiu, ensanguentado, um olho inchado fechado, um braço pendurado inutilmente ao seu lado. — Nós estamos bem — ele disse, antes que Arik ou Limos pudesse perguntar. — Wraith levou Than para o Underworld General. Ele olhou para Arik, como se precisasse explicar. — Ele vai se curar por conta própria, mas o dano foi grande, e não podemos deixá-lo fraco por muito tempo. Ele se abaixou perto de Limos e colocou sua mão sobre as dela. — Você fez o que tinha que fazer.

Ela assentiu. — Mas por que Peste não está morto?

— Eu não sei, mas essa falha é uma catástrofe. A Deliverance era o nosso único meio de pará-lo. E fica pior.

— Como é que pode ficar pior? — Arik perguntou, e então percebeu que na verdade não queria saber.

Ares enxugou uma gota de sangue do seu rosto. — Chaos apareceu e o mordeu.

— Não me diga que ele é imune ao veneno de cão infernal. Limos grunhiu. — *Não* me diga isso.

— Não, não imune, mas algo malditamente próximo disso. Ele ficou imóvel por inteiros cinco segundos. Ele está cada vez mais forte, Limos, e eu estou disposto a apostar que não vai demorar muito até que mesmo uma mordida de cão do inferno deixe de afetá-lo. Ele amaldiçoou em Sheoulic, e Arik entendeu cada uma das desagradáveis palavras. — Onde diabos estão Reaver e Harvester? Nós precisamos deles mais do que nunca, e eles foram MIA.

— Isso tudo é minha culpa — ela murmurou. — Minha culpa. Talvez eu não tenha atingido com o punhal o lugar certo. Talvez...

Arik apertou sua mão. — Você o cravou no centro de seu coração morto. Não poderia ter tido melhor pontaria. Não é sua culpa.

— Arik está certo. Ares pegou a adaga e a fez desaparecer em sua armadura. — Estou indo para o UG. Ele acenou para Arik. — Cuide dela.

— Sim — ele disse. — Eu vou.

Depois que Ares se foi, Limos colocou a tira de couro ligada ao copo em volta de seu pescoço e por cima do seu pingente do Selo. Arik a recolheu em seus braços e levou-a para dentro da casa, surpreso por

ela não lutar contra ele. Ela tampouco resistiu quando tirou sua roupa e a colocou em baixo do chuveiro quente. Ele deixou suas próprias roupas postas, não querendo acidentalmente cortar qualquer saliente parte do corpo caso entrasse em contato com o colar enganosamente bonito, e quando acabou de lavá-la, colocou-a na cama.

— Se junta a mim? — ela perguntou, e sim, ele planejava fazer isso tão logo tomasse seu próprio banho.

Ele se lavou rapidamente, e quando saiu, encontrou Limos no deck, vestida com um macio roupão rosa, olhando para o escuro oceano. Puxou um par de shorts e se juntou a ela.

— O que você está fazendo? — ele perguntou.

— Pensando.

— Em que?

Ela olhou para o céu estrelado, um brilho distante em seus olhos. — Em você.

— Em mim?

— Devo—lhe tudo, Arik. Sem você nunca teríamos encontrado meu *agimortus*. De repente ela se jogou em seus braços, o corpo dela tão esticado em tensão que partiu seu coração. Vê-la tão vulnerável inflamou seus instintos protetores como nada mais poderia tê-lo feito.

Esta mulher estava disposta a ir ao inferno por ele. Literalmente. Ela estivera preparada para desistir de tudo para se juntar ao marido e passar a eternidade na miséria, só para salvar a alma de Arik.

— Não — ele resmungou. — Eu quem te devo. O que você estava disposta a fazer por mim... aquele foi o ato mais altruísta da história, eu acho.

Ela riu amargamente. — Você não tem ideia do quão egoísta eu sou.

— E você nunca vai me convencer disso.

Por um longo tempo ficaram assim com a brisa morna da noite soprando ao redor deles. Era estranho pensar que era Dezembro, quase Natal. Ele estava tão acostumado a ter neve nessa época do ano. O pensamento deu-lhe visões de cabanas de madeira, fogueiras crepitando, árvores decoradas, e Limos, nua no chão na frente dele. Só

que nessa fantasia, ao invés de um colar de castidade, ela usava um grande laço vermelho.

Ele tinha que encontrar uma maneira de fazer isso acontecer. Tinha que haver uma maneira de quebrar o seu contrato e aquela maldita gaiola dourada. Porque depois de tudo o que havia tido desde que saíra do inferno, e especialmente depois desta noite na câmara de cristal, ele não desistiria dela.

— Arik? — Apoiando a testa contra seu peito, Limos deslizou as mãos para cima e para baixo em suas costas. — Lembra quando eu disse que era minha a culpa de que a Deliverance não tenha matado Peste?

— Não foi culpa sua.

Ela se afastou um pouco e olhou para ele. O luar prateado refletido em seus olhos, transformando-os num fosco vidro roxo. Eles eram notáveis. Ela era notável.

— Eu preciso te contar uma coisa. Algo que eu não posso dizer aos meus irmãos, mas talvez você possa me ajudar. O R-XR ou o Aegis... Eu não sei. Acho que eu sou a razão da adaga não ter funcionado em Peste.

Arik odiava que ela se culpasse, e embora o que ele realmente quisesse era levá-la para o quarto e fazê-la esquecer de tudo exceto a resposta de seu corpo a ele, sentiu que ela precisava liberar algo.

— Continue.

— Lembra como os Aegis perderam a Deliverance há algumas centenas de anos?

Ele franziu o cenho, perguntando-se aonde isto ia levar. — Sim... e eles não sabem nem como o perderam.

— Isso é porque não o perderam. Eu o roubei.

Limos esperava que Arik ficasse com raiva. Pirasse. Desse-lhe um olhar reprovador. *Qualquer coisa*. Em vez disso, ele apenas a observou. Com imperturbável paciência. — Eu estou supondo que há uma explicação.

— Sim — ela respondeu, — mas é uma que você não vai gostar.

— Experimente.

De alguma forma sua calma isenta de julgamentos era ainda

pior do que se ele a tivesse esmurrado. Pelo menos, ela não tinha que se preocupar com ele ficando louco. Como estava, ele parecia mais como se mostrasse fé nela, o que pior ficaria quando o desapontasse.

Ela poderia parar agora, inventar uma história que a acobertasse, mas e o quê se ela estivesse certa e a Deliverance não tivesse funcionado por causa do que ela tinha feito há tempos? Arik poderia ser capaz de ajudar. Deus, ela esperava que sim.

— Lembra de como você disse que eu viro auto-destrutiva às vezes? — Isso ainda doía. Podia ser verdade, mas ela não gostava de ser tão transparente para ninguém. Nem mesmo para Arik. — Bem, com o passar do tempo, os Templários foram caindo em desuso, o mundo estava em crise. As várias cruzadas deixaram o Oriente Médio em estado crítico, e na Europa, as colheitas estavam morrendo graças ao que os cientistas agora chamam de mudança climática. Por volta de 1300, a população começou a morrer de fome. Ela estremeceu apesar da temperatura quente, lembrando quão obscura aquela época tinha sido para todos, incluindo ela.

— Eu caí em uma depressão autodestrutiva, e tudo o que eu queria era que o Apocalipse começasse. Havia rumores sobre ele entre os humanos, o primeiro medo verdadeiro sobre isto desde a ascensão do Cristianismo. Desde então, cada geração pensa que está dando início ao fim dos dias, mas aquela foi realmente a primeira vez em que houve um consenso em massa sobre isso, você sabe? — Não, é claro que ele não sabia. Ele não tinha estado lá. Era estranho falar com alguém assim... jovem. — Assim de qualquer maneira, eu era toda uma entusiasta torcendo para que isso acontecesse e acabasse tudo.

— Então você roubou a adaga?

— Sim. Levei-a dos Templários. O *Daemonica* disse que o Selo de Reseph seria o primeiro a quebrar, e eu percebi que se tivesse a Deliverance, eu não teria que me preocupar sobre Ares ou Than tentando matar Peste. Então eu a mantive até 1317, quando o Aegis, culpando-me pela Grande Fome, realizou um feitiço que me convocou.

Arik franziu o cenho. — Espere... se eles... nós... podemos convocar você, por que Kynan teve que usar Reaver para contatar vocês um par de meses atrás?

Ela virou-se e agarrou o corrimão com tanta força que suas unhas deixaram marcas na madeira. — Porque eu destruí o conhecimento da convocação depois daquilo. Ela olhou para Arik, mas sua expressão ainda era cuidadosamente neutra. — Veja, eles me capturaram, congelando-me com veneno de cão infernal, e eu tinha a Deliverance comigo. Eles a pegaram, e passaram uma semana mais ou menos me torturando por informação. Eventualmente Reseph me encontrou. Ele geralmente não ficava com raiva, mas quando ficava, pouca coisa poderia pará-lo. Ele matou cada Guardiã na fortaleza onde tinham me mantido. Quando terminou, eu tinha que admitir ter roubado a Deliverance, e agora que o Aegis a tem de volta, me preocupou que o relato disso pudesse aparecer em seus registros.

Mentiu para Reseph sobre o porquê de ter pegado a adaga, no entanto. Ela lhe disse que não havia confiado no Aegis para mantê-lo seguro, soando tão confiante que ele acreditara que ela havia tomado a segurança em suas próprias mãos.

— Então o que você fez?

— Procuramos cada Aegi que sabia da minha conexão com ele, e nós... cuidamos de suas memórias.

Ele endureceu, porque sim, tópico sensível. — Entendo.

— Levou algum tempo, mas com a habilidade de Reseph de se aprofundar nas memórias de alguém, que é melhor do que a de qualquer um de nós, nós cuidamos de quase todos os envolvidos. O problema foi que aquela pessoa que pegou a adaga por último se escondeu com ela. Agora nós sabemos que essa pessoa também alterou o seu uso para que só pudesse ser utilizada para matar o *agimortus* de Ares a fim de salvá-lo.

— Por que só Ares?

— Ele é o único de nós com um *agimortus* que é uma pessoa real.

Ele acenou . — Ok, então o que isto tem a ver com Peste não ter morrido quando o esfaqueou?

Uma perfumada brisa marinha caiu sobre seu rosto, e ela levou um momento desfrutando do sussurro do vento acariciando seu rosto e brincando com seu cabelo. Tinha passado uma quantidade

relativamente pequena de tempo vivendo em Sheoul, mas a sombria e claustrofóbica experiência ficou marcada em sua alma, e todos os dias que ela passava em um campo aberto como esse era um presente, e assim ela os tratava como tal.

Finalmente, se voltou para Arik. — Eu acho que o efeito colateral foi o que a tornou útil para matar um Cavaleiro. Simplesmente não há outra explicação para o porquê de ela não ter afetado Peste totalmente.

Limos quase podia ver as engrenagens girando na cabeça de Arik enquanto ele considerava tudo que ela tinha lhe contado. Seu poderoso corpo era tão bonito sob o luar, e embora sofresse por tocá-lo, sentia que ele estava em modo militar, sua mente trabalhando em uma solução.

— De onde saiu o que está gravado no punho? — Arik perguntou. — Esteve sempre lá, ou foi acrescentado mais tarde? —

Da morte vem a vida.

— Originalmente quando a Deliverance foi forjada, a Guardiã que ajudou a encantá-la teve uma visão. Essas palavras apareceram para ela, e ela insistiu que deveriam ser esculpidas no punho. Esse é motivo de Than acreditar que Peste pode voltar. Ele acha que pode fazer alguma coisa para que isso aconteça, porque a Deliverance está especificamente mencionada na profecia de Than.

Ele inclinou a cabeça para o lado a estudando por tanto tempo que ela começou a se incomodar. — O quê? — ela finalmente perguntou. — Tenho comida na minha cara ou algo assim?

Ele riu, e depois ficou sério. — Estou apenas feliz por você ter me contado.

— Você não me odeia?

Os dois passos que os separavam acabaram em um instante, e ele abaixou a cabeça, esfregando seus lábios levemente nos dela. — Esta é a sua resposta — ele disse, atordoando o inferno fora dela. — Eu acho que você deveria ter dito aos seus irmãos, mas eu entendo. Eu mantive segredos de Runa.

— Como o quê?

Ele exalou lentamente. — Com o fato de que eu vendi minha

alma para um Apóstolo da Morte a fim de salvar sua vida. Ele fechou os olhos, mas isso não escondeu a sua dor dela. — Ela é tratada tão bem, e carregou a horrível culpa com ela até que Shade tomou-a. Ele abriu os olhos. — Eu não posso contar a ela sobre isso tampouco. Ela iria se culpar.

— Como é que Shade tomou sua culpa? — Porque ela realmente poderia usar uma dose daquela magia.

— Confie em mim você não quer saber. Ele fez uma careta. — Há coisas que eu não quero pensar sobre minha irmã fazendo.

— Oh. Sexo. Ok, então ela não queria nada disso. Não com Shade. Mas se Arik quisesse usar sexo para tirar a sua culpa, isso seria outra história.

— Mais ou menos.

Mais ou menos? Não houve tal coisa como TMI para ela, mas Arik obviamente não queria ir a determinados lugares quando se tratava de sua irmã.

— Sobre Runa...— Agora, *este* era um lugar aonde ela não queria ir, mas pela primeira vez na sua vida, ela sentiu como se pudesse. Como ela poderia falar sobre algo que ela tinha feito sem o medo de que ele a odiasse. A reação de Arik à verdade sobre o seu passado-certo, ele ainda não sabia o pior de tudo- havia lhe dado uma nova confiança, e um novo desejo de se confessar, apenas para ele. — Não há palavras em Sheoulic para 'sinto muito'. ela começou. — Então eu cresci sem elas. Uma vez, quando eu tentei encontrar as palavras certas, a pessoa com quem eu queria usá-las foi punida. Eu tive dificuldade em dizer desde então, assim, por favor, acredite em mim quando eu digo que sinto muito ter mexido com as suas memórias. Eu não tinha o direito de fazê-lo.

— Não, você não tinha. Sua voz era dura, mas não cruel. — Mas eu entendo o porquê de você ter feito isso. Você queria me proteger, assim como você fez quando se ofereceu para dar-se a Satã. Seu largo peito se expandiu em uma profunda inspiração enquanto ele estendia a mão e acariciava sua bochecha. — Só prometa que não fará isso de novo.

Ela sorriu, mesmo que nada disso fosse engraçado. — Qual dos

dois?

— Ambos. Aquele bastardo não pode ter você. Grunhindo, ele deixou cair sua mão, e a apertou em um punho, como se estivesse se preparando para alguns rounds com seu noivo. — Nada foi acertado. Tem que haver uma maneira de te livrar desse contrato.

Ela bufou. — Claro que há. Você pode tirar minha virgindade.

Ah, ela não estava falando sério, mas só pensar sobre fazê-lo a deixou doendo por ele. A fez desesperada por ter Arik em cima dela, fazendo amor com ela do jeito que um homem deve fazer. Tê-lo entre as suas pernas assim, flexionando seus músculos, sua pele brilhando com suor... Deus, ela apenas podia imaginar os lugares onde ele iria levá-la.

— Há um inferno de pegadinha nesse detalhe fora da cláusula.

Ele franziu a testa. — Espera, como foi que você disse que o seu cinto de castidade pode ser removido?

— Não pode. Não por ninguém além do meu marido.

Ele considerou isso. — O feitiço inspirado no cinto e contrato... foram essas as palavras exatas usadas? Será que ele quis dizer ‘marido’, ou Satã?

— Marido. Ela tomou uma respiração profunda. — Mas Harvester elaborou o contrato. Ela não teria deixado uma brecha assim. Limos andou pelo espaço do deck, seus pés nus não fazendo nenhum barulho, mesmo que sua mente estivesse soando como uma velha máquina de escrever enquanto tentava desvendar seu contrato de casamento e a falha da Deliverance. O único de que ela tinha certeza era de que precisava de ajuda.

— Eu preciso falar com Reaver.

— Seus Vigilantes desaparecem frequentemente?

— Às vezes. Mas quando nós realmente precisamos deles, eles sempre aparecem. Ares e Than ainda não tiveram qualquer sorte, mas eu vou dar-lhes uma chance. Ela parou na extremidade do deck e fechou seus olhos, chamando Reaver em sua mente.

Reaver, nosso Vigia Celestial, eu peço a sua presença. Ela repetiu as palavras oficiais de convocação, e então acrescentou, *tipo agora. Nós estamos com problemas, Reavie-Weavie.*

As mãos de Arik caíram sobre seus ombros, e ela permitiu-se inclinar para ele. Ele colocou os braços ao redor da cintura dela e a segurou assim enquanto olhavam para o mar iluminado pelo luar. Sua força a rodeava, aliviando-a, dando-lhe conforto, e uma conexão que ela nunca tivera antes.

Ele podia ser um humano, mas ela nunca tinha conhecido nem mesmo um imortal com tal bravura e resistência. Tudo nele a fortalecia, a fazia mais forte. Era como se ela fosse um edifício resistente, capaz de permanecer sozinha, mas ele era seu contraforte, apoiando suas paredes exteriores e mantendo-as estáveis.

— Vocês são um lindo casal. A voz feminina surpreendeu aos dois, e eles viraram, Arik colocando Limos atrás dele.

Um anjo estava no deck, suas vestes brancas brilhando como se afastassem a noite.

— Gethel. Limos deslizou para o lado de Arik, que permanecia tenso, preparado pra batalha. Ela pegou a mão de Arik e apertou. — Está tudo bem. Ela era nossa Vigia antes de Reaver.

— Reaver é o motivo de eu estar aqui — Gethel disse. — Eu ouvi a sua convocação, mas eu temo que ele não vá aparecer.

— Onde ele está?

Ela balançou sua cabeça. — Eu não sei. Ele e Harvester ambos estão invisíveis aos nossos olhos.

Oh, isso era ruim. Se até mesmo outros anjos não sabiam onde Reaver estava, isto era um problema. — Eles estão em perigo?

— Eu só posso supor, mas eu diria que sim.

— Quem iria... ou *poderia*... tê-los pego? E por quê?

— Peste? — Arik perguntou, mas Gethel balançou a cabeça.

— Caso um Cavaleiro mate ou prenda um Vigia esta será a mais grave das violações. Ela olhou para Limos. — Por que você convocou Reaver?

Seu instinto dizia para mentir. Em vez disso, ela se forçou a falar a verdade. — Eu esfaqueei Peste com a Deliverance e ele não morreu. Você sabe o por quê?

Os olhos de Gethel brilharam. — Sim. E você também.

Náuseas se agitavam no estômago de Limos. — Então isso foi

minha culpa. O braço de Arik veio ao redor dela, mais uma vez a apoiando quando ela precisava. — Por que você não disse algo? Você poderia ter nos avisado.

— Eu não sabia até que você confessou o seu pecado à Arik. Ela bateu suas asas dessa forma que sempre fazia quando ficava irritada. — Você sabe que eu te amo Limos, mas você trouxe isso para si mesma.

— Hey. A voz de Arik estalou como um chicote. — Ela lamenta o que fez, e teve que tomar muita coragem para confessar, então caia fora anjo.

Raios riscaram o céu acima de suas cabeças. — Você é ou corajoso ou tolo, humano.

Os dedos de Arik se cravaram possessivamente em seus ombros, não machucando, mas marcando, reivindicando.— Sim, bem, o que o fato de eu querer me casar com um Cavaleiro faz de mim?

Limos lançou a cabeça atrás para olhar para Arik. — Você... você está falando sério?

Seu olhar era intenso, ardente. — Eu te disse que não vou deixá-lo ter você. Você mesma disse, o Sheoulic no seu contrato diz marido, não Satã.

— Isto é porque o ser que você conhece como Satã tem muitos nomes — Gethel disse. — Ao nomear apenas um, pode argumentar-se que o contrato não é válido de acordo com algumas religiões.

— Então...— Limos lambeu seus lábios, que estavam tão secos quanto a sua boca. — Então se Arik casar comigo, se tornando meu marido, ele poderia quebrar meu cinto de castidade?

— Teoricamente — Gethel disse, — ele poderia tomar o seu hímen e removê-lo das garras de Satã.

O coração de Limos ardia com o desejo de que o plano de Arik funcionasse, e não apenas porque ela finalmente estaria livre de Satã. Arik estava oferecendo o seu sonho em uma sexy travessa, um casamento, filhos, sexo. Oh, Senhor... sexo!

E outra coisa, algo tão precioso que mal podia conter sua excitação, ele estaria dando a ela alguém em quem ela pudesse confiar. Alguém que a fazia *querer* contar verdades. Depois que eles se

casassem, ela nunca mais mentiria para ele novamente.

— Não me rejeite, Cavaleira — disse, e ainda era engraçado o modo como ele continuava se recusando a dizer o seu nome. — Este pode não ser o casamento mais convencional de todos, mas se funcionar eu não terei mais nenhum demônio atrás do meu traseiro querendo me torturar pelo seu nome, e isto vai salvar você de ser a bola e a corrente de Satã.

Ela notou que ele não apresentava amor como parte daquilo, e mesmo que não devesse doer, doía. Mas estava tudo bem. Ainda que ele nunca aprendesse a amá-la, ela o amava o suficiente para compensar isso.

— Sim — ela disse, sua respiração tremendo em sua garganta. — Minha resposta é sim.

Em seu ombro, o único lado de sua tatuagem mergulhou mais fundo do que nunca.

A favor do bem.

Capítulo Vinte e três

Reaver ainda estava lutando. Harvester observava da porta, maravilhada com a sua resistência. Ela sentou-se contra a parede, jogando e pegando uma bola de borracha que Whine havia lhe dado. Reaver não tinha dito uma palavra desde que ela tinha forçado o vinho de medula em sua garganta. Ele simplesmente jogava com a bola, focando tão atentamente sobre ela como se esperasse que explodisse em chamas.

Ele estava incrivelmente alerta, sua agilidade em nada diminuiu no seu cativeiro, mutilação ou intoxicação. Ela não podia ajudar, mas perguntava o que iria acontecer quando ele estivesse livre novamente. Será que ele continuará a manter o poder por dentro ou ele se soltará e destruirá tudo em seu caminho?

Harvester não tinha dúvidas de que ela seria a primeira que ele procuraria.

Whine se aproximou, seus passos um mero sussurro. — Você tem um visitante. A voz de Whine estava rouca. Ele não gosta de estranhos, embora Reaver parecia ter crescido com ele. — Ele disse que você está esperando.

O *Orphmage*. Ela roçou Whine enquanto passou e encontrou Gormesh em sua sala de estar.

Ele olhou para cima para estudar a escultura Neethul na sua parede. — Você está atrasada com o seu primeiro pagamento.

— Eu o tenho bem aqui. Ela pegou uma garrafa de barro nas prateleiras ao lado dela. — Sangue de Anjo. Tão fresco que ainda está quente.

Gormesh fez o frasco desaparecer nas dobras de suas vestes. — Eu quero ver o anjo. Ele começou em direção ao corredor, mas Harvester bloqueou seu caminho.

— Isso não fazia parte do acordo.

— Você concordou em me dar o sangue do anjo. As pontas das orelhas pontudas do Orphmage saíram de seu cabelo branco até a cintura e agora elas se contraíam em agitação. — Você não especificou como era para ser tomado. Vou sangrar-lhe a mim mesmo.

— O que está no jarro é mais do que suficiente.

— Mas é muito mais potente quando tomado diretamente da fonte.

Ainda mais se for tirado enquanto o anjo estiver gritando de dor, o que Gormesh não duvidava, era a intenção de fazer acontecer. — Não.

Ele assobiou, toda a pretensão de civilidade se foi. — Você vai me conceder o acesso.

— Você vai beijar minha bunda. Ela sentiu Whine aliviar-se atrás dela, quase podia sentir a tensão saindo dele. Seu protecionismo não veio de um lugar de afeto, mas sim de autopreservação. Ele estava ligado a ela e se ela morresse, seu contrato de escravidão seria passado para seu assassino.

O Orphmage era tanto um mestre cruel quanto ele era um cientista.

Gormesh endureceu, arreganhando os dentes. — Você fez um inimigo que você não precisava, Caída.

— Eu vou adicioná-lo à lista — disse ela. — Agora saia.

— Você ainda me deve.

— E eu tenho um ano para pagar. Então dê o fora.

Seus olhos achataram e por um momento, ela pensou que ele estava indo para o ataque. Quando ele se virou e saiu da casa, ela caiu com alívio. Em uma batalha, ela tinha a vantagem, mas como um mago, ele tinha alguns truques sujos na manga, e ganhar não seria fácil ... ou sem um monte de dor.

— Whine — ela disse baixinho: — traga-me um pouco de vinho de medula.

— Para o anjo?

— Não, para mim. Amanhã ela ia voltar a lidar com Reaver. Hoje à noite realmente ela iria esquecer ele.

Morte. Destruição. Ele puxou Thanatos com afiados ganchos como garras.

Eidolon tinha o curado, mas então tinha tido delírios com a dor, e isso tinha tomado Wraith, Ares, e um vampiro chamado Con para segurá-lo. Em seu delírio, ele lançou suas almas, e se não tivesse sido por um ex-anjo chamado Idess que poderia se comunicar com eles, o número de vítimas poderia ter sido impressionante.

No segundo em que foi curado, ele tinha conseguido o inferno fora de Underworld Geral, o lado demônio dele clamando por um tumulto mortal. Em vez disso, ele tinha ido para casa.

Onde Regan estava.

O guardião tinha sido executado em torno dela para mantê-la em calças apertadas e camisolas cortadas, em seu plano e ondulado estômago, rabo apertado e multidões de cicatrizes sensuais de batalhas realizadas por sua coragem. Ela tinha transformado em sua biblioteca, suas pilhas organizadas de notas invadindo o seu espaço. E ela virava o bicho se ele mudasse.

Assim, pelo menos uma vez por dia, ele batia uma página ou duas fora de suas pilhas.

Suas maldições frustradas o divertiam.

Agora, porém, ele não estava se divertindo.

Quando ele entrou na sala grande, Artur o encontrou, sua expressão estranhamente tensa. — Milorde. Foi a Aegi.

— O que foi a Aegi?

— A súcubos morta. Você disse para permitir que eles... — O vampiro estava praticamente torcendo as mãos, e sim, o que tinha dito da súcubos era para ser admitido. Peste a enviou para seduzi-lo, o que não estava disposto a deixar passar a oportunidade de interrogá-la sobre seus movimentos, suas intenções, seus locais... e depois matá-la ele mesmo.

Mas ninguém estava autorizado a matar em sua casa. Não

quando a morte o deixava louco. Sua casa era o seu santuário.

— Onde ela está? — Ele passou os dedos sobre sua garganta e se livrou de sua armadura, deixando-o em calças de jogging de nylon e uma camiseta.

— O ginásio, senhor.

Ele caminhou para o ginásio, violência ainda arranhando a superfície de sua mente. Ir ver Regan não era a ideia mais inteligente agora, mas seu cérebro ainda estava operando em um nível primitivo e pensamento lógico não o tinha pego.

Regan estava no tapete, passando por uma rotina de artes marciais e chutando um dos manequins de treinamento. Sua pele bronzeada, marcada por cicatrizes em seus braços, barriga e costas, brilhava com um brilho fino de suor. O cheiro de sangue era espesso no ar, outro chicote para o seu autocontrole.

— Você está ferida? — Ele estava no tapete antes que a questão estivesse totalmente formada.

Ela pulou, girou e, em vez de pregar o boneco na cabeça, ela o atingiu no peito, derrubando-o na esteira. — Isso responde a sua pergunta?

Com um rugido, ele veio para ela e ela dançou fora do caminho com mais graça do que ele esperava, ele conseguiu pegar seu braço e virá-la. Mais uma vez ela o surpreendeu, caindo em seus pés e, em seguida, pulando imediatamente em outro chute de rotação. Mas desta vez ele estava pronto, e ele colocou-a para fora com um chute de varredura que pegou atrás do joelho. Ela bateu no tapete duro e quando seu instinto gritou para ele matá-la, enquanto ela estava no chão, ele rugeu os dentes e manteve sua posição, permitindo a ela rolar e se levantar.

— É bom ver você também, Cavaleiro. Ela limpou o suor da testa com as costas da mão... a mão ostentando dedos ensanguentados. — Estamos praticando ou você está realmente tentando me matar?

— Agora — ele rosnou, — normalmente seria o tempo em que eu a aviso para ficar longe de mim e se trancar em um quarto. Mas eu quero saber o que aconteceu com a succubus.

— A cadela se assustou quando me viu. Disse que era seu

trabalho pôr você na cama. Não faço ideia o que diabos ela estava falando, mas ela me atacou e eu me defendi. Desculpe, eu matei a sua amante?

Ele ignorou isso.— Estava lutando contra ela quando você se machucou?

— Isto? — Ela levantou a mão. — Sim. Ela, então, fez a pior coisa que poderia ter feito, ela colocou os dedos sangrando na boca.

Presas saíram de sua gengiva, saliva subiu sobre sua língua e sua pele começou a suar. Merda. Ele tropeçou para trás.

— Se. Afaste. Sua voz, deformada com a necessidade, não soava como a dele.

— Thanatos, o que há de errado? — Ela se aproximou dele, o cheiro dela nublando o ar. Sangue e mulher, ambos aromas irresistíveis, tinha seus desejos guerreando entre si. Pelo menos a direção de matar tinha tomado uma carona na luxúria e fome.

Ele balançou a cabeça, incapaz de falar, sem que ela visse suas presas. Eles eram a sua vergonha secreta, ferramentas sujas que ele indiscriminadamente usou durante os anos após a sua maldição quando ele ia a um tumulto. Quando ele surgiu a partir desse momento escuro, ele aprendeu que ele era uma espécie de... pai de uma raça, e isso era algo que não era exatamente motivo de orgulho.

Desde então, desde que ele se manteve bem alimentado com os vampiros que ele guardava aqui em sua casa, não houve problemas. Mas ultimamente ele estava distraído, e entre a violência em todo o mundo e a condição louca de Regan, ele não havia se alimentado corretamente.

— Thanatos?

Ele virou-se para que ele pudesse falar. — Agora seria um bom momento para ir.

— Ou?

Fechando os olhos, ele inalou, e sua boca encheu de água. Ela cheirava a batalha e luz do sol, morte e mel, e sua virilha agitou. — Ou...

Ele não se lembrava de como se moveu. Não tinha idéia de

como ele se viu esmagado contra Regan, prendendo-a na parede, como fundiu sua boca na dela. Ela estava tensa debaixo dele, sua participação no beijo estava duvidosa, mas misturado com o aroma de sua fúria estava a excitação, tão pura e nítida quanto a dele.

— Você terminou o livro? — Ele espalmou seu peito através do sutiã esportivo. — Você gostou do que leu?

Sua mão caiu para embalá-lo através de sua calça e ele adivinhou que era um sim. Desejo, ardeu para ele e seus quadris fizeram uma jogada involuntária em sua palma Isso foi estúpido., era muito mais perigoso do que qualquer um dos jogos que tinha jogado no passado. Com ela, seu controle era limitado e neste estado de espírito, era uma corda frágil pronta para arrebentar.

Sem penetração. Apenas lembre-se... sem penetração.

Desastrado com o cordão de sua calça, ela empurrou sua língua em sua boca enquanto ela aprofundou o beijo, transformando-o em uma posição dominante. Ela ainda estava lutando, esta guerreira Aegi, e quando ela mordeu o lábio com força suficiente para tirar sangue, ele estava pronto para jogar para baixo com ela.

Ele baixou a mão até a cintura e deslizou os dedos sob o elástico de sua calça para embalar sua bunda e trazê-la contra ele. Seu gemido se juntou ao seu ao sentir seu pau duro pressionando contra seu núcleo. Ela conseguiu colocar a mão em suas calças, e no primeiro contato de seus dedos na ponta do seu pênis, ele quase explodiu.

Sua mão quente fechou em torno de seu eixo e começou a acariciar. O atrito instantaneamente o deixou sem sentido, como se seu toque fosse mágico, reduzindo-o a um nódulo período limitado de barro. Normalmente ele resistia, sem vontade de desistir de qualquer controle. Demônios femininos tentaram seduzí-lo por milhares de anos, e alguns deles possuíam dons sedutores ou truques, que o obrigava a estar atento em todos os momentos.

Mas ao contrário dos demônios que tinham tentado ir para a cama dele, Regan não tinha chegado a ele por isso, e se sentiu bem para deixar-se ir, mesmo que só um pouco.

Trazendo a sua mão ao redor de seu abdômen, ele chutou seus pés para abrir as pernas, ele arrastou a boca sobre sua mandíbula. Ela

fez um barulho sexy, retumbando em sua garganta, e ele trancou a boca sobre a pele ali, deixando suas presas raspar levemente. Ele não mordeu. Não conseguiu. Ele não tinha mordido um humano em mais de cem anos, uma fêmea em mais de quinhentos e ele não estava prestes a cair em tentação novamente.

Empurrando os pensamentos para longe, ele colocou um dedo dentro dela e gemeu na umidade sedosa. Ela arqueou contra ele e apertou seu eixo rígido, e ele quase se perdeu. Seus traços firmes foram para o céu e em poucos segundos, ele estava balançando em sua mão.

Sua própria mão foi revestida em seus sucos, e ela estava balançando muito, e ela ofegou quando ele deslizou outro dedo dentro da abertura apertada. Porra, ela se sentia bem ao redor de seu pênis, e ele a imaginou na horizontal em um colchão em vez de contra uma parede engajando-se em carícias.

O tecido de sua calcinha e sua calça impediam sua mão e com um grunhido, ele rasgou a calcinha de cetim, deixando a calça um pouco mais solta ainda pendurada em seus quadris. Ele poderia lidar, ele supôs. Especialmente porque ela estava ofegante agora, montando sua mão, e ele estava lá com ela, caminhando sobre a linha tênue entre o prazer e a frustração. Tudo o que levaria a empurrá-lo sobre a borda seria seu polegar sobre a cabeça... ah, sim. Ela tinha lido sua mente. O curso acendeu-o, e, ao mesmo tempo, seus gritos soaram e o aroma de sua luxúria nublou seu sentido. O clímax caiu sobre ele, e ele montou as ondas, enquanto ele trabalhava dela, e quando ela atingiu novamente, assim o fez.

As bolas pulsaram, ele bombeou seus quadris, liberando outro fluxo quente. Tão... bom. Tão... malditamente... bom...

Lá fora, o vento uivava contra a janela, trazendo-o de volta ao foco, quando seu clímax diminuiu. Suas pernas pareciam de borracha, e ele pensou que talvez a única coisa que o segurava em pé era a parede e seu braço ao redor de sua cintura.

Suas respirações eram o único som no quarto até que ela mordeu sua orelha e sussurrou: — Vamos para o quarto para terminar com isso.

Terminar? Seu pênis saltou para a vida de novo, tomando suas palavras a sério. Um fio de admiração por sua resistência subiu sobre ele, mas, ao mesmo tempo, assim como a amargura que ela não merecia, mas que ela estava indo para suportar o peso de qualquer forma.

Ele se afastou dela e puxou as calças. — Nós já terminamos. — disse rispidamente.

Confusão brilhou em seus olhos quando ela desajeitadamente ajustou sua calça e passou a mão em uma toalha. — Eu não entendo.

— Deixe-me tornar mais fácil para você. Ele levantou-se em seu rosto que ele seria bom e claro. — Isso foi um erro. Isso não vai acontecer novamente. Eu não estou disponível, Regan. Vamos trabalhar juntos, mas sei que estou contando os dias até que você esteja fora da minha casa e da minha vida.

Ele preparou-se contra a dor em seu rosto, girou sobre os calcanhares e saiu do ginásio.

Capítulo Vinte e quatro

Ares recebeu a notícia do casamento muito melhor do que Thanatos. Ares simplesmente olhou contemplativamente enquanto descansava no sofá com Cara e um filhote recém nascido de um cão de caça do inferno com um porte enorme ao lado dele, e um bebê Ramreel pulando ao redor de seus pés brincando de subir a montanha sobre o cão deitado no chão. Arik tinha visto muitas coisas estranhas em sua vida, mas a cena doméstica que envolvia bebês demônios e cães infernais era uma bagunça fodida.

Também preocupante era a forma das sombras de Thanatos tremulando ao redor dele enquanto encarava Arik e Limos depois de terem derramado a notícia. Arik esperava que o rapaz ainda estivesse no Submundo para que eles pudessem conversar mais a sangue frio com Ares sozinho, mas não tiveram essa sorte. Thanatos foi curado de uma tentativa de Peste a uma lobotomia e estava tão babaca como sempre.

— Casamento— . Como os punhos se apertavam e se abriam, e Arik tinha certeza que ele estava imaginando o pescoço de Arik neles. — Limos, você percebe que ao quebrar seu contrato com Satanás, você pode ser arrastada para o submundo, que pode aprisionar você? Possivelmente até destruí-la?

— Ele não vai fazer isso — ela disse, pegando a mão de Arik enquanto se sentavam no sofá em frente a Ares e Cara. — Não há nada que Satanás sempre quis mais do que ver o inferno na terra, e me destruir iria estragar muitas profecias apocalípticas. Profecias que nos favorecem como seus campeões durante o Armagedon.

— É um bom plano — Ares disse e Arik prendeu a respiração em antecipação a reação de Than. No caminho para cá, Limos disse que geralmente, se Ares ver o valor da estratégia, Than caía na ação.

Felizmente, ela estava certa, e as sombras ao redor de Than derreteram fora de vista. Ainda assim, sua voz era rouca quando falou.

— Como você vai fazer isso? Seu contrato afirma que *a filha de Lilith deve ser casada com um sangue de anjo, não mais*, o que isso significa?

Limos, em um vestido curto, que tendia a flertar laranja e roxo, encostou-se em Arik, e ficando toda acolhedora, e droga, isso era bom. Parecia certo. — Eu perguntei a Gethel sobre isso. Ela disse que isso é parte das cerimônias de casamento de anjos. Um *não mais anjo* irá nos vincular com o sangue dele ou dela. Posso ter uma marguerita?

Ares deu um suspiro exasperado. — Estou fora da mistura marguerita. E estou assumindo que um *não mais anjo* é um anjo caído? Ele jogou seu braço ao redor de Cara, que se aconchegou contra seu peito. — Onde você vai encontrar um desses?

Nenhum anjo verdadeiro correria o risco de irritar Satanás ao casar sua noiva no lugar de outra pessoa, e Peste matou todos os não caídos um par de meses atrás.

Limos espalmou a coxa dentro do jeans de Arik, e naturalmente, Thanatos se focou nisso, seus olhos pálidos queimaram ouro. Ela estava indo colocá-lo em problemas novamente. — Arik precisa ser protegido.

Todos os olhos se voltaram para Arik. — O contrato diz *não mais anjo* — ele começou. — E se isso não significa um anjo caído? E se é exatamente o que diz?

— O que, como alguém que costumava ser anjo? —. A voz de Than estava grossa com ceticismo. — Eu nunca ouvi falar de alguém ser rebaixado sem cair.

Ah. Bastardo presunçoso. Arik tinha uma contra o Senhor Cavaleiro de cinco mil anos. — Eu conheço. Uma das minhas cunhadas, Idess. Você pode tê-la conhecido no hospital. Ela era Memitim, uma espécie de anjo da guarda, e ela desistiu de suas asas para estar com o irmão gêmeo de Sin, Lore.

— Interessante — Ares murmurou. — Isso poderia funcionar. E certamente não pode machucar.

Arik não queria levantar o quão mal isso poderia machucar. Se a cerimônia de casamento não quebrasse o contrato de Limos e Arik tentasse remover seu cinto de castidade, isso poderia machucar muito. Mas se isso funcionasse...ele quase gemeu em voz alta com a visão em

sua cabeça. Ele realmente nunca pensou que fosse se casar, não quando seu trabalho não permitia namorar muito, e não quando seu modelo de casamento – de seus pais – tinha desligado sua ideia.

Mas ele também tinha se dobrado um pouco ao ver o quão feliz sua irmã estava com Shade. E Kynan não parecia estar sofrendo em seu casamento também.

Este casamento não poderia estar acontecendo do jeito que ele teria escolhido, mas tinha se tornado uma parte importante de sua vida quanto Runa, e se casar com ela era mais do que salvá-la de um destino pior que a morte e salvá-lo de seus demônios que queriam torturá-lo. Isso era sobre a doação de si mesmo a alguém sem reserva, algo que nunca tinha sido capaz de fazer.

Ele sempre teve que esconder coisas das mulheres, seu passado, seu trabalho, mesmo seu temperamento. O resultado eram sempre relacionamentos curtos em que ele não se permitia comprometer. Mas Limos sabia tudo sobre ele, ela definitivamente poderia se prender contra ele, e ele tinha absolutamente se comprometido.

— E Peste? — Than perguntou. — Outros demônios podem esquecer você se Satanás não precisar de você para falar o nome de Limos, mas nosso irmão é dono de sua alma. Ele vai querer você morto mais do que nunca, por nenhuma outra razão do que para ver Limos sofrer.

— É um risco que estou disposto a correr. Arik encontrou o olhar gelado de Than com seu próprio olhar firme. Arik não estava recuando. — Eu tenho o compromisso de sua irmã e dei minha palavra. Vou lidar com Peste quando chegar a hora.

Than encarou por um longo momento, e então, finalmente ele assentiu, e Arik sentiu como se tivesse passado em algum teste. — Então, onde faremos essa reuniãozinha?

— Grécia é agradável nesta época do ano — Cara disse, acariciando sua mão sobre a bola de pêlo preto ao seu lado.

Limos levantou suas pernas nuas sobre os joelhos de Arik. — É isso. Mas a casa de Than é maior, e quero um casamento enorme.

O pequeno demônio cabra deslizou sobre o casaco do comprimento do tornozelo de Thanatos e tentou subir a perna.

Sorrindo, ele a pegou e fez cócegas sob seu queixo. — Eu a teria levado para uma espécie de casamento forçado.

— Engraçado, Than — Limos murmurou. — Você está sempre apontando o tipo de menina que sou, e sim, eu quero tudo. Um vestido, um bolo, uma cerimônia. Mas nós meio que temos de fazê-lo rapidamente, uma vez que todos querem Arik morto. E também... — ela disse. — É tempo de Natal, e a casa de Than é um paraíso de inveno.

Arik levantou uma sobrancelha. — Vocês comemoram o Natal?

— Não como um feriado religioso. De alguma forma Limos tinha praticamente se arrastado para seu colo sem que ele percebesse, e agora ela se virou e colocou seus braços ao redor de seu pescoço. — Mas sim. Presentes e festas e bonitas decorações. Eu amo isso. Ele amava como ela se ajustava contra ele. — Reseph amava também. Era seu feriado humano favorito.

— Não — Ares disse. — Ele gostava mais de Halloween. Ele viveu para assustar a merda do povo.

Than sacudiu sua cabeça. — Véspera de Ano Novo. Ele planejou sua estratégia de festa meses a frente do tempo para que ele pudesse atingir uma grande cidade em cada fuso horário e receber dúzias de Vésperas de Ano Novo em uma noite.

Os Cavaleiros se lançaram ao redor de histórias das travessuras de Reseph, e por alguns minutos relaxados, Arik teve uma ideia de como deve ter sido para eles antes da partida do selo de seu irmão. E pela primeira vez, ele viu o quanto eles tinham perdido.

Eventualmente, um silêncio constrangedor caiu, e Hal, o cachorro no chão, choramingou como se sentindo a tensão. Finalmente, Ares limpou a garganta e os trouxe de volta para o curso. — Eu não sei como planejar um grande casamento — ele resmungou. — Nós fizemos a coisa simples da praia apenas com Than e Limos.

Cara sorriu. — Limos e eu lidaremos com isso. Você vem comigo, e vamos prepará-lo. Ela deu um tapinha no peito de Ares. Reúna seus amigos infernais junto com seus companheiros do UG e eu garanto que eles vão ajudar.

— Eles não são meus companheiros — ele suspirou, mas Cara o

ignorou.

Ela agarrou o braço de Limos e a puxou para seus pés. —
Vamos Li. Nós vamos ter um casamento até o fim do dia.

Capítulo Vinte e cinco

— Arik, você está louco?

Arik sorriu para sua irmã enquanto ela olhava ao redor na casa de Than, onde os funcionários de todas as famílias dos Cavaleiros estavam lutando para definir as coisas para o que prometia ser uma grande festa.

— Talvez — disse ele, e inferno, podia ser verdade. O que era definitivamente verdade foi a tensão entre Runa e ele, a droga não dita sobre como ele estava evitando suas ligações.

— Eu simplesmente não entendo. Runa esfregou os braços pelo seu suéter Angorá creme. — Limos enviou você para o inferno, e agora você quer se casar com ela?

— Ela não me *mandou* para o inferno. Foi uma espécie de mal-entendido.

Runa lhe deu um olhar que ela geralmente reservava para quando um de seus trigêmeos estava se comportando mal. — Um mal-entendido é quando seu companheiro esquece de gravar seu programa de TV favorito, porque ele estava ouvindo um jogo de futebol em vez de você. Ela olhou para Shade, que lhe deu um sorriso tímido enquanto empurrava o banco e a mesa ao redor. — Um mal-entendido não é quando alguém aterrissa você no inferno por um mês.

— Isso é passado — disse ele. — Este casamento é a única maneira de salvá-la. E, se funcionasse, ele mesmo.

— Então, esse é um casamento de conveniência? Você não a ama? — Runa parecia quase aliviada, e ele então não tinha certeza de como responder a isso.

Ele estava *caído* por Limos, mas ele não podia dizer isso em voz alta. Ainda não. Quando ele dissesse isso, seria para Limos. Ele pode não ter pensado que alguma vez se casaria, mas agora que ele tomou a decisão, ele ia levá-la a sério, e sua esposa seria sua parceira em todos os sentidos. *Ela* seria a primeira pessoa a ouvir as coisas importantes, como o que ele sentia por ela.

— Ela salvou a minha vida — ele disse. — Ela estava preparada para fazer um sacrifício enorme por mim, e agora posso fazer o mesmo por ela. Eu quero isso, Runa.

Sua irmã tomou uma respiração longa e profunda, antes de virar seu olhar sobre ele. — Tudo bem, então. Ela dobrou-se em seus braços e apertou-o com força. — Estou feliz por você.

Abraçando-a de volta, ele beijou o topo de sua cabeça. — Acho que o casamento não a machucou, então há esperança para mim, eu acho.

Ela se afastou para olhar para ele. — Uau. Essa é a primeira vez que você realmente soa como se me aprovasse com Shade.

Ele bufou. — Eu ainda não gosto do bastardo, mas não sou estúpido. Ele é bom para você, e essa é a primeira vez que não há ninguém que eu confie mais para mantê-la segura.

— E você? — a voz de Runa estava baixa e séria. — Você está seguro? Será que este casamento vai colocá-lo em qualquer tipo de perigo? Se o Selo dela quebra...

— Se o Selo dela quebrar, estamos *todos* em um monte de problemas. Ele sorriu, esperando tranquilizá-la. — Limos encontrou seus *agimortus*, e ela está mantendo-o nela até que possamos prendê-lo em algum lugar que vai estar seguro para sempre.

Isso, é claro, era uma questão de discórdia entre os Cavaleiros, o R-XR, e O Aegis. Eles todos fizeram uma breve teleconferência uma hora atrás, para discutir o melhor curso de ação, e, naturalmente, todos pensaram que eles eram as melhores pessoas para salvaguardar a pequena taça de Limos.

— E sobre Peste — ela perguntou. — Ele é o irmão dela, de modo que se ele decide que quer machucá-la através de você?

— Pare — ele disse suavemente. — Tudo vai ficar bem.

Ele orou, soava mais confiante do que estava. Runa não sabia que Arik tinha tido a alma sugada pelo idiota, e se fosse do jeito dele, ela nunca saberia. Ela era forte o suficiente para lidar com isso, ele nunca duvidou de sua força. Mas se ela soubesse, ela nunca pararia de se preocupar e, depois de tudo o que ela passou, ela merecia uma vida livre da coisas feias da vida dele.

— E você? *Você* está bem?

Ela não precisava expandir isso. Ela estava perguntando se o seu tempo no inferno o tinha afetado.

— Eu estou bem. No seu olhar cético, ele revirou os olhos.— Sério. Eu sei que deveria estar uma bagunça babando no chão, mas eu acho que o demônio Seminus que me remendou também pode ter corrigido a minha mente.

Um vampiro passou, os braços carregados com uma caixa de Dom Perignon. Porra, esses Cavaleiros não estragaram por aí, não é? — Ei, ah...

— Não— . Runa recuou. — Não estrague isso com uma conversa sobre o nosso passado.

Ele não havia planejado, exatamente, mas isso estava relacionado, e ele engoliu contra a secura repentina em sua garganta. — Eu só queria dizer que estava arrependido de ter te evitando recentemente. O que eu fiz para você...

— Não foi culpa sua. Pare com isso, ok? E não peça meu perdão, porque não há nada a perdoar.

— Você tem certeza? — Ele olhou ao redor da sala, do jeito que ele tinha feito uma centena de vezes desde que chegou, para se certificar de que mantinha o controle de todos os que entravam e saíam. Você poderia tirar o soldado fora da batalha, mas a cautela sempre permaneceria. E, neste caso, a batalha ainda estava acontecendo. — Os seus pesadelos voltaram?

Ela tinha sido atormentada por pesadelos por toda sua infância e a parte que tinha desempenhado na morte de sua mãe, e arrependimento a tinha comido viva por anos. Até que Shade a tinha liberado de tudo isso.

Culpa brilhou em seus olhos, dando-lhe a resposta que ele temia. — Só por uma noite. Shade terminou com isso. Seus lábios se curvaram em um sorriso secreto. — Confie em mim, não foi horrível.

Arik levantou a mão. — Ok, isso é o suficiente. Eu definitivamente não quero entrar em territoto duro.

— Eca. Nem eu. Ela olhou para Shade, que estava fazendo seu caminho em direção a eles, parecendo o Exterminador na sua jaqueta

de couro preta, óculos escuros e botas grandes que batiam como tiros no chão. — Eu vou fazê-lo me levar para Limos para que possamos fazer as coisas de menina e deixá-la pronta. Eu estarei de volta para a cerimônia, ok?

Ela a abraçou novamente. — Obrigado por tudo.

— Não — ela disse suavemente. — Obrigada você. Até Shade, você era a única pessoa que nunca me decepcionou, e a única pessoa que sempre foi completamente honesto comigo. Você confiou em mim com seus segredos, e você não duvidou da minha força quando eu mesma fiz. Sem você, eu nunca teria aprendido a confiar em qualquer homem. Então, realmente, é por sua causa que eu sou feliz.

Shade surgiu ao lado de Runa e ofereceu sua mão para Arik, que a tomou, e aquela foi a primeira vez que eles balançaram as mãos.

— Boa sorte, homem — Shade disse. — Essa é um inferno de uma família com a qual você está se casando. A voz de Shade abaixou. — Apenas nunca esqueça o quanto os irmãos da sua esposa significam para ela. Porque eu posso dizer por experiência que ela vai colocá-lo no chão, se você se esquecer.

Sorrindo, Runa enganchou seu braço em torno da cintura de Shade. — Amo você, mano.

— Também te amo — Arik resmungou.

Runa saiu com Shade, deixando Arik se afogando em um cozido de conflito que era inteiramente de sua própria criação. Por causa dele, Runa tinha aprendido que nem todos os homens estavam mentindo, enganando, e eram canalhas abusivos. Grande. Impressionante. Dê-lhe uma maldita medalha.

Mas ele *mentiu* para ela, e de repente, não importa o quanto ele disse a si mesmo que as coisas que ele tinha mantido longe dela, as suas — omissões — *não mentiras* — tinham sido para o seu próprio bem, ele não estava certo de que estava convencido mais.

Limos realmente gostava de Cara. Ela tinha gostado desde o encontro com a humana, mas depois de passar o dia com ela, ela percebeu o quão verdadeiramente especial a fêmea era.

Eles haviam feito uma viagem rápida de compras em Nova York, onde Limos tinha comprado um vestido de noiva, sapatos, jóias,

e maquiagem. Todo o mensagens tempo, Cara enviou de texto e ligou para mais pessoas do que Limos conseguia acompanhar, mas ela ouviu os nomes de Sin, Tayla, Kar, Runa, Serena, Gem, e Idess cogitando ao redor. Então, no momento em que eles voltaram para a casa de Ares para deixar Limos pronta, Runa e Idess estavam lá, e Cara saiu com Ares para lidar com algo na casa de Than.

Foi a primeira vez que conheceu Idess, e Limos foi atingida pela morena escultural e como ela era legal. Não que Limos esperasse que ela fosse uma cadela ou qualquer coisa, mas os anjos que perderam suas asas tendem a ser um pouco amargos.

Falando de amargo, Harvester ainda não tinha aparecido. Nem Reaver. Limos não podia deixar seus desaparecimentos arruinar esta noite, mas ela desejava que Reaver estivesse lá para ela. Ele não era seu Observador por muito tempo, mas ela tinha se conectado com ele de imediato. Ele não era como os outros anjos, com ser um pé-no-saco formal. Reaver era realmente... divertido. A noite montanhosa, o tempo como um não caído pareciam ter-lhe dado um conserto.

— Então você está verdadeiramente ok com a realização do casamento? — Li perguntou a ex-anjo enquanto estavam no quarto de Cara. — Você pode estar arriscando muito.

Idess testou o calor da chapinha que pretendia usar no cabelo da Limos.

— Pelo soar disso, *não* fazê-lo seria arriscar ainda mais. O mundo não pode pagar para você estar emparelhado com o maior mal que já existiu. Ela encolheu os ombros. — E, além disso, Arik é irmão de Runa, e eu faria qualquer coisa para a família. Devo muito aos irmãos Sem.

— Idess também tem um pai muito poderoso com o qual poucos se meteriam— . Runa girou em torno de Limos para apertar os botões na parte de trás do vestido de noiva.

Limos olhou admirando o bordado de pérolas requintado na parte da frente do vestido até o chão. — Quem?

Idess sorriu enquanto pegou um pedaço do cabelo da Limos e puxou-o através da chapinha. — Azagoth.

— O Ceifador? — Limos esperava que sua voz não soasse tão

estrangulada como ela pensava que sim. — Ele é o seu pai?

— Sim.

Limos e Idess poderiam ser meio-irmãs. Agora provavelmente não era o momento para mencionar isso, e sinceramente, até que Peste não fosse mais uma ameaça – se ele *chegasse* a não ser mais uma ameaça – que era o melhor manter qualquer um que ele poderia ferir fora de sua esfera de conhecimento. Se ele soubesse que tinha outro irmão, Limos não colocaria isso para passar por ele e torturar Idess por diversão.

— Tudo bem — disse Limos, precisando de uma mudança de assunto. — Então você está bem com isso. Seu estômago vibrou enquanto Runa veio para colocar os saltos de cetim branco em seus pés. — E você, Runa?

— Arik merece ser feliz. Quatro palavras, mas Runa disse tudo. Ela pode não aprovar exatamente, mas ela aceita que isso era o que seu irmão queria.

— Ele realmente merece isso. Eu não conheci muitos homens como ele — Limos disse calmamente. — Arik ... ele me faz querer ser uma pessoa melhor. Dizer a verdade para Arik a fez sentir-se melhor do que dizer qualquer mentira já feita. — Isso é tão sentimental, não é?

— É o dia do seu de casamento. Sentimental é esperado. O sorriso de Runa lembrou a Limos de Arik. Sua coloração era diferente, mas eles tinham a mesma boca, o mesmo formato dos olhos, e os mesmos movimentos precisos e deliberados.

— Posso perguntar uma coisa? — Limos disse, e Runa encolheu os ombros. — Não quero ser rude, mas... o que você é?

Uma das sobranceiras de Runa arqueou. — Você está pensando sobre a minha mudança warg no meio do dia? — Quando Limos assentiu, Runa continuou. — Fui mordida por um lobisomem e deixada para morrer. Arik me encontrou, me levou para o R-XR, e eles experimentaram em mim uma potencial cura. Não funcionou, mas agora tenho a capacidade de mudar à vontade, em vez de apenas nas luas cheias. Agora, chega de conversa de monstro. Ela pegou uma

caixa de jóias pequena fora da cama e abriu para revelar um par de brincos de topázio azul deslumbrante. — Algo emprestado e azul.

Idess entregou a Limos uma liga branca. — Algo novo. E espera por algo velho. Ela cavou em um saco pequeno de cetim e tirou uma pulseira delicada feita de pequenas contas de marfim esculpido. — Isto é da companheira de Wraith, Serena. Ela é uma caçadora de tesouros, e ela achou isso em uma caixa pirata sabe-se-Deus. Diz a lenda que ele foi usado por Eleanor da Aquitânia em seu casamento com o primeiro marido, o rei Luís, o sétimo.

— Ah ... você sabe que o casamento terminou mal, certo? — Limos perguntou.

Idess encolheu os ombros. — Bem, ela não o usou em seu segundo casamento, e esse não se saiu tão bem, também.

— Bom ponto. Limos escorregou a pulseira, a liga, e colocou os brincos. Quando ela estava pronta, olhou no espelho pela primeira vez desde que as outras fêmeas tinham mexido com seu cabelo e maquiagem.

Ela quase desmaiou.

— Você está bem? — Runa perguntou.

Os olhos de Limos ardiam. — Eu... eu estou...

— Linda — Idess terminou.

— Sim— . A voz de Limos era pouco mais que um sussurro.

Meninas humanas em todo o mundo sonhavam com o dia de seu casamento, passavam anos pensando sobre isso em suas cabeças. Mas Limos passou *séculos* fantasiando sobre o que ela faria se ela fosse uma mulher normal, mudando suas idéias como as tendências vieram e foram. Agora, estava finalmente aqui. Ela se sentia bonita, feminina, como a fêmea mais sortuda que nunca.

O celular de Runa tocou, e ela respondeu, então voltou para Limos. — Era Shade. Ele disse que tudo está pronto. Nós temos que chegar lá fora, onde você geralmente projeta um portão.

Limos as levou para fora, e mesmo que sua mão estivesse tremendo, Limos jogou um portão, e então ela, Runa, e Idess entraram, saindo no pátio de neve em frente à entrada. Alguém tinha erguido uma grande tenda e colocou um tapete vermelho, ao longo do

qual um rastro de velas iluminavam o caminho para a porta da frente.

— Uau — disse ela. — Isso é incrível. Thanatos e Ares se aproximaram, ambos em smokings, e ambos sorrindo como tolos.

— Nós vamos estar dentro da casa — disse Runa. — Boa sorte.

As fêmeas correram para dentro enquanto os irmãos de Limos pararam em frente a ela.

— Eu nunca vi nada tão bonito — Than disse, indo para baixo em um joelho para beijar sua mão. Ele era sempre tão formal.

Ares se inclinou para beijá-la de leve no rosto. — Você está deslumbrante.

Limos teve de sufocar soluços. — Obrigada. Ela limpou a garganta da rouquidão. — Quem vai me acompanhar?

— Nós dois. Cada um deles estendeu seus braços, e ela levou-os, andando entre seus irmãos para a entrada de Than.

Quando entraram, ela parou, momentaneamente em reverência. O sorriso cheio de dentes na sala havia se transformado em um verdadeiro País das Maravilhas do Inverno.

O chão estava coberto de neve falsa e glitter. Árvores iluminadas de Natal encheram a sala, e buquês enormes de copos-de-leite, flores prata e branco, e espumantes decoravam mesas carregadas com alimentos e bebidas. Uma fonte de champanhe borbulhava perto da parede, e um fogo enorme rugia na lareira, as chamas jogando uma mistura de cores, da laranja habitual para azul, verde e roxo.

E em cima de um palco improvisado no centro da sala, estavam Idess e Arik. O olhar de Limos trancou em Arik, e seu coração acelerou. Ele estava usando vivo uniforme militar formal que adequava perfeitamente em seus ombros largos, peito profundo, e cintura fina. Em seu quadril, ele usava um coldre preto cerimonial, mas ela duvidava que houvesse algo de cerimonial sobre a pistola enfiada dentro. Suas longas pernas estavam espalhadas um pouco, com as mãos atrás das costas.

Seu olhar intenso perfurou dentro dela. Fome brilhava nas profundezas de seus olhos cor de avelã, tirando o fôlego direto de seus pulmões. Ela sempre o achou bonito, sempre tinha visto o soldado nele. Mas agora, enquanto ele a observava caminhar em sua direção,

ela viu o extraordinário pacote todo o soldado honroso, poderoso guerreiro, amante feroz, o macho lindo de parar o coração.

— Você tem certeza disso? — Thanatos sussurrou em seu ouvido, e embora Arik ter ouvido, ele deu um único aceno lento.

Se houvesse qualquer dúvida antes, tinha ido embora.

— Sim — ela sussurrou de volta. — Eu nunca estive tão certa sobre qualquer coisa.

Capítulo Vinte e seis

Regan odiava casamentos. Sério, odiava. Não só ela desprezava ficar sentada durante a cerimônia entediante, como não entendia o ponto de gastar uma tonelada de dinheiro, a maioria das outras pessoas, quando o dinheiro poderia ser melhor gasto em um pagamento para uma casa ou para a lua de mel . Por que começar um casamento em dívida?

Especialmente quando a maioria dos casamentos termina em divórcio de qualquer maneira. Pelo menos se você gastou o dinheiro na lua de mel, você teve vários dias em um lugar que você provavelmente ama, mesmo que fosse com o babaca que você acabou de se divorciar.

As pessoas diziam que ela era cínica. Uma pessimista. Ela não era. Ela era realista.

Mas, neste caso, não um monte de planejamento tinha ido para o evento, e os Cavaleiros pareciam ter dinheiro para queimar, e Regan não tinha sido obrigada a vestir-se. Ainda melhor, esta não era uma cerimônia de casamento de costume. Esta era mais uma grande festa, com os seres sobrenaturais como convidados.

O grande salão tinha sido transformado em uma fantasia, iluminado com mil velas, pinheiros envolto em luzes e enfeites, confetes esparramados em mesas e estantes. Na cozinha, onde vampiros, Ares e funcionários de Limos estavam preparando salgadinhos para a recepção, o que realmente ia ser um festival de bebidas e alimentos.

Estava assumindo que a cerimônia transcorreria sem problemas.

Embora o clima pré-casamento tivesse sido principalmente edificante, havia um trovão atual de preocupação, o suficiente para que Sin e Lore tivessem usado seus contatos para contratar uma frota inteira de assassinos para atuar como segurança, e Cara tinha contado

com a ajuda de vários cães infernais para patrulhar imediações. Apenas um estava dentro, um filhote nomeado Hal, que era mais desajeitado do que um alce bêbado de três pernas. E, na verdade, ele poderia estar bêbado, Regan o tinha apanhado duas vezes com o nariz na fonte de champanhe.

Em seguida, havia Thanatos, que definitivamente não estava bêbado. O homem era um estudo de graça e de controle quando ele estava perto do palco onde Limos e Arik estavam de frente um para o outro e dizendo seus votos, seu cabelo sedoso loiro emoldurando seu rosto angular, as tranças nas temporas acrescentando apenas a sua beleza selvagem. Seu smoking preto esticado sobre os ombros grossos e abraçava seu bumbum e coxas musculosas em um ajuste tão perfeito que parecia que as roupas tinham sido adaptadas para ele.

E com esse terno lindo... ele usava botas de combate. Se tivesse sido qualquer outra pessoa, ela teria suspeitado que ele se esqueceu de mudar seus sapatos, mas não, não Thanatos. Ele era muito detalhista e muito cuidadoso. Este era o homem que, por horas antes da cerimônia, havia rondado como um tigre patrulhando seu território, verificando todos os cantos, duas vezes, testando armas dos guardas, e parecendo fazer questão de ignorar Regan. Como diabos ela deveria seduzir um cara que tinha evitado ela desde seu encontro no ginásio, como se ela tivesse lhe dado uma doença?

Oh, ela o pegou olhando para ela, o calor depositado em seu olhar queimando sua pele, mas um momento depois, a indiferença fria iria voltar, e ele se afastaria com um ar de demissão arrogante.

O homem era um enigma. Um quebra—cabeça, perigoso, sexy. Ao longo dos últimos dias, ela veio sobre ele ler ao lado do fogo, os dedos acariciando um livro como se fosse um amante. A próxima vez que ela o visse, ele poderia estar armado e sangrento, e o próprio ar a seu redor estalando como uma tempestade de cerveja. Ele não quis falar, nunca ofereceu informações livremente, e seu senso de humor era... estranho.

Sim, Regan sofria de leves questões obsessivo-compulsivas e ela tinha uma tendência de se certificar de que todas as notas que ela tomou em sua biblioteca estavam dispostas ordenadamente em pilhas

de 12. Mas Than parecia deleitar-se em mover uma única página fora uma pilha para outra, apenas para deixá-la louca. E ela sabia que era ele, porque os vampiros negavam tocar em seu trabalho, mas o Cavaleiro... ele não negava. Ele simplesmente a olhava, um canto de sua boca contorcendo em um meio sorriso.

Desviando seu olhar para longe dele, ela voltou sua atenção para os seus arredores, porque apesar da segurança massiva, Regan não se sentia segura. Não quando a segurança era composta de demônios, vampiros, metamorfos, e cães infernais. Isso era como, o oposto do seguro para um Guardiã. Alguém bateu em seu ombro e ela virou-se para encontrar um dos vampiros de Thanatos, Atrius, ali de pé, com uma garrafa do que parecia ser vinho.

— Este é um hidromel muito raro — disse ele. — Feito por ex-monges que usavam seu conhecimento de tomada de hidromel e misturavam com magia sobrenatural.

— E você está me dizendo isso... por quê?

— É o favorito de Thanatos.

Ela olhou para ele com desconfiança. — E?

— É um presente — O vampiro Thae disse. — Um muito obrigado por melhorar o humor de Thanatos.

Ela tinha certeza de que seus olhos saltaram. — Ele está em um humor melhor desde que eu cheguei? — Jesus, o que ele era quando ela não estava por perto?

— Suas mudanças de humor tem sido maiores — o vampiro admitiu ironicamente, — mas ele sorriu mais recentemente do que ele tem desde que perdeu Reseph.

— Huh. Ok, eu acho.

O cara sorriu quando ela abriu uma veia para ele. — Vou colocar o vinho em seu quarto. Sugiro, porém, que você não tome mais do que um par de goles. É forte demais para os seres humanos.

— Obrigado pela dica. Ela não estava planejando beber. Ele disse que o material foi misturado com magia, o que só poderia ser ruim. Mas hey, se Thanatos gostava, era bem-vindo a ele.

O vampiro se afastou, deixando-a sozinha mais uma vez. Sozinha era algo que ela estava acostumada. Sozinha ela gostava.

Do outro lado da sala, Thanatos se virou, e seu olhar perfurou dentro dela. Ao redor deles, as pessoas estavam rindo, abraçando, de mãos dadas. Mas não Thanatos. E não Regan.

Em uma sala cheia de pessoas, eles estavam sozinhos.

Coisa boa, supôs, que ela gostou.

O casamento foi tudo que Limos tinha sonhado. O engraçado foi que como ela estava diante de Arik em uma sala cheia de pessoas e alimentos e decorações bonitas e ela não notou nada disso. Arik era seu foco inteiro, seu mundo inteiro. Ela repetiu as palavras que o Idess tinha a feito dizer, e também Arik, mas as palavras que a encheram de calor pegajoso foram as que Arik falou para Idess que não eram obrigatórias, — Eu vou manter você como minha mulher, minha companheira, meu desejo.

Arik baixou sua voz no final, e acrescentou: — Meu único desejo.

Idess alcançou o athame e o cálice sobre o altar ao lado dela. Com a adaga cerimonial, ela cortou o polegar e colocou o sangue no cálice.

— Segure suas mãos. Gentilmente, ela repetiu o ritual com Arik e Limos, em seguida, bateu cada um de seus cortes com algum tipo de folha de ervas. Ela levantou o cálice. — O seu sangue vai se ligar a você, e pelo sangue de um anjo que não existe mais, você vai se casar. Umedeçam os lábios, e depois falem uma verdade.

— Falar uma verdade? — Arik perguntou.

Idess inclinou a cabeça. — Você deve digitar essa união em uma plataforma da verdade. Cada um de vocês vai revelar um segredo de importância, enquanto o sangue do seu companheiro está nos seus lábios. Quanto maior o segredo, mais forte o vínculo do casamento. Uma mentira vai queimar, mas a verdade vai... você vai ver. Você pode perguntar uns aos outros para divulgar uma verdade específica, ou você pode optar por deixar o outro decidir por si mesmo o que vocês querem revelar.

Ah... Deus. Ansiedade baleou Limos, tentáculos de pânico arderam tanto que ela se desorientou e quase queimou sua pele e desembainhou uma espada como se qualquer inimigo invisível estivesse atacando seu corpo. Como isso poderia ser parte de uma cerimônia de casamento?

Arik tomou o cálice e, sem hesitação, colocou-o aos lábios, os olhos intensos, esfumaçado, como uma floresta em chamas. Quando ele trouxe o cálice longe de sua boca, seus lábios brilhavam carmesim.

— Uma verdade — ele meditou. — Existe alguma coisa que você quer saber?

— As mulheres — desabafou. — Você não me disse sobre elas.

— Isso é porque há mais do que eu me orgulho. E algumas... Eu não me lembro. Uma dor pulsava através dela pelas palavras de Arik, acrescentando mais uma camada de miséria a sua ansiedade. Ela não deveria ter perguntado. — Vinte, com certeza, provavelmente mais. Mas eu te juro, nunca haverá outra, e não uma dessas mulheres que poderia comparar a você. Sua voz estava rouca de emoção. — Então, isso responde a sua pergunta, mas há algo que eu quero te dizer. Eu iria deixá-la tomar todas as mulheres da minha memória, se você quisesse. E isso é a coisa mais honesta que eu já disse.

Ela quase parou de respirar. Que ele permitiria que ela mexesse com suas memórias novamente, dada a importância que era não invadir sua mente, foi uma admissão enorme de confiança e compromisso. Não que ela faria isso mesmo que ela pudesse chegar tão longe e voltar a cortar os fios. Ela nunca iria tocar sua mente novamente. Seus olhos ardiam, e emoção entupia sua garganta. Como tinha ficado tão feliz com este homem?

E, meu Deus, como ela poderia possivelmente merecer?

Ele entregou-lhe o cálice, e suas mãos tremeram quando ela o segurou. Ele a olhou com expectativa. Todo mundo fez. Quando o tremor foi tão intenso que quase derrubou o cálice, Arik tomou-lhe as mãos e gentilmente guiou o cálice à boca.

— Você pode fazer isso — ele sussurrou.

Umidade quente tocou seus lábios e língua, e em seu ombro, ambos os lados de suas escamas mergulhadas descontroladamente. —

Arik — ela respondeu asperamente. — Eu... eu...

Ela devia mentir. Fazer alguma coisa. A compulsão de contar uma mentira cerrou seus dentes. Ela queria lançar as bases para uma ligação forte, mas muitas pessoas estavam ao redor, e era para elas que ela precisava para inventar um conto. Ela tinha estado uma vez diante de uma multidão e atirou-os com histórias fantásticas que levaram à rebelião contra o seu senhor, cada palavra fazendo-a beber com prazer. Mesmo agora, sua respiração veio mais rápida, o sangue fluíu como um rio caudaloso e mentiras giravam em sua mente, lutando para serem escolhidas...

— Hey— . A voz de Arik aprofundou, calmante penetrou seu pânico, e ela percebeu que tinha estado a olhar para todos, menos pra ele. — Meus olhos — disse ele. — Olhe para mim. Eu estou bem aqui.

Como se ela agarrasse uma tábua de salvação, ela se agarrou ao seu olhar, deixando todo mundo cair. *Eu posso fazer isso. Por ele, eu posso fazer qualquer coisa.*

Ainda assim, nada veio. Havia muitos segredos para escolher, e todos eram tão horríveis e dolorosos.

Arik sabia... abençoado seja, ele sabia, e ele veio para o resgate.

— Uma vez que este é o nosso casamento, talvez você pode colocá-lo para o seu ex? — Ele balançou as sobancelhas, arrastando um pequeno sorriso dela. — Você tem um segredo sobre você e ele? —

Medo azedou a boca, porque sim, ela tinha um segredo que ela nunca quis revelar, mas se ela fosse fazê-lo, agora era a hora, e este era o lugar perfeito.

— Eu fui de bom grado ao meu noivado. Ela limpou a garganta. Os olhares chocados de seus irmãos queimaram buracos nela, mas ela os ignorou, mantendo seu foco em Arik e rezando para que ele não fosse odiá-la por esta admissão. — Eu queria ser a noiva de Satanás, e se ele tivesse me tomado na época, eu teria feito isso.

Lá. Ela disse isso. Seu estômago estava ardendo, mas ela tinha feito. O silêncio na sala aumentou enquanto Arik estava ali, impassível, sua expressão neutra.

— Se vocês aceitarem a verdade um do outro — disse Idess — vocês podem se beijar.

A espera... oh, meu Deus, a espera. Limos pensou que seu coração poderia explodir, e então, incrivelmente, Arik se aproximou dela e lentamente, muito lentamente, tocou seus lábios nos dela. Os seus sangues misturaram, suas línguas se encontraram, e um prazer poderoso, intenso caiu sobre os dois. Ela sabia que ele sentia isso também, porque naquele momento, era como se fossem um único ser, mesclados em um êxtase quase orgástico.

Formigamentos se espalharam por seus corpos e o como era dito... a verdade vos libertará? Sim. Ela se sentiu mais livre do que ela já esteve, e quando os braços de Arik vieram ao seu redor, ela se sentia mais segura também. Segura, querida e livre.

— Parabéns — Idess murmurou. — Vocês estão casados.

Arik nunca em um milhão de anos pensou que iria se casar. Ou, mais precisamente, acasalar. O que, no mundo sobrenatural, era um vínculo mais forte do que o casamento, porque geralmente, era físico. Os irmãos Sem, por exemplo, não poderiam sair de seus títulos a menos que seus companheiros morressem.

De acordo com Idess, o mesmo negócio se aplicava aqui também. Esperemos que Limos não queira o divórcio em breve.

Seu corpo estava em chamas com prazer porque ao descer do palco ele perguntou quanto tempo iria durar a sensação. O ritual de sangue e da verdade tinha sido poderoso em tantos níveis, desconfortável, assustador e, no final, libertador. Ele nem sabia o quanto ele confiava em Limos até que ele expressou a sua verdade, e quando ela veio esclarecer sobre seu papel disposta em seu noivado, ele tinha experimentado orgulho por ela confiar nele com algo que deve ter sido uma mancha vergonhosa na sua alma.

Pessoas os cercaram, oferecendo parabéns, abraços e tapinhas nas costas. Parecia que todos, desde o submundo tinham chegado, e a ausência marcante da R-XR de Arik e seus colegas Aegis, deu-lhe um momento de clareza surreal, seu mundo realmente mudou.

Ele queria que Ky e Decker tivessem sido capazes de fazer isso,

mas eles estavam lidando com mais um ataque de uma célula Aegis, assim como um surto repentino de ataques demônio em hospitais humanos. Peste estava claramente tentando paralisar os seres humanos de várias maneiras. Reparariam o mal que estava causando. O bastardo.

Eventualmente, todos se afastaram para mergulhar na comida e bebida, dando Thanatos e Ares a oportunidade de abordá-los. Súbita tensão rolou por Limos.

— Hey. Ela apertou a mão de Arik tão forte que ele pensou ter ouvido a rachadura de suas articulações. — O que eu disse durante a cerimônia...

— Não foi fácil de ouvir — Than interrompeu. — Mas todos nós temos coisas em nosso passado que não são motivos de orgulho. Não podemos manter algo que você fez há milhares de anos contra você

Ares assentiu. — Você não é a pessoa que você era em Sheoul. Nós amamos você, não importa o que, Limos.

As palavras de Ares deveriam ter confortado Limos, mas quando seus irmãos a envolviam em abraços, Arik viu um vislumbre de preocupação em sua expressão, um vacilar em seu sorriso. Mas talvez ele tivesse imaginado, porque um momento depois, ela estava de volta ao seu estado brincalhão, indo na ponta dos pés e colocando seus lábios na orelha Arik.

— Nós poderíamos fugir para um dos quartos vazios de Than.

Ele gemeu, e seu pênis se contraiu, e ele estava tão a bordo, com a sugestão. Pena que todos os observavam. — Por mais que eu adoraria, eu acho que as pessoas iriam perceber.

— E daí?

— E daí... Acontece que eu sei como os irmãos são protetores — ele enlaça duas taças de champanhe de um vampiro passando com uma bandeja — e eu não quero que vocês me matem por fazer a sua primeira vez nada mais do que uma rapidinha em um armário.

— Rapidinha? — Sua risada soou, o belo som adequando-a.

Ele lhe entregou um dos copos. — Sim, rapidinha. E se isso não funcionar, eu não quero que todos no prédio me ouçam gritar quando

os meus dedos forem cortados. A idéia levou seu pênis errante para baixo, bem rápido.

— Vai funcionar — disse ela. — É melhor. Estou com tesão.

Arik engasgou com o champanhe, então engasgou novamente quando Ares bateu-lhe nas costas algumas vezes.

— Você está bem, cara? Não morra antes de você tirar Limos de seu cinto de castidade.

Se engasgou mais. Quando Ares tinha desenvolvido um senso de humor de qualquer maneira?

— Concordo — Limos tocou. — Eu estava ansiosa para perder este hímen há cinco mil anos.

Com isso, Arik não teve tempo nem de engasgar. Ele simplesmente parou de respirar.

Ares agarrou seu ombro. — Talvez vocês dois devessem ir.

Jesus. Ares praticamente despiu Arik e empurrou-os para um quarto. — Eu, ah ...

— Até que dois consumem seu casamento, Limos ainda está sob contrato — Ares lembrou-lhes gravemente.

Por mais que fosse um alívio saber que Ares não estava apenas ansioso por sua irmã ir transar, a realidade da situação assustou. — Nós vamos fugir em pouco tempo — Arik disse. — Essa é a festa de Limos, e eu quero que ela se divirta.

Ares jogou o braço em torno de Limos e deu-lhe um aperto fraternal. — Eu acho que você fez bem com este homem.

Limos sorriu. — Duh.

Ares se afastou, separando a multidão para chegar a Cara, que estava repreendendo Hal por alguma coisa. O cão infernal vira-lata estava olhando para ela com grandes olhos tristes, as orelhas caídas, mas sua cauda estava batendo no chão. Arik esperava que Cara soubesse que estava sendo enganada.

— Eu estarei de volta — Limos disse, dando-lhe um beijo na bochecha. — Eu preciso agradecer Idess e Runa por tudo.

Ele observou-a deslizar para longe, os dedos prendendo o cabelo em sua cabeça. O estilo era impressionante sobre ela, revelando o pescoço fino e bem torneado, mas ele queria seu cabelo e vestido

para baixo, e logo. Realmente, vê-la nua valeria um dedo cortado.

— Parabéns. Regan esgueirou-se ao lado dele com uma garrafa de água na mão. Por alguma razão, ela fez uma careta em seu champanhe. Talvez ela não bebesse.

Talvez ela estivesse grávida.

Ah, maldita. Bile borbulhou em sua garganta. Ele acabou de se casar com a irmã de Thanatos, e ele estava sentado em uma enorme pilha de informações sobre ele. Ele sabia por que o Aegis sentia a necessidade de fazer isso, e ele poderia ter concordado com seus pensamentos de salvar-o-mundo não muito tempo atrás. Mas o que costumava ser preto e branco para ele agora estava misturado em tons de cinza doentio, e seu senso de jogo justo estava gritando.

Thanatos merecia mais do que ser usado como um pino de reprodução. Ele deve ter uma escolha de trazer uma criança ao mundo.

Ele baixou a voz. — Você está grávida?

Ela bufou. — Isso exigiria sexo.

Graças a Deus. — Não faça isso, Regan. Vá para casa e esqueça o plano do Aegis para você.

— Qual o problema com você?

— Eu acabei de entrar pra esta família. Eu não posso manter algo assim da minha mulher.

Regan deu a ele um olhar duro. — Veja, é por isso que eu nunca vou me casar. O casamento tira a sua independência e sua capacidade de pensar por si próprio.

Ele não ia discutir isso, mas ele tornaria muito claro de onde ele estava. — Saia daqui esta noite ou eu direi aos Cavaleiros. Amanhã ele daria uma visita ao Aegis e os convenceria de que Thanatos deveria ser incluído nesta decisão.

Os olhos de Regan brilharam. — Tudo bem. Mas você pode explicar para os Anciões porque eu falhei. E então você pode explicar para o mundo inteiro que o Apocalipse poderia ter sido evitado. Ela olhou para o vidro e deu-lhe um sorriso maligno. — Aproveite o seu champanhe. Ela se afastou, deixando-o de olho em sua bebida e se perguntando por que ele se sentia como se o mundo estivesse sobre

ele.

Que seja. A Guardiã espinhosa não iria ferrá-lo no dia do seu casamento. Ele encontrou Limos, que esvaziou o champanhe, jogou o vidro no fogo, quebrando-o, em seguida, soltou um grito alto. Todos ao redor da sala irromperam em aplausos e dança. Limos agarrou sua mão e arrastou-o para uma alcova semiprivada.

— Você é um pouco atrevida — disse ele, quando percebeu o que tinha feito. — Você distraiu todos eles.

— Sim. Ela segurou a parte de trás de sua cabeça e puxou-o para um beijo. Sua língua era quente, sua boca molhada, e em dois batimentos cardíacos ela estava tão dentro dele que ele a tinha empurrado contra a parede. Ela ronronou sua aprovação e enrolou seus braços em volta de seu pescoço. Ele deixou suas mãos derivarem para baixo em seu quadril quando ele lambeu e mordiscou seus lábios.

Deus, ele se sentiu bem, e quando ela se arqueou, apertando os seios em seu peito, ele estava perdido na sensação.

Perder *ela*.

— Eu te amo — ele sussurrou, e seu coração quase parou quando ela congelou.

— O que você disse?

Merda. Ele tinha acabado de arruinar tudo, não tinha? Bem, não havia retrocesso agora. — Eu te amo. Eu não tenho certeza de quando isso aconteceu, mas aconteceu, e eu não me arrependo.

Ela fechou os olhos e, quando ela abriu, eles brilharam com uma luz líquida roxa. — Eu nunca pensei que eu iria ouvir alguém dizer isso. Seus dedos enfiaram através de seu cabelo, segurando firmemente. — Eu também te amo, Arik. Além disso, — ela disse, — eu quero crianças.

— Agora?

— Sim. Ela balançou a cabeça. — Quero dizer... meu relógio biológico esteve correndo por cinco mil anos. Mulheres humanas pensam que o que elas têm é ruim. Mas não seria inteligente. Não até que a ameaça de Peste estiver longe. A pior coisa que eu posso imaginar é estar grávida e ter meu Selo quebrado. Mas sim, eu quero crianças, de modo que devemos praticar. Muito.

Ele engoliu mais e mais, até que ele sentiu que podia falar sem soar como uma mocinha grande. — Eu acho — ele respirou, — que é hora de ir para casa.

Com um sorriso malicioso, ela deixou cair a mão para sua virilha para acariciar sua ereção se esforçando através de suas calças. — Você acha que pode fazer isso?

— Não se você continuar assim.

Suas mãos voltaram-se para os ombros. — Eu não posso esperar para fazer amor com você — ela murmurou. — Eu esperei tanto tempo, e agora eu estou feliz que eu vou. Eu estou tão feliz por ser você, Arik.

Ela não poderia ter dito nada melhor. Tomando-lhe a mão, levou-a para fora da enseada.

Eles caíram no meio da multidão e saíram pela porta da frente sem serem vistos, mas quando eles saíram através da tenda, a voz de Ares soou.

— Vocês pensaram que poderiam fugir, hein?

— Esse era o plano — Arik murmurou, e então eles foram engolidos nos braços dos Cavaleiros. Thanatos e Ares pegaram os dois em um abraço de urso.

— Venha pela manhã — disse Ares. — Eu tenho um sentimento de que submundo vai estar agitado.

— Sem dúvida — Than acrescentou. — Fique longe de problemas.

— Nossa irmã nunca foi boa nisso — uma voz chamou.

Arik e Limos giraram quando Peste saiu da escuridão.

Capítulo Vinte e sete

Deixe para Pestilance arruinar a noite de casamento de Limos, e enquanto ele se aproximava, segurando uma espada em uma mão e a cabeça de um cão do inferno em outra, o seus dedos caíram para o estômago. Arik a puxou perto, colocando uma perna em frente a ela em uma sutil posição de bloqueio para protegê-la.

Peste jogou a cabeça decepada na neve, o sangue criando uma lama grotesca ao redor. — Não se preocupe, seus guardas não estão todos mortos. Apenas retirados por meus servos.

— O que você está fazendo aqui? Than rosnou. Ele estava com armadura, e Ares também.

— Fiquei magoado que não fui convidado para o casamento. Peste embainhou sua espada, o barulho de sua armadura ressoando no ar gelado da noite. — Mas eu trouxe um presente de qualquer maneira.

Limos agarrou a mão de Arik em um forte aperto. — Não queremos nada de você.

— Não é para você querida irmã— . O sorriso cheio de dentes de Peste era a própria definição do mal. — É para Arik. Mantendo o tema do casamento, trouxe a você o dom da verdade.

A visão de Limos borrou com alarme enquanto ela puxou Arik e preparou para se lançar no portal. — Vamos. Vamos embora.

— Você não vai a lugar algum. Peste chutou a cabeça do cão do inferno, e isto se chocou com o vestido de Limos, respingando sangue em todo o lindo tecido acetinado.

— Seu bastardo. Arik avançou, e Limos, vacilando com o choque, não pôde impedi-lo.

Agradecidamente, Thanatos pegou Arik pela cintura. — Para trás, irmão. Ele não vale a pena.

— Não se preocupe. Não pretendo matar Arik até ele ouvir o que vim para dizer. As presas de Peste brilharam como pingentes de

gelo na escuridão. — Limos, conte ao seu novo companheiro e seus irmãos, a verdade sobre sua fuga de Sheoul.

— Reseph, não. Limos engoliu o nó de *oh merda* em sua garganta. — Por favor, não faça isso.

Ela podia jurar que viu algo familiar, algo lamentável, nos olhos azuis gelados de Peste, mas então não importava, porque enquanto Ares não baixou sua lâmina, ele olhou para Limos. — Do que ele está falando?

— Não importa—. De repente, esfriou, ela esfregou seus braços e olhou para Ares e o que seus irmãos imaginavam. — Vamos deixar isso passar. Não deem ouvidos a ele.

— Acreditem em mim — Peste disse. — Vocês vão querer ouvir isso.

Ansiedade disparou, e ela juntou suas mãos em desespero. — Estou implorando a vocês, irmãos. Voltem para dentro e finjam que Peste nunca esteve aqui. Ela se moveu para frente, seus saltos altos perfurando através do gelo suavizado pelo sangue do cão do inferno. — Você disse que me ama, não importa o que, então isso não é importante. Por favor. Volte para dentro.

O silêncio se estendeu. Ares e Than trocaram olhares, e então Thanatos liberou Arik, que ainda estava encarando Peste, e Ares embainhou sua espada.

— Saia daqui Peste, inferno — Thanatos caminhou até seu irmão e ficou tão próximo a sua armadura que seus narizes quase se tocaram. Uma brisa chicoteou seus cabelos até que obscureceram seus rostos e misturou seus fios, pálidos, um emaranhado de loiro quente com platina fria. — Limos é nossa irmã, mas você não é mais nosso irmão, e você fodeu com a gente muitas vezes.

Outro flash de dor cintilou nos olhos de Peste, e ele vaiou. — Eu ainda nem comecei a foder com você. Ele agarrou a parte de trás da cabeça de Thanatos e chocou sua testa junta tão forte que o estalo dos crânios ecoou profundamente no ar da noite.

Than rosnou em ultraje, e eles rolaram na neve e no gelo, punhos voando. Ares e Arik foram por trás de Peste, mas o filho da puta retalhou com uma lâmina, capturando a bochecha de Than

enquanto ele rolava a seus pés.

— Você sabe quem tem fodido com você? — Peste gritou. — Sua doce irmã virgem. Ela não escapou de Sheoul. Ela enviou os demônios que nos atacaram em primeiro lugar, e então ela nos encontrou, mentiu sobre sua fuga, e nos convenceu a começar a guerra.

Thanatos permaneceu sentado no chão. Sangue correndo de sua bochecha e boca. — Li? Quer dizer a este babaca que ele está cheio de merda?

— Isso me faria uma bolsa de colostomia, idiota — Peste entrou na conversa, lembrando a ela tanto de Reseph que seus olhos ardiam.

Mas sim. Ela queria dizer a seus irmãos que Peste estava cheio de merda. A compulsão para mentir era tão grande que o lado mal de sua balança caiu para baixo. Ela deslizou seu olhar para Arik, que estava olhando para ela como se ele completamente esperasse que ela explicasse que tudo não passava de um grande mal entendido. Ele se moveu em direção a ela, mas ela recuou, incapaz de aceitar conforto dele, não quando ela não merecia.

— Limos? — Desta vez, a voz de Than estava cortada, apertada com medo. — *Diga que ele está mentindo.*

— Não posso — ela murmurou.

Ares soltou um rosnado repugnante. — Quem te obrigou? Com o que você estava sendo ameaçada?

— Você acha que ela foi coagida? — Peste riu. — É claro que você acha. Limos nunca iria nos trair por conta própria. Ele levantou uma sobancelha loira para ela. — Vá em frente. Explique-se irmãzinha. Rainha do Submundo.

— Cale a porra dessa boca— . Mais uma vez, Arik foi para Peste, e desta vez, foi ela, a bolsa, a idiota, quem o impediu de fazer algo que ele não viveria para se arrepender. Quando ela agarrou seu braço, ele se acalmou, embora ele inclinasse seu corpo de modo que qualquer movimento de Peste feito contra ela, pegaria nele primeiro.

Deus, ela não merecia ele.

— Limos — Ares disse calmamente. — Explique-se. A palavra não foi menos que um comando por seu tom suave, e ela engoliu um

pouco de ar como se fosse feito de coragem.

— Fui criada para ser um demônio — ela começou com uma voz trêmula. — Você sabe disso. Mas o que você não sabe é que eu era tratada como uma princesa. Eu... Nós... éramos todos parte de um plano. Desde o início, talvez a partir de nossa concepção, Lilith e Satanás planejaram nos usar para trazer a destruição sobre a raça humana. Seus músculos se contraíram enquanto ela forçou a próxima informação. — Então, quando era tempo, eu fui enviada para a superfície para estudar vocês. Para descobrir seus pontos fracos.

— Você nos espionou? — Ares perguntou.

Ela assentiu. — Por um ano. Você nunca me viu, nunca soube que eu estava lá.

Uma sombra escura passou pelo rosto de Ares, tornando sua expressão em pedra. — E o que exatamente você aprendeu?

— Que suas fraquezas são seus entes queridos e sua arrogância em pensar que pode protegê-los. Than, a sua é ser amante da paz, é a sua natureza. Reseph, é a incapacidade de se concentrar em qualquer coisa.

Ares ficou tenso como aço, e ela sabia que ele tinha chegado ao fim da sua história, antes de ela sequer chegar ao meio. — Vá em frente. Sua voz estava morta. E para ele, ela provavelmente também estava. Mas ele e Than tinham dito que a amavam não importava o quê, e ela teve que se agarrar as suas palavras. — O que você fez depois de aprender o que precisava?

— Eu voltei para Sheoul, e decidi que era tempo de trazê-los ao nosso rebanho.

Thanatos apertou suas mãos no cabelo. — O que você fez?

Sua garganta se fechou. O resto de sua história só piorava a partir daqui.

— Ela enviou demônios para nos atacar — Peste preencheu o espaço em branco, sua voz tão grossa com repugnância que ela sabia que Reseph estava lá em algum lugar, odiando-a pelo que ela tinha feito a ele. — Ela enviou demônios para causar estragos em seres humanos. E então, quando as coisas estavam no seu pior, ela se fez conhecida por nós. Ela fingiu que tinha escapado de uma existência

infernal para nos encontrar e nos dizer a verdade sobre o que éramos.

Os olhos de Ares ficaram negros que iluminavam sobre ela o caminho que eles fixavam em seus inimigos. — Os demônios que torturaram e mataram minha mulher... você os enviou. Não era uma pergunta.

Ela queria vomitar. — Ouça-me Ares...

— Responda-me, droga.

Cada instinto gritava para ela mentir, mas se houvesse qualquer esperança de salvar um relacionamento com seus irmãos, ela tinha que fazê-los entender por que ela tinha feito aquilo. Para fazê-los perceber, que se ela pudesse voltar atrás, ela faria.

— Meu trabalho era encorajá-lo para uma guerra contra os demônios, trazer humanos para ela, a fim de destruí-los. Histeria começou a envenenar sua voz, e ela lutou para mantê-la. — Como eu comecei a fazer isso, não importa. Quanto mais dor você experimentasse, mais profundo seu ódio pelos demônios seria. E uma vez que fosse corrompido pelo ódio e autoaversão, seria fácil trazer para fora seu lado demônio.

— Minha esposa morreu por sua ordem? — Ares rosnou. — E sobre meus filhos? Você planejou matá-los também?

— Você os mandou embora antes que isso pudesse acontecer — ela resmungou. — Mas eu não os queria mortos Ares, eu juro.

Peste soltou uma gargalhada. — Só porque como descendentes de Ares, eles eram potencialmente poderosos.

Verdade. Eles poderiam ter sido úteis enquanto cresciam. Infelizmente, eles se tornaram vítimas da guerra dos demônios, então sim, ela era responsável, indiretamente. Ela arriscou um olhar para Arik, que olhava para ela em silencio atordoado. Vergonha constringiu seu peito, e quando ela olhou para seus irmãos, o ódio e a decepção em seus olhos, constringiu todo o resto.

— Os demônios massacraram a maioria da minha família — Thanatos disse, sua voz tão fria que ela tremeu. — Eu assisti quase toda a minha tribo ser dilacerada por Soulshredders. Você sabe como eles matam, Limos? Pulando em seus pés, ele a agarrou pelo belo colar de pérolas do seu vestido arruinado e foi direto para seu rosto.

— Você sabe?

Sim, ela sabia, mas antes que ela pudesse responder, Arik estava lá, empurrando seu braço musculoso entre ela e Than.

— Para trás, Cavaleiro.

A voz de Than era um ruído de avalanche. — Isso não é sua preocupação humano.

— Tornou-se minha preocupação há uma hora, quando eu bebi o sangue dela de um copo— . Arik disse. — Então, se afaste porra. Agora.

Ninguém ficou mais chocado do que ela quando Thanatos a liberou. Mas ele não tinha terminado com ela. Não por um longo tempo.

— Isso me lembra — Peste disse casualmente. — Eu já enviei milhares de Soulshredders no reino humano. As coisas ficarão muito divertidas, muito em breve.

Ares apontou um dedo para Peste. — Nós vamos lidar com você mais tarde. Ele se virou para Limos. — Mas você.... Ele praticamente cuspiu o *você*.— Você é tão ruim quanto ele. Pelo menos Peste tem a desculpa de ter o Selo quebrado.

Seus olhos ardiam com lágrimas não derramadas. — Você disse que me amava, não importava o quê. Você disse que não resistiria o que eu resisti milhares de anos atrás contra mim...

— Isso foi antes de eu saber que você é a responsável pela morte de todos que eu amava — ele rugiu. O ódio de Ares a perfurou tão ferozmente que ela tropeçou para trás, dor irradiando através de seu peito.

— Você sabia como o Céu iria reagir? — Thanatos exigiu. — Você sabia que os anjos seriam enviados para nos punir e amaldiçoar como Cavaleiros?

— Não — ela respondeu asperamente. — Isso não fazia parte do plano. Vocês eram o meu presente de casamento para Satanás. Seus dedos flexionaram aos seus lados. — Antes mesmo de nós nascermos, ele tinha previsto que iríamos desempenhar um papel no Apocalipse, mas ele não sabia como. Então era para trazer vocês a ele. Mas eu fui muito lenta. Lúcifer me avisou que o Céu só iria tolerar tantas vítimas

humanas antes de eles entrarem em ação. Eu calculei mal, e antes que eu pudesse levá-lo para Sheoul, os anjos interferiram e todos nós fomos amaldiçoados por eles para sermos Cavaleiros.

Ela tinha pagado por seu fracasso em sangue. Depois de dois meses de tortura, ela foi enviada de volta para o reino humano para compensar seu erro.

— Conte-lhes o resto — . Peste cruzou seus braços sobre seu largo peito, o metal tilintando alto no ar frio da noite. — Diga-lhes como você trabalhou contra nós por centenas de anos para quebrar meu Selo. E conte a eles como você foi a responsável por roubar a Deliverance do Aegis, não porque você não acreditava no Aegis para mantê-lo seguro, mas para que você pudesse destruí-lo e impedir Ares e Thanatos de me matar se meu Selo quebrasse. Peste arreganhou suas presas em um sorriso diabólico. — A melhor parte de tudo isso? Ela matou Sartael para calá-lo, não é mesmo? Você pensou que ele era a única pessoa que poderia encontrar seus *agimortus*, mas você estava disposta a abrir mão disso só para proteger o seu pedaço de merda. Você ficou de saco cheio com a pessoa errada, Limos. Sartael era o bichinho de estimação de Lúcifer e Lúcifer jurou tirar sua fúria sobre todos vocês. Assim, Limos não só arruinou suas vidas antigas, ela vai foder a merda das suas atuais, também.

— Limos — o grande corpo de Ares tremeu com um tipo de raiva que ela raramente via e ela já o tinha visto como um assassino com muita raiva. — Você está mentindo, seu soldado manipulador do inferno.

Agonia apertou seu coração, tão poderoso que ela gritou. — Ares, por favor...

— Por favor? — Peste cuspiu. — Você deveria ser a puta de Satanás, não dos humanos. O Lorde das Trevas iria dar a você a dor que merece...

Rápidos tiros de fogos soaram, e metade superior da cabeça de Peste explodiu em uma grotesca chuva de ossos, sangue e cérebro.

— Cristo — Arik disse calmamente, enquanto ele guardava sua arma. — Você nunca cala a porra da boca?

Peste caiu de costas na neve encharcada de sangue, mas mesmo

enquanto ele caía, ele abriu o portal e arremessou seu corpo destruído por ele.

Limos olhou para Arik, que estava olhando para ela como se ele não a conhecesse de todo. Angústia apertou o sangue direto para fora de seu coração. — Sinto muito, Arik .

— Oh Limos — ele murmurou. — O que você fez?

Capítulo Vinte e oito

O barulho começou primeiro. Depois as expressões confusas.

— Ah, Jesus — Arik disse. — Ah, porra, eu disse seu nome. Enquanto ele não estava exatamente miserável, era justo dizer que havia sofrido por ter ido lá embaixo. Maldita merda do inferno, Limos, chegou a dizer seu nome com um pedido de desculpas apavorado, quando alguns dos mais perversos, dos mais cruéis demônios do submundo não poderiam fazer com tortura.

Ares lembrou-os que o seu contrato com Satã não estava quebrado até que fosse consumado o casamento, e agora eles estavam ferrados.

— Temos que ir! — Limos abriu o Harrowgate justamente quando a maior, mais feia besta que Arik já vira chocou-se para fora da terra coberta de gelo. Pedacos de terra congelada e gelo do tamanho de contêineres de trem tombaram pelo ar e caíram ao redor deles. De dentro da fortaleza, os obstinados correram para fora, preparados para lutar.

— Vai! — Enquanto atirava Arik olhou aquilo. E balançando a cabeça, arrastou Limos pelo portal.

Eles saíram em uma sala estranha, decorada como uma casa de praia. — Onde nós estamos?

— Minha segunda casa Havaiana. Eu não estava pensando. Eu só... Eu tinha que nos levar a algum lugar. Ela engoliu. Arik, eu sinto...

— *Sente?* Você mentiu pra mim, traiu seus irmãos, deixou suas famílias morrerem, e você se *desculpa*?

O chão tremeu e retraiu quando ela o agarrou pelo colarinho. — Por favor, Arik, eu juro, eu queria te contar... Era como se toda a ilha estivesse balançando, como uma tampa de panela fervendo.

A adrenalina e o senso de autopreservação de Arik voaram longe. — Não importa. Eu tenho que foder você. Agora. É, aquilo era totalmente sexy.

Limos não hesitou. Levantando-se, ela arancou seu vestido sangrento do pescoço até a bainha, rasgando-o ao meio. A respiração de Arik vacilou com a visão, ela em um sutiã branco e rendado, o cinto de pérolas e meias brancas na altura da coxa. Ela usava uma liga branca, que se unia ao topo das meias na coxa.

Se as coisas fossem diferentes, significando que ele não estivesse chateado como o inferno e não tivesse o rei de todos os demônios atrás deles, ele tiraria tudo aquilo com os dentes

Um uivo horripilante rasgou o ar, e a parede atrás dele explodiu para dentro. Gritando, Limos abriu um portal e arrastou-o por ele. Eles desembarcaram no que parecia ser uma selva, úmida, gotejante, animais gritando. Limos girou em direção a ele.

— Depressa — ela ofegava. Cara, fale sobre pressão. Ele deveria buscá-la enquanto hordas de demônios tentavam matá-lo e o próprio Satã batia na porta.

Mas então, Limos tropeçou e o alcançou indo para junto dele.

À distância, o barulho começou de novo.

— Arik. Os olhos cor de violeta de Limos estavam suplicantes — Ele está vindo por mim.

Tão chateado como ele estava, tão ferido como estava, ele ainda a amava. E não ia deixá-la ser tomada. Caindo de joelhos, ele pegou as pérolas de castidade, hesitando a um centímetro de distância. — Se isso não funcionar...

— Vai funcionar — Ela prometeu.

— Mas se não funcionar... — Ele inalou uma respiração irregular. — Se não funcionar, desculpe-me.

Uma única lágrima formou-se no canto do seu olho e escorria pelo seu rosto — Desculpe também.

Preparando a si mesmo, os seus ouvidos vibrando com o que soou como um trem de carga caindo sobre eles, ele passou a mão ao redor de seu cinto de castidade.

E nada aconteceu.

— Santa merda — Ela praguejou. — Funcionou. Quebre!

Pondo a outra mão, ele agarrou a corrente fina, espantado de que algo tão delicado pudesse ser tão forte e mortal, e puxou-a para

fora. Minúsculas pequenas pérolas voaram por toda parte, chovendo no exuberante chão da floresta.

— Por favor, Arik. Agora.

Ele olhou para baixo e praguejou. Isso não era difícil. Isso não era um fodido trabalho. Mas então, Limos sentou-se e o levou na palma da mão. Antes que ele pudesse sugar uma respiração, sua boca estava sobre ele, sua chicoteada verbal na cabeça de seu pênis, apesar do terremoto que estava ficando mais intenso ao redor deles, preliminares agitadas.

Ele sempre soube que o perigo era um afrodisíaco, e como se verificou, era verdade. Adrenalina ondulando, seu corpo ficou seguramente fora de projeção, pronto para a ação. Seu sangue estava quente, e a boca de Limos era de seda mágica.

Uma árvore a poucos metros veio abaixo com um estrondo e um rugido terrível soou para fora. Apesar do fato de ele não estar totalmente ereto, ele empurrou Limos no chão e segurou seu núcleo, deslizando o dedo ao longo de sua fenda. Merda. Eles nem sequer tiveram tempo para deixá-la molhada.

Um rosnado rasgou o ar, e ele jurou que sentiu o hálito quente e rançoso em sua bochecha.

— Faça!

Ele apertou os quadris para frente e entrou nela em um golpe. A barreira dela cedeu, e ele caiu contra ela, segurando-a com tanta força que ele duvidava que ela pudesse respirar. Ambos estavam tremendo, e em sua mão estava o punhal que tinha prendido ao seu tornozelo antes do casamento. Ele nem sequer se lembrava de agarrá-lo, mas estava pronto para usá-lo. Ninguém, nem mesmo o próprio diabo ia levar Limos sem luta.

Houve um grito, distante terrivelmente irritado, e depois o barulho parou. A selva ficou em silêncio, e os únicos sons que se podia ouvir eram a respiração ofegante de Arik e uma libra pulsando em seus ouvidos.

Cuidadosamente, porque todos os músculos do seu corpo pareciam de borracha, ele afastou Limos.

Ela agarrou seus bíceps, suas brilhantes unhas cor-de-rosa

cavando em sua pele. — Arik, por favor...

— Eu não posso. Ele se levantou, abotoou as calças e tirou a jaqueta do uniforme. Depois de ajudá-la a levantar, ele a envolveu em seu casaco. Ele não era apenas um cavaleiro. Chateado como ele estava, não queria que ela se sentisse exposta.

Idiota fodido.

Um filete de sangue gotejava pela sua perna, e ela olhou para baixo, confusa. — De qualquer maneira, eu não pensei no que aconteceria comigo.

A vulnerabilidade em sua voz levou sua fúria a um nível extremo, e se fosse qualquer outra situação, ele teria a puxado em seus braços. — Faça um portal e tire-nos daqui.

Os ombros de Limos caíram. Ela não disse nada, apenas abriu um portal, e entraram, saindo em sua casa principal. Um de seus guardas acenou e desviou os olhos quando percebeu que a cobertura de Arik não chegava a cobrir tudo. Silenciosamente, eles foram para o quarto dela, onde Limos desapareceu no banheiro. Ele sentou-se na cama ao lado de uma caixa rosa e branca.

Curioso, ele arrancou a tampa fora e afastou o papel de tecido. Dentro estava a lingerie mais sexy que já tinha visto. Um simples top de babydoll preto meia-taça, destinado a mostrar os mamilos, tiras cravejadas com o que pareciam pequenos diamantes, e rendas rosa quente costurado nas bordas. Um biquíni preto combinando junto na parte inferior da caixa, e com ele, um par de meias pretas rendadas até a coxa.

Era o sonho molhado de todo homem.

— Era para nossa noite de núpcias — Limos disse por trás dele. Ele não tinha sequer ouvido ela sair do banheiro.

Ele não a olhou. — Acho que não saiu exatamente como o planejado.

— Sim. É bobagem, mas tudo o que eu queria era um casamento humano bonito. Sua voz tremeu... quase imperceptivelmente, mas Arik a conhecia bem o bastante para reconhecer o gorjeio emocional. — Você sabe, como uma garota normal. Não como algum demônio horroroso.

Seu punho apertou reflexivamente sobre a lingerie, esmagando-a, assim como o seu sonho de um casamento perfeito. Como ele podia sentir tanto por ela, e ainda assim, estar tão malditamente raivosos?

— Você não é, Limos. Ele ouviu-a fungar, e ele finalmente passou sobre a cama para olhar para ela e quase corrigiu a sua última declaração, porque ela certamente parecia uma garota normal agora mesmo.

Ela estava vestindo um roupão rosa fofo que a envolvia da cabeça aos pés. Seu cabelo estava molhado, a maquiagem havia ido, e seus lindos olhos estavam inchados e com círculos vermelhos. O que havia com mulheres chorando no chuveiro? Ele lembrou de sua mãe e irmã fazendo a mesma coisa. Elas negavam, mas ele não era idiota, e às vezes ele ouvia os soluços sobre o som da água.

Ele tinha sido tão impotente na época, mas nunca mais. Isso ia contra sua natureza, deixar uma mulher sofrer, e ele ficou em pé para ir até ela.

Ele só tinha dado dois passos, quando a porta se abriu e Ares caminhou para dentro, sua expressão uma nuvem negra. Ele avaliou a situação em uma batida do coração, sabia que a ameaça a Limos tinha passado.

Pelo menos, a ameaça do submundo havia passado. A ameaça de Ares ainda estava sobre a mesa, e Arik moveu-se para interceptar.

— Dê a ela algum tempo — ele começou, mas Ares o cortou com um grunhido.

— Tempo? Ela teve cinco mil anos para isso.

— Ares. A voz de Limos estava desesperada. — Ouça-me...

— Eu já ouvi o suficiente! — Ares avançou, e Arik encontrou a cabeça do cara grande.

— Não, Cavaleiro. Nem mais um passo. Sugiro que saia agora. Ele esperou, peito a peito com Ares, agressão fluindo através dos dois centímetros de ar entre os narizes.

Arik não tinha dúvida de que ia ser espancado, mas o inferno que ele não iria causar algum dano antes de cair.

Ares arreganhou os dentes, e um baixo rosnar animal retumbou em seu peito. — Ela é minha irmã. Eu vou lidar com isso.

— Ela é minha esposa — Arik revidou. — Marido supera irmão. Então dê o fora e não volte até ter o seu maldito temperamento sob controle.

Uma pulsação tensa passou. Então duas. Em seguida, cerca de um milhão, e assim que Arik pensou que poderia muito bem dar o primeiro soco e começar a festa, Ares deu um breve aceno de cabeça.

— Eu vou porque o respeito, humano. O que você nos fez não pode ser reparado. Seu olhar negro passou para Limos. — Mas isso não está acabado.

Ares afastou-se, e Arik praguejou, toda a ilha suspirou de alívio.

A mão de Limos caiu em seu ombro. — Você me odeia?

Fechando os olhos, ele se virou para ela. — Não. Ele dobrou-a em seus braços, sua raiva fluindo enquanto sua adrenalina caía. — Eu odeio que você tenha mentido para seus irmãos por tanto tempo, mas eu não odeio você— Ele a beijou na cabeça. — De qualquer modo, eu tampouco acho que seus irmãos a odeiem.

Um tremor sacudiu a cabeceira, um lembrete de que apesar de todo o poder que ela carregava naquele corpo, ainda era vulnerável à dor, e agora, ela era tão emocionalmente frágil quanto provavelmente jamais fora. O desejo de corrigir isso fez o seu coração doer. Dê-lhe um M16 ou um motor Humvee desmontado da FRITZ, e ele sabia o que fazer.

Uma mulher quebrada o deixava com aquela sensação horrível de impotência... e um desejo primitivo de matar quem a tinha machucado. Infelizmente, seus irmãos tinham a coisa da imortalidade a seu favor.

Seus braços enrolaram ao redor de sua cintura, e ela enterrou seu rosto contra seu pescoço. — Faça amor comigo, Arik. Faça tudo isso ir embora.

Isso ele podia fazer. Não, nada podia fazer o que havia acontecido esta noite sumir completamente, mas ele podia distraí-la um pouco.

Finalmente sentindo que poderia ajudá-la, ele deixou suas mãos derivarem para baixo até a parte de trás do roupão, acariciando, aliviando a tensão dos seus músculos. Lentamente, ela começou a

responder, beijando seu pescoço, apertando os seios fartos contra seu peito.

— Oh, sim — ele murmurou, seu corpo ganhou vida muito mais rápido do que ele esperava. Mas ele deveria ter pensado melhor, dado que Limos tinha um jeito de transformá-lo em trapos com nada mais do que um olhar sensual.

Ela olhou para ele, seus olhos escurecendo para um rico, suave ametista. — Toque-me. Suas palavras eram tanto um comando quanto uma súplica, e inferno sim, ele ia tocá-la. E saboreá-la.

Ele segurou-a com o olhar enquanto deslisava suas mãos para frente de seu roupão e desamarrou-o. A faixa caiu e o tecido se separou. Seu magnífico corpo foi exposto, maduro, à espera de ser arrancado e comido como um succulento pêssego. Sua boca, na verdade, regada.

Excitação testou sua paciência, porque, enquanto ele queria cair de joelhos e usar a língua para fazê-la gritar, ele ia fazer isso direito. Ele ia reverenciar o seu corpo e fazer isso durar.

Inclinando-se, beijou cada ombro enquanto baixava o roupão. Jogado no chão, ele o chutou para longe para que nada estivesse tocando sua pele cremosa, exceto seu Selo e o pingente agimortus.

Quando ele levou a mão até o contorno de uma mama, ela ofegou seu nome e jogou a cabeça para trás. Ele aproveitou a oportunidade para devastar seu pescoço com beijos enquanto a acariciava. Seu corpo longo e magro era a definição de elegância, a mistura perfeita de duro e macio, e por um instante, ele esqueceu toda a coisa ‘faça isso durar’, porque se encontrou esfregando contra ela, esforçando-se, acasalando com ela, mesmo com todas as suas roupas vestidas.

Uma súbita batida na porta o fez girar em torno de um rosnado. — Droga, Ares, eu já te disse, porra...

— Limos! — A voz desequilibrada não pertencia a nenhum de seus irmãos, e ela lutou para entrar em seu roupão.

— O que é, Kaholo? — Ela chicoteou a abrir a porta. Um de seus servos estava ali na porta, com as mãos cobertas de sangue.

— É Hekili — ele disse rudemente. — Ele foi ... trucidado. Tem

uma mensagem para você. Lucifer... ele disse que você tomou o seu bichinho de estimação, então ele tomou o seu.

Capítulo Vinte e nove

Ares não conseguia se lembrar da última vez em que estivera tão irritado ou ferido. Oh, ele ficou criminosamente furioso com Peste quando ele capturou Cara com a intenção de torturá-la até a morte, mas isso era diferente. Ares não queria matar Limos. Ele não tinha certeza do que queria fazer, mas agora mesmo estava precisando de cada grama de contenção que possuía para evitar entrar em um surto violento. Havia batalhas ao redor de todo o mundo para participar. Ele não tomaria partido, ele apenas iria lutar. E matar.

Ele abriu um portal para voltar para a casa de Thanatos, e não se surpreendeu ao descobrir que todos os convidados do casamento se foram.

Cara se aproximou dele enquanto ele atravessava o grande salão em direção a Than. — Todos partiram por respeito a você e Than, mas querem que entre em contato com eles se precisar de alguma coisa. Você está bem? — Seus olhos da cor de um mar verde estavam escuros de preocupação, e sua preocupação ajudou a acalmá-lo. Ela não merecia sentir o peso de sua fúria.

Mas ela não merecia ser enganada, também. Claramente, havia acontecido muito disso por tempo demais. — Eu não sei — ele admitiu. — O que Limos fez...

— O que ela fora criada para fazer.

Ele a afastou. — Você a está defendendo? Ela foi a razão da minha família ter sido morta. Ela roubou Deliverance e conspirou para quebrar nossos Selos. Ela traiu a todos nós.

— Eu não estou defendendo o que ela fez. Cara colocou a mão no peito dele, o que sempre tinha um efeito calmante sobre ele, mesmo através de sua armadura... mas então, sua presença transformava o couro duro em uma suave pele de corça, para que ele pudesse sentir o seu toque através dela. — Mas lembre-se de onde ela cresceu e quem a criou. Ela não conheceu nada melhor.

— Ela ainda deveria ter nos contado antes.

— Tenho certeza de que ela está lamentando essa decisão. Ela subiu na ponta dos pés e deu um selinho em seus lábios. — Nós devemos ir. Está na hora do Rath comer.

— Dê-me um segundo para falar com o Than. Ele a puxou para mais perto, precisando do breve contato de corpo inteiro por apenas um segundo. — Sinto muito sobre o cão que Peste matou.

— Eu também — ela murmurou. — Mas estou feliz por todos os outros estarem seguros. Esta noite poderia ter ido muito pior.

Ares não lhe disse que tinha a sensação de que o "pior" estava por vir. Talvez não esta noite, mas em breve.

Ele a deixou para ajudar o vampiro da equipe de limpeza de Than, e se juntou a seu irmão na lareira, onde ele estava de pé, imóvel, de cabeça baixa, fazendo o seu melhor para manter-se sobcontrole.

— Eu estou supondo que Arik teve sucesso em libertar Limos? — A voz de Than estava fria como gelo e calma como o mar antes de uma tempestade, e o incômodo de Ares aumentou.

— Parecia que sim.

Thanatos olhou para o fogo, as chamas dançando em seus olhos. — Perder Reseph foi difícil. Mas as coisas que ele fez desde que seu Selo se quebrou aconteceram porque ele não é ele mesmo. Ao redor de seus pés, as sombras começaram a girar. — Mas com Li... ela fez o que fez sem Selo quebrado. Por causa dela, nós sofremos as maldições. E agora nós poderíamos ter Lúcifer em nossos traseiros porque ela matou Sartael. Como deveríamos lidar com isso, porra?

— Eu não sei, irmão. Mas, por agora, temos que nos manter sobcontrole.

Agora era a hora de hipocrisia no seu melhor, dada à forma como Ares invadira o quarto de Limos, esperando que ela se armasse e lhe proporcionasse uma boa briga. Felizmente, ela se vinculou com um homem decente e honrado que fez parte do bom sendo de Ares retornar.

As veias nas têmporas de Than latejavam, e sua voz raspou como cascalho. — Eu não tenho certeza de que posso fazer isso agora.

Merda. Isso os deixava com apenas uma opção, se preparar para o impacto. — Cara disse que todos se foram. Apenas seus vampiros estão aqui, então você não precisa se preocupar se entrar em modo nuclear. Eu vou me certificar de que meus Ramreels e os cães de Cara partam também.

Than assentiu, e Ares sabia melhor do que ficar por aqui. Ele encontrou Cara e se dirigiu para o lado de fora para abrir um portão. Era realmente uma droga como a maré de sorte deles se transformara em desastre total. E enquanto ele olhava de volta para Thanatos, não conseguia se livrar da sensação de que os desastres estavam apenas começando.



Eles encontraram Hekili na adega, e Limos, que vira cada atrocidade possível, que crescera insensível à violência, cambaleou em choque. Ele realmente fora estripado como se fosse uma vaca em um matadouro, e ela não tinha dúvida de que ele estivesse vivo quando os cortes começaram.

Ela não sabia se teria reagido da mesma forma a esta morte horrível antes de deixar Arik entrar em sua vida, mas isso não importava. O fato era que ela gostava do warg, confiara nele, e ele morreu por causa dela.

Ele morreu em parte por causa de suas mentiras... mentiras que ela tentou proteger matando Sartael. E matando Sartael, enfureceu Lúcifer, que não pararia em nada para machucá-la e todos ao seu redor.

Arik tentou puxá-la para seus braços enquanto eles estavam de pé no porão escuro e úmido sob sua cozinha, e não havia nada que ela quisesse mais.

Mas ela evitou seu abraço, certa de que perderia sua determinação se ele a enjaulasse em seus braços fortes.

— Limos?

— Não. Ela se lançou degraus acima, voou pela cozinha e saiu pela porta da frente. Arik seguiu, mas ela não iria deixá-lo chegar

perto. — Não me toque.

Ele ficou na luz da lua, suas plaquetas militares brilhando em seu peito nu como se acenando para ela. Elas foram seu conforto enquanto ele estivera em Sheoul, e agora ela esperava que fossem a dele. — Querida, o que está acontecendo?

— Eu cometi um grande erro, Arik. Ela colocou os braços em volta da própria cintura, tentando se manter inteira. Engraçado como ela calmamente se vestiu com shorts e uma regata após ser informada sobre Hekili, mas agora ela estava pronta para se rebentar pelas costuras. — Eu deixei o que eu *quero* ser, uma mulher, uma esposa, uma mãe, ofuscar o que eu *preciso* ser.

— Do que você está falando? — Ele se moveu para frente, os pés descalços afundando na areia, mas ela recuou.

— Eu tenho sido uma tola, na esperança do que eu nunca poderei ter. Eu sou um Cavaleiro do Apocalipse. Metade demônio, metade anjo. Todo guerreira destinada a mais nada além de combate.

O ângulo esguio do queixo dele se tornou a lâmina de uma faca enquanto sua expressão se tornava feroz. — Você é todas essas coisas e muito mais. Você é uma linda mulher, uma esposa, e vamos torná-la uma mãe. Até então, nós vamos lutar juntos...

— *Não*. Ela reprimiu um soluço ao que ele acabara de dizer. Ela queria tanto aquelas coisas, mas eram apenas uma fantasia. — Nós não iremos. Acabou, Arik. O divórcio não é possível para nós, mas a separação é.

A cabeça dele balançou para trás como se ela tivesse lhe dado um tapa. — Você não quer dizer isso.

— Eu quero. Você está em perigo por minha causa. Você sempre vai estar em perigo. Se não por causa de Peste, então por Lúcifer. Eles vão matar você para me machucar. O que não posso viver com isso, Arik. Eu não vou.

— Droga, Limos, estar com você é escolha minha. Eu estou disposto a conviver com o perigo.

É claro que ele estava. Ele era mais corajoso do que qualquer pessoa que ela já conhecera. Mas ele era mortal, e bravura conseguia que mais homens fossem mortos do que covardia.

— Eu não estou.

Ele cerrou os dentes com tanta força que ela podia ouvir o raspar de esmalte. — Eu não me importo. Estamos casados. Isso significa que eu não vou embora na primeira briguinha que temos. E confie em mim, esta mal conta como uma briga. Fique bêbada, meta porrada em todos ao seu redor e me diga que você fodeu alguns vizinhos, e então vamos conversar.

O pai dele tinha tanta sorte de estar morto, porque, neste momento, ela o caçaria e o mataria por plantar esse tipo de memória na cabeça de Arik.

Então lhe ocorreu que ela teria de ir tão longe quanto aquilo agora, ou Arik nunca desistiria deles. Ela poderia se odiar por fazer isso, mas pelo menos ele estaria vivo.

Ela respirou fundo, preparando-se para dar um soco que iria derrubá-lo. — Se você não aceitar minha decisão, eu posso *fazer* você aceitá-la. Eu entrarei em sua cabeça e fazer algum trabalho criativo, para que você pense que nossa separação é escolha sua, não minha. É isso que você quer? — Sua habilidade não era tão extensa, mas esperançosamente Arik não sabia disso.

Ele empalideceu e o peito de Limos se escancarou. — Você não faria isso. Você jurou...

— Eu menti. Fortalecendo-se contra a raiva e decepção dele, ela encolheu os ombros. — Você deve estar acostumado com isso agora.

— Limos... Sua voz falhou, e lhe ocorreu que ele evitara dizer o nome dela por tanto tempo, e agora ele o usava repetidas vezes na conversa, como se o estivesse usando como uma tábua de salvação. — Não faça isso. Eu te amo. Você me ama.

E agora o golpe de nocaute. — Isso — disse ela, buscando profundamente a Limos que ela costumava ser, a Limos que gostava de ser um demônio, — era uma mentira também.

Com o coração se torcendo, ela abriu um portal e deixou Arik sozinho na praia.

Capítulo Trinta

Regan não tinha ido embora quando todo mundo tinha.

Arik lhe dissera para ir, mas ela não era um desistente, e o que aconteceu esta noite só fortaleceu sua resolução. Alguns grandes, ruins seres malignos tinham passado como um furacão, arrancando o chão do lado de fora e destruído completamente dois edifícios. Um grande número de guardas demônio tinha sido abatido, quer por Peste ou pela coisa gigantesca, e a missão de Regan tinha sido mais clara do que nunca.

Os demônios tinham que ser impedidos, o Apocalipse voltou. E se ela tivesse que ter o filho do Cavaleiro que assim fosse.

Enquanto esperava que o ultimo dos convidados do casamento saísse, ela patrulhou o terreno. Equipada com sua capa de chuva, um Stang, em sua mão enluvada, ela estudou as pegadas e manchas de sangue na neve, onde demônios tinham morrido. Ela encontrou um monte de demônios em sua vida, mas algumas das espécies que ela encontrou eram novas, como o Godzilla de 30 metros, a deixou abalada. Do tamanho normal, os demônios eram forte o suficiente para lutar. Como os seres humanos iriam contra um monstro de 20 andares?

Cansada e com frio, ela finalmente voltou para dentro, mas assim que entrou na sala grande, a sensação de estar sendo observada a fez congelar no meio do caminho. Seu pulso batia em seus ouvidos assim que virou a cabeça para o grande guerreiro em pé na frente da lareira.

Seu olhar impiedoso estava nela, piscando com a morte fria. Todas as sombras ao redor dele, tornando a branca armadura de osso em cinza dos movimentos rápidos, enquanto observava. Seu dom escuro estava acordado, batendo contra seu crânio, como se quisesse sair.

Fique calma... deve... ficar... calma...

Em horrível câmera lenta, as sombras formadas de bocas e olhos, e então, de repente, um disparo em sua direção.

Um grito escapou enquanto ela se virava e corria para seu quarto, mas a coisa a atingiu por trás, esparrando-se no chão de pedra. Dor, como se um milhão de pequenas agulhas estivessem sendo presas por todo o caminho até o osso, tornou-se difícil de respirar. Algo parecia chegar dentro dela, e jurou que sentiu uma mão gelada em torno do seu coração. Uma sensação de alavanca entrou com a dor, e puta merda, agora ela sabia como se sentia ser esfolada viva, de ter uma parte essencial de você arrancado de todos os outros componentes essenciais.

A coisa estava rasgando sua alma para fora do seu corpo.

Todo o treinamento dela, toda a disciplina, saiu pela janela, e ela libertou seu dom. Seu corpo vibrava, e luz derramou dela, que escorria de seus poros, até que estava cega do flash branco. A dor dissolvida como uma espiral de luz viva extraíndo as sombras que invadiam seu corpo.

Thanatos explodiu para o canto e derrapou até parar, de olhos arregalados. Mais sombras se arrancaram dele e atacaram a luz. A bola de luz e sombras se retorcia, presas no ar, e depois, gradualmente, as sombras engoliram a luz.

Regan não esperou para ver o que iria acontecer a seguir. Com pernas tão bambas que mal podia suportar seu peso, tropeçou para o quarto e bateu na porta. Seus servos vamp tinham acendido o fogo da lareira, mas o quarto estava frio, o que não ajudou para sacudir o que havia movido seu corpo e arruinado seu vestido enquanto desmoronou contra a cômoda, quase derrubando mais de uma garrafa de hidromel e dois copos que estavam em uma bandeja.

Hidromel... sim. Álcool soou como uma ideia realmente boa. Seus dedos trêmulos derrubou um dos copos, mas de alguma forma ela pegou antes de atingir o chão. A porta de abriu, e ela fez o seu melhor para não tremer ainda mais quando Than entrou e gentilmente pegou o copo dela. Ela não podia olhar para ele, não podia deixá-lo ver nos olhos dela como estava aterrorizada com o encontro que tinha acabado de ter. Como Guardiã, ela estava entre a vida e a morte em

mais situações do que ela podia contar, mas essa foi a primeira vez que ela realmente se sentiu morrer... morrer...

Engolindo mais e mais, ela apontou para o hidromel. — Abra?

— Merda — ele murmurou, enquanto batia o selo de cera fora da boca da garrafa. — Onde você encontrou isso?

— V—vampiro — ela disse, odiando-se pela gagueira.

Um murmúrio reconfortante de respingo encheu a sala enquanto servia. Tomando-lhe a mão, ele colocou o copo na palma da mão, colocou os dedos em torno dele, e guiou a boca dela.

— Beba — ele disse suavemente, inclinando o copo em seus lábios.

O líquido vermelho, picante e suave inundou a boca como um balsamo, aliviando os nervos antes mesmo de engolir. — Aquelas... eram suas almas, certo?

— Sim— . Thanatos recuou com um copo para ele. Tomou dois goles grandes antes de dizer: — Quando estou com raiva, as almas que vivem dentro da minha armadura podem se libertar. Elas querem apenas uma coisa, e é matar.

— Por quê?

— Porque se elas fizerem a matança, estão livres de mim.

Ela estremeceu, lembrando-se da dor quando a coisa tentou arrancar algo de seu interior. Era isso que suas vítimas haviam experimentado quando ela perdeu o controle da sua capacidade? Será que eles sentem a luz viva rasgar as almas de seus corpos? Ela tomou outro gole de hidromel, e uma sensação de formigamento se juntou ao calor que se espalhou por ela. — Como que elas ficam dentro da sua armadura?

— Sempre que mato, a alma do morto é sugada para ela. Sua voz era casual que foi de arrepiar. Ela mal conseguia falar sobre a sua própria capacidade, e ele poderia muito bem ter discutido sobre compras do supermercado. — Almas fazem minha armadura mais forte.

— E elas simplesmente saem, esperando por você ficar com raiva?

— Ou para serem lançadas. Posso lançá-las na batalha para

fazer meu ataque.

Huh. — Mais ou menos como aqueles fantasmas do filme O Senhor dos Anéis? O retorno do Rei.

Seu sorriso era deslumbrante, mas seus olhos estavam tristes. — Algo como isso.

— Como que eles não saíram?

— Eu não estava totalmente enfurecido.

Ela estremeceu. — Eu não acho que gostaria de ver isso.

— Não, você não gostaria. Sua sobrancelha loira se elevou, o piercing prateado brilhando a luz do fogo. — Você quer me contar sobre a sua surpresa?

Seu copo congelou antes de tocar seus lábios. — Na verdade não.

Uma gota brilhante de hidromel se agarrou ao lábio inferior dele, chamando o olhar dela e acendendo uma pequena chama de desejo. O licor, por si só, era ousado e exoticamente temperado, mas o quão melhor seria se tomando o gosto dos lábios de Thanatos? Sua respiração ficou presa quando sua língua varreu a gota. Deus, como ele poderia fazer algo tão simples e normal parecer tão sexy?

— Ares teria te mandado falar — ele meditou. — Reseph faria charme. Limos... sua voz assumiu uma borda áspera. — Ela iria te incomodar pra caramba até que você derramasse apenas para ela calar a boca.

— E você?

Seus olhos brilharam. — Eu me sobressaio na tortura.

É claro que ele faria. Sua mão pousou no bolso do casaco, onde estava o Stang. — Você vai me torturar?

— Vai me dizer o que você é? — ele colocou o copo nos lábios e considerou-a de cima da borda. — E não acho que a sua pequena arma Aegis será eficaz contra mim.

Pequena arma Aegis? Idiota arrogante. — Sou cem por cento humana.

— Um ser humano com habilidades de empatia, eu compraria. Um ser humano que pode se comunicar com os mortos, eu compraria. Mas você tem o poder sobre as almas. Ele se aproximou, sem duvida,

em uma tentativa de intimidá-la com a sua altura e tamanho. Poderia ter funcionado se ela não estivesse zumbindo por causa do vinho. Como era, seu pulso vibrou loucamente, e ela mentalmente pediu-lhe para se aproximar. — Então, eu não estou comprando a coisa humana.

— Você quer um teste de DNA? Eu sou humana. Meus pais eram ambos Guardiões. Tecnicamente isso era verdade. Na época que ela havia concebida, seu pai tinha sido possuído por um demônio, mas o Cavaleiro não precisava saber.

— Então é isso — ele murmurou, e tão rápido, a aura de raiva e ameaça que tinham cercado-o mudou em algo mais agradável, mas não menos perigoso.

Seus dedos de aproximaram de sua garganta, e sua armadura desapareceu, deixando-o com as roupas que ele tinha usado na cerimonia. A camisa branca sob o smoking estava desabotoada no pescoço, e sua tatuagem de escorpião sobressaía, suas pinças abrindo e fechando.

Ela piscou, perguntando-se se o vinho estava afetando sua visão. — Suas tatuagens são especiais, não são?

— Todas as tatuagens são especiais. As pessoas podem obter uma no calor do momento, mas todos se preocupam com o projeto que colocam em seu corpo.

— Não, eu quero dizer... elas fazem algo para você.

Ela pensou que ele iria se calar, mas em vez disso, ele a surpreendeu pelo derramamento de seu smoking, de alguma forma, fazendo com que o processo fosse tentador, um strip tease não intencional. Ele jogou o casaco do smoking na cama, e os dedos longos foram para a sua camisa. Ela não conseguia parar de olhar como ele desabotoava e depois a jogou ao casaco do smoking.

Cara, oh, cara. Não importa que ela tivesse visto seu torso antes... ela não achava que já tivesse visto tal arte magnífica. Seu Selo, pendurado em uma corrente de ouro fino, ficava entre seus peitorais, perfeitamente delineados por uma tatuagem de nó celta. — Essas são cenas tiradas da minha cabeça e transferidas para a minha pele.

— Eu sabia que elas se fundiam, mas porque?

— Como você sabe? — ele se moveu em direção a ela, lentamente, sua marcha rolando, e ela teve a sensação que ela estava sendo perseguida.

A sensação de formigamento em sua propagação de membros, tanto energizante e relaxante. — Eu vi quando eu toquei você antes. Eu posso ler tatuagens da maneira que eu posso ler a tinta dos pergaminhos.

O formigamento se transformou em uma queimadura agradável diferente de tudo que ela já sentiu. O que o vampiro tinha dito sobre o vinho? Magia. Certo. Sem mais para ela.

Thanatos parou quando ele estava tão perto que ela teve que olhar para cima para ver seu rosto. — Você pode controlar suas habilidades de empatia? — sua voz era rouca, maravilhosamente profunda, e retumbou por ela em uma onda curiosamente erótica.

Ela abaixou o copo, se sentindo desconectada, como se estivesse observando alguém colocando o copo sobre a cômoda. Então, ela viu como ele tomou a mão dela e colocou em sua garganta, sobre o escorpião que sempre pareceu ferroar sua jugular quando ele falava.

— Sim — ela sussurrou. — Eu posso desligar e ligar.

— Você está... ligada?

Oh, ela pegou o jogo de palavras, era muito consciente de que foi intencional.

— Não — ela disse, e era verdade e mentira. Ela não tinha ligado a sua capacidade empática, embora ela pudesse ler uma energia fraca irradiando do escorpião. Ela estava, no entanto, excitada. Estar aqui agora não tinha nada a ver com seduzir Thanatos para o Aegis. Ela o queria. Simples assim. O medo de que ela pudesse deixar a sua capacidade de sugar almas solta durante um momento descontrolado não se aplicava aqui. As sombras de Thanatos iriam protegê-lo, e pela primeira vez em sua vida, ela queria libertar seu lado carnal e deixá-lo caçar.

Como se sentisse seus pensamentos, Thanatos prendeu sua mão na parte de trás de seu pescoço e puxou-a para perto, para que seus corpos fossem rebocados juntos, e amassando seus lábios contra os dela. Sua excitação era uma presença enorme e brutal contra sua

barriga, e sua língua era um assalto a mão armada, rompendo a barreira de seus lábios e tendo o que queria. Tudo dentro dela ficou líquido e quente. Seus seios apertados, sua pele queimada, e entre suas pernas, seu sexo doía.

— E agora? — ele murmurou contra sua boca.

— Deus, sim— seu pulso saltou em sua garganta, ao mesmo tempo, com o pulsar baixo em sua pélvis.

— Você me deixa louco. Ele revirou os quadris contra ela, e ele pensou que ela era a pessoa que estava o deixando louco? — Eu quero você, Regan— . Mais do que quis alguém, e maldita seja, eu estou prestes a ceder.

— Sim. Ela respirava. — Faça.

Suas mãos caíram para a sua cintura e, de repente, foi um frenesi de quem-podia-tirar-mais-rápido. Sua mente estava confusa, suas emoções embaçadas, mas ela não sabia de nada, apenas uma coisa, a necessidade primordial de obter este homem de costas. E ele estaria de costas. Ela precisava estar no controle, e ela nunca estaria embaixo de um homem.

Quando o ultimo item de roupa caiu no chão, os dois ali, de frente para o outro, a sua respiração difícil, com os punhos cerrados.

Bom Deus, ele era lindo. Ele tinha o corpo de um corredor, elegante e tonificado. Anéis gêmeos em seus mamilos, seu abdômen ondulado com profundidade, encaixes musculares, e seus quadris estreitos afunilados nas pernas poderosas. E entre eles, sua excitação se elevou, grossa na base e estriada com veias.

— Eu não posso. Ele respondeu asperamente. — Não posso ir até o fim.

Decepção cantou por ela, mas inferno, ela tomaria o que pudesse até esse ponto. Espera... porque ele não podia ir até o fim?

Seus poderosos braços vieram em torno dela, prendendo-a contra ele, e todo o pensamento parou. Seu beijo foi duro, quente, desesperado. Seu pênis espetou ela entre as pernas, esfregando contra seu sexo com ele bombeando como se estivesse dentro dela.

— Cama. Ela virou-o, cortou sua panturrilha com o tornozelo, e empurrou contra seu peito. Fora de equilíbrio, ele bateu no colchão de

costas. Antes que ele pudesse se recuperar, ela pulou encima dele, abrangendo suas coxas. Surpresa registrada em seu rosto, mas então ela começou a se balançar, deixando seu eixo deslizar entre suas dobras, e sua cabeça caiu para trás, seus lábios se abriram, a própria imagem de êxtase masculino. Ele respondeu, levantando suas mãos para coloca-as em seus ombros...

Seus dedos cavaram quase dolorosamente em sua pele, e ele a segurou bem firme. Seu olhar era vítreo, sonolento, e suas palavras eram arrastadas. — Você quer jogar, Aegi? Eu vou jogar, mas tenha em mente que vou jogar duro.

— A é? — caindo para frente, ela saiu de suas mãos para tomar um dos seus anéis dos mamilos entre os dentes. Ela puxou tão forte que ele assobio. — Então faça, Cavaleiro. Faça.

Capítulo Trinta e um

Thanatos estava em chamas.

Uma queimadura lenta trabalhou seu caminho através de seus músculos, as chamas lambiam sua pele, e fumaça nublava sua mente. Regan estava se agitando em cima dele, seu núcleo muito perto para o seu conforto, e por que diabos ele tinha que deixá-la chegar tão longe? Ele nunca, nunca, ficou completamente sem roupa com uma fêmea. Mas aqui estava ele, em uma cama com uma mulher, balançando seus quadris para cima para chegar ao seu calor molhado.

Regan o apertou entre suas coxas, e ele gemeu. Essas pernas seriam ótimas embrulhadas em torno de sua cintura.

— Eu preciso estar por cima. Conduzindo você. Em algum lugar no fundo de seu cérebro, ele sabia que as palavras eram dele, mas ele não podia acreditar que ele tinha as tinha dito.

— Sinto muito. Ela alcançou entre seus corpos e acariciou sua ereção. — Eu só vou fazer desta maneira.

Ele sussurrou pelo atrito de sua palma em seu membro rígido. — Eu posso lidar com isso. Inferno, ele lidaria com isso de qualquer maneira que ELA quisesse. Se ele ia perder a virgindade...

Não.

Deus, o que ele estava pensando?

— Regan. Ele gemeu, arqueando em seu toque. — Pare.

— Sem chance disso. Sua voz era suave como seus lábios enquanto beijava seu rosto até a garganta, onde ela beliscou a tatuagem de escorpião antes de passar a língua.

Thanatos fechou os olhos, apreciando a forma como ela estava acariciando-o, usando seu corpo inteiro como um grande gato a esfregar-lhe todo. Seus seios deslizaram contra seu peito, suas coxas roçaram suavemente contra seus quadris, e suas mãos percorreram seu corpo, acariciando, acariciando. Ele não deveria se deixar aproveitar isso, mas ele estava carente de um toque feminino. Isso era algo que

ele tinha sonhado toda a sua vida, e ele não estava disposto a parar ainda.

Talvez ele não fosse impedi-la de todo.

Ele franziu o cenho, perguntando de onde essa noção tinha vindo. Seu corpo nunca havia vencido seu cérebro, pelo menos, não quando se tratava de sexo. Muitos tentaram romper sua habilidade de manter sua virgindade. Talvez o hidromel...

Regan lambia seu mamilo, e os seus pensamentos se quebraram em cacos de luxúria. Sua virgindade estava condenada.

— Oh, sim — ele sussurrou, e sussurrou novamente quando ela arrastou a língua por seu corpo. Quando ela chegou ao seu umbigo, ela parou, e ele jurou que nada que ele fosse provar em sua vida iria ser tão bom. Mas ela iria mais baixo? Por favor, por favor, por favor.

Ela o fez. Ele começou a ofegar antes de sua boca alcançar seu osso do quadril. Seu cabelo sedoso caía em cascata sobre sua pele, e sua bochecha roçou sua ereção, e, tanto quanto ele queria olhar, mas não podia. Ele estava muito perto da borda, e a visão iria enviá-lo diretamente.

— O que você quer que eu faça guerreiro? — ela murmurou contra sua coxa.

Um caroço do tamanho de seu punho entupiu sua garganta, e ele não podia dizer nada. Ele queria... Oh, ele sabia o que queria. Mas esta era uma nova experiência, e ele nunca tinha estado tão íntimo com uma mulher. Não, nem mesmo no quarto decadente nos fundos do Quatro cavalheiros. Cada fêmea que ele tomou lá saiu, mas só porque ele tocou suas mentes como ele tocou seus corpos, e quando ele terminou, eles acreditavam que elas tinham tanto fodido ou chupado ele, mas nada poderia estar mais longe da verdade.

— Hmm — ela disse, enquanto ela escovava as pontas de seus dedos sobre suas bolas. — Eu acho que você não quer nada...

— Não — ele resmungou. — Eu quero.

— Diga-me. Ele finalmente abriu os olhos e olhou para ela. A visão dela agachada sobre ele assim, sua boca tão perto de sua excitação que seu hálito quente sobre ele sussurrava, quase o desfez. Fome brilhava em seus lindos olhos e um sorriso pecaminoso curvou

seus lábios. — O que você quer?

Ele engoliu o nó na garganta, mas que não fez nada para aliviar a secura. — Coloque sua boca em mim.

Seu sorriso se alargou, e ela colocou seus lábios contra a pele sensível em seu quadril.

— Gostou? — Ela estava matando.

— Em meu pau....

— Oh, eu vejo. Ela arrastou seus lábios para baixo o seu eixo.
— Gostou?

— Sim, mas...

— Mas o quê? — Ela manteve a boca onde estava, e seu pênis chutou em ambos protesto e prazer.

— Mas... chupe.

Ela piscou. — Agora nós estamos falando. Ela mergulhou em sua tarefa, levando-o para as profundezas de sua boca úmida.

Ele gritou, uma onda de ar abafado, e seus punhos se fecharam apertando suas mãos. Lento e forte ela sugava toda a extensão de seu pau, lambia e chupava enquanto, uma mão deslizava para cima e para baixo em seu eixo e com a outra ela pegou suas bolas e as massageava suavemente.

Ele estava quase lá... Todo o seu corpo arqueado, os quadris viraram... Oh, sim...

— Toque-se — ele sussurrou.

Regan gemeu em torno de seu eixo, e a vibração fez querer lambe o teto. Tentando manter os olhos abertos, ele a viu escorregar os dedos entre suas pernas. Ela teria o gosto dele lá em um minuto. Ela tinha a língua em cada centímetro daquele corpo cheio de cicatrizes de batalha. E que o brilho em sua pele... Algo sobre isso fez as almas se contorcerem em sua armadura.

Agora eles estavam agitados, mas isso só aumentou a sensação dentro dele. A luz em sua pele parecia um cobertor quando ela passou sua língua sobre a cabeça de seu pênis, e assim como ele pensou que ela estava indo colocá-lo em sua boca novamente, ela subiu seu corpo. Ficando em cima dele, ela segurou seu pênis em sua mão. Ah...

Merda.

— Não!

A luz bateu em seu peito, derretendo sobre ele quando se empolgou e depois desapareceu. As almas dentro dele o empurraram para trás em uma guerra que durou apenas sob a superfície de sua pele, que o derrubou para a cama. Ele não podia se mover, não podia convocar o controle sobre seus músculos com Regan prestes a colocar a cabeça de seu pau em sua entrada.

— Não faça isso. Regan!

Tarde demais, ela caiu em cima dele, levando-o todo o caminho até a raiz. Prazer e terror misturados, e quando ela começou a se mover, tudo o que ele podia fazer era tentar não hiperventilar. Ele imaginou seu Selo se quebrando, quase podia sentir o tremor do mal começar em sua alma.

Regan gemeu sobre ele, a lâmina de seda de sua vagina em torno de seu pênis era nada menos que incrível, e ele desejou que ele pudesse apreciá-la mais, mas seu Selo porra...

Não tinha quebrado.

Mas que diabos? E como ela estava segurando-o para baixo? Nada poderia segurá-lo.

As unhas de Regan marcaram seu peito, e ela jogou a cabeça para trás, os olhos fechados, a boca aberta, e contra a sua vontade, seus quadris saíram da cama para tomá-la mais. Ele não deveria estar gostando disso, mas ela estava se movendo mais rapidamente agora, levantando os seios e descendo com sua respiração cada vez mais rápida.

Magnífico. Magnif... Ela era de tirar o fôlego em sua paixão. Sua paixão fora de controle, seu prazer escaldante, intenso. Suas bolas se sentiram apertadas, doloridas, prontas para explodir. Seu pau inchou, e o impulso de seu primeiro clímax vibrou suas terminações nervosas.

Oh merda... Que se não fosse à penetração, mas o orgasmo que quebraria o Selo? Derramar sua semente dentro da fêmea vai mudar a sua vida. A voz do demônio que tinha sussurrado em seu ouvido

quando ele tinha sido amaldiçoado soou em sua cabeça, e sua garganta se apertou.

— Pare — ele murmurou, mas Regan só se moveu mais rápido, ondulando contra ele em ondas graciosas. — Regan pare agora!

— De jeito nenhum... Oh, oh, sim. Seu corpo convulsionou, e seu núcleo se agarrou a ele, apertando, ordenhando, e depois acabou. Ele foi feito para isso. O orgasmo atingiu-o como um redemoinho, levantando-o violentamente para fora da cama. Regan gritou quando ele resistiu tanto que ela teve que se agarrar a seus ombros ou sair voando.

Ele rugiu em êxtase requintado, com raiva inútil... E em completa devastação.

Regan mal podia se mover. Seu corpo foi saciado, e ainda assim, ela estranhamente ainda... Queria. Abaixo dela, o peito de Thanatos arfava sua pele lisa, e tatuada brilhando com um brilho fino de suor. Ela perguntou se ele tinha sentido a sua capacidade feroz como uma tempestade elétrica. Ela poderia ter jurado que ela lançou, em algum momento, mas, quando ela abriu os olhos, não teria sido sem luz, sem gritos, sem sinal revelador de que a criatura de almas tinha sido extraída como um instrumento cirúrgico.

Talvez o medo de perder o controle durante o sexo tinha sido em vão.

Ela escutou seu coração bater em seu ouvido enquanto ela estava deitada contra ele, uma mão acariciando o cabelo sedoso. Ela adorava as tranças, e como elas acabavam enroladas em torno de seu dedo, ela suspirou em resignação.

Tanto quanto ela gostaria de continuar assim, talvez fazer de novo, ela tinha que sair, o plano do Aegis estava indo para ação.

Fracamente, ela se levantou. Os olhos amarelos do cavaleiro estavam olhando para ela, as sobrancelhas franzidas no que ela poderia jurar que era confusão.

Talvez ele não estivesse acostumado com a mulher assumindo o controle. Muito ruim. O século XXI ia chupar ele, se fosse esse o caso.

Ela saiu desajeitadamente para fora dele, com as pernas duras, e puxou as calças.

— Bem — ela disse, quando vestiu a camisa. — foi divertido, mas eu tenho que ir.

— Você não está indo embora. Sua voz estava estranhamente vazia.

Ela enfiou os pés em suas botas. — Sim, eu vou. Eu acabei com a minha pesquisa. — Ela fechou a bolsa, desesperada para sair de lá antes que ela mudasse de idéia e ficasse. — Se o Aegis precisar de mais alguma coisa, eles vão enviar alguém.

— Você não está indo — ele repetiu, desta vez com mau humor mais pronunciado. — E você vai me libertar.

Ela levantou uma sobrancelha. — Eu diria que já libertei você.

Ele olhou para ela, as sobrancelhas para baixo em uma carranca confusa. Então, de repente, alguma coisa mudou. Uma sombra esfumaçada passou sobre o seu reflexo, sua expressão ficou gelada e brilhava como caco de vidro em seus olhos. Até o ar crepitava anunciando perigo.

— Você... Traidora. Sua voz era baixa, deformada com uma profunda raiva, surpreendente. — Você não me livrou de nada.

Chocada por sua mudança de humor repentina, ela recuou. Claramente, eles não estavam falando sobre o mesmo tipo de livramento aqui.

Ele atirou um olhar para a garrafa de hidromel. — E você me drogou.

Drogado? Como se ela fosse se rebaixar dessa maneira só para ter sexo com ele?

— Olha, você precisa se acalmar e eu realmente tenho que ir.

— Espere. Sua voz soou como um chicote, e lhe pareceu estranho que ele estivesse tão chateado com ela, ele não tinha ido para fora do colchão. — Você veio aqui para me seduzir, não é?

Ela colocou sua melhor expressão insultada quando ela vestiu o casaco. — Tenho certeza que o seu ego gostaria de pensar assim—

— O que você fez para mim? Como você está me segurando com isso? — Quando ela piscou, desconcertada por praticamente todos os elementos da conversa, ele soltou uma maldição. — Seu presente... Sua luz maldita está na minha pele. Como?

Oh... Oh, merda. Ela tinha liberado. — É... Eu machuquei você?
— Minha alma está lutando — ele rosnou. — Eles estão destruindo-a, e o segundo que isso acontecer, eu vou torcer o seu pescoço.

Bem, essa era a sua sugestão para sair, então. Ela avançou para a porta.

— Você está trabalhando com Peste?

De queixo caído, ela virou de volta. — Você acha que eu queria tanto fazer sexo com você que eu iria pedir a ajuda de seu irmão do mal? Uau, você realmente é um egomaníaco.

— Sexo — ele rugiu, assustando-a para tomar outro passo para trás. — Isso não era sexo. Você me enganou. Você me drogou e me profanou. Você sabe o que acabou de fazer?

Ela pensou que seus olhos pudessem sair de sua cabeça. — Profanei? Você está brincando comigo?

— Eu disse que não. Eu recusei. — Os tendões de seu pescoço ficaram tensos enquanto tentava levantar a cabeça. — Você... violou... Sua voz saiu em um rosnar desagradável. — Você levou a minha virgindade.

Ela riu. Virgindade. Certamente ele estava brincando.

Sua expressão negra disse que não era, mas virgindade? De jeito nenhum. Ridículo.

Não. Não faça isso. Regan! Seus apelos voltaram para ela, tocando em seus ouvidos com uma clareza ensurdecidora. Ele disse a ela para parar, mas... Não, ele não queria dizer isso.

Ele não poderia ter falado sério.

Ele estava lá, o peito ainda ofegante, ódio cru brilhando em sua face. Uma gota de suor escorria pelo seu corpo enquanto ela se lembrava de cada segundo do sexo. Ela pensou que seus protestos fossem algum tipo de brincadeira, mas se ele realmente tinha sido drogado com o vinho, e sua capacidade o atacou lhe segurando enquanto ela... Oh, Deus.

Seu estômago se rebelou, e ela cambaleou para fora da sala. Ela correu cegamente para a porta do lado de fora, gritos furiosos Thanatos lhe perseguiram. Ela pulou para fora apenas no exato

momento, em que perdeu o jantar ao lado do snowmobile^{8}.

Lágrimas quentes picaram os olhos e vento gelado arranhou suas bochechas quando ela procurou no seu bolso pelo seu celular e as chaves. Tão rápido quanto podia, ela enviou um texto de emergência para Kynan e Val, e então ela começou a subir na máquina de neve com os dedos instáveis.

Ela ainda podia ouvir o rugido irritado com o som do motor do snowmobile. Ela provavelmente iria ouvi-lo pelo o resto de sua vida.

— Eu sinto muito — ela sussurrou. Meu Deus, ela estava tão triste.

Ela ligou o motor, esperando abafar sua voz, e saiu como um tiro, segurando sua preciosa vida. O passeio seria para sempre seu companheiro, o farol do snowmobile mal penetrou na escuridão da manhã. Ou talvez fosse os olhos lacrimejantes, tornando o caminho difícil de ver. Ela só queria que o frio a entorpecesse, mas tudo o que ele fez foi aumentar o horror sombrio do que ela tinha acabado de fazer.

Finalmente, à distância, ela viu duas figuras descritas no brilho de lanternas. Um seria Kynan, e o outro deve ser um dos seus cunhados... Shade, pensou. Kynan disse que ele poderia ter certeza de seu óvulo e o esperma de Thanatos ligados, fariam a dança do bebê.

Isso não era para acontecer.

Ela poupou um olhar por cima do ombro e imediatamente desejou que não tivesse.

Contra a parede cinza do alvorecer era o contorno de um cavalo e cavaleiro em uma enorme armadura batendo do outro lado da terra árida.

Thanatos.

Terror tropeçou através dela, e ela quase gritou. Se ele lhe pegasse, ela estaria morta.

Ela derrapou até parar, e antes que ela pudesse sair da máquina, Shade agarrou seu pulso. — Vamos lá! — Ela tentou se afastar, mas ele a segurava com força.

— Eu preciso te derrubar para viajar através do Harrowgate.

E então, o seu braço começou a brilhar e espalhar o calor de

seus dedos para seu sangue, seu estômago virou de novo. — Só não...

Um grito ecoou, e depois outro, e ela se virou para ver Peste em seu garanhão vindos do nada. Thanatos estava a bordo Styx. Cavaleiro e cavalo caíram em um acidente maciço de sangue e neve.

— Oh, merda— Kynan disse. — Nós temos que sair daqui. Rápido.

— Concluído. O demônio assentiu. — Parabéns. Você está grávida.

Grávida. Não. Não, não, não! Deus, o que ela fez?

Armas se chocaram e cavalos relincharam, e Rinnied, e Egan gritaram quando Thanatos foi esmagado sob os cascos do garanhão branco.

Calor mais intenso floresceu sob a mão de Shade. — Diga boa noite, Aegi.

— Não, espere-

Então não havia nada, mas a escuridão.

Capítulo Trinta e dois



Nenhuma quantidade de andar e xingar na varanda do quarto de Limos poderia tranquilizar Arik pelo que ela fez. Pelas duas primeiras horas que ela se fora, tinha alternado entre estar aterrorizado por Limos ter partido e feito algo estúpido, como caçar Lúcifer, e estar irritado com ela por ter mentido para ele.

E não, ele não acreditava que ela mentira sobre amá-lo e não mexer com suas memórias novamente. Ela estava tentando se livrar dele por sua própria segurança.

Ele podia lidar consigo mesmo. Ele sobreviveu a sua infância, os militares, um mês no inferno, e os irmãos de Limos. Ele sobreviveria a seja o que viesse atrás dele, e se ele não sobrevisse...

Peste seria dono de sua alma.

Okay, então esta era uma pequena falha, mas não podia gastar o tempo que tinha se preocupando com isso. Ele colocaria a R-XR e a Aegis no problema e esperaria que eles pudessem encontrar um caminho para fora de toda essa porcaria da propriedade de sua alma. Nesse meio tempo, ele ficaria com Limos.

Ela teria a vida que queria, e ele daria a ela.

Ele se permitiu o luxo de imaginá-la gorda com seu bebê enquanto olhava através da porta deslizante de vidro para a cama vazia. Eles sequer tiveram a oportunidade de fazer amor como um casal, mas jurou que quando ela voltasse, tiraria suas roupas e estaria dentro dela em questão de minutos. Ele lhe mostraria como cada noite com ele seria, iria fazê-la ansiar por seu toque e esquecer sua ideia louca de se livrar dele para seu próprio bem.

Com o objetivo firmemente no lugar, ele caminhou para dentro do quarto assim que a porta se abriu e Limos, totalmente coberta pela armadura e com os olhos vermelhos e inchados, entrou. Ela parou, e seu rosto empalideceu antes de ficar rosa de indignação.

— Por que você ainda está aqui? — ela estalou.

Ele cruzou os braços sobre o peito. — Bem, caramba, talvez porque eu não tenho a capacidade de usar um Harrowgate, e talvez porque estamos casados, porra.

— É, sobre isso. Ela jogou o cabelo sobre o ombro daquele jeito arrogante dela. — Eu fui até Gethel. Uma coisa engraçada sobre anjos... eles podem dissolver qualquer casamento que acontece no reino humano. Ela levantou um pergaminho minúsculo. — Você tem uma hora para fazer as malas. Nós estamos oficialmente divorciados.



Filho da puta. Filho de uma *fodida* puta!

Peste esgarçou os pedaços fumegantes de osso e sangue que eram Thanatos e Styx. O garanhão estava morrendo, mas Than estaria de pé em poucos minutos, bom como novo. Como diabos o seu Selo estava inteiro? *Como?*

Peste recebera uma mensagem do vampiro doppelganger que enfiara dentro da fortaleza de Than, e o vampiro lhe assegurara a ele que a prostituta Aegi transara com Thanatos, graças a uma pequena ajuda de seu hidromel reforçado. Então, o que estava acontecendo?

Rosnando, ele abriu um portal para a casa de Harvester. Fez seu caminho aos murros para dentro da casa dela, passou voando por ela, e foi direto para a câmara onde ela mantinha Reaver. O anjo estava sentado encostado na parede, coberto de sangue e sujeira, seu cabelo dourado pendurado em cordas frouxas em torno de seu rosto e ombros. Vidrados olhos azuis observavam Peste enquanto ele entrava de supetão e chutava o anjo no rosto.

Reaver, sangue escorrendo de seu nariz e lábio cortado, apenas sorriu. Bastardo presunçoso. Peste chutou novamente. O fodido anjo revidou com força suficiente para bater Peste em uma parede e abrir sua cabeça. O sangue escorria em um rio pegajoso e quente abaixo da parte de trás do seu pescoço e para sua armadura, que o bebia em pequenos goles borbulhantes. Se Peste não estivesse tão irritado, ele estaria impressionado com o quão forte Reaver ainda estava, apesar de

ter tido suas asas removidas.

— Quando você vai aprender, Reseph? — Reaver disse. — Você pode me machucar, mas nunca vai me quebrar.

— Nós vamos ver isso, seu fodido.

Peste se soltou com tudo o que tinha. Reaver nem sequer revidava enquanto Peste chutava e pisoteava até que o anjo não fosse nada além de uma massa inconsciente de carne em uma pilha, e sangue estivesse pingando da bota de Peste. As mãos de Harvester caíram sobre seus ombros.

— O que aconteceu? — perguntou, e ele se virou para ela.

— Você sabe melhor do que me tocar.

Ele a circulou, medindo seu nível de medo e, decidindo que queria mais, ele a agarrou pelo pescoço e a bateu contra a parede. Inalando tão profundamente que ele provou o terror dela em sua língua, ele sorriu.

— A Aegi fodeu com meu irmão — ele sussurrou em seu ouvido, — então por que o Selo dele não se quebrou?

— Eu não sei — disse Harvester, e que teve a sensação de que ela estava mentindo, ele também sabia que não importava o quanto batesse nela, ela não lhe diria se era uma dessas "regras" que ela e Reaver precisavam seguir.

— Cadela mentirosa. Ele a foderia até que ela se quebrasse. Até que cada osso estivesse estilhaçado e ele, escorregadio com o sangue dela. Ele arrancou o vestido, deixando-a nua e tremendo.

— Ainda há esperança — suspirou, enquanto ele empurrava seus dedos entre as pernas dela.

— Deixe-a... em... paz. A voz de Reaver, hesitante, mas ainda fazendo o ar crepitar com poder, veio por trás dele.

Talvez ele desse um pouco para Reaver também. *Depois* que o anjo o observasse acabar com Harvester como a prostituta que ela era. Sorrindo, Peste olhou por cima do ombro.

— Não se preocupe, Reavie-weavie. Vou guardar um pouco para você. Eu sou como a porra do coelhinho da Energizer. Eu posso ir muito longe. Ele bateu o dedo sobre a garganta, e sua armadura derreteu, deixando-o nu como Harvester.

— Bastardo — ela respondeu asperamente.

— Tão verdade — ele concordou.

— *Reseph!* — A voz de trovão sacudiu toda a residência, e transformou sua medula em pudim. Muito lentamente, ele se virou para Reaver, que estava em suas correntes, seu corpo brilhando e duplicando seu tamanho normal. — Você não vai fazer isso.

Não havia razão para temer o anjo. Absolutamente nenhuma, mas algo tão profundamente dentro de Peste que ele não podia alcançar estava tão apavorado quanto uma criança pequena em face de seu pai raivoso.

Ele levantou o queixo em desafio e conseguiu soar perplexo enquanto dizia, — Agora você foi e arruinou o clima. Ele passou os dedos sobre a garganta, colocando a armadura no lugar de novo. — Outra hora, então. No momento que o Apocalipse começar, eu vou usá-lo até que seus gritos não mais me divirtam e sua pele já não contenha seus órgãos.

Com isso, ele saiu de casa de Harvester, esperando como o inferno que ninguém percebesse o tremor em seus joelhos. Que porra foi essa? Ele não temera nada desde que seu Selo se quebrara. Praguejando violentamente, ele estalou um Harrowgate e saiu nos arcos negros que levavam a casa de sua mãe. Ela estava dentro da estrutura que se parecia com um templo, descansando em um sofá no meio de uma orgia. Como de costume. A visão o acalmou, mas só um pouco.

— Meu filho — ela ronronou, entortando um dedo para que ele fosse até ela. — Você está chateado.

Ele chutou um macho humanoide que se afundara até os joelhos a sua frente, e se moveu através da massa fervilhante de corpos. — Meu plano falhou.

— A Aegi não tirou a virgindade de Thanatos?

— Ela tirou. Mas o Selo dele não se quebrou.

Lilith piscou, e seu corpo flexível ondulou enquanto ela se levantava. Ela usava uma saia fina e transparente, mas estava sem nada na parte de cima com exceção de um colar com uma esmeralda do tamanho de um ovo de pato entre seus seios fartos. — O que você

fez a Aegis acreditar para que eles enviassem a fêmea para Thanatos?

— Que se ela ficasse grávida, a criança salvaria o mundo.

Ela deu um tapinha no sofá ao seu lado, e ele se afundou na almofada de veludo. — E você tem certeza de que ela dormiu com ele.

— Sim. Enquanto lutava contra seu irmão, Than confirmara.

— *Você é responsável por isso. A lâmina de Thanatos pegou Peste na orelha, cortando-a ao meio. — Você convenceu a Aegi a me foder.*

Conquista avançou, retribuindo Than arrancando um pedaço da orelha de Styx. — Foi bom, Than? Valeu a pena esperar cinco mil anos?

Os olhos de Thanatos se encheram com uma dor que quase rendeu a Peste um orgasmo ali mesmo. Ele amava o sofrimento de seus irmãos. — Sim.

— O ventre dela foi estimulado? — Lilith perguntou.

Ele deu de ombros. — Provavelmente. Harvester diz que ainda há esperança, mas... Ele parou em uma respiração dura. Esperança. — A criança. A criança é a nossa esperança. A profecia não é sobre a virgindade de Than, sua *inocência*. É sobre o *inocente* dele. Uma criança. Harvester, aquela anjo traíçoeira, sabia, não sabia? Embora ela não pudesse ajudar diretamente, o fizera através da sugestão sobre o pergaminho. Agora, ele se sentia um pouco mal por tudo o que fizera com ela.

Okay, não, ele não se sentia.

— Brilhante. Lilith espalmou a coxa dele, seus olhos, assim como os de Limos, brilhante de excitação. — A criança é a chave para o Selo dele.

Sorrindo, Peste caiu para trás contra as almofadas e se livrou de sua armadura. Sua mente sempre ficava mais clara quando ele estava nu. Ainda mais clara quando ele estava gozando.

E, enquanto bocas e mãos cobriam seu corpo, planos se formaram. Quando o primeiro orgasmo o atingiu, ele soube o que precisava fazer. Precisava colocar as mãos naquela criança.

Aquela tenra criança de pele doce.

Capítulo Trinta e três

No segundo que Peste a deixou em sua residência, os joelhos de Harvester falharam. Ela bateu os joelhos no chão e um batimento cardíaco mais tarde, Reaver fez o mesmo, caindo em um amontoado de sangue. Embora ela estivesse tremendo, seus músculos moles, ela passou por cima dele.

Deixe-a em paz.

Peste tinha pisoteado Reaver como um hambúrguer, causando dano suficiente que levaria dias para ele se recuperar. E, no entanto, Reaver tinha encontrado forças para não apenas falar com seus ossos do rosto quebrados, mas para convocar a última de suas reservas celestiais, o pouco de energia que restou no toco onde costumavam ser suas asas, e ele se tornou uma força a ser considerada.

Ele a protegeu por alguma razão, e o murcho caroço preto de carvão que costumava ser seu coração, quebrou. Só um pouco, não mais do que uma pequena fratura de estresse, mais ainda assim.

— Reaver?

Ele gemeu, um som de miséria da alma profunda.

— Whine! —. O lobisomem correu para dentro. — Vinho de medula. Depressa.

Isso não ajudaria a curar Reaver, mas faria, pelo menos, tornar sua dor tolerável. Especialmente porque, conforme as ordens, ela o tinha forçado a beber muitas vezes, criando um vício que o tornaria praticamente inútil, enquanto o fim dos dias se aproximava, e agora ele o tomou livremente, desejando como um viciado em ópio perseguiu o dragão.

O lobisomem trouxe uma garrafa para ela, e ela levantou a cabeça de Reaver, embalando-o em sua mão, enquanto levantava a borda em seus lábios. — Aqui — ela murmurou, estremecendo quando a maioria do líquido escorria pelo canto da sua boca.

Ele estava fraco demais para beber, droga. Neste estado, muito

longe do alcance da fonte de seus poderes celestiais, ele poderia cair no que equivaleria a um coma. Ele iria definhar em coma até alguém o carregar fora de Sheoul, o que significava que ele poderia ficar preso aqui por toda a eternidade se ela – ou qualquer outra pessoa – desejasse isso.

— Vamos lá, Reaver. Beba, droga— . Quando ele não se moveu, ela se virou para Whine. — Traga-me um pouco de açúcar. Mel se nós tivermos. Uma xícara e uma colher.

Whine trouxe um pequeno pote de mel, e ela misturou uma colher na xícara com o vinho de medula. Anjos são como beija-flores, capazes de fabricar pequenas quantidades de energia vital do açúcar. Pegando novamente sua cabeça, ela inclinou um pouco sua cabeça para cima e derramou um pouco da mistura em sua boca. Desta vez, enquanto escorria por sua garganta, ele engoliu.

— Bom — ela sussurrou. — Um pouco mais.

Ele bebeu, e antes de toda porção ir embora, ele ganhou energia suficiente para levantar sua cabeça e segurar sua mão ao invés enquanto ele bebia.

— Mestre — Whine disse, e ela estava tão grata pela reação de Reaver que ela não rosnou por seu escravo falar fora de hora.

— O que?

— Uma mensagem chegou enquanto o Cavaleiro estava aqui— . Ele lhe entregou um rolo de pergaminho feito de pele humana.

Ela quebrou o lacre com seus dentes e desenrolou. Reaver poderia ficar livre. Alívio tomou conta dela. Ela odiava ter ele aqui, odiava os abrasadores olhares que ele lhe dava, odiava como ele lhe lembrava do que ela havia perdido.

Sua mão apertou a dela, e seus olhos, que haviam estado vermelhos, nebulosos com a dor, iluminaram um pouco. O açúcar estava funcionando, e enquanto os efeitos afrodisíacos do vinho ganhavam força, o azul de seus olhos se tornou sensual, como um mar quente sob o luar.

Ela sugou uma respiração chocada, esta foi a primeira vez que ela tinha visto ele como um ser sexual. Oh, ela o tinha apreciado como um homem lindo, cuja presença apagava todo o sol. Mas agora, uau. O

corpo dele endureceu, enquanto o êxtase tomava conta, sua cabeça caiu para trás. E seu corpo se arqueou. Em seus quadris, uma ereção sólida ergueu a costura do que restou de suas calças rasgadas.

Seu próprio corpo aqueceu enquanto ela observava ele se contorcer em um tipo de orgasmo onde somente o vinho de demônio poderia oferecer. Bem, isso não era verdade...no Outro Lado, no Céu, o acasalamento de duas almas era assim. O vinho de Medula tinha originalmente sido criado para simular o que os anjos caídos tinham perdido quando foram expulsos do Céu, e sim, isso chegou perto, era a segunda coisa mais incrível que se poderia experimentar.

Seus dedos coçaram para tocá-lo, e ela encontrou a si mesma estendendo a mão para sua grossa excitação. Ela só queria acariciá-lo um pouco. Ela queria traçar o contorno da braguilha de suas calças, talvez deslizar a ponta de seu polegar sobre o topo, desde que isso estava espreitando quase para fora sob o cós.

Um líquido de luxúria infiltrou entre suas pernas, e Whine rosnou baixo em sua garganta, farejando sua excitação e provocando sua própria. Ele próprio tinha estado lá para ela quando ela precisou de sangue, sexo, e alguém para amortecer sua raiva. Às vezes ela o tratou cruelmente, mas era o que se esperava dela, e se ela fizesse menos, ambos Whine e ela pagariam caro.

— Vá — ela disse, e embora ele hesitasse, obedeceu.

Sua natureza não lhe permitiria ir muito longe ou dar prazer a si mesmo até que recebesse a permissão dela, o que significava que se ela precisasse dele mais tarde, ele estaria pronto e disposto.

Reaver gemeu, seus lábios se abrindo, olhos fechados enquanto o prazer tomava conta dele. Seus quadris empurravam para cima e para baixo, um movimento de bombeamento controlou seu corpo, e a umidade começou a se espalhar ao longo da braguilha de suas calças enquanto ele vinha mais e mais.

Ele era lindo.

Deixe-a em paz. Ele a salvou. Ele poderia ter permanecido em silêncio, deixar Peste violentá-la, torturá-la, mas Reaver tinha arriscado sua própria segurança. O conhecimento a percorreu em uma onda de gratidão que se fundiu com sua luxúria, e ela se lançou,

preparada para pegá-lo em sua mão...

Seus dedos agarraram seu pulso antes que ela tocasse sua excitação. Ofegante, ela desviou o olhar para o rosto dele, onde o prazer tinha gravado no conjunto de seus lábios entreabertos, suas pálpebras sonolentas, sua pele avermelhada. Mas por trás de tudo eram suas íris cor de safira, que brilhavam como brasas.

— Obrigada — ela suspirou. — Obrigada por ter vindo em meu auxílio.

— Nenhuma mulher deveria sofrer isso— . Um sorriso torto curvou seus lábios. — Mas eu não fiz isso por você. Eu fiz por Reseph. Seus dedos se fecharam tão forte ao redor do braço dela que ela gritou, sentindo os ossos quebrando em seu pulso. — Você... a primeira chance que eu tiver... Eu vou matá-la.

Thanatos saiu do Harrowgate em frente a casa de Ares e discou para Limos em seu celular. — Esteja em meu Harrowgate Greenland em cinco minutos. E traga Arik.

Ele estava indo descobrir se o novo marido de Limos tinha qualquer conhecimento do que Regan tinha planejado. Neste ponto, ele não ficaria surpreso, dado as revelações de Limos. Talvez ela tivesse se casado com alguém tão desonesto quanto ela.

Exceto... Thanatos estava tendo um momento difícil segurando aquela raiva. Ele tinha ficado chateado quando ela tinha primeiro admitido seus enganos, mas ele a conhecia bem demais para não acreditar que ela se arrependia do passado. E se ele poderia acreditar, Reseph poderia ser salvo, então como ele poderia abandonar Limos?

Arik, no entanto, era outra história. Thanatos queria acreditar no humano, mas se ele estivesse em parceria com Regan...

A voz de Limos zumbiu sobre as ondas aéreas. — Than eu não posso. Estou me preparando para levar Arik ao R-XR...

— Traga-o! Em um acesso de raiva, ele desligou por arremessar o telefone contra um pilar de terra que subia como uma sentinela na entrada do jardim de Ares. Explodiu em uma explosão de plástico e intestinos eletrônicos.

Gotejando sangue e neve derretida, ele invadiu a casa de Ares, apenas para ser impedido pelo chefe Ramreel de Ares, Vulgrim. — Meu Mestre, você está ferido...

— Eu sei disso — ele estalou. — Onde está Cara?

— Ela está... ocupada, senhor.

— Onde está Ares?

Vulgrim clareou a garganta. — Ocupado também.

Certo. Than empurrou passando pelo demônio e seguiu para o quarto de Ares, onde ele bateu na porta, deixando manchas de sangue na tinta branca. — Abra.

Um rosnado erótico ecoou atrás da madeira. — Vá embora, Than. O aviso de Ares era alto e claro, mas Than ignorou e bateu com o punho na porta novamente.

— Styx está morrendo.

Houve um farfalhar de roupas, pancadas de pés no chão, e mais farfalhar. — Um minuto — Cara falou.

Than andava a passos largos, seus músculos tensos e se contorcendo com uma combinação de preocupação sobre seu cavalo, a fúria de seu irmão para atacá-los, e o intenso ódio pela traição de Regan. Ele não tinha certeza do que era pior, mas todos estavam misturados em um ensopado cáustico que ameaçava lançar uma tempestade de merda de violência. Ele queria matar. Destruir. Causar estragos e matar, matar, matar. Apenas sua preocupação com Styx o impedia de causar um caos completo, mas ele não podia garantir que não iria acontecer uma vez que o garanhão estivesse curado.

Se o garanhão morrer... ele poderia garantir que nada iria impedi-lo.

Cara e Ares abriram a porta e saíram, Cara de jeans e moletom, e Ares em armadura. — O que aconteceu?

— Nosso irmão aconteceu— . Than os conduziu para fora da casa e os levou para o local da batalha.

Embora ele esperasse que seu estômago revirasse com a vista de Styx deitado no gelo em uma poça de sangue como uma baleia arpoada, ele não esperava que doesse tanto. Seu cavalo tinha sido ferido antes, gravemente. Mas Peste e seu garanhão tinham prazer em

fazer Styx gritar, e Than jurou que podia sentir a dor do animal.

Outro portão se abriu, um flash de luz dourada passou correndo sobre o que a pouca neve não tinha sido estragada pela batalha e sangue. Limos e Arik saíram, e se eles eram um casal feliz, Than iria comer seu Selo. Eles ficaram separados, Limos em jeans azul turquesa e uma jaqueta de couro, e Arik em BDUs militares, um fofo casaco verde militar, e um cinto de armas circulando seus quadris.

— Droga. Cara afundou próximo ao garanhão, que estava trabalhando para respirar.

Ares se moveu na frente de Than, bloqueando sua visão. — Sobre o que foi esta batalha?

— Eu não sei. Than fechou seus olhos. — Não, eu sei. Ele pensou que meu Selo tinha quebrado, e quando ele percebeu que não tinha, ele enlouqueceu. Ele tentou matar Styx para me machucar.

— Por que ele achou que seu Selo tinha quebrado?

Matar. Ele respirou através do desejo de ir atrás de cada Guardião do planeta. — Porque a porra do Aegis nos traiu, e ele sabia disso.

— Você não está fazendo sentido — Ares disse.

— Regan. Apenas o nome o irritou, e ele não conseguiu parar o rosnado sanguíneo que condensou em sua garganta. — Ela não foi enviada para aprender nossa história. Ela foi enviada para me seduzir. Eles traíram a todos nós. Raiva proclamou seu controle enquanto a lama cáustica que tinha sido derramada em suas veias e correu como ácido através delas.

— Calma, Than — Limos disse. — Sobre o que você está falando?

— Regan. Than começou a andar em uma tentativa inútil de superar sua raiva. — Aquela vadia! Ele se virou para Arik. — O que você sabia sobre isso, Aegi? Ele se levantou até o rosto do humano. — Diga-me.

A expressão de Arik se fechou. — Eu não sei sobre o que você está falando, mas eu agradeceria se aprendesse a definição de espaço pessoal.

— Than. O tom de Limos era o que ela sempre usava quando

tentava trazer Reseph de uma raiva rara, mas não iria funcionar com Thanatos, e ele se virou para ela com um rosnado.

— Ela me drogou porra. Ele precisava matar, e as almas em sua armadura gritaram para serem soltas. *Breve, muito em breve*. Ele prometeu a elas.

Ares fez uma careta. — Quando? Com o que?

— Depois que você saiu. Than ferveu com a memória. — Ela me entupiu com meu hidromel favorito, enriquecido com alguma coisa. Provavelmente com erva daninha.

— Oh, homem— . Ares enfiou a mão pelo cabelo. — Sim, eu entendo porque você está chateado, mas obviamente, não deu certo...

— Sim, funcionou.

Todo mundo congelou. Todos, menos Arik, que olhou entre todos eles, claramente confuso. Finalmente, Limos clareou sua garganta. — Isso não poderia ter funcionado.

— Eu não entendo o que está acontecendo. O que há com a erva daninha? Arik perguntou.

— É um afrodisíaco — Limos explicou. — Than eu não entendo o que você está dizendo?

— Estou dizendo que ela me drogou. E.... Humilhação encolheu sua pele. — Ela me pegou.

— E eu ainda continuo perdido. O olhar de Arik estava desconfiado. — Você teve sexo com uma linda mulher. Por que isso é um problema? Você é um cara de pênis?

Than se lançou, mas Ares o pegou pela cintura. — Eu vou matar seu homem, Limos. Eu vou.

Rudemente, Ares arrastou Than para longe do humano. — Deixe-me ver seu Selo.

A mão de Than tremia enquanto ele alcançava dentro de sua armadura e tirava a moeda de ouro da corrente. Todos estavam calmos e silenciosos, a antecipação e o ar tão espesso como nevoeiro. O único som era o rufar das roupas ao vento gelado e as respirações murmuradas do seu garanhão. Pelo menos as ondas de cura de Cara estavam funcionando, e as feridas de Styx estavam fechando com uma velocidade incrível.

Ares pegou o Selo, seus olhos cheios de preocupação e determinados, duro como gelo. Ares faria o que fosse necessário para manter Than de sair para o mundo como uma entidade do mal, e Than não o culpava. Ainda assim, seu intestino torceu quando a mão de Ares caiu para o punho de sua espada.

Thanatos encontrou o olhar de Ares. — Você tem Salvação. Isso podia não matar Peste, mas esperançosamente, se o Selo de Than quebrasse, isso poderia matar a Morte.— Não precisamos disso — Ares disse, suas palavras cortadas com a força de sua determinação. Mas sinceramente, Than não tinha certeza que a Salvação faria a diferença. Se qualquer Selo quebrasse após o primeiro, todos quebrariam. Mas talvez se Ares pudesse agarrar Than em seu coração antes de seu Selo quebrar completamente ao meio...

— Quanto tempo o de Reseph demorou a quebrar? — Limos perguntou.

— Vibrou por alguns segundos e então quebrou — Ares correu seu polegar sobre a foice em frente ao Selo. — Pelo que Sin disse sobre o momento do evento que causou a quebra, eu acho que foi quase instantâneo. Ele atirou um olhar em Than. — Há quanto tempo você fez sexo?

Than falou entre seus dentes cerrados. — Meia hora, talvez .

— Espere — Arik avançou. — Você está dizendo que o sexo é o que vai quebrar seu Selo?

— Sim — Limos disse. — Pelo menos, nós pensamos que isso era o que era. Ela olhou para Than. — Talvez todo esse tempo você poderia ter tido relações sexuais?

Cinco mil anos desperdiçados? Sem chance. Tinha que haver outra resposta. Ele agarrou Arik pelo colarinho e ignorou o rosnado de Limos.

— Por que o Aegis enviaria alguém para quebrar meu Selo? Não faz nenhum sentido.

— Exatamente — a voz de Arik estava malditamente calma para alguém que estava na mão da Morte. — Isso não acontece. Isso significa que eles não achavam que o sexo é o que iria quebrá-lo. E aparentemente eles estavam certos. Então me deixe ir e vá compensar

os milhares de anos de celibato, imbecil.

Um véu de fúria carmesim desceu sobre sua visão. Limos e Ares ficaram ao seu lado, movendo-se lentamente, e ele se preparou para lutar. Em algum lugar de seu cérebro encharcado de ódio, ele sabia que tinha ido, sabia que não queria estrangular o humano em suas garras. Mas isso não importava.

— Than? — a voz de Cara penetrou a sopa letal entupindo sua cabeça. — Styx precisa de você. Soltando Arik, ele girou ao redor para Cara, quem estava acariciando o pescoço de sangue endurecido do garanhão. — Ele está bem, mas precisa de descanso...

— Para mim. Instantaneamente, o cavalo se dissolveu em fumaça e se atirou dentro da luva de Than.

— Thanatos — a voz de Ares era baixa, afiada com um aviso. — O que você está fazendo?

— Estou indo matar o Aegi que me traiu.

Ares agarrou seu ombro. — Você não pode começar outra guerra entre nós.

— Então eles não deveriam ter nos traído! —. As sombras das almas giravam ao redor dele como se estivessem em um liquidificador.

— Than... Limos disse, uma nota de desespero em sua voz. — Você precisa se acalmar. Você está ficando com este olhar louco, e não precisamos de uma repetição de Roanoke.

Roanoke... ele tinha perdido a paciência após ser baleado, e... ele não conseguia se lembrar. Uma névoa negra tinha trabalhado seu caminho em seu cérebro, a névoa da morte, o que sinalizava nenhum retorno e um desejo de massacre.

— Than... vamos descobrir isso.

— Than, acalme-se...

Houve um clarão cintilante, e ele pensou ter visto um anjo, mas seu corpo estava vibrando fora de controle e ele não poderia confiar em nada que ouviu ou viu.

— Reaver... graças a Deus... onde você estava...

— Ares... faça isso...

As palavras misturavam em sua cabeça até ele não conseguir descobrir quem estava falando ou o que estavam dizendo. Ele queria

apenas matar. Ele começaria com Regan, e então ele trabalharia seu caminho através de toda organização Aegis. Ele rasgaria os membros de seus corpos, rasgaria gargantas, matar, matar, matar...

— Limos. Tire Arik daqui.

Muito tarde. Com um rugido, ele se soltou, as consequências seriam detestáveis.

Capítulo Trinta e quatro

Ares tinha visto Thanatos em fúria, tinha limpado elas depois e sentou-se com ele. Mas ele nunca tinha visto... isso.

Reaver surgiu em um brilho deixado por Harvester pouco antes de Thanatos explodir como uma bomba nuclear. O poder da explosão derrubou Ares e Cara fora de seus pés, e ambos, Reaver e Limos, que não chegou em Arik rápido o suficiente, saltaram sobre ele, protegendo-o com seus corpos.

A onda de choque percorria a terra, pegando neve e formando uma parede sólida branca quando ele disparou em todas as direções a partir do epicentro. Iria matar todos os seres vivos na Groelândia.

Ares saltou de pé e abordou seu irmão. Eles caíram em uma pilha de armaduras de gelo. Rolando, eles lutaram, mas graças a presença de Cara, Ares estava em uma séria desvantagem, sua armadura enfraquecida fazendo pouco para protegê-lo dos golpes.

Freneticamente, ele se atrapalhou para a bolsa em seu quadril e encontrou o que estava procurando. Sem hesitar, ele enfiou o ferrão pequeno de osso no pescoço de Than. Instantaneamente, Than congelou.

O ferrão, que Cara o tinha convencido de transportar, foi revestido de saliva de cão do inferno e era o suficiente para incapacitar por alguns minutos. Ela tinha vindo com a ideia como uma arma contra Peste... ou contra qualquer de seus irmãos, caso um de seus Selos quebrasse. Ele fez uma nota mental de beijar sua esposa sem sentido mais tarde.

— Pegue Hal. – Ares disse para Cara.

Ela poderia chamar o cão com a sua mente, e era melhor que o vira-lata se apressasse. Enquanto esperava, tocou a cicatriz na garganta, forçando sua armadura a recuar, e agora estava deitado nu no gelo.

Hal apareceu do nada, língua estendida, jogando baba por toda

parte. Cara falou com ele, caminhou e deu uma grande mordida no braço de Than. O brilho em seus olhos negros disse que tinha gostado, mas Ares fez uma careta. Ele sabia em primeira mão que, enquanto sob influencia do veneno do cão do inferno, você sentia tudo.

— Desculpe, cara. – Ares murmurou. – Mas isso é para o seu próprio bem.

— Ares. – a voz de Cara estava pingando alarme, e ele ficou de pé, pegando sua espada. Mas não foi a espada que ele precisava. Seu coração quase parou quando viu o que Cara estava olhando.

Arik estava se contorcendo no chão, segurando a cabeça, um grito silencioso alojado em sua garganta. Próximo a ele, Reaver e Limos estavam imóveis.

— Que inferno é isso?

Quando Reaver apareceu, vestido com uma longa túnica negra e parecendo que tinha perdido uma briga com uma motosserra, Ares esperava ajuda com Thanatos. Mas isso definitivamente não ia ajudar, e isso não era bom. Ares se ajoelhou ao lado de Limos e do anjo, sentindo o pulso, para respirar, para qualquer coisa.

Não havia nada. Ambos estavam tão frios como o gelo ao redor deles.

Cara se afundou próximo a ele. – O que está acontecendo?

— Eu não sei.

O medo foi um soco em seu coração, e por um momento, ele pensou que poderia ter parado de bater. Um formigamento fez os cabelos da parte de trás de seu pescoço se arrepiar, e ele se virou, tanto aliviado quanto preocupado quando Gethel materializou ao lado de Than. Como de costume, ela usava uma túnica em estilo grego, botas de couro macio, e uma bainha em seu quadril.

Ela ajoelhou ao lado de Ares. – O que aconteceu?

— Thanatos. Ele estava com raiva. – ele não precisava dizer mais nada. Gethel tinha vigiado por centenas de anos. Ela sabia do negocio. – Como você soube que tinha algo errado?

— As mortes súbitas de milhares de pessoas nessa ilha foi uma onda poderosa. Fomos capazes de parar a onda da morte de Thanatos, mas era tarde demais, assim muitas pessoas se foram. – sua voz era de

chumbo com angústia. – Mais do que isso, eu podia ouvir as almas de Reaver e Limos gritando.

O sangue de Ares ficou tão frio como a terra ao seu redor. – O que você quer dizer?

Gethel acariciou o cabelo de Arik, e ele se acalmou, mas só um pouco. Ele ainda estava ofegante, como um peixe morrendo na margem de um rio. – Será que Reaver e Limos protegeram Arik da raiva de Thanatos?

— Eles se enrolaram em torno dele. – Cara disse.

Inclinando a cabeça, Gethel fechou os olhos. – Sim, isso faz sentido.

— O quê? – Ares avançou, não entendendo nada disso. – O que faz sentido?

— A onda de choque... se chocou Limos e Reaver em Arik. Literalmente. – ela olhou para ele. – Ele rasgou suas almas e os lançou ao humano. Se não fosse por eles, ele estaria morto. O problema é que ele vai morrer de qualquer maneira, se eu não conseguir recuperar suas almas. E mesmo se eu puder, vai ser perigoso, e vai doer. Muito.

Cara estremeceu, e Ares puxou-a em seus braços. Ela podia ser imortal, mas ela não era imune ao frio. – Porque vai doer?

— As almas são... desagradáveis. – Gethel continuou a acariciar o curto cabelo de Arik, que diminuiu sua agitação. – eles atam a si mesmos a forças vitais demoníacas para torná-los mais fortes. Peste as tem recolhido por esse motivo. Eu vou ter que descascar Reaver e Limos de Arik, e fragmentos serão deixados para trás ou sairão de Arik.

Ares tinha visto e ouvido falar sobre muita coisa em sua vida, mas isso era novo. E perturbador. – O que quer dizer com... fragmentos?

Gethel fez uma pausa, como se estivesse procurando as palavras certas. – Imagine duas pessoas grudadas com... qual o nome daquela substância...

— Supercola? – Cara ofereceu.

— Sim. Supercola. – Arik gemeu, e Gethel alisou a palma da mão sobre a sua bochecha. – Se você separar as pessoas, partes de pele

e cabelo são arrancados. No caso das almas, o que é levado ou deixado para trás é muito mais importante.

Ares digeriu isso por um segundo, e desejou que tivesse alguns Tums, porque tudo estava ficando azedo. – Se Arik morrer, sua alma pertence à Peste.

— Eu sei. – Gethel disse suavemente. Ela olhou entre Ares e Cara. – Segure-o. Ele vai lutar.

Cara deu um tapinha em Hal, que se amontoou perto de Arik e se jogou nas pernas dele.

Gethel levantou uma sobrancelha. – Incomum, mas eficaz.

— A história da minha vida com Cara. – Ares murmurou, e empurrou para baixo os ombros de Arik enquanto Cara segurava a cabeça para evitar a surra.

— Segure firme. – Gethel disse.

Fechando os olhos, ela respirou profundamente, e seu corpo começou a brilhar. Ela pegou no peito de Arik, e sua mão escorregou profundamente dentro da cavidade do seu corpo. Arik gritou, arqueando, veias aparecendo em suas têmporas e garganta. Ele convulsionou, e Ares jurou que ouviu um barulho rasgado enquanto Gethel puxava tão forte que caiu para trás. Mesmo em queda livre, ela conseguiu bater o punho no esterno de Limos.

Limos empurrou e despertou com um suspiro. – Arik. – ela passou por cima e agarrou seu braço, ficando entre Ares e Gethel. – O que há de errado? O que está acontecendo?

Gethel espalhou os dedos sobre o coração de Arik, como se ela estivesse usando sua força de vontade para mantê-lo batendo. – Estou tentando salvá-lo.

Um soluço selvagem devastador saiu de Limos enquanto ela se agarrava a Arik. – Sinto muito, Arik. Eu retiro tudo. Apenas viva, ok? Viva.

Ares piscou em confusão. Retira tudo? O que tinha ocorrido entre eles depois que Ares saiu de casa ontem à noite?

Gethel alcançou dentro de Arik mais uma vez, e Limos abafou um grito com as costas da mão.

Arik gritou novamente, um som cru, animal que fez Ares

estremecer, apesar de seus anos de guerra, morte e destruição que deveria ter feito ele imune aos sons de sofrimento. Mas esse foi além do sofrimento normal, e de repente, Ares sabia o que a dor profunda da alma significava.

Finalmente, Gethel recuou, jogando-se em Reaver. No momento em que sua mão bateu no peito, ele disparou em pé, respirando ofegante.

— Suas almas foram fundidas a de Arik. – Gethel murmurou, e muito, muito suavemente ela puxou o humano agora imóvel em seus braços e segurou-o.

Gethel, que nunca tinha sido de mimar ninguém. Ares teria ficado boquiaberto se não estivesse tão preocupado com o cara.

— Ele está...

— Ele vive, mas ele não é o mesmo. – Gethel olhou para Limos. – Você vai ter que descobrir suas limitações e talentos. – sua boca tornou-se sombria. – E as de vocês. Você e Reaver agora são parte de Arik, como ele partilha pedaços de vocês. – Gethel colocou a mão brilhante em sua testa, e ele acordou, piscando sonolento.

— Eu me sinto como a manhã depois de uma despedida de solteiro. – gemendo ele se sentou. Quando seu olhar virou para Gethel, soltou uma maldição. – Você! – ele agarrou sua túnica como se ela não pudesse destruí-lo com o dedo mindinho, se ela quisesse. – Como você pôde dissolver meu maldito casamento sem a minha autorização, porra?

Gethel estreitou os olhos e expulsou a mão dele. – Eu não fiz nada disso. Eu, entretanto, salvei a sua vida.

Ares estremeceu com a surra não tão sutil quando todos se viraram para Limos, que tinha ido para vermelho brilhante. Olhando para baixo na neve, ela mordiscou o lábio. – Eu... ah, merda. Eu poderia ter... menti um pouco sobre o divórcio.

— Então, ainda estamos casados? – quando Limos assentiu, ainda não olhando-o nos olhos. Arik soltou um suspiro longo e irregular. – Graças a Deus. – estendeu a mão e pegou a de Limos. – Nós vamos conversar sobre isso mais tarde. O que diabos aconteceu?

— Você quase morreu, humano. – Gethel ficou de pé, e para

ninguém em particular, ela disse: — Tome cuidado com ele. – então ela se foi.

Arik olhou para o irmão imóvel de Ares. – Cão do inferno?

Ares assentiu. – É. Precisamos mantê-lo assim por um tempo.

— Quanto tempo? – Arik perguntou, e Ares desejou que ele soubesse a resposta.

— Enquanto for preciso. – Ares levantou Than em seus braços.

– Mas eu garanto que ele vai ter um descanso, longo e agradável.

Controle de danos. Merda... controle de danos.

Kynan repetiu essas palavras em sua cabeça enquanto se sentava com Regan, Val, Malik, Decker e Lance na sede da Aegis, onde ele trouxe Regan imediatamente depois de enlouquecer Thanatos. Só um minuto atrás, eles receberam a notícia de um desastre de grandes proporções na Groelândia.

— Somos responsáveis pela morte de todas as pessoas. – disse Decker entorpecido, os olhos colados no laptop sobre a mesa da sala de reunião.

Val balançou a cabeça, mas ele parecia tão chocado quanto Decker. – Não há maneira alguma que nós poderíamos ter previsto como o Cavaleiro iria reagir.

— Exagerar. – Lance bufou em desgosto. – Ele enlouqueceu por transar. Que diabos foi isso? Que tipo de idiota enlouquece perdendo a virgindade com uma garota quente? Regan, você deve ter sido uma transa ruim.

Regan se lançou sobre a mesa com um grunhido. Val e Kynan a pegaram antes que ela pudesse ferir a si mesma ou a nova vida que agora levava, mas eles não se incomodaram em parar Decker, que bateu com o punho no rosto de Lance e o tirou da cadeira para empurrá-lo contra a parede.

Decker plantou sua grande bota no peito de Lance quando Lance estava gemendo no tapete. – Nunca fale sobre Regan assim de novo, ou eu vou empurrar essa bota até que sua bunda esteja usando fio dental com renda.

— E não fale de Thanatos dessa forma. – Regan se livrou de Val e Kynan, mas se sentiu ao invés de ir até Lance. – Ele não pediu por isso.

Decker deixou Lance, e o cara olhou carrancudo enquanto pegava uma toalha de papel do balcão de café e segurava contra seu nariz sangrando.

— E agora? – Malik olhou Regan como se ela tivesse uma resposta, mas ela acabou engolindo em seco.

— Controle de danos. – Kynan disse. – Os Cavaleiros vão ver isso como uma traição, e com razão, dadas as circunstâncias.

Droga. Isso não devia ter sido tão complicado. Seu informante tinha indicado que os Cavaleiros, com exceção de Limos, eram sexualmente ativos, que eles assumiram que seria uma aventura fácil para Regan entrar e sair sem complicações.

Ainda assim, Kynan não se sentia confortável com essa coisa da gravidez, e ele tinha a esperança de ser capaz de dizer a Thanatos sobre como a criança iria salvar o mundo.

Agora... eles estavam fodidos.

Porque diabos Thanatos era virgem? Crenças religiosas? Um voto pessoal? Pênis Timido? Merda!

— Assim como nós explicamos isso a eles? – Decker perguntou.

Kynan se encostou na cadeira e ficou olhando cegamente a enorme pintura de uma batalha de anjos e demônios na parede. – Eu vou falar com eles.

— Eu vou com você. – Decker disse.

— Não. – Regan sussurrou. – Você não pode. Thanatos é... – ela estremeceu. – Só não façam.

— Ela está certa. – Kynan disse. – Eu vou sozinho. Isso não vai ser divertido, mas pelo menos eles não podem me matar.

— Nós vamos ficar aqui e rezar. – Val disse. – Por eles não serem capazes de matar você, mas eu olhei os registros sobre o que Limos e Reseph fizeram aos Anciões na última vez que nós os traímos, e confie em mim, eles são bem capazes de matar o resto de nós.

Capítulo Trinta e cinco

Todos voltaram para a casa de Ares. Thanatos foi carregado, e Arik estava apoiado entre Limos e Reaver, embora Arik notasse que Reaver poderia precisar de mais ajuda do que Arik. Ele não sabia muito sobre anjos, mas ele meio que duvidava que normalmente parecia que tinha sido atropelado por um tanque e, em seguida, atirado com um canhão. Arik tinha visto um monte de ressacas nos seus dias, e ele poderia jurar que Reaver tinha saído de um inferno de uma farra.

Depois que eles colocaram Thanatos em um dos quartos de hóspedes com um guarda cão do inferno para mordê-lo caso se mexesse, todos foram para o grande quarto de Ares e olharam um para o outro. Ninguém parecia saber por onde começar. Não era um choque, uma vez que havia a questão da traição de Limos, o plano do Aegis com Reagan, o colapso de Thanatos, e a ressaca de... Reaver.

Para a parte de Limos, ela ainda não tinha encontrado o olhar de Arik enquanto ela caminhava ao lado da lareira fria.

Ares, que estava ao lado da cadeira onde Cara estava sentada com Hal a seus pés, cruzou os braços sobre o peito e perfurou uma carranca em Reaver. – Então, você vai nos dizer onde você esteve e porque não respondeu a nenhum dos nossos chamados?

— Não é seu problema questionar minhas atividades. – o anjo podia parecer o inferno com pernas, mas o seu poder letal não foi diminuído, e ele ainda conseguiu se tornar a peça central em uma sala já grande.

Limos parou de andar. – É meu problema questionar porque você não veio para o evento mais importante da minha vida?

Reaver se sacudiu como se sua bunda divina tivesse levado um tapa. – Você encontrou seu agimortus?

— Sim, mas não é isso que eu estou falando.

— Então o que?

Seu queixo se elevou. – O meu casamento.

Os olhos safira de Reaver escureceram como um mar tempestuoso. – Com Satanás?

— Não. – Arik disse. – Comigo. – ele finalmente capturou o olhar de Limos e ele esperava que ela tivesse entendido sua mensagem silenciosa alto e claro. — Estamos casados, e nós vamos ficar dessa forma, não importa a merda que você arraste.

Ele, amargo? Nah.

— Eu não entendo. – o cabelo de Reaver roçou seu manto quando ele se virou para Limos. – Casar com Arik não cancelará seu contrato.

— Isso certamente aconteceu. – Limos deu uma fungada arrogante, como se ofendida por Reaver tê-la questionado. – Quando Arik removeu meu cinto de castidade e colocou seu...

— Ok. – Arik cortou antes que ela pudesse entrar em detalhes que nem o irmão, nem o anjo devessem ouvir. – Ele tem a imagem.

Reaver fez uma careta. – Muito claramente.

Limos olhou para seus pés e, em seguida, fez um backup em Reaver. – Eu sei que você esteve ocupado, e você tem todas essas regras estúpidas para seguir, mas você sabe... não há muitas pessoas que se preocupam, e eu não tenho muitos amigos... e eu queria que você estivesse lá.

— Eu sinto muito, Limos. – o arrependimento na voz de Reaver transformou em cascalho. – Os responsáveis por me manter longe vão pagar. Eu te prometo isso.

O telefone de Arik zumbiu no bolso de sua calça, e quando ele o pegou, um texto de Kynan piscou na tela: Estarei na casa de Ares, em dois minutos.

Ah, isso ia ser bom.

Ele se desculpou, deixando Limos e Ares com a questão do paradeiro de Reaver, Arik lhes desejou boa sorte em silêncio, com isso, porque o anjo não parecia inclinado a responder.

Arik reconheceu Kynan no pátio, cortando Ky antes que o cara pudesse dizer — Olá. – Você sabe o que seus idiotas quase fizeram?

A expressão do outro homem permaneceu passiva, embora Arik

tivesse soltado sua merda. – Eu não tenho ideia, mas eu estou supondo que você vai me preencher?

— Eu estou falando do Selo de Than. Isso soa familiar? Você sabe o que o quebrava? Sexo. Seu Selo era para ser quebrado com sexo, então ele tem sido celibatário a vida inteira.

Kynan empalideceu. – Espera... o quê? Regan disse que ele era virgem, mas não sabia porque... ah, merda.

— É. Idiotas. Você me disse que Regan estava indo seduzir Thanatos, mas... – Arik parou quando viu o gesto *atrás de você* de Kynan, e débil, se virou para ver Limos de pé na soleira da porta, ladeada por Reaver e Ares, os olhos dela faiscando fogo roxo.

— Você sabia? Todo esse tempo você sabia porque Regan estava fazendo, e você não me disse? Sua mentira poderia ter causado o maldito Apocalipse! – ela avançou, olhando para ele com desprezo selvagem que espetou-lhe através do coração. – Depois de todas as suas besteiras sobre odiar mentirosos, você mentiu pra mim. Você fez isso comigo!

Arik não tinha desculpa. Nem mesmo algo imperfeito como, — Você é a única a falar — porque embora possa ser verdade, o fato é que ele era um épico hipócrita em grandes proporções, e era isso do que se tratava. Não era mentira dele, não sua omissão. Sua hipocrisia.

— Então... – ela exigiu.

Ele não teve a chance de responder, não porque ele sabia o que dizer, porque Cara se apressou a eles... tentou, de qualquer forma, já que Hal estava agarrado em seus cadarços. – Eu acabei de verificar Thanatos. Eu acho que você pode querer ver isso.

Ares ficou tenso. – O efeito do veneno passou?

— Não, está tudo bem. Mas... você realmente deve vir comigo.

Ares atirou a Arik um olhar de *você é meu mais tarde*, e Limos fez o mesmo. Cara, Arik estava em uma merda de problemas, e considerando todas as coisas, ele realmente preferia ir contra Ares do que Limos. Ele tinha que corrigir isso. Tinha que corrigir agora.

Ele começou a ir atrás deles, mas Kynan agarrou seu braço. – Um pouco de conselho de homem casado para outro. Você tem que correr atrás dela. As mulheres nunca perdoam se você não faz isso.

Mas dê-lhe alguns minutos para se acalmar primeiro. – Kynan sorriu ironicamente. – Confie em mim.

Os músculos de Arik se contraíram com a necessidade de ir atrás de sua mulher, para explicar o inexplicável e corrigir toda essa merda entre eles. Ele não ia se sentir sólido com ela até que toda a roupa suja fosse lavada, e até que ele tivesse certeza de que ela nunca iria tentar se livrar dele para seu próprio bem.

Eles tiveram que passar por isso, e mesmo que ele soubesse que Kynan estava certo, Arik não podia esperar. Ele era um soldado, e seu trabalho era destruir o inimigo. Agora, o inimigo era a sua própria estupidez.

Ele começou a avançar novamente, mas dessa vez foi Reaver que o deteve. O anjo saiu da casa, segurou a parte de trás de seu pescoço, e olhou para Kynan como se Arik fosse um estudante vagabundo.

— Nós vamos conversar primeiro. – Reaver disse, liberando Arik para ele e Kynan pudessem começar com a palestra *você-foi-um-bad-boy*. – Quando a Aegis decidiu enviar Regan para Thanatos?

— Alguns dias atrás. – Kynan disse. – Por quê? A propósito, você parece como um inferno.

— Eu vivo para a sua opinião. – Reaver falou lentamente. – Agora, qual era o propósito de tomar essa decisão?

— Recentemente, encontrei um livro escrito por um guarda que tinha visitado um Vidente em seu tempo. – Kynan mudou seu peso algumas vezes. – Ele... indicou que, afim de salvar o mundo de Peste, um Aegi teria de acasalar com um Cavaleiro.

Os olhos de Reaver se estreitaram. – Onde você encontrou esse livro?

— Uma câmara Aegi que Limos me levou.

— Ah. – Reaver olhou para o mar que cercava a ilha grega, a sua expressão perturbada, e Arik jurou que o cara estava tremendo um pouco. – Interessante, não é? Que enquanto eu estava sendo mantido fora do alcance de evocação, Limos te levou para um pergaminho que instruía algo que todo mundo achava que quebraria o Selo do Cavaleiro.

— Nós não temos qualquer razão para não confiar em Limos. Ela disse que encontrou a câmara enquanto procurava seu agimortus. Nós não agimos rapidamente ou sem pesquisar os itens que encontramos na câmara.

Um pedaço de suspeita do tamanho de um demônio Gargantua afundou o intestino de Arik. Limos não tinha mencionado essa câmara, não mencionou nada como ajudar o Aegis recentemente. Era outro segredo? Outra tentativa para iniciar o Apocalipse?

Não. Ele não poderia pensar dessa forma. Ela disse um monte de mentiras, mas ele acreditava que ela lamentava por todas, e se tivesse feito alguma coisa para levar o Aegis para fora do caminho, não tinha sido porque ela quis.

Uma brisa passou, agitando o manto de Reaver, e ele apertou o cinto antes de voltar sua atenção para Kynan e Arik. – Desde que o Selo não quebrou, nenhum dano foi feito, mas a situação deixa um monte de perguntas.

— Como o que vai quebrar o Selo de Than. – Arik soltou um suspiro de frustração. – Mesmo ele pensou que sexo poderia fazê-lo.

O rosto de Kynan assumiu uma estranha coloração verde. – Ah... há mais.

Oh, Jesus. Esperando que Kynan não fosse dizer o que Arik pensou que ia dizer, ele se apressou. – O que mais?

— É Regan. – Kynan desabafou. – Ela está grávida.

Silêncio absoluto caiu. E então Reaver cambaleou para trás, os olhos ardendo fogo azul. Ele soltou um rugido irritado, e então se foi.

Irritada, se sentindo como uma idiota, Limos seguiu Ares e Cara para a parte de trás da mansão. Como Arik poderia ter escondido algo tão grande dela? Esse não era o tipo de coisa "Querida, não, esse vestido não deixa sua bunda parecer gorda". Ele sabia que o Aegis tinha enviado alguém para trair todos eles, e que ele não tinha avisado. Quanto tempo ele sabia? Se ele tivesse sido parte da decisão?

Talvez, durante a sua cerimônia de casamento, em vez de admitir a quantas outras mulheres ele tinha beijado ele poderia ter

dito: — Oh, hey, a propósito, Regan está aqui para foder seu irmão e eu sabia disso.

Sim, isso teria sido bom. Quantas pessoas morreram na Groelândia por causa de sua traição? E que tipo de consequências ainda estavam por vir?

E agora, por causa da Aegis, Thanatos estava incapacitado, preso dentro de sua própria cabeça com apenas sua raiva como companhia.

Ele estava onde o tinha deixado, em uma cama king-size em um dos pequenos quartos de hóspedes. Alguém tinha colocado lenços de suor sobre ele, e um cobertor cobrindo a parte superior do corpo. Um cão infernal estava deitado na cama ao lado dele e, a julgar pelo olhar que Cara deu ao cão, Limos imaginou que ele deveria estar no chão. Mas, realmente, você não diria a um monstro comedor de homens de duas mil libras onde dormir.

— Se temos que manter Than aqui por muito tempo, precisaremos de um IV para mantê-lo hidratado. — Limos disse, sua voz traíndo sua raiva de forma tão clara que o cão do inferno mostrou os dentes como se ela fosse a ameaça.

— Nós também vamos fazer turnos para lhe fazer companhia. — Ares passou o braço em torno da cintura de Cara, Limos ingeriu, se perguntando se Arik e ela teriam alguma intimidade novamente. — Com o que você está preocupada?

Cara gesticulou para Thanatos. — Veja por si mesmo.

Isso não era bom. Todos estavam relaxados em torno de seu irmão, que parecia tão pacífico como se estivesse dormindo. Exceto que seus olhos estavam abertos. Ele olhava para cima, imóvel, mas consciente. Limos ficou tensa, sabendo exatamente o que ele estava sentindo e como ele se sentia. Pelo menos ele estava com a família, e ele sabia que ninguém iria machucá-lo. Ele seria mantido confortável e seguro.

Cara tocou o pé de Than. — Olhe.

Instantaneamente, Than reagiu. Não o seu corpo... apenas o lábio superior. E... santo inferno... os dentes. Seus caninos alongados em presas que um tigre ficaria orgulhoso.

Ares recuou, quase derrubando Limos. – Que diabos é isso? – ele se virou para Limos. – Você sabia?

Ela não conseguia desviar o olhar, mesmo quando a boca voltou ao normal. – Eu não tenho ideia. O seu Selo está intacto? Reseph... Peste... ganhou presas quando o seu quebrou.

Ares retirou o cobertor para revelar o Selo, que, felizmente, estava inteiro. Mas isso não explicava o hardware carnívoro. Thanatos estava tão confuso quanto eles?

— Esses últimos dias tem sido interessantes como o inferno. – Ares murmurou. – E, por interessante, quero dizer fodido.

— Sim, e eu sou parte disso. – Limos respirou fundo, sabendo que ela tinha que fazer isso, e se preparando para a fúria de Ares. – Eu sinto muito pelo que fiz e por todas as mentiras que eu contei. Eu não espero que você me perdoe, e eu entendo se você me odiar. – ela engasgou com isso, porque, enquanto ela poderia entender, ela não conseguiria suportar.

E então ela não precisava. Ares a puxou contra ele tão rápido que sua respiração bateu em seus pulmões.

— Eu não odeio você. – ele disse, soando um pouco engasgado. – Eu odeio o que você fez, e eu odeio que você mentiu por tanto tempo, mas eu quis dizer isso quando eu disse que amo você, não importa o que. Eu estava errado em ter levado isso longe de você e disse que você era tão ruim como Peste. Você pode me perdoar?

Oh, Deus. Ele estava pedindo perdão? Como ela tinha sido estúpida para duvidar dele. Ela foi criada para acreditar que todo mundo era apenas uma única palavra ou um único ato de odiar e de trair você, e isso nunca tinha ocorrido a ela que o amor poderia realmente ser incondicional.

Capítulo Trinta e seis

Reaver estava no topo do Monte Megiddo e amaldiçoou. Amaldiçoou até que as nuvens girassem em um vórtice negro irritado, e então amaldiçoou mais. Ele não poderia ir para o Paraíso, não até que suas asas voltassem a crescer. Isso estava sendo como quando era um não caído de novo, preso entre os reinos e praticamente impotente.

Pelo menos aqui, ele poderia chamar seus irmãos celestiais... supondo que iriam responder. Seu corpo estava cheio de vinho de medula, mas não o suficiente. Ele desejava tanto que estava tremendo, e tampouco queria conseguir um pouco mais quanto ficasse limpo, e agora seu cérebro era muito azedo para considerar a coisa de limpar. Seu couro cabeludo ficou apertado, e ele se virou quando um raio de luz incendiou a terra a poucos metros de distancia. Quando acabou, Harvester estava parada com um saco de tecido na mão, os olhos brilhando, os lábios vermelho sangue, como o vinho que tinha forçado para baixo de sua garganta.

— Alguém está um pouco chateado.

Chateado não abrangia isso, e levou cada grama de contenção que Reaver tinha para não lançar-se nela. – O que você fez?

Inclinando a cabeça, Harvester sorriu para ele. – Você acabou de descobrir porque eu te mantive preso, entendo. – um trovão quebrou, e a chuva caiu com grandes gotas. Com um aceno, ela lançou um guarda-chuva invisível que protegia a ambos. – Nós não poderíamos ter você dizendo ao Aegis para não mandar alguém para foder Thanatos, poderíamos?

Algo de sua fúria evaporou, substituída por uma súbita suspeita. Ela não parecia chateada que o Selo de Than não tivesse quebrado, o que disse a ele que ela sabia que não iria funcionar. Acabar com o celibato do Cavaleiro não pareceu um gol, não é?

— Como você sabia que o seu Selo não iria quebrar?

— Eu não sei do que você está falando. É claro que eu pensei que iria quebrar.

Ela estava mentindo. Mas por quê? Ele olhou para as nuvens agitadas e depois de volta para o anjo caído e notou. – Você sabe qual é o agimortus de Thanatos, não é?

— Não faço ideia.

— Você está mentindo. – ele pulou para ela, mas sem suas asas, ela foi mais rápida e sua mão fechou no vazio.

Ela ficou a três metros de distância, sorrindo. – Eu nunca mentiria. Estou ferida que você pense isso de mim.

— Ferida, minha bunda santa. – ele rangeu os dentes. – Como que você sabe sobre o agimortus do Thanatos e eu não?

— Eu sou especial. Você é um anjo, sem memória do seu passado e com asas especialmente sujas. Oh, espere, você não tem asa algumas, não é? – ela enfiou a mão na bolsa que estava segurando. – Trouxe uma coisa. Aproveite. – ela jogou uma garrafa para ele, que pegou antes que pudesse quebrar nas rochas.

Vinho de medula. O frasco queimou em sua pele, quase como se estivesse afundando raízes na palma da mão. Chuva começou a cair torrencialmente. Harvester se foi.

O vinho... ele assistiu com horror como o seu corpo estava desconectado de sua mente, viu como abriu o frasco e o levou aos lábios.

Mais forte que isso. Sou mais forte do que isso.

As palavras penetraram seu cérebro, mas não porque elas eram verdadeiras. Foi porque ele tinha dito antes, e ele estava errado. Mas quando? Por quê?

A memória nebulosa era tão substancial como um fantasma e mais difícil de definir. Mas o fato de que ele tinha qualquer lembrança, não importava o quão confuso, era um milagre.

Talvez um toque da habilidade militar de Arik para lembrar de detalhes importantes era o que tinha agarrado a Reaver quando Gethel havia separado sua alma do humano. Interessante.

Mil explosões de dor atravessaram sua mão, e ele olhou para baixo para ver que tinha apertado com tanta força o frasco que tinha

quebrado. Cacos de argila estavam presos na mão, punho e dedos. O vinho de medula misturado com o sangue e chuva escorreu por seu braço e caiu na terra seca aos seus pés.

Parte dele queria ficar de joelhos e lambe o vinho antes que se infiltrasse na sujeira. De alguma forma, ele resistiu.

Harvester não ia ganhar novamente.

Harvester piscou de volta em sua casa, onde Whine estava esperando por ela, de cabeça e olhos baixos. Ela tinha estado em um humor de merda desde que encontrou Reaver no Monte Megiddo, onde ele tinha xingado uma tempestade. Literalmente. Ela não queria vê-lo de novo tão cedo depois de libertá-lo, mas ordens eram ordens, e só um tolo ignoraria Lúcifer.

Alimentar seu vício, Lúcifer tinha dito. *Mantenha-o bêbado*. Mais fácil dizer do que fazer. Embora ela alimentasse Reaver com uma dieta regular de vinho de medula enquanto ele estava preso, ele nunca pediu por isso, mesmo quando tremia de abstinência e febre, ela ficava a espera que ele implorasse.

Ele não tinha feito isso nenhuma vez. Ela tinha sido forçada a dominá-lo e gotejar em sua garganta. Uma vez provado o vinho, ele tomou livremente, mas ele possuía a incrível capacidade de nunca perguntar por ele.

Tal poderoso e orgulhoso anjo.

Ela o admirava por isso.

Amargura picou a língua quando ela chamou Whine para ela. Em um piscar de olhos, ele estava diante dela, ajoelhando-se e beijando seus pés. O arranhado de seus dentes em sua pele a enfureceu, a única vez em que ele alguma vez foi descuidado com a forma que a tocava era quando a lua cheia estava levantando na sua nativa Hungria, o que significava que ela precisava libertá-lo por três dias, para que ele soltasse sua energia warg.

Caramba. Esse dia estava ficando ainda melhor. Eras de planejamento estavam se unindo e ainda... estava tão perto de desmoronar.

Organizando para a garota Aegis engravidar tinha sido uma aposta maciça.

Em nove meses, essa aposta iria valer a pena ou ser a ruína de Harvester.

Em nove meses, o Apocalipse seria evitado... ou quebraria o mundo.

Capítulo Trinta e Sete

Arik olhou para o espaço onde Reaver tinha desaparecido, se perguntando quando e se o mundo estava indo voltar ao normal. Seu melhor palpite totalizaria quando o inferno congelasse, e não era uma piada, porque se Peste fizesse seu caminho, o inferno seria aqui mesmo na Terra.

— Merda. – Kynan disse. – Isso está uma bagunça.

— Uma bagunça? – Arik girou ao redor. – Eufemismo do século, você não acha? O Aegis é malditamente sortudo por não ter quebrado o Selo de Than com esse pequeno truque.

— Pelo menos nós estávamos tentando fazer alguma coisa para parar o Apocalipse. — Kynan estalou. – O R-XR está sentado em sua bunda condenada. Até a hora que agirem, vai ser tarde demais.

Os militares tinham sido sempre reativos ao invés de proativos, assim como o governo, mas no extremo oposto do aspecto, o Aegis tinha sempre saltado antes. Mas essa era notícia velha, não vale a pena discutir sobre, e, finalmente, a raiva de Arik não era dirigida a Kynan. Não era nem mesmo dirigido a si mesmo para manter seu conhecimento sobre Regan longe de Limos, embora ele definitivamente estivesse chutando a si mesmo por isso.

O que veio a mente era que Arik sabia que tinha que tomar uma decisão, e era uma que ele nunca pensou que teria que enfrentar, Kynan, que sempre tinha sido capaz de ler a situação como se estivesse dois passos a frente de todos, sabia exatamente o que Arik estava pensando. – Você está voltando para nós, ou não?

— Você vai me fazer guardar segredos da minha família?

Houve um longo silencio antes de Kynan suspirar. – Cara, eu sei onde você está indo. Eu sou um Guardião com parentes demônios. Estou acasalado a um demônio. Minha lealdade é testada todos os dias.

— Mas?

Os olhos azuis de Ky perfuraram Arik. – Mas você está com o queixo profundamente enterrado com pessoas que poderiam tornar mais difícil se seus Selos quebrarem. Há coisas que precisamos manter próximos do coleto.

— Eu entendo isso, e eu sei que Limos também. – sua menina poderia estar chateada agora, mas estava longe de ser estúpida, e ela compreenderia as consequências se ela se tornasse má. – Ela não vai perguntar qualquer coisa que comprometa a quebra dos Selos. Mas as outras coisas... coisas como enganar o Cavaleiro para obter uma Guardiã grávida? Sim, você continua com essa merda para si mesmo, porque não estou escondendo nada dela.

Nunca mais. Segredos e mentiras quase destruíram seu relacionamento com ela e seu relacionamento com seus irmãos. Inferno, eles ainda poderiam destruir tudo. Ela não tinha voltado ainda, e ele estava começando a se perguntar se ela iria.

Kynan amaldiçoou. – Você sabe que, se você fosse outra pessoa, diríamos para dar uma longa caminhada.

— Eu sei. Mas, mesmo sem todo o meu treinamento, habilidades de luta demônio, e habilidade de aprender a língua dos demônios, eu sou muito valioso, tanto para a R-XR quanto para o Aegis perder.

Nenhuma organização gostaria de perder um informante no círculo íntimo dos Cavaleiros. O problema seria que, enquanto Peste tivesse sua alma, Arik tinha que ter cuidado com onde ele fosse e com quem estava. O filho da puta podia senti-lo, e não há maneira que Arik arriscasse que Peste atacasse a sede da Aegis ou alguma merda assim.

— Odeio quando você está certo. – Kynan olhou para o relógio. – Olha, eu tenho que ir. Mas nós precisamos de você. Precisamos de você mais do que nunca. Pense sobre isso.

Arik realmente não precisava pensar sobre isso. Se a importuna coisa do Apocalipse fosse uma preocupação, Arik não teria considerado voltar, mas o mundo precisava de todas as mãos no convés agora, e ele não iria virar as costas para a humanidade.

— Você é um idiota. – Arik gritou, enquanto Kynan estava a

caminho do Harrowgate da ilha. – Você sabe qual é a minha resposta.

Kynan não se virou, apenas lhe atirou o dedo do meio. – Eu sei.

— Babaca. – Arik murmurou. Esfregando as têmporas e se preparando para o próximo confronto.

Limos. E Arik. Não só ele começaria a explicar porque ele tinha mantido segredo, mas também tinha que dizer que iriam se tornar tio e tia. Algo lhe dizia que isso não ia ser uma celebração. Enquanto ele começou a andar para a porta da frente, ele se perguntou quantas pessoas iriam aparecer em seu funeral.

— Ei, Arik.

Enrijecido, Arik se virou para o dono da voz profunda. – Tav? O que diabos você está fazendo aqui? – o Sem loiro sorriu tristemente, e suas vísceras puxaram com violência quando notou quando um certo pensamento lhe ocorreu. – Você está aqui para me matar, não é?

— Sim.

Um calafrio deslizou pelo corpo de Arik. – Por quê? Limos está fora do seu contrato, de modo que me matar é inútil.

— O Lorde das Trevas está chateado com isso, aparentemente.

— Ele deve estar. Ele perdeu. – ele perdeu um grande momento.

Encolhendo os ombros, Tav olhou para Arik de cima abaixo. – Você parece bem. Liberdade fez bem a você.

— Obrigado. – Ok, então foi meio estranho ter uma conversa amigável com o homem enviado para matá-lo. – Então...

Tav soltou um longo suspiro. – Então...

— Como vamos fazer isso?

— Não sei. – Tav parecia genuinamente perplexo, suas sobrancelhas desenhadas em uma carranca profunda sobre os olhos azuis. – Nunca tive que matar alguém que eu gostei antes.

— Estamos quites, então, porque eu nunca tive alguém que eu goste tentando me matar. – Arik passou a mão pelo cabelo. – Esse tipo de merda.

— É uma situação estranha, com certeza.

Tavin alcançou debaixo de sua jaqueta e tirou um disco de metal redondo, as bordas pareciam afiadas o suficiente para separar a

cabeça de um lobisomem de seu corpo sem qualquer esforço. Que era o que Arik adivinhou que ia acontecer com ele.

— Eu sinto muito por isso, Arik.

— Eu não posso tirar você disso, não é?

— Se eu falhar, coisas ruins acontecem para mim. – a voz de Tavin era monótona, que assinalou a mudança de amigo em dever de soldado.

— E se você tiver sucesso, coisas ruins acontecem para mim.

Arik mudou seu peso e casualmente liberou a alça que travava a pistola no coldre da cintura. A maioria dos demônios não eram danificados por balas normais, mas ele sabia que Sems eram vulneráveis. Além disso, não era o seu ditado favorito sobre como as armas de fogo traziam dignidade para o que seria o caso contrário de uma briga vulgar.

Ele estava preparado para ser muito digno. Não que ele se opusesse a vulgaridade. Tavin inclinou a cabeça, um aceno afiado, respeitoso, e então desapareceu. Ele se movia como um fantasma, tudo confuso e coisas prateadas brilhantes. A roda veio em Arik com uma lufada de ar, e ele mal conseguiu libertar sua pistola a tempo para usá-la para desviar a lâmina, que teria cortado o topo da sua cabeça. A roda acabou cortando o cano da Beretta e tirou-a da sua mão.

Putá. Merda.

Tavin voou para ele, e Arik girou para encontrar o demônio, que era uma massa de golpes e lâminas que deveria ter tirado de sua bunda. Um milhão de cortes em Arik de uma vez, como se tivesse sido lançado em um processador de alimentos gigante. Batendo no chão em um rolo apertado, ele sacudiu a Stang do arreio no peito e passou a lâmina pelo torso de Tav.

O demônio gritou e recuou, mas mesmo com Arik preso no final da arma de prata no ombro do Sem, a lâmina de nove polegadas de Tav, recortou o intestino de Arik. Ele ouviu o som viscoso de sangue, sentiu a resistência muscular e cartilaginosa de órgãos sendo penetrados.

Agonia impressionante lhe tirou o folego.

De alguma forma, ele conseguiu apertar seu joelho entre as

pernas de Tavin, e o cara soltou uma maldição e se dobrar. Ofegante, gemendo, Arik apunhalou o demônio nas costas com a Stang cortando ao longo de suas costelas. O demônio gritou, girou, seus olhos carmesim, e afundou a lâmina no peito de Arik.

Tonturas tomaram o corpo de Arik. Uma nevoa negra veio, e caramba, ele ia morrer, não ia? Ele viveu um mês de tortura no Sheol, sobreviveu a Peste, Satanás, Thanatos e khnives.

E esse demônio do sexo ia matá-lo.

— Babaca. – respondeu asperamente.

Os olhos de Tavin passaram de vermelho para ouro, o que significava que ele estava apenas levemente chateado agora. Quando eles voltaram para o azul normal, o cara ia ser direto, mas Arik duvidava que isso aconteceria tão cedo.

— Eu realmente sinto muito, humano. – Tavin empurrou a lâmina.

Diretamente no coração de Arik.

Dor. Arik pensou que ele tinha conhecido tudo que havia.

Ele estava errado.

Dor no coração era uma besta única, uma sensação aguda e escaldante que tornou impossível até mesmo se contorcer de agonia.

Ele estava sob o pesado corpo de Tavin, desejando que ele tivesse a chance de fazer amor com Limos antes de morrer. Desejando que pudesse ter pedido desculpas a ela. Desejando poder ter deixado muito, muito claro que nada do que tinha feito no passado importava para ele.

A dor no coração de Arik não tinha nada a ver com a faca enterrada no mesmo. Sua dor era por Limos.

Tavin arrancou a lâmina do peito de Arik e bateu sem jeito a seus pés, sua mão cobrindo sua própria lesão enquanto Arik sangrava na areia.

Ou.... espera. Ele não estava sangrando. Erguendo a cabeça, ele testou os dedos das mãos e pés. Todos se mexeram. Sentou-se, olhou para baixo, e ei, seus ferimentos estavam se fechando.

— O quê? – Tavin virou, lançou uma adaga, e enterrou-a na garganta de Arik.

Doeu como o inferno, mas Arik puxou-a para fora, e uma sensação de fechar curiosa passou por ele enquanto a ferida fechava.

— Isso é tão legal. – Arik deu um tapa para baixo, nem sequer olhando para cima quando Tavin trouxe uma chuva de lâminas que se enterraram em Arik, como duas dezenas de carrapichos.

Elas escavavam dolorosamente em sua pele em uma tentativa de chegar aos seus órgãos vitais. Elas eram uma arma demoníaca desagradável, mas mesmo quando Arik amaldiçoou e tentou erguer um de seus ombros, sua carne convulsionou ao redor delas e as empurrou para fora do corpo.

— Merda. – Tav ficou na frente dele. – Porque você não morre?

— Não faço ideia. – Arik ficou de pé, e as lâminas caíram ao chão.

Tavin veio para ele novamente, dessa vez com uma lâmina curvada que visava o pescoço de Arik. O demônio não estava brincando mais. A maioria das coisas, mesmo imortais, não sobreviviam a decapitação. Arik se abaixou, virou, e conseguiu bater em Tavin no caminho, mas o cara foi rápido, e quando ele girou, uma lâmina de prata surgiu na visão de Arik.

Ele mergulhou para o chão, varrendo uma das lâminas enquanto rolava. Em um movimento rápido, ele lançou a arma pequena, pegando o demônio no intestino. Tavin vaiou de dor e deixou cair a lâmina. Arik tomou medidas instantâneas, agarrando o punhal e fazendo um replay de seus dias de futebol da escola enfrentando Tavin que estava em suas costas.

Arik prendeu a lâmina contra a garganta de Tav. – Terminou?

— Mate-me. – Tav disse asperamente. – Ou eu tenho que continuar tentando.

A lâmina ia matá-lo de qualquer maneira, mas seria lenta e dolorosa como a merda. Cortar a garganta de Tavin seria uma misericórdia. Mas caramba, o cara ajudou Arik com grande risco pessoal por trazer água extra e dando uma rota de fuga de Sheoul. E depois teve a coisa da mente.

Arik olhou para o demônio, cuja pele cinza estava escorregadia de suor. – Você curou meu corpo, mas também minha mente, não é? É por isso que não sou uma bolha babando de stress pós traumático.

Os olhos de Tavin se arregalaram. Por um momento, Arik pensou que ele ia negar, mas um enorme tremor o sacudiu, e ele suspirou. – Eu tenho uma... capacidade... limitada. Mãe... era um... prousi.

Prousi. Uma espécie de demônio que possuía habilidades mentais. Então Tav tinha herdado um presente corporal Seminus de seu pai, mas também um mental de sua mãe. Arik se perguntou que outros dons o demônio estava escondendo.

E as informações que ele poderia estar escondendo.

— O que você sabe sobre os khnives que foram enviados atrás de mim?

— Nada. – Tav gemeu, e um fio de sangue escorreu do canto de sua boca. – Mas olhe... além de Sheoul para o... perpetrador. – seu olhar doloroso se encontrou com o de Arik. – Khnives são espiões. Nenhum demônio iria... usá-los como... assassinos. Muito imprevisível.

Bem, essa noticia foi perturbadora como a merda. Quem fora de Sheoul o queria morto?

Passos vibraram o chão, e Limos e Ares estavam lá, espadas desembainhadas para nivelar com Tavin.

— Já cuidei disso. – Arik disse. – Tavin tentou me matar, mas por alguma razão, eu não estou morrendo.

Ares assobiou para um de seus servos Ramreel, que estava nas proximidades.

— Prepare a câmara de tortura.

Jesus. Definitivamente não se mexe com os Cavaleiros. Ele olhou para Limos, que tinha o olhar perdido, e ele se perguntou se ela estava imaginando Arik na câmara de tortura ao lado de Tavin. Arik jogou a lâmina na areia e se levantou. Ninguém ia ser torturado, e ninguém iria matar Tavin, também.

— Você não ouviu a parte em que não estou morrendo? Eu fui esfaqueado no estômago, garganta e coração. – Arik esfregou os dedos sobre a pele em seu pescoço. – Não que você saiba.

— Eu vou ser condenado. – Ares enfiou a espada na bainha. – Gethel disse que algo de Reaver e Limos seria deixado para trás quando ela separasse suas almas. Eu diria que você tem algumas partes de imortalidade.

Tav, ainda deitado no chão, tossiu, e sangue pulverizou. – Estou fora se... – ele respirou com dificuldade. – Você é imortal.

Arik ajoelhou ao lado dele e colocou a mão sobre o ferimento no abdômen do demônio. – Ele precisa de um medico. – o treinamento medico de Arik não ia valer merda nenhuma nessa situação.

— Ele tentou matá-lo. – Limos disse. – O que ele precisa é de uma decapitação.

— Ele me ajudou a sair de Sheoul. – Arik disse calmamente. – E me ajudou a manter a sanidade mental.

Ares jurou. – Vou levá-lo ao Underworld General. Malditos demônios e maldito hospital demônio...

Ele reuniu Tav em seus braços, abriu um portal e foi embora, deixando Arik e Limos olhando um para o outro. Arik tinha certeza de que ela ainda estava mentalmente imaginando-o em correntes e brasas.

— Você mentiu para mim. – ela embainhou sua espada, e ele soltou a respiração que nem tinha notado estar segurando.

— Sim.

— Por quê?

Ele poderia dizer-lhe que era para proteger seus colegas e sua relação com o Aegis, e enquanto isso era verdade, ele estava indo para a razão por trás da mentira, em primeiro lugar.

— Porque o Aegis acreditou que poderia parar o Apocalipse. Eles fizeram isso para o bem do mundo. Eu não participo da decisão, mas eu tinha que acreditar que eles estavam fazendo isso pelas razões certas. – ele fez uma pausa, pensando em como quebrar o resto para ela. Ele decidiu sobre o método de remoção de curativos, fazê-lo rápido. – Regan está grávida.

Limos inalou bruscamente. – É... de Than?

— Sim. – ele a olhou com cautela, esperando que ela não explodisse como Thanatos tinha. Isso tinha sido uma tarefa de merda,

assustadora, e uma experiência que ele nunca queria passar de novo. – Um dos pergaminhos que Kynan levou para indicar que um Cavaleiro e Guardião fariam um bebê, a criança iria salvar o mundo.

— Oh, Deus. – Limos apertou os olhos fechados.

— Você sabia, não é?

— Não. – seus olhos estavam vermelhos quando ela abriu novamente. – Quer dizer, eu não sabia sobre o pergaminho. Mas... eu sabia que a câmara era uma armadilha.

— Eu suspeitava disso. – ele murmurou. – Estou supondo que Peste forçou você?

— Sim. – ela parecia tão miserável que ele queria tomá-la em seus braços, mas ele não confiava em si mesmo para parar aí. Ah, ele queria esquecer tudo isso e passar para algo mais agradável, mas eles tinham que fazer isso. Eles tiveram que limpar o ar entre eles de uma vez por todas. – Tudo isso é porque eu queria cobrir minhas mentiras. – a voz de Limos estremeceu. – Tudo isso foi por minha causa, Arik. Isso nunca vai acabar, não é?

Ele não aguentava mais. Ele tinha que tocá-la. Se aproximando, ele agarrou seus ombros suavemente, mas com firmeza. – Vai acabar, Limos. Mas diga-me, de verdade... há alguma coisa que você está escondendo? Qualquer coisa?

— Não. – ela sussurrou. – Você e meus irmãos sabem tudo agora. Bem, ele irão, uma vez que eu diga sobre a câmara. E o bebê.

Alívio quase transformou os músculos de Arik em macarrão. Eles haviam conseguido passar pelas mentiras e segredos, e certamente seus irmãos a perdoariam, assim como Runa...

Vergonha tomou conta dele, e ele quase se dobrou. Ele se manteve longe de Runa por tanto tempo. Sim, para seu próprio bem, mas quando Limos tinha feito coisas para seu próprio bem, ele tinha ficado furioso, porque ele não poderia fazer suas próprias escolhas.

Mais uma vez a hipocrisia transformou o ar que respirava, e por um breve momento, a escuridão e auto aversão o engoliu.

— Arik?

— Eu sinto muito, Limos. – pressão encheu sua cavidade torácica, até que ele se sentia como se fosse explodir. – Deus, que

burro eu fui. Todo esse tempo eu odiava mentiras, odiava pessoas que o faziam. Mas foi bom para mim fazê-lo em nome de proteger as pessoas que não aguentariam lidar com a verdade. – oh, cara, seu peito doía. – Meu pai costumava dizer que Runa era fraca. Ele disse que ela se machucava facilmente. Chorava facilmente. Ele a chamava de bebê desprezível.

Limos colocou a mão em seu ombro, mas ele desviou, incapaz de suportar o conforto agora. Não quando ele não merecia isso. – Eu nunca pensei que a trataria como se ela fosse fraca, mas mantendo as coisas dela, que é exatamente o que eu fiz. – ele esfregou o peito, mas pouco fez para aliviar a pressão. – E então eu fugi odiando a todo que mentiam e tinham segredos, mas merda... Eu acho que eu não os odeio. Eu acho que me odiava o tempo todo.

Dessa vez, quando Limos o tocou e ele tentou se desvencilhar, ela não se moveu. Ela se agarrou a ele mesmo quando ele se afastou, ela tentou permanecer. Inferno, ele ainda gritou com ela para deixá-lo ir, mas ela se agarrou a ele como um vaqueiro em um touro.

— Pare com isso! – ela gritou. – Arik! – ela se enrolou em torno dele e enterrou o rosto em seu pescoço, beijando e acariciando. – Pare! – ela acariciou seus cabelos, seus ombros e, eventualmente, ele caiu para trás contra uma árvore, deixando Limos abraçá-lo.

— Eu sinto muito. – ele resmungou. – Eu sinto muito, eu era um idiota com você. Você não merecia ser julgada assim.

— Sim. – ela murmurou contra sua pele. – Eu merecia. Sem você, todo esse material ainda estaria pesando sobre mim, e Peste poderia ter vencido.

Gentilmente, ele a empurrou de volta para que ele pudesse olhar para ela. – Eu não entendo.

— Ele queria que eu mentisse. – ela disse. – Ele sabia que é um vício para mim. Mas... você mudou isso, Arik. Eu quero te dizer coisas. Eu odeio manter nada de você. Você me deu o que mentir e me autodestruir não me dava. Eu consegui coisas incríveis com isso, mas com você, eu tenho que ser um milhão de vezes mais intensa, e sem a culpa. Eu te amo muito. Por favor, não odeie a pessoa que eu amo.

Os olhos de Arik picaram. Ele passou os braços em torno dela

tão apertado que ela ofegou, e então ele a beijou sem sentido. – Nós acabamos. – ele disse em seu ouvido. – Nós acabamos com as mentiras, os segredos e o idiota divórcio falso, certo?

Ela se afastou e sorriu. – Nós acabamos. Você nunca vai se livrar de mim, Arik.

Ele estava prestes a lhe dizer que o que ela disse servia para os dois lados, quando um portal se abriu a vários metros de distância, e Ares saiu. – Seu amigo assassino vai ficar bem. – ele fez uma careta. – Deveria tê-lo matado, mas que seja.

Limos subiu na ponta dos pés e beijou Arik. – Se ele tentar matá-lo novamente, eu prometo que não vai voltar para o hospital.

— Você não é toda protetora e bonita. – ela xingou, e ele riu enquanto pressionava um beijo em seu cabelo e inalava seu aroma de coco. – Ei, Tavin mencionou algo sobre os khnives que nos atacaram. Ele acha que alguém de fora de Sheoul convocou.

Limos franziu a testa. – Isso não é... bom...

Houve um longo silêncio enquanto Ares acariciava o punho da sua espada. – Se esse novo jogador não é um demônio, então as forças trabalhando em direção a um Apocalipse estão crescendo. Nós vamos ter que começar a olhar para o que nos rodeiam mais de perto.

Um traidor. Ares estava insinuando que havia um traidor no meio deles, e tanto quanto Arik queria protestar contra a ideia, ele não podia. Não quando o Aegis em si tinha sido comprometido a um par de anos atrás.

E inferno, a situação de Regan apenas reforçou as palavras de Ares.

— Ares. – Arik começou, porque isso precisava ser dito. – Eu já discuti isso com Limos, mas eu preciso dizer isso para você também. Eu juro que não vou esconder informações de você de novo.

Uma mecha de cabelo castanho caiu sobre a testa de Ares enquanto ele deu um aceno rápido. – Vou fazê-lo cumprir, humano.

Essa era a coisa sobre Ares, quando não estava chateado, ele era condenadamente razoável. Ao contrário dos outros dois irmãos de Limos. Falando nisso...

— Como Thanatos está?

— Podemos falar disso mais tarde? – Limos perguntou. – Eu quero ir para casa. Nós não tivemos uma noite de lua de mel adequada.

Ares gemeu. – Essa é a minha sugestão. Eu tenho que fazer algumas compras de Natal de qualquer maneira.

Arik abraçou Limos apertado. – Parece estranho que vocês celebrem o Natal.

— Reseph amava qualquer desculpa para comemorar e comprar presentes. – Limos disse. – Quebrar a tradição seria apenas tornar muito mais óbvio que ele se foi.

— Sem mencionar o fato de que nós dois agora estamos casados com seres humanos. – Ares disse. – E vocês vem com um monte de bagagem. – um sorriso curvou seus lábios, e Arik notou que Ares estava reagindo a Cara, que tinha vindo por trás dele, com as mãos nos quadris.

— Você está me chamando de bagagem? – seu tom era irritado, mas seus olhos brilharam com um mal travesso.

Em um borrão rápido de movimento, Ares de virou, arrastou cara por cima do ombro, e caminhou em direção a casa. – Se o sapato se encaixa.

Arik observava o casal até que estava lá dentro de porta fechada, e então se virou para Limos. — O que você acha de eu te levantar como um saco de batatas também?

O sorriso de Limos era tão doce que Arik pensou que poderia ter diabetes. — Você faz isso, e eu vou te matar.

— Eu não posso. Eu sou imortal agora.

Ela fungou. – Então eu vou... negar sexo.

Ele riu. – Agora, veja, eu me preocuparia com isso, exceto que você quer tanto quanto eu.

— Você quer muito?

Ele se afastou dela apenas o suficiente para que ele pudesse descer o olhar pelo seu corpo. – Oh, sim. Eu quero tomá-la de todas as maneiras imagináveis e manter tão sexual que quando você não estiver na cama, tudo que pensará será em fazer isso de novo. – ele tomou suas curvas exuberantes, imaginando o quão bem eles

amorteceriam seus impulsos. – E isso é só o itinerário de hoje à noite.

Sua língua saiu para lambe os lábios, e ele concentrou a atenção na ação, seu corpo já endurecendo. – Esqueça tudo o que eu disse de matar você e negando-lhe... e apenas me leve para casa.

— E sobre Ares? – questionou. – Nós precisamos dizer a ele sobre a câmara e o bebê.

— Amanhã. – ela disse. – Nós tivemos o inferno por um dia.

Sorrindo, ele varreu-se e jogou-a sobre o ombro. – Abra o portal. – enquanto ela se contorcia em protesto, ele bateu de leve em sua bunda firme. – Abra. Agora.

Um arrepio passou por ela, e um portal abriu. – Ah. E Arik?

— Sim.

— Espanque-me de novo.

Percorrendo o portal, ele fez exatamente isso.

Capítulo Trinta e oito

Finalmente, Limos estava indo obter o que ela sempre quis. Sim, ela tinha perdido sua virgindade no sentido técnico. Mas não havia sido feito direito, que foi com raiva e necessidade. Agora, ela iria perder a virgindade em todas as formas que importavam.

Ela saiu do banheiro máster, seu estômago vibrava loucamente. A roupa sexy que ela tinha separado para a noite de núpcias... bem, estava no chão do banheiro, onde ela o havia deixado depois de colocá-lo enquanto Arik usava o banheiro de hóspedes para tomar banho. É claro que ele sugeriu tomarem banho juntos, mas não, a sua ideia de noite de núpcias perfeita sempre foi se arrastar para o quarto para cumprimentar seu novo marido e fazer a sua língua rolar para fora com a visão de sua lingerie pequena.

Quando ela olhou-se no espelho, a linda lingerie abraçando suas curvas e permitindo vislumbres de sua pele, ela notou que nunca esteve nua, tinha sempre ficado em volta de mentiras e do infernal cinto de castidade. No entanto, aqui estava ela, cobrindo-se de novo. Ela tinha se despido, porque estava indo para o seu marido como uma mulher nova, completamente aberta para ele de uma forma que nunca tinha sido, e de uma maneira que seria apenas com ele.

Arik olhou para cima enquanto acendia uma vela, e sua boca abriu. Impressionante. Ele tinha uma toalha enrolada na cintura, mas ele deixou-a cair, e o efeito de seu corpo nu sobre ela foi imediato. Enquanto bebia a visão de seu peitoral, abdômen ondulado, e a grossa ereção, corou sua pele, e desejo líquido floresceu entre suas pernas. O efeito de Limos sobre ele era tão óbvio.

Ele não esperou. Em três passos, estava em sua frente e beijou-a com tal desespero que fez seu pulso martelar loucamente em suas veias. Sua língua acariciou a dela, empurrando em uma imitação descarada do que eles estariam fazendo em breve. Uma de suas mãos caíram para embalar sua bunda e transportá-la contra ele, e uma

umidade quente e pegajosa manchou sua barriga quando sua ereção empurrou para ela.

Isso era tudo tão novo para ela, e ela chegou entre eles para passar seu dedo sobre a pequena fenda da cabeça lisa. Ela brincou um pouco, explorando, amando como a respiração de Arik se prendia.

Lentamente, com reverência, Arik abaixou para a cama. – Eu fantasiava sobre você. – ele respirou contra a orelha dela quando esticou o corpo grande sobre ela. – Quando eu estava na cela. Quando eu dormi, sonhei com isso.

— A é?

Suas mãos deslizaram até a cintura e costelas para os seios. – Sim.

— E eu era boa?

— A melhor.

Um tremor passou por ela, um arrepio de pequena hesitação. – E se eu for terrível na cama?

Ele a cortou com um beijo. – Shhh. – ele murmurou contra seus lábios. – Deixe-me cuidar de você. Eu sempre vou cuidar de você.

— Quem pode argumentar com isso? – ela suspirou, enquanto ele trilhava um caminho de beijos ardentes ao longo de sua mandíbula e garganta. Arrepios se espalharam pela sua pele de todos os pontos de contato com os lábios.

Suas mãos acariciavam e massageavam, enquanto ele fazia seu caminho de beijos, seus dedos provocaram seus mamilos, enviando pequenas faíscas elétricas por seu corpo. Sensação vertiginosa puxou-a para um turbilhão de paixão que se intensificou quando uma mão deslizou para o seu bumbum para levantá-la contra sua ereção.

— Agora, Arik. – ela gemeu. – Não provoque.

— Eu não estou provocando, querida. – ele abaixou a cabeça e tomou seu mamilo sensibilizado em sua boca. Quando ela gritou de puro prazer, ele ergueu a cabeça. – Eu estou fazendo com que a primeira vez seja tudo o que sempre sonhou.

Ela arqueou, tentando leva-lo para dentro. – Já é.

Um sorriso preguiçoso curvou seus lábios quando ele pressionou seu peso encima dela. – Não tão rápido.

— Mas eu estou morrendo. – ela choramingou, mas ela estava tão preparada para essa experiência, e ela ansiava por uma libertação que só duas pessoas poderiam ter. Muitos anos de autogratiscação tinham-na feito impaciente.

— Vou dizer uma coisa. – ele arrastou sua língua por seu esterno e para baixo para seu umbigo, rastejando para trás. – Eu vou avançar lentamente para você. Você está bem com isso?

— Se você quer dizer o que eu acho que quer dizer, eu estou muito bem com isso.

Ele levantou o rosto, os olhos cobertos mas transbordando sua fome. – Eu estou bem com isso.

Antes que ela pudesse brincar com ele sobre ser cheio de si, ele fugiu para fora da cama para se ajoelhar, enganchou suas coxas com os braços e a arrastou para que sua bunda estivesse quase pendurada na ponta da cama. Seus polegares a separou, deixando-a vulnerável e nervosa. Instinto chutou e ela automaticamente tentou fechar suas coxas, mas Arik avançou, bloqueando seu movimento com os ombros largos.

— Mal posso esperar. – ele sussurrou, e abaixou a boca para seu sexo.

Ela gemeu quando sua língua varreu do seu núcleo ao clitóris, e quando ele chegou ao topo, fez uma pausa, deixando sua língua onde estava. Ele a olhou como se ela fosse um tesouro, como se casa uma de suas reações fosse o mundo para ele, ela jurou que seus olhos ficaram presos por 60 segundos antes que ele abaixasse a cabeça novamente. E novamente. De olhos fechado, ela resistiu, seu corpo desacostumado a tanta estimulação incrível. Arik segurou mais apertado contra ela. Sua respiração era quente, sua língua molhada, e quando ela estava prestes a vir, ele aliviou.

— Você... você disse para não provocar. – ela falou através de respirações ofegantes, com as mãos em punho.

Arik aninhou-a, plantando beijos suaves em seu centro. – Isso não é provocação. É o aquecimento. – ele deslizou um dedo dentro dela, e ela se aqueceu no colchão.

— Ah... Oh, Deus. – ela gritou quando ele acrescentou outro

dedo e começou a bombeá-los enquanto sua língua circulava seu clitóris. – Sim. – ela respirava. – Sim... Oh, sim, aí...

Seus quadris rolaram enquanto ela seguia o caminho de sua língua, tentando colocá-lo exatamente onde ela queria, mas ele sabia, estava brincando com seu prazer, e quando ela estava prestes a gritar de frustração deliciosa, ele trancou o nó inchado e o sugou. Seus dedos empurraram fundo e fizeram uma coisa impressionante, sua libertação detonou como uma bomba.

Ela se desfez em uma expressão ofuscante, e Arik trabalhou nela, seu toque como carícias em sua sensibilidade. Então, em um delicioso movimento pecador, sua língua fez golpes rápidos sobre a carne lisa acima de onde seus dedos golpeavam, e ela gozou novamente, mais intensamente que antes.

Quando ela relaxou, Arik se levantou, pressionando a ponta de seu pau duro contra sua entrada. Ela arqueou, querendo-o dentro dela. Precisando dele dentro.

Ele negou a princípio, curvando-se para beijá-la fazendo o caminho de volta até seu corpo. Cuidadosamente, ele se estabeleceu entre suas pernas. – Você é tão bonito. – suas palavras eram como um sussurrar suave enquanto seus lábios escovavam sobre os dela.

Aprofundando o beijo, ele empurrou lentamente dentro dela. Seu eixo encheu em um só golpe, suave e sem pressa, e quando ele estava totalmente encaixado, ele parou.

— Você está bem?

— Sim. – ela murmurou. – Oh, sim.

Ele soltou um suspiro trêmulo, fechou os olhos e começou a se mover. – Droga... você se sente bem?

Assim que ia responder, as palavras lhe escaparam. Tudo o que podia fazer era se agarrar a ele e se maravilhar com a incrível sensação de dois corpos unidos. Ter seu peso parecia uma indulgência, que ela queria experimentar todos os dias. Duas vezes por dia. Mais, se dependesse dela.

Ela passou as mãos para cima e para baixo de suas costas, explorando as colinas e vales de seus músculos flexionados. Próximo a ela, seus braços estavam tensos, suas veias pronunciadas nitidamente

sob a pele bronzeada. Um grunhido gutural de posse arrancado de seu peito, e quando suas narinas, lábios entreabertos, outro som gutural escapou dele, ela sabia que ele estava perto.

Entre suas pernas, sensação construía a cada impulso. Seus quadris se moviam rapidamente, acariciando-a mais, e mais quente. Ele estendeu a mão para levantar a coxa ainda mais, para tocá-la e dar mais prazer a ela. Seu gemido juntou ao dela, e então ela estava gozando, seu corpo estremeceu, suas pernas apertaram. Seu sexo apertou ele, cada ondulação de seu clímax montando o comprimento duro de seu eixo e adicionando camadas incríveis para o seu orgasmo.

— Limos. – ele ofegou o seu nome, e seu corpo todo enrijeceu e empurrou. Os tendões de seu pescoço estavam em êxtase absoluto quando jatos quentes pulsavam dentro dela. Juntos, eles montaram a tempestade frenética, seus corpos tensos encontrando um ritmo igual, dar e receber, a forma como ela imaginou ser com um homem. Quando a tempestade passou, era como se os ossos de Arik se tornassem borracha, e ele caiu em cima dela. Eles estavam lá, ofegantes, suados, e sim, tinha valido tão a pena esperar.

— Então? – Arik disse asperamente. – Foi tudo o que achou que seria?

Ela sorriu. – Se você está perguntando se foi bom, foi sim. – ela perdeu o sorriso. – Você acredita em mim, certo?

Ele rolou para o lado para evitar esmagá-la, mas na verdade, ela mal pesada nada. – Querida, eu nunca vou duvidar de você de novo.

— Então eu quero que saiba que estou contente que foi você. – ela inclinou-se em direção a ele e segurou seu rosto. – Eu sei que não foi por opção que eu tinha que esperar pela minha primeira vez, mas estou contente que tenha sido dessa maneira.

Ele esfregou seu rosto com a palma da sua mão, como um gato ronronando. – Bem, agora você tem um monte para compensar.

— Mmmm. Eu não posso esperar. – ela acariciou a mão em seu peito e seus abdômens superior e inferior... agradavelmente surpresa ao descobrir que ele estava pronto para recomeçar.

Ele gemeu. – Acho que criei um monstro.

— Acho que você pode lidar com isso. – ela esfregou seu eixo, amando como estava inchado ao toque. – Eu tenho fé em sua capacidade de satisfazer todas as minhas necessidades.

— Isso mesmo.

— É isso. – jogou a perna por cima dele, e empurrou até que ela estivesse sentada sobre ele, e ele a observava com olhos curiosos e semicerrados. – Arik?

— Sim?

— Obrigada.

Suas mãos deslizaram de suas pernas até as coxas, deixando uma sensação boa.

— Pelo quê?

— Por transformar meus sonhos em realidade.

Uma sobrancelha levantou, e tinha um brilho travesso em seus olhos. – Verdade? Porque posso dizer que nem sequer começamos.

Ela estremeceu com apreciação. – Então o que estamos esperando?

Em um movimento surpreendentemente rápido, Arik agarrou a cintura dela e virou-a, descendo de suas costas, com a boca para a orelha. – Nós não estamos esperando mais um minuto. – seus dentes apertaram no lóbulo de sua orelha, e ela chupou ar com a pequena pitada de dor. – Você está pronta?

— Pronta. – ela respirou. Ela, afinal, estava esperando por isso há cinco mil anos. E tinha valido a pena cada minuto.



Tradutoras

Anna Paula, Bruh, Kescia, Danielle L., Virginia, Lyla, Valdir, Gaby, Lily,
Catty, Juju, Juliane, Cris

Revisoras

Kinha, Juliane



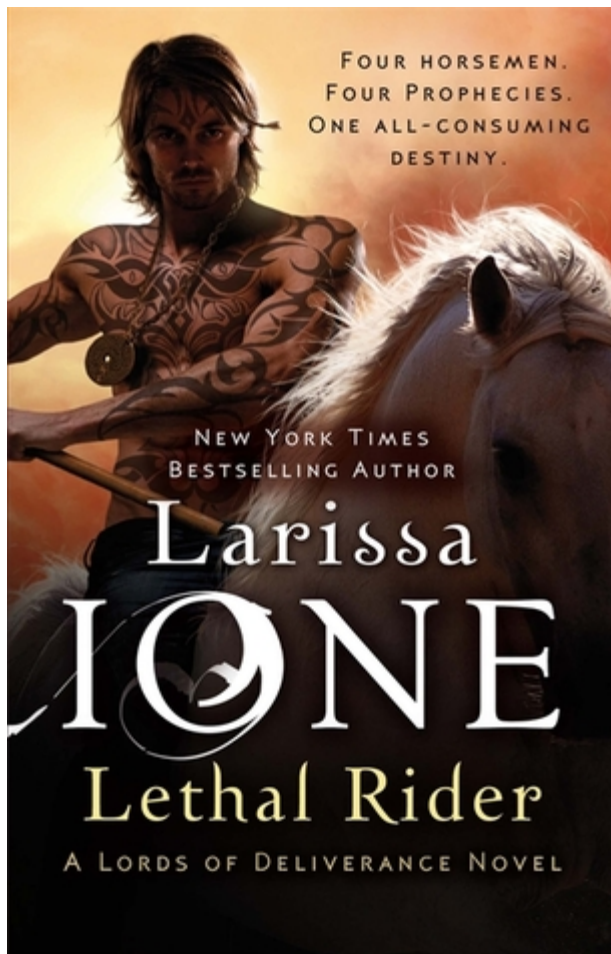
Esta obra foi traduzida pelo grupo de Tradução After Dark (TAD), de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, incentivando-o à aquisição da obra literária física ou em formato e-book. O grupo é ausente de qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. O Grupo tem como meta a seleção, tradução e disponibilização apenas de livros sem previsão de publicação no Brasil, ausentes qualquer forma de obtenção de lucro, direto ou indireto. No intuito de preservar os direitos autorais e contrariar de autores e editoras, a Tradução After Dark, sem prévio aviso e quando julgar necessário poderá cancelar o acesso e retirar o link de download do livro cuja publicação for veiculada por editoras brasileiras.

O leitor fica ciente de que o download da presente obra destina-se tão somente ao uso **pessoal e privado**, e que deverá abster-se da postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, blog, sites e, bem como abster-se de tornar público ou noticiar o trabalho do grupo, sem a prévia e expressa autorização do mesmo. O leitor, ao acessar a obra disponibilizada, também responderá individualmente pela correta e lícita utilização da mesma, eximindo-se o grupo de qualquer parcela, coautoria ou coparticipação em eventual delito cometido por aquele que, por ato ou omissão, tentar ou concretamente utilizar da presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.

☞ *All Creatures of the night get together After dark* ☞

Uma caçadora de demônios, um Cavaleiro do Apocalipse, uma profecia, uma criança não nascida que salva o mundo, ou essa é uma receita para o desastre?





Lords of Deliverance

03— Lethal Rider

Eles estão aqui. Eles andam. Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse. Nascido de um jogo entre o bem e o mal, os quatro irmãos estão entre os asseclas do inferno e tudo o que eles querem destruir. Eles são os Senhores da Libertação, e eles têm o poder de afastar o Dia do julgamento... Ou deixá-lo acontecer...

LETAL RIDER

Thanatos, o cavaleiro mais mortal do Apocalipse, sofreu milhares de anos de celibato para impedir o fim dos dias. Mas apenas uma noite com a perversamente sexy Guardiã Aegis, Regan Cooper, quebra séculos de determinação. No entanto, a sua paixão vem com um preço. E Thanatos deve enfrentar uma verdade mais aterrorizante do que um apocalipse, ele está prestes a se tornar pai. Matadora—de—Demônios Regan Cooper nunca se imaginou sendo do tipo maternal, mas com o destino do mundo na balança, ela não teve escolha senão seduzir Thanatos e assumir seu filho. Agora, quando a batalha final se aproxima e sua raiva por ter sido traído é ofuscada por uma paixão inegável pela mãe de seu filho, Thanatos tem uma percepção que vai abalar sua vida: Para salvar o mundo, ele deve sacrificar a única coisa que ele sempre quis, uma família.

Notas

{1} uma combinação de proteínas do mar e da terra com o intuito de mesclar sabores e texturas

{2} Chapa de identificação militar.

{3} Sala de emergência.

{4} Hospital Underworld General.

{5} Sigla de Intra-Vaneus – intravenosa.

{6} Prato feito com testículos de boi

{7} expressão que quer dizer não fique ansioso/agitado/ irritado com algo sem importância.

{8} veículo para viagem sobre o gelo